

# SE A MEDIUNIDADE *FALASSE*

VOLUME 2

[COLETÂNEA DOS LIVROS 6 AO 11]

OBRA MEDIÚNICA  
ESPÍRITO IVAN DE ALBUQUERQUE  
MÉDIUM DO GRUPO MARCOS





SÉRIE SE A  
MEDIUNIDADE  
FALASSE

Volume II  
Livros: 6 – 11



## Sumário

|                                                                  |            |
|------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 6.....</b>                   | <b>7</b>   |
| <b>ANTES DO CONSOLADOR .....</b>                                 | <b>7</b>   |
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                             | <b>8</b>   |
| <b>UMA AULA DIFERENTE .....</b>                                  | <b>9</b>   |
| <b>COMO NOS TORNAMOS DEMÔNIOS.....</b>                           | <b>12</b>  |
| I — ECLÉSIO E RIVALINA .....                                     | 20         |
| II — ASTROBRITO E ROMILDO .....                                  | 22         |
| <b>IDADE DE TREVAS, DOR E IGNORÂNCIA .....</b>                   | <b>24</b>  |
| <b>SWEDENBORG: O PRECURSOR DA MEDIUNIDADE .....</b>              | <b>28</b>  |
| <b>ESPÍRITOS IMPUROS.....</b>                                    | <b>33</b>  |
| ESPÍRITOS LEVIANOS.....                                          | 34         |
| PSEUDO-SÁBIOS. ....                                              | 34         |
| ESPÍRITOS NEUTROS. ....                                          | 35         |
| BATEDORES. ....                                                  | 35         |
| ESPÍRITOS BENEVOLENTES. ....                                     | 35         |
| ESPÍRITOS SÁBIOS. ....                                           | 36         |
| ESPÍRITOS PRUDENTES.....                                         | 36         |
| <b>ESPÍRITOS SUPERIORES. ....</b>                                | <b>38</b>  |
| <b>A PRIMEIRA ORDEM .....</b>                                    | <b>38</b>  |
| <b>O INÍCIO DA PROFECIA .....</b>                                | <b>42</b>  |
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 7.....</b>                   | <b>58</b>  |
| <b>CONSOLADOR.....</b>                                           | <b>58</b>  |
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                             | <b>59</b>  |
| <b>EVANGELHO E CONSOLADOR .....</b>                              | <b>60</b>  |
| <b>O LIVRO DOS ESPÍRITOS: UMA FORMA DE COMPREENDER A VIDA 73</b> |            |
| <b>O MÉTODO CRIATIVO DE ALLAN KARDEC.....</b>                    | <b>86</b>  |
| RIVALINA.....                                                    | 93         |
| ECLÉSIO .....                                                    | 95         |
| ROMILDO .....                                                    | 97         |
| ASTROBRITO .....                                                 | 98         |
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 8.....</b>                   | <b>103</b> |
| <b>RENOVAÇÃO SOCIAL E IMORTALIDADE.....</b>                      | <b>103</b> |
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                             | <b>104</b> |
| <b>MUDAR O MUNDO .....</b>                                       | <b>105</b> |
| <b>CAPÍTULO IX — VIII — LEI DE IGUALDADE .....</b>               | <b>107</b> |
| I — IGUALDADE NATURAL .....                                      | 107        |
| II DESIGUALDADE DE APTIDÕES.....                                 | 107        |
| III — DESIGUALDADES SOCIAIS.....                                 | 110        |

|                                                           |            |
|-----------------------------------------------------------|------------|
| IV — DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS .....                      | 112        |
| V — PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA .....                  | 115        |
| <b>QUEM É VOCÊ, CARO SENHOR?.....</b>                     | <b>118</b> |
| <b>UM DIA NORMAL .....</b>                                | <b>126</b> |
| <b>UM DIA DIFERENTE.....</b>                              | <b>133</b> |
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 9.....</b>            | <b>143</b> |
| <b>PEQUENA MESTRA .....</b>                               | <b>143</b> |
| <b>PEQUENA MESTRA .....</b>                               | <b>144</b> |
| <b>PRIMEIRA MISSÃO.....</b>                               | <b>147</b> |
| <b>SONHO .....</b>                                        | <b>149</b> |
| <b>PRIMEIRA TAREFA .....</b>                              | <b>151</b> |
| <b>INÍCIO .....</b>                                       | <b>155</b> |
| <b>MISTÉRIOS OCULTOS AOS SÁBIOS E AOS PRUDENTES .....</b> | <b>164</b> |
| <b>A PREPARAÇÃO DE UM NASCIMENTO ESPIRITUAL .....</b>     | <b>168</b> |
| <b>DIA ESPECIAL .....</b>                                 | <b>174</b> |
| <b>VELÓRIO .....</b>                                      | <b>180</b> |
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 10.....</b>           | <b>183</b> |
| <b>AVENTURAS DE UM MORTO .....</b>                        | <b>183</b> |
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                      | <b>184</b> |
| <b>O INÍCIO.....</b>                                      | <b>185</b> |
| <b>ENCONTRO COM EURÍPEDES.....</b>                        | <b>196</b> |
| <b>A PREPARAÇÃO .....</b>                                 | <b>202</b> |
| <b>O DIA SEGUINTE .....</b>                               | <b>209</b> |
| <b>UM DIÁLOGO IMPORTANTE .....</b>                        | <b>211</b> |
| <b>UMA PARTIDA INESPERADA.....</b>                        | <b>218</b> |
| <b>SE A MEDIUNIDADE FALASSE — LIVRO 11.....</b>           | <b>227</b> |
| <b>CONVERSAS COM JOSÉ.....</b>                            | <b>227</b> |
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                      | <b>228</b> |
| <b>EGOÍSMO E ORGULHO.....</b>                             | <b>230</b> |
| <b>A ROTINA DO PRESENTE.....</b>                          | <b>244</b> |
| <b>CAFÉ COM JOSÉ .....</b>                                | <b>249</b> |
| <b>ENTREVISTA COM IVAN DE ALBUQUERQUE .....</b>           | <b>260</b> |
| <b>SOBRE A SÉRIE .....</b>                                | <b>268</b> |
| <b>COMO FOI RECEBIDO O LIVRO .....</b>                    | <b>270</b> |
| <b>COORDENADOR DO GRUPO MARCOS.....</b>                   | <b>274</b> |
| <b>BREVE NOTA.....</b>                                    | <b>275</b> |
| <b>CONTATO .....</b>                                      | <b>275</b> |
| <b>VISITE NOSSO SITE.....</b>                             | <b>275</b> |

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 6*

## *Antes do Consolador*



## PREFÁCIO

Jovem amigo,  
A misericórdia de Deus se exprime de forma mais pungente ante a miséria dos filhos que ainda não aprenderam a amar. Medita cautelosamente e investiga a ti mesmo, amigo leitor, avaliando como e onde deves atuar no mundo, com o intuito de servir ao Cristo.

Os enganos humanos são de todos os tempos. A misericórdia do Pai, eterna. Porém, a felicidade perene e imperturbável é conquista daqueles que almejaram e lutaram, por muitos séculos, em busca do amor que existe neles mesmos.

Não contemples o passado com rancor ou lamento, não! Existe hoje oportunidade sublime para que te engajes verdadeiramente nas hostes do bem e conquistes não apenas a paz em teu coração, mas a alegria em colaborar ativamente na construção do futuro feliz que todos devemos partilhar por termos seguido, na primeira ou na última hora, o chamado do cordeiro de Deus, o Mestre de Nazaré.

Paz,  
Ivan de Albuquerque.



## UMA AULA DIFERENTE

**C**omo a história do Espírito é fascinante! Tantos tempos vivemos, de tantas épocas participamos. Saberemos um dia de todas as existências que tivemos? Quantas vezes nobres, quantas vezes pobres... Será que já fui algum sábio no passado? Onde estava na época da independência do Brasil — pensa Felipe, enquanto o professor de história explica a proclamação da independência do Brasil e o tumultuado período da regência.

— Quando os homens e mulheres conhecerem a realidade espiritual, a compreensão da história mudará! — fala pai Joaquim, telepaticamente.

Felipe olha para o lado e o vê perto do professor, sorrindo.

— Hoje, se ele soubesse que estou aqui — diz pai Joaquim, olhando para o professor — sairia correndo. Nossa missão é, pouco a pouco, mostrar a todos a realidade espiritual para que, aceitando a própria imortalidade e as Leis de Deus, todos vivam melhor — explica o amigo espiritual de Felipe.

Felipe tudo observa, empolgado. Nunca pensou que pai Joaquim o fosse visitar na escola. Sem chamar a atenção dos amigos, pois não queria assustá-los, concentra-se e vê também Aureliano aplicando um passe em Avelino.

— Estamos muito felizes com o a aproximação de vocês. É o início da formação de nosso grupo de ação no mundo — explica Aureliano, enquanto aplica energias em Avelino, que se sente invadido por estranho bem-estar.

No intervalo, Avelino procura Felipe para comentar sobre o livro **Renúncia**, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

— É verdade que existe vida em outros mundos? — indaga Avelino.

— Sim, vida material em uns e, em outros, apenas espiritual — responde Felipe.

— Mas é possível ter mais informações sobre isso? Como posso saber mais alguma coisa? O que você sabe? Como é essa vida? — Avelino mal pode conter sua curiosidade.

— Calma! — diz Felipe, contente por ter encontrado alguém que, como ele, é fascinado pela grandeza da obra de Deus. Existem muitas informações em bons livros mediúnicos e na **Revista Espírita**.

— Quero que você me indique onde encontrar.

— Não se preocupe. Você descobrirá mais coisas interessantes do que pode imaginar — fala Felipe, imaginando se Avelino participaria das aulas do Colégio Allan Kardec. Mas, como orientou pai Joaquim, “nem tão devagar, nem tão rápido”. Ele ainda não tinha concluído a primeira leitura de **O Livro dos Espíritos** e, sem este livro, não se entende quase nada.

Felipe volta para casa, feliz. Ter um amigo para falar sobre Espiritismo e mediunidade é uma grande alegria. À tarde, ele estuda e, no fim do dia, joga no computador. A partir das sete horas da noite, dedica-se ao Espiritismo, conforme um programa que ele traçou, inspirado por seu guia. À meia-noite, adormece.

Felipe sai do corpo com facilidade. É o resultado do programa que vivencia, com muita disciplina.

Ao chegar ao colégio, encontra Abelardo e Alessandra. Ele está fazendo o curso de terapia de vidas passadas e ela o de psicografia. Conversam sobre o que cada um tem aprendido. Felipe fala entusiasmado de Avelino e de sua expectativa de trabalhar com Gabriel Delanne. Abelardo relata as regressões que vivenciou e as que realizou. Alessandra conta de seu programa de psicografia e dos exercícios que realiza em casa. Como gostariam de conversar mais! Felipe, se pudesse, faria todos os cursos de uma só vez.

— Regressão de memória e psicografia são essenciais para quem quer conhecer a realidade espiritual e contribuir para a difusão da verdade. Logo que der, farei esses cursos! — fala Felipe, ao se despedir.

Todos estão felizes. Alegria real é crescer espiritualmente, é transcender a mediocridade de uma vida presa à matéria. Felipe

sobe as escadas. Antes de iniciar o quarto lance, faz uma prece. Não pede para não sofrer, mas para que aquela experiência o torne melhor. E assim enfrenta, com tranquilidade, a sensação de morte. “Morrer eu não morro!” — fala para si mesmo e, assim, mantém a calma. Chegando à sala, senta-se e mantém-se em silêncio.

## COMO NOS TORNAMOS DEMÔNIOS

**E** iniciada a projeção da aula, que ocorre no primeiro andar, para o grupo que está em recuperação, formado por Eclésio, Rivalina, Astrobrito e Romildo.

— Sejam bem-vindos! — fala José, cumprimentando a todos. É uma grande alegria estar com vocês novamente. Tanto vocês como os alunos do quarto andar. Na aula de hoje, Ivan será o nosso professor.

Ivan levanta-se, cumprimentando José e Patrícia. Faz então a prece e inicia:

— Vamos estudar hoje os fenômenos mediúnicos na Idade Média, bem como o período anterior à ida do Consolador ao mundo da matéria densa. Depois da deturpação da orientação do Cristo de como viver e de como conduzir a mediunidade, pelos motivos que descobrimos no módulo anterior, a Idade Média representa a mistura entre o modo de viver cristão e não-cristão. Vamos explorar os motivos psicológicos que geraram essa confusão, para que nos preparemos para viver, no futuro, uma vida cristã. **Quando se estuda história, investiga-se o livre arbítrio humano e, muitas vezes, a nossa própria história, ao longo do tempo. A Idade Média foi uma opção humana, pois poderíamos ter evoluído de outra forma. a partir da civilização romana e grega, com a inspiração cristã.** A sociedade humana optou por não seguir o Cristo. Assim, ampliou seu sofrimento por dois milênios. Hoje, o livre arbítrio possibilita, mais uma vez, a escolha; contudo, os que não quiserem se espiritualizar serão encaminhados a outros mundos — conclui Ivan e anuncia o tema da aula: **Como Nos Tornamos Demônios.**

— Não se assustem. Nossa caminhada é sempre em direção a Deus, mas é parte do processo evolutivo avaliar os erros passados e reconhecer nossa responsabilidade por aquilo em que nos tornamos. Mas não vai nascer chifre nem rabo em ninguém! — explica Ivan, com bom humor.

Todos riem.

— **A Idade Média é um longo período, em que o ideal cristão da mediunidade abnegada e a busca de interesses inferiores se chocam.** Isso leva à proibição dos fenômenos mediúnicos e as consequências dessa proibição ainda são vividas no atual movimento espírita encarnado. Muitos dos perseguidores da mediunidade reencarnaram como espíritas, comprometendo-se a reparar os erros passados, mas nem todos conseguem e continuam, de maneira direta ou disfarçada, a combater o intercâmbio entre encarnados e desencarnados. **A proibição da prática mediúnica e suas consequências psíquicas, culturais e históricas é o que estudaremos hoje.** Peço, nesse instante, a colaboração vibratória de todos — conclui Ivan.

Patrícia dá um sinal a dois auxiliares, legionários romanos, que trazem um Espírito muito agressivo, que grita alto:

— Não vejo nada, não vejo nada! Quem me prende, quem me cega?! Malditos, malditos! Vingar-me-ei de todos! Bruxos malditos! Serão queimados novamente!

O Espírito, de nome Bocó, foi conduzido para perto de Patrícia. Ela agradece aos Espíritos ajudantes e diz:

— Façam-no sentar e podem soltá-lo.

Os alunos ficam com medo. Os legionários obedecem com tranquilidade, pois conhecem Patrícia. Ela olha para Bocó e envolve-o em sua energia, controlando-o e permitindo que ele volte a ver.

— Agora estou vendo! Vou pegar vocês! — grita Bocó, com voz estridente e ameaçadora.

Rivalina treme. Ivan chama-lhe a atenção, e Ela se acalma.

— Vamos conversar. Não tente fugir, nem perca tempo com ameaças — fala Ivan, com tranquilidade.

— Eu lhe conheço! — grita Bocó. Você é Ivan de Albuquerque, que trabalha com jovens espíritas. Sou o seu inimigo! Sou o sedutor dos jovens médiuns! — diz, gargalhando.

— Chegou a sua hora, meu amigo. O Cristo determinou uma transformação mais profunda do mundo. Ordenou a multiplicação das mediunidades, para que todos possam se espiritualizar. Você não pôde ir contra Eurípedes, nem contra o Cristo. Eles agem em nome de Deus! Reflita, pois está na hora de mudar! — fala Ivan.

— Agora que a luta fica melhor, você quer eu pare?! Nunca! Jamais me renderei ao Cordeiro! Nunca! — grita Bocó.

— Por que atacar os jovens médiuns?

— Ectoplasma... — diz, sorrindo maliciosamente. — Explique-se melhor — Não, não quero!

— É necessário. Vai lhe ajudar a acalmar sua consciência — insiste Ivan.

Após um momento de silêncio, ele começa a falar palavras sem sentido, que ninguém entende.

— Não, não. Você não, por favor.... Você não! Deixe-me sair... Você não! — ele sente uma presença estranha.

Nesse momento, sai de Patrícia uma quantidade imensa de ectoplasma, que se junta ao ectoplasma de todos. Ninguém sabe exatamente o que está acontecendo. Aos poucos fica claro, e todos compreendem. É uma materialização! “Fascinante!” — pensa Felipe. Pouco a pouco, o vulto de um senhor idoso e de barba toma forma. Seus olhos translúcidos e poderosos irradiam paz. É Bezerra de Menezes, grande amigo de Eurípedes! Todos se emocionam. Ele, materializado, se dirige ao Espírito comunicante que, ao vê-lo, baixa a cabeça e diz:

— Não... Não me peça o impossível! Não me peça! Sei que salvou minha filha das regiões infernais. Devo-lhe isso, mas... Por favor... Não me peça o impossível!

Bezerra abraça-o carinhosamente e nada diz.

Bocó, o Espírito agressivo, chora convulsivamente. Faz-se silêncio.

— Meu filho — diz Bezerra — há quanto tempo lhe busco o coração! São séculos de dor e de sofrimento. Eu sofro por você. Conversamos em tantos momentos e em tão diferentes ocasiões... Sei que não posso obrigá-lo. O Pai nos deseja livres. Peço-lhe apenas uma coisa: olhe para estes que aqui estão. Olhe para Rivalina, Romildo, Eclésio e Astrobrito. Sinta suas dores e angústias. Sua filha reencarnará e será acolhida no seio do movimento espírita.

Bocó treme. Bezerra continua:

— Filho, você quer o mesmo destino que eles tiveram para sua filha amada? Você sabe que, sem a mediunidade santificada,

será praticamente impossível para ela vencer as más inclinações, de que ainda é portadora. Filho amado, nada lhe peço. Mas, se você quer iniciar seu caminho de volta ao Pai e, no futuro, ser acolhido por sua filha amada como neto, corrija seu rumo, corrija agora. É apenas isso que lhe peço: faça isso, por mim e por sua amada filha.

Bocó chora, em silêncio... Todos aguardam, envolvendo-o com suas energias. Não se sabe qual será sua reação, mas as vibrações de amor sempre ajudam. Após alguns minutos, diz:

— Venceste! Eu aceito!

O júbilo foi geral. Bezerra abraça-o mais uma vez, mas Bocó, vendo que o benfeitor vai se despedir, pede:

— Espere! Dê-me a chance de recomeçar agora. Quero falar a estes que aqui estão, e talvez estas palavras cheguem a minha filha...

Bezerra olha para Ivan, consultando-o, pois os Espíritos evoluídos não desrespeitam ninguém, e Ivan é o responsável por aquela aula.

Ivan concorda.

— Fala, filho! Eu lhe ajudarei. — diz o médico dos pobres.

— Quero fazer uma confissão. Quero falar a minha história... Fui um simples sacerdote na Idade Média. Foi quase por acaso, enquanto ouvia uma confissão, que descobri a mediunidade e, assim, logo entendi seu potencial para a espiritualização do ser. Era por meio dela que meu guia espiritual queria me chamar a atenção para as obrigações de uma vida verdadeiramente cristã. Mas, coitado de mim! Só pensava em riqueza e poder! E, de tanto desejar e cobiçar a riqueza, pouco a pouco, me tornei um médium das trevas! E, como médium das trevas, tudo fiz para proibir a mediunidade. Sabem por quê? Por causa do ectoplasma. Poucos sabem disso, mas no mundo espiritual inferior o ectoplasma é moeda preciosa. O ectoplasma é que faz funcionar a economia das regiões de trevas.

— Como isso acontece? — indaga Astrobrito, estarrecido.

— O ectoplasma é um tipo de energia que se gasta para possibilitar o fenômeno mediúnico, e que também é gasta na

prática de qualquer atividade enobrecedora. É a energia, a substância que “liga” os encarnados aos desencarnados.

É através dessa energia que transferimos nossas sensações para os encarnados. Sensações de medo, de pavor, de angústia. O que quisermos. É também através dessa energia que “pegamos” as sensações dos encarnados. Sensações sexuais, de embriaguez, das drogas... Tudo que quisermos, desde de que eles sejam invigilantes. É por isso que digo que essa energia é “nossa” moeda. Quando contratamos um “serviço”, prometemos prazeres e sensações, que agradam os executores. E, quase sempre, o “serviço” contratado gera mais ectoplasma. Precisamos sempre dessa moeda. Por isso, fazemos de tudo para consegui-la. — E como vocês fazem para consegui-la? — pergunta Rivalina.

Bocó baixa a cabeça. Não se sente com forças para continuar. Bezerra coloca a mão sobre Bocó e diz:

— Filho, é importante que continues. Aquele que se dispôs ao trabalho do bem, nunca deve se permitir o cansaço enquanto não cumprir com o dever. Prossegue!

Tomado de novo ânimo, ele continua:

— Todos produzem ectoplasma, mas não podemos simplesmente ir e pegá-lo das pessoas. É necessário que elas produzam e não o usem. Somente assim ele pode ser “colhido”. O ectoplasma, quando não utilizado, fica como um “leite azedo”; é disso que nos alimentamos. Quanto mais emoções desequilibradas e a ausência de atividades do Cordeiro, melhor é a nossa “colheita”. “Desequilíbrio e inutilidade:

colheita farta” — é o lema que eu utilizava.

— O que tem a ver isso com a mediunidade? — pergunta Eclésio.

— Tudo! O médium é um indivíduo que produz ectoplasma em abundância e o trabalho mediúnico, bem orientado, equilibra esse ectoplasma, porque o utiliza para o socorro dos sofredores e para o contato com os bons Espíritos, além de educar as emoções do médium. Isso acaba com toda a economia das trevas! Você entende? Acaba com tudo! Por isso lutamos tão desesperadamente contra a prática mediúnica equilibrada! Mediunidade, só se for orientada por Espíritos brincalhões ou das trevas; assim, é mesa farta para todos nós.



Todos estão estarelecidos.

— Como foi a sua atuação na Idade Média? — pergunta Ivan.

— Conseguimos muita coisa! A proibição dos fenômenos mediúnicos gerou muita conexão conosco. Espíritos com depravações sexuais tinham acesso muito fácil aos “santinhos” da Igreja. Os *Incubos* e *súcubos*, que eram os nomes dados aos Espíritos sensuais na época, eram as legiões de obsessores sexuais. A santidade aparente, fingida, é o melhor meio para se chegar à depravação. E quem ousava quebrar nosso bloqueio, era queimado! Não podíamos pegar os corajosos nem no corpo, nem fora dele. Eles empregavam bem suas energias, e isso gera mais coragem e equilíbrio. O ectoplasma deles tem um “cheiro” e um “gosto” que detestamos! Mas muitos eram covardes e cínicos, e isso nos servia muito bem!

— Obrigado — agradece Ivan.

— Perdoe-me! Há tanto tempo que afasto os jovens da mediunidade... — fala Bocó.

— Se Deus permitiu nosso encontro, foi para que eu lhe ajudasse. Aguardei cem anos por esse momento. Agora, acompanharei seus passos e, quando você reencarnar, serei o amigo espiritual que lhe lembrará sempre que mediunidade com o Cristo é abnegação. — responde Ivan.

Bocó chora de emoção.

Bezerra, feliz, fala para todos:

— Filhos, que a lição de hoje seja propagada para todos os jovens da Terra. Trabalhai, trabalhai sempre, até que a ignorância espiritual seja extinta. Ajudai aos espíritas que devem ser a luz do mundo, mas que, nesse momento, tanto precisam de ajuda. Ajudai-os e eles serão auxiliares valorosos do Cristo, na construção do Reino de Deus na Terra.

A imagem de Bezerra se desfaz. Os dois legionários entram e levam Bocó, desmaiado. Patrícia abre os olhos e sorri.

Rivalina começa a narrar tudo o que havia acontecido, mas Patrícia lhe diz, carinhosamente:

— Eu sei, não precisa me contar.

Após um instante, para enxugarmos as lágrimas, Ivan indaga:

— Perguntas?

— O que você quis dizer com o título da aula, “Como nos tornamos demônios”? — pergunta Astrobrito.

— Observe as lições que Bocó nos trouxe. **Quando fugimos de nosso crescimento emocional e espiritual, as energias, que deveriam ser direcionadas para nossa evolução, são utilizadas por Espíritos inferiores para nos inferiorizar e, assim, nos tornamos demônios.** Ou seja, em vez de crescermos espiritualmente, somos estimulados a ampliar nossos sentimentos e desejos inferiores.

— Esse é o nosso livre arbítrio? — pergunta Romildo.

— Exatamente. Nosso livre arbítrio está no poder de escolher entre a espiritualização e a inferiorização. Nós não temos o poder de alterar a Lei de Deus; quem não cultivar a transformação dos sentimentos e a ação no bem, colherá o mal. — explica Patrícia.

Rivalina pergunta.

— Mas Bocó é mesmo um demônio? Pela sua aparência você diria que sim?

— Vejamos o que nos diz o livro amigo, *O Livro dos Espíritos* — fala Ivan.

**131. Há demônios, no sentido que se dá a essa palavra?**

**R. Se houvesse demônios, eles seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom, criando seres infelizes, eternamente voltados ao mal? Se há demônios, é no teu mundo inferior e em outros semelhantes que eles residem: são esses homens hipócritas, que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo, e que pensam lhe ser agradáveis pelas abominações que cometem em seu nome.**

— E os anjos, também, são apenas ficção? — pergunta Eclésio.

— Em relação aos anjos — responde Ivan — temos as questões 128, 129 e 130:

***“128. Os seres a que chamamos de anjos, arcanjos e serafins formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?”***

***R. Não; são Espíritos puros: estão no mais alto grau da escala e reúnem em si todas as perfeições.***

***129. Os anjos também percorreram todos os graus?***

***R. Percorreram todos. Mas, como já dissemos: uns aceitaram a sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa; outros, empregaram maior ou menor tempo para chegar à perfeição.***

***130 Se a opinião de que há seres criados perfeitos e superiores a todos os outros é errônea, como se explica a sua presença na tradição de quase todos os povos?***

***R. Aprende que o teu mundo não existe de toda a eternidade, e que muito antes de existir já havia Espíritos no grau supremo; os homens, por isso, acreditaram que eles sempre haviam sido perfeitos.***

Após a leitura, pede Ivan que eles formem duplas e tentem responder à seguinte pergunta: de que forma a Idade Média marcou a postura psicológica de vocês, em relação aos fenômenos mediúnicos?

## I — Eclésio e Rivalina

**E**clésio inicia sua autoanálise:  
— Tenho que admitir que me identifiquei muito com o que o Bocó falou. Mesmo sendo espírita, tinha conduta sexual desequilibrada e fingia santidade! **Tinha um conjunto de técnicas de comportamento exterior, que trouxe da Idade Média, e que faz muito sucesso com os espíritas do mundo: gestos calculados, aparência de santidade e linguagem adocicada.** Meus tolos amigos achavam que *isso* era sinal de elevação! Era só falar com a modulação certa e já era adorado... Coitados, deles e de mim! Muitos me imitavam, e diziam que era para evoluir. Enquanto isso, eu tinha o hábito de frequentar prostíbulos!

Como é fácil enganar os crédulos beatos... Eclésio não consegue prosseguir. Rivalina inicia:

— Sabe, Eclésio, na Idade Média eu também me vesti de falsa santidade. Tudo fazia para agradar a todos, mas não me sentia bem. Ao deitar, dava-me conta do desprezo que tinha por tudo o que eu vivia, mesmo sem concordar com aquilo. Não rezava, tinha medo de qualquer contato espiritual. Só rezava as orações comuns do convento, e sempre com os olhos abertos. **Treinei e treinei muito para ter uma voz doce, de santa... Isso me acompanhou em minha última encarnação... Tinha que ser santa como católica ou Espírito evoluído como espírita. E minha voz e meus gestos “provariam” que eu era!** Abafei em mim meus sentimentos verdadeiros, minha autenticidade e, inconscientemente, sabia que a mediunidade revelaria quem eu era. Eu era apenas um ser humano, mas não queria aceitar isso! Sei que alguns usam a mediunidade como trampolim para a fama. Tem médium que aparece mais que apresentador de televisão. Eles montam várias estratégias de marketing para serem sempre bem falados. A verdade é que sou parecida com eles, pois optei pela “santidade da fuga”, negando a mediunidade em vez de adotar a “santidade do

exibicionismo”. É o mesmo fenômeno, só que por meios diferentes, pois ambos desnaturam a mediunidade.

Hoje eu sei que mediunidade sadia é aquela vivida com naturalidade e honestidade. Nem mediunidade de “santo exibicionista”, nem mediunidade reprimida de “santo isolacionista”. **O certo é ser humano, autêntico, espontâneo e honesto, respeitando os outros e a si mesmo. Humildade é aceitar-se como se é, admitir qualidades e defeitos e, acima de tudo, ter disposição para seguir sempre inspirado pelos Espíritos superiores. Eles nos amam e se dispõem a nos auxiliar; basta que deixemos.** É difícil admitir os limites e erros, mas é sempre melhor do que se tornar um falso profeta — conclui Rivalina, com esforço.

## II — Astrobrito e Romildo

**F**oi muito fácil eu me tornar um palestrante famoso: tem um “kit gesto-postura” que, se você adotar, é sucesso na certa — fala Astrobrito, angustiado, pois esta é uma confissão dolorosa. Foi na Idade das Trevas que eu aprendi isso. Gestos, gestos, gestos! Como fui tolo! Treinava mais a postura para a palestra do que pensava na importância do que falaria. Nunca pensava na minha própria vivência do que eu falava.

**Atitudes mansas, determinadas posturas das mãos, gestos faciais, o tremor das pálpebras... Hoje vejo: tudo isso é ridículo! Evolução não é artificialismo de etiqueta, e muito menos a etiqueta brega que eu adotei. Desumanizei-me. Perdi a capacidade de ser autêntico, fraterno, amigo.** A todo instante, adotava postura artificial e me acostumei à ilusão de que isso era “marca de elevação”. Quando vejo a sinceridade de Eurípedes e de nossos professores, assusto-me. Criei um mundo torpe, de falsa elevação, e encontrei tantos que me seguiam e ainda seguem! — conclui Astrobrito que, tomado pela emoção, não consegue continuar.

É um choque de realidade. Ele fingiu ser evoluído e, para sua própria infelicidade, muitos acreditaram nele.

— Sempre apoiei este tipo de atitude! Convidei muitos palestrantes para visitar a casa que dirigia, só porque tinham estes gestos de santidade. Até dizia que eram do “mesmo grupo espiritual” — fala Romildo.

— E somos, sim. Somos do grupo dos falsos profetas! — diz Astrobrito, baixando a cabeça.

— É verdade! E eu também sou responsável, pois sempre apoiei este tipo de palestrante. Dava status. **E eles sempre me elogiavam: uma maldita troca! Comercializávamos a adoração, que era o alimento de nossa vaidade. E assim traímos o Cristo... mais uma vez!** — conclui Romildo.

Estes momentos poderiam ser de amenidades, mas, por orientação de Eurípedes Barsanulfo, deveriam gerar uma reflexão mais profunda. O relógio da evolução marca o fim de todas as ilusões para os habitantes da Terra. A expressão artística-cultural foi realizada por meio da composição de poemas. O poema de Romildo foi eleito para representar o grupo. Deixo-o aqui para sua avaliação:

## IDADE DE TREVAS, DOR E IGNORÂNCIA

**O**s amados do Mestre triturados pelas garras medonhas do mal.

Espíritos de luz condenados às masmorras infectas, pela mórbida ganância material.

Deus envia a luz. Queremos as trevas! Trevas! Trevas!

Gritávamos, gritávamos. Nós, os pregadores da maldade.

Revoltosos e infelizes; angustiados e covardes — somos nós — encarnados ou desencarnados — os negadores da mediunidade!

O sofrimento desaba sobre nós. Piedade, piedade! Gritamos de balde.

Apieda-te Senhor da nossa imensa dor! A dor dos negadores da mediunidade!

Ensina-nos a entrar em contato contigo e com os guias da Humanidade!

Misericórdia, misericórdia! Não afaste de nós Tua luz, que tanto neguei e da qual tenho agora necessidade.

Ajude-me, ajude-me. Repararei!

Mais uma vez, mais uma vez. Suplico: piedade!

Serei Teu servo, servindo aos que gemem no mundo ou nas trevas da baixa espiritualidade.

Apieda-te, socorre-me, deixa-me ser médium e honrar a mediunidade.

Médium da ajuda material, médium dos Espíritos sofredores, médium dos bons Espíritos auxiliares, médium da caridade.

Ensina-me! Ensina-me Senhor! Ensina-me a ética da mediunidade!



*Ensina-me! — suplico-Te — ensina-me ainda em minha mocidade, antes que eu me contamine — mais uma vez — com a vulgaridade!*

*Atendeu Jesus aos negadores da mediunidade mas, no mundo, muitos ainda combatem a santa faculdade, corações sem piedade.*

*No seio do Espiritismo, os há: os negadores da mediunidade!*

*Proíbem ao jovem, ao velho e ao senhor de meia-idade o contato natural com a sublime espiritualidade.*

*Criam cursos longuíssimos, complicações e dubiedades e, assim, afastam pessoas sinceras da libertadora prática da mediunidade.*

*Amigo: acorda! É hora da verdade. É tua última chance e, se ainda quiseses negar a santa faculdade, terás o salário da maldade, triste negador da mediunidade. Muda, muda agora, a misericórdia te conduzirá à nobre faculdade.*

*Acolhe os jovens que se apresentem com justa maturidade, ajuda aos idosos que expressem sinceridade.*

*Foge, de vez, de teu hábito de controle sem caridade. Porque, se ainda fores aquele negador da mediunidade, sairás da Terra, em breve, para viver em uma inferior Humanidade.*

*Apieda-te de ti, infeliz negador da sublime faculdade, negador da mediunidade!*

*Ama ao Cristo, serve sem dubiedade, a luz de Deus que vem através dos tempos pela sublime faculdade.*

*Assim o fazes e verás nascer em ti, onde antes havia angústia e infelicidade, a imorredoura claridade dos que servem a Caridade, por meio da mediunidade.*

*Romildo, um arrependido negador da mediunidade.*

-----

Ivan orienta como atividade prática uma visita a Bocó Mefistófoles, em uma das alas do Hospital Esperança, durante a qual os alunos ouvem sua triste história. Ele precisava falar para aliviar a sua consciência.

Felipe sai, pensativo.

— O que você tem, meu amigo? — pergunta Delanne.

— Como o movimento está complicado... — comenta Felipe.

— É verdade! Mais um motivo para nos dedicarmos mais. Eurípedes ensina que a maioria dos espíritas são bons cristãos; apenas precisam conhecer melhor Kardec para entender o Espiritismo. Os espíritas precisam orientar suas vidas segundo o Espiritismo, e não apenas aceitá-lo como uma crença, uma religião formal. A Doutrina Espírita é uma escola espiritual, que deve impulsionar o ser à plenitude da paz.

— Conseguiremos? Digo, nós, o movimento espírita? — indaga Felipe, com ar de pessimismo.

— Não se impressione negativamente com Bocó ou com a turma de recuperação. São Espíritos que faliram, mas que também podem acertar — comenta Gabriel.

— Eu me preocupo com o movimento e com a sociedade, em geral

— fala Felipe.

Gabriel olha para ele com sinceridade e fala:

— Meu amigo, respeito suas preocupações. Mas você está esquecendo que o Cristo comanda os destinos da Terra. Por ordem dele, Eurípedes guiará a Nova Geração. Se é verdade que o mundo não mudará por passe de mágica, também é certo que, a partir de agora, a violência, o roubo, as doenças emocionais, da moda ou não, têm prazo para se extinguir. Não sabemos exatamente quanto esforço isso nos custará, mas a Terra será, em algumas décadas, um mundo bem melhor.

Após uma pausa, continua:

— Meu amigo, o Cristo tem condições, inclusive, de convocar Espíritos evoluídos de outros mundos, se julgar necessário. Esta batalha está vencida. Feliz o espírita que se sacrificar pela obra do Cristo! Esse herdará a Terra — conclui Gabriel.

Felipe está impressionado. Nunca pensou nessa capacidade do Cristo em convocar trabalhadores de mundos evoluídos.

— Então tudo vai dar certo! — exclama Felipe, espontaneamente.

— Nunca pode dar errado — responde Gabriel, ao observar que Felipe o entendeu. O que, para muitos, no mundo, pode parecer impotência de nosso dirigente máximo é, na verdade, misericórdia. Ele aguarda que os irmãos rebeldes se transformem, mas é preciso dizer: a espera está perto do fim.

Felipe acorda com perfeita lembrança desse último diálogo. “Como o Cristo é grandioso” — pensa e então faz sua prece e leitura de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, para iniciar o dia de forma equilibrada.

## SWEDENBORG: O PRECURSOR DA MEDIUNIDADE

**P**atrícia e José estão sentados à mesa com um dos precursores do Espiritismo, Emanuel Swedenborg. Todos aguardam, em silêncio.

Após a prece de José, Patrícia inicia:

— Considerado o homem mais culto do seu século, Emanuel Swedenborg conhecia física, química, astronomia, zoologia, anatomia, metalurgia, economia e teologia, além de muitos outros ramos das ciências. Hoje ele compartilhará conosco suas experiências mediúnicas, que ocorreram entre 1741 e 1772. Certamente todos aqui devem ter lido o relato que ele fez a Allan Kardec e que consta na **Revista Espírita** de novembro de 1859.

Segue o relato de Swedenborg citado por Patrícia para você, amigo leitor:

*“Eu estava em Londres. Havia jantado muito tarde, em minha estalagem ordinária, onde reservara um quarto para ter a liberdade de nele meditar à vontade. Sentia-me pressionado pela fome e comi, com bom apetite. No fim do repasto, percebi que uma espécie de nevoeiro se derramava sobre os meus olhos e vi, então, o soalho de meu quarto coberto de répteis horrendos, tais como serpentes, sapos, lagartas, entre outros. Fui tomado de espanto, tanto mais que as trevas aumentavam, mas logo elas se dissiparam. Então vi claramente um homem no meio de uma luz, viva e radiante, sentado num canto do quarto. Os répteis haviam desaparecido com as trevas.*

*Eu estava só. Julgai o pavor que se apoderou de mim quando o ouvi pronunciar distintamente, mas com um tom de voz bem capaz de imprimir o terror: “Não coma tanto!”. A essas palavras, minha vista se obscureceu mas se restabeleceu, pouco a pouco, e*

*assim vi-me só no meu quarto. Ainda um pouco assustado com tudo o que vira, retornei com pressa à minha casa, sem dizer nada a ninguém do que me havia acontecido. Ali, entreguei-me às minhas reflexões e não concebi que isso fora o efeito do acaso, ou de alguma causa física.*

*Na noite seguinte, o mesmo homem, radiante de luz, se apresentou ainda diante de mim e me disse: “Eu sou Deus, o Senhor, criador e redentor: eu te escolhi para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Escritura Santa; eu te ditarei o que debes escrever”.*

*Dessa vez, não fiquei muito assustado. E a luz, embora viva e resplandecente, da qual estava cercado, não produziu nenhuma impressão dolorosa sobre os meus olhos. Ele estava vestido de púrpura, e a visão durou um bom quarto de hora. Nessa mesma noite, os olhos do meu homem interior foram abertos e dispostos para verem no céu, no mundo dos Espíritos e nos infernos, e encontrei, por toda parte, várias pessoas de meu conhecimento. Algumas mortas há muito tempo, outras há pouco tempo. Desde esse dia, renunciei a todas as ocupações mundanas para não trabalhar senão nas coisas espirituais, para me conformar à ordem que para isso recebera.*

*Frequentemente ocorreu-me, na continuação, de ver os olhos do meu Espírito abertos e ver, em pleno dia, o que se passava no outro mundo, bem como de falar aos Anjos e aos Espíritos como falo aos homens.*

-----

Swedenborg levanta-se e afirma:

— Sintam-se à vontade para questionar as minhas experiências. Somente conversando com franqueza e amizade é que poderemos aprender uns com os outros.

— Era mesmo Deus que se comunicou com o senhor quando estava encarnado? — pergunta Rivalina.

— Certamente, não. Se na época dos profetas era aceitável crer-se que quem se comunicava era Deus, eu deveria saber, em pleno século XVIII, que não era; mas eu aceitei por vaidade.

— Então era um Espírito mistificador? — pergunta Astrobrito.

— Na verdade, não. Ele identificou-se como Deus para que eu tivesse mais fé. Era um Espírito que queria me ajudar, mas tinha uma evolução limitada, apesar de ser honesto. Esse é o motivo central dos erros de minha doutrina: **acreditei no que vi, no que imaginei e no que me foi revelado, sem nenhum critério de lógica e de pesquisa. Apesar de minha extensa formação científica, não apliquei nenhum método para avaliar as comunicações. Essa foi a grande diferença entre mim e Allan Kardec. Ele estabeleceu um método lúcido e científico para analisar as comunicações. Sem método, cheguei a acreditar que era infalível. Por isso, penso que simbolizei a transição do mediunismo para a mediunidade espírita, que surgiria 100 anos depois de minhas experiências. Somente com a Escala Espírita é que podemos entender que os Espíritos não se classificam apenas em bons e maus ou anjos e demônios. Existe uma imensa diversidade de personalidades no mundo espiritual, e é preciso entender isso.**

— Como o senhor recebeu a maioria das revelações espirituais? — questiona Romildo.

— Eu entrava em estado de êxtase, em uma espécie de desdobramento, e descrevia o que via; mas, como não tinha um método de avaliação, juntava, sem consciência, o que via e o que achava que tinha visto, em uma interpretação sem critério. O desdobramento, mais até do que as outras faculdades mediúnicas, permite uma grande participação da imaginação; por isso, o método de verificação é indispensável!

— Quais os aspectos mais positivos o senhor avalia de seu trabalho? — pergunta Eclésio.

— Como era conhecido internacionalmente, pude provar a verdade dos fenômenos mediúnicos para muitos reis, rainhas e, inclusive, para o filósofo Kant. **A convicção sobre a realidade espiritual é essencial para a espiritualização do ser. A dúvida sobre a realidade espiritual, mesmo que sutil, é um empecilho terrível**

para a conquista da paz verdadeira, e nos induz a muitos desequilíbrios morais.

— Que lição o senhor nos deixaria? — estimula Patrícia.

— Vivi em uma época em que os fenômenos mediúnicos ainda não tinham sido estudados por Allan Kardec. Isso foi uma enorme desvantagem para mim. **Após ter sido estabelecido o método seguro de Allan Kardec, deve-se avançar nas pesquisas mediúnicas, de forma equilibrada e profunda.**

Não é aceitável que os seguidores de Allan Kardec adorem médiuns, como se eles fossem especiais. Não! Os que fazem isso, os ajudam a se iludir e os empurram para o precipício. Posso falar a partir da minha experiência e do conhecimento da **Codificação Espírita**, que hoje estudo com afinco: **médiuns que aceitam adoração e adoradores tornam-se verdadeiros traidores do Consolador.** A época das revelações pessoais já passou. Foram úteis e importantes, mas os que hoje querem ser especiais estão distantes da Codificação, estão condenados, por escolha própria, a conviverem com os seres inferiores da espiritualidade.

Dito isso, ele retira do bolso um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, abrindo-o no **Livro Segundo, Capítulo I, Item VI** e diz, apontando para o livro:

— Se eu tivesse tido acesso apenas a estas páginas, que expressam a **Escala Espírita**, minha história teria sido muito superior. Permitam-me fazer uma breve exposição, pois estou certo de que, em outro momento, vocês terão um estudo aprofundado da **Escala Espírita.**

Existem apenas dois critérios, e apenas dois, definidos por Allan Kardec para caracterizar a evolução de um Espírito. **É essencial entender isso. Os critérios são: evolução moral — que é o mesmo que evolução emocional — e evolução intelectual.** Assusto-me ao ver espíritas que, consciente ou inconscientemente, criam vários critérios para avaliar a evolução de um Espírito, encarnado ou desencarnado. Muitos, por exemplo, falam da alimentação, como falou o Espírito que se comunicou comigo.

— Mas se alimentar de forma saudável não é prova de evolução? — indaga Rivalina.

— Não! — diz Swedenborg, de forma firme. Claro que não. Alimentação saudável é um bom hábito, que deve ser cultivado,

mas não significa evolução. Preste atenção: **existem apenas dois critérios: evolução moral e intelectual.** O resto pode ser importante, mas NÃO caracteriza a evolução de um indivíduo. Todos sabemos da importância dos exercícios físicos, mas fazer exercício físico não comprova a evolução do Espírito, nem escovar os dentes antes de dormir, embora seja importante. — conclui, com bom-humor.

Todos riem.

— Existe uma opinião comum de que a alimentação revela a evolução. Você poderia nos esclarecer um pouco mais? — indaga Eclésio.

— O mais curioso é ver que as pessoas que defendem essas teses pensam que estão inovando — fala Swedenborg.

— E não estão? Sempre pensei que essas informações eram uma nova revelação... — pergunta Eclésio.

— Não, caro amigo. A discussão sobre alimentos puros e impuros, sobre alimentos que devem ser consumidos e os que não devem ser consumidos data de milênios antes do Cristo. Está bem longe de ser uma novidade! Era uma questão séria para os fariseus, mas não para Jesus. O Mestre alertava os discípulos, vindos do judaísmo: “ousas chamar de impuro o que Deus criou?”

— Então não devemos nos preocupar com a alimentação? — pergunta Astrobrito.

— Devemos nos preocupar, certamente. **O que não podemos é nos iludir ou fingir que somos evoluídos por ter determinada dieta.** Afinal, não é o que entra pela boca que torna o homem impuro. Já ouviram falar disso? — responde, mais uma vez citando Jesus.

Em seguida, ele continua:

— Observemos a **Escala Espírita** e teremos a certeza de que não é a fama, a forma de falar, a forma de se vestir, o cargo, o tipo de voz, o penteado, o tipo de alimentação, o tipo de maquiagem, o tipo de perfume ou de exercício físico que caracterizam a evolução do Espírito. **O critério é simples: é o critério intelecto-moral. O resto é ilusão ou, como ensina o Eclesiastes: “é vaidade, tudo vaidade!”**



Sua forma sincera de falar contagia a todos. Após pequena pausa, continua:

— Allan Kardec organiza três grupos ou ordens evolutivas. A terceira ordem é a dos Espíritos imperfeitos ou atrasados. A segunda ordem é a dos bons Espíritos. A primeira ordem é a dos Espíritos puros.

— Você poderia nos dar exemplos de Espíritos dessas ordens? — pede Eclésio.

— Não é fácil citar indivíduos, pois o objetivo de Kardec foi principalmente nos auxiliar a entender a imensa variedade da evolução dos seres humanos; por isso, apenas como explicação didática, posso citar alguns exemplos e, desde já, afirmo que pode haver alguma discordância com relação aos meus exemplos. Citarei alguns nomes apenas como ilustração, e não como uma verdade inquestionável.

Swedenborg olha para Patrícia, pois sabe que seria importante ilustrar sua explicação com nomes conhecidos, mas que isso poderia gerar polêmicas estéreis, como é frequente entre Espíritos atrasados. Patrícia acena positivamente, apoiando sua intenção; afinal, precisamos aprender a conversar e debater, discordando sem odiar.

Emanuel Swedenborg sorri, feliz com a liberdade e a confiança que lhe é concedida, e assim inicia:

— A terceira ordem, como já disse, é o grupo dos Espíritos inferiores ou IMPERFEITOS. Mas é preciso entender que, dentre os Espíritos que cultivam as paixões da animalidade, tais como o orgulho, o egoísmo, os vícios e a sensualidade, existem imensas diferenças. A ordem dos imperfeitos tem cinco divisões, as quais explicarei agora, dando exemplos:

## ESPÍRITOS IMPUROS.

**E**ntendo como sendo ESPÍRITOS IMPUROS, segundo a expressão do Codificador, **os Espíritos dedicados conscientemente ao mal.** São Espíritos inteligentes, que podem ser líderes, cientistas e sacerdotes voltados para o mal e que utilizam suas capacidades para dominar e massacrar os Espíritos que optaram pela fraqueza. São os líderes políticos e

culturais das trevas, estejam encarnados ou desencarnados. No mundo da matéria densa, os líderes nazistas são um dos exemplos históricos. Na atualidade, são aqueles que dirigem o comércio de armas e de drogas, ou que geram as grandes catástrofes financeiras, as quais prejudicam a vida de milhões de pessoas, ao redor do mundo. Vinculam-se aos mais degradantes vícios e têm ódio do ser humano e ódio ao bem. No mundo espiritual, além dessas atividades, presidem cidades em que vivem os Espíritos que optaram pela animalidade e combatem todas as atividades que podem espiritualizar o ser humano e, em particular, a mediunidade cristã. Incentivam a discórdia, o desequilíbrio e a sensualidade para afastar o indivíduo do caminho divino. Bocó Mefistófoles, conhecido de vocês, é um exemplo desses Espíritos. Muitos são socorridos em reuniões mediúnicas sérias e bem orientadas do movimento espírita encarnado, o que exige preparo e dedicação do grupo mediúnico, como um todo.

## ESPÍRITOS LEVIANOS.

**S**ão Espíritos irresponsáveis e zombeteiros, que se divertem gerando aborrecimentos e enganando as pessoas ingênuas com previsões falsas ou com meias verdades. **São mais irresponsáveis do que maus.** Quando encarnados, desejam apenas “aproveitar a vida”, sem se preocupar com os outros, nem com suas obrigações. No mundo espiritual, vinculam-se àqueles que têm seus gostos e utilizam-se de médiuns que não entendem que a mediunidade é uma faculdade sagrada, como adivinhos e até médiuns espíritas que usam a mediunidade para se promoverem, e não para servir o próximo.

## PSEUDO-SÁBIOS.

**P**odemos defini-los como **sábios arrogantes**, que não admitem suas limitações e, por isso, apesar de terem muito conhecimento, ensinam verdades misturadas com erros absurdos. Podemos identificá-los por seus preconceitos e pela presunção de serem “os donos da verdade”. Quando encarnados, muitos afirmam ser a reencarnação de Espíritos elevados, como Jesus de Nazaré e Allan Kardec. São facilmente

desmascarados por não apresentar as virtudes e a sabedoria dos Espíritos que dizem ser.

## ESPÍRITOS NEUTROS.

**S**e caracterizam pela **acomodação**. Não são bastante bons para fazerem o bem, nem bastante ativos para fazerem o mal. São os voluntariamente inúteis.

## BATEDORES.

**C**omo afirma o codificador, não são propriamente um grupo, mas são os Espíritos **que atuam mais diretamente na matéria**. Auxiliam os Espíritos mais evoluídos na condução dos fenômenos naturais e nos efeitos físicos.

Obviamente, todos evoluem e, desde que queiram, podem se tornar úteis, aceitando a orientação dos Espíritos superiores.

Perguntas?

— Como existem tipos diferentes de Espíritos! — exclama Rivalina.

— É verdade. Graças à sabedoria de Kardec, que adotou o critério intelectual e moral, tudo ficou mais fácil de compreender. Sem isso, nunca teríamos uma visão ampla da multimilenar evolução do ser humano — comenta Patrícia.

Swedenborg prossegue com a explicação:

— A **SEGUNDA ORDEM** exigirá de nós atenção redobrada. Espero exemplificar de forma adequada. Caso não consiga, peço a compreensão de vocês. Essa ordem tem quatro divisões:

## ESPÍRITOS BENEVOLENTES.

**S**ão as pessoas boas, que todos conhecemos. **Têm sempre satisfação em ajudar e amparar, mas têm o saber limitado**. Todos já tivemos a oportunidade de conviver com um Espírito dessa classe.

## ESPÍRITOS SÁBIOS.

**S**ão os estudiosos equilibrados. São os intelectuais, os cientistas libertos das paixões inferiores, mas que ainda não desenvolveram um grande amor pela Humanidade. Os exemplos são comuns no mundo da matéria densa, bem como sua atuação no movimento espírita como desencarnados. São médicos, escritores, dentre outros.

## ESPÍRITOS PRUDENTES.

**S**ão os Espíritos sábios ou estudiosos que desenvolveram a verdadeira humildade e o amplo amor pela humanidade. Podemos citar, como exemplo, alguns pretos velhos que eu conheço, que unem amplo conhecimento e elevado sentimento.

Astrobroto assusta-se ao ouvir a expressão “preto velho” e pergunta:

— Quer dizer então que todos os pretos velhos são Espíritos dessa ordem?!

Swedenborg, como se esperasse essa reação, fala:

— Eu disse *alguns*. Se o tipo de alimentação, de penteado ou o cargo social não define a evolução, a forma de se apresentar também não a define. Afinal, há tanto “pretos velhos” como “brancos novos” evoluídos e atrasados!

Rimos.

— Mas como pode um preto velho ter imensos conhecimentos científicos? — pergunta Rivalina.

— Reencarnação — diz Swedenborg. Tenho um amigo preto velho que domina com muito mais profundidade a ciência médica e o magnetismo do que eu. Ele foi um grande cientista, que optou por reencarnar como escravo no Brasil. Após sua desencarnação, decidiu apresentar-se como preto velho aos espíritas para ajudá-los a superar os seus preconceitos, ensinando-os, na prática, que o critério é intelectual e moral, e não racial.

— Você poderia dar outros exemplos? — pergunta Romildo.

— Sim. Para facilitar a compreensão, citarei alguns nomes conhecidos do movimento espírita. Do Brasil, posso citar Cairbar Schutel, o grande divulgador do Espiritismo e profundo estudioso do Novo Testamento, bem como José Herculano Pires que, segundo Emmanuel, foi o pensador que melhor entendeu Kardec.

“Que alegria poder conviver com José e Cairbar! E como eles são amigos!” — pensa Felipe. Swedenborg prossegue:

## ESPÍRITOS SUPERIORES.

**E**les se caracterizam pela elevadíssima condição intelectual e moral. Compreendem em profundidade as leis da ciência e amam abnegadamente a humanidade. Sua linguagem frequentemente é sublime. Os exemplos são muitos, o que prova a misericórdia de Deus em relação aos homens. Citarei alguns: Sócrates, o filósofo grego; Francisco de Assis, Antônio de Pádua e Vicente de Paulo, todos santos católicos; Gandhi, líder político e religioso hindu; Eurípedes Barsanulfo e Bezerra de Menezes, dirigentes do movimento espírita.

## A PRIMEIRA ORDEM

**É**a mais fácil de explicar e a mais difícil de se alcançar. A primeira ordem tem, como símbolo máximo, Jesus de Nazaré. São os **ESPÍRITOS PUROS**, também conhecidos como “anjos”. Eles têm um domínio total da matéria. São os mensageiros diretos de Deus no universo. Eles compreendem a Deus.

Swedenborg silencia. Vemos que está emocionado. Ele irradia belíssima luz, que nos sensibiliza. Ele olha para cada um nos olhos e conclui, com voz firme e vibrante:

— **Allan Kardec foi um dos mais elevados enviados de Deus ao mundo, escutai-o! Ele vos apresenta Deus e o Cristo de forma sublime, para todos que querem ter olhos para ver a Verdade!**

Ficamos emocionados. A lição é sublime. Os integrantes do grupo de recuperação, que não tinham entendido a importância da Escala Espírita, agora conhecem sua importância e começam a entender a grandeza do amado codificador.

Patrícia agradece a Emanuel Swedenborg e explica que ele continuou, desde seu desencarne, a auxiliar a mediunidade, inclusive ajudando outro precursor da mediunidade espírita, Andrew Jackson Davis, o maior médium norte-americano do século XIX.

Swedenborg despede-se e parte.

A Dinâmica Relacional, realizada em conjunto, teve o objetivo de relacionar as lições aprendidas com uma experiência mediúnica vivenciada após a desencarnação.

Eclésio começa:

— É interessante ver que muitos de nosso movimento que acham que os desencarnados ou são Espíritos superiores, ou impuros. Eles, como Swedenborg no século XVIII, não entendem que existe a **Escala Espírita** e que existem muitos Espíritos que não são nem superiores, nem impuros. Certa vez, em um grupo mediúnico, falei sobre importância de se evitar os vícios do álcool e do cigarro. Falei como eu sou: sem uma vibração superior, mas também sem mentir. Falei com ênfase e entusiasmo, porque tinha vivido esse problema e tento me recuperar, auxiliando. No final da reunião, foi um desencontro! Como eu não era nem Bezerra de Menezes nem o Bocó Mefistófoles, recebi o nome de “mistificador”! Um deles disse: “Espírito bom sempre fala manso!”.

Será que vou ter que entrar para um coral para ser ouvido?!

Todos riem.

— Por que é tão difícil entender que sou apenas um Espírito parecido com a maioria dos seres humanos?! Eles me rejeitam como eu rejeitava as mensagens que vinham para mim. — conclui Eclésio.

Rivalina fala:

— Frequento uma reunião mediúnica de um grande centro espírita, que é dirigida pelo presidente da instituição. Eles têm muitas regras não-espíritas: jovens não podem entrar, é preciso ter tantos anos de curso mediúnico, já preestabelecido para todo mundo, em que há muita teoria, sem qualquer prática. Em uma ocasião, o mentor do centro pediu ajuda a um Espírito muito evoluído, um preto velho, para socorrer a situação aflitiva do filho do dirigente do centro. Eu pude acompanhar essas tarefas. Foram meses de trabalhos intensos. Ao final, evitou-se o suicídio do jovem e este começou a ter hábitos mais saudáveis, inclusive o da oração.

No último dia dessa tarefa, o mentor da casa pediu que o preto velho pronunciasse alguns conselhos para o grupo e, em particular, para o dirigente. Ao apresentar-se, o dirigente irritou-se. O amigo espiritual ia começar a falar, quando foi interrompido pelo

presidente, que disse, rispidamente: “Meu irmão, seu lugar não é aqui. Procure um terreiro e não volte!” Eu mal podia acreditar. Essa foi a “recompensa” que esse Espírito teve por salvar-lhe o filho. Depois, conversando com essa elevada entidade, perguntei por que ele se apresentava como preto velho. Ele simplesmente disse: “Minha filha, **Deus quer que os homens aprendam a julgar com amor e lucidez, e não pela aparência. Se dissesse quem fui, no passado, seria adorado, mas eles continuariam infantis e vaidosos**”.

“Talvez com a repetição dessas experiências, eles amadureçam” — disse ainda o preto velho. Foi uma tremenda lição para os meus preconceitos! — finaliza Rivalina.

Foi a vez de Astrobrito:

— Em uma reunião mediúnica, em que tive a oportunidade de me comunicar, falei da obra de Léon Denis, seguindo a orientação do Espírito guia da instituição. Acho que falei bem, pois todos gostaram, mas, a partir daí, minha vida ficou difícil. Começaram a me adorar de tal maneira, que eu não tinha paz! Todo mundo queria que eu ensinasse tudo e resolvesse os problemas de todos! Coitado de mim. Eles pensaram que eu era Denis ou Deus! — diz, desabafando de forma engraçada. Deus me livre, é pedido que não acaba mais, e o pior é que são problemas que cabem a *eles* resolver. Veja se eu posso ajudar um grupo a entender o Espiritismo sem que eles estudem!?

Aí, eu entendi a lição: eu, quando encarnado, que só queria estudar, fui colocado para ajudar aqueles que só queriam saber de prática, sem o estudo. Temos muito a aprender uns com os outros... — conclui.

Romildo começa:

— Minha experiência foi na reunião mediúnica que criei. Autoritário que fui, infelizmente fiz escola e provei do veneno do autoritarismo que espalhei. Todos me adoravam e, coitado de mim, apresentei-me como de fato sou! Fui repellido grosseiramente, nem sequer se deram o trabalho de examinar minha identidade com critério. Como não elogiei ninguém, nem tomei aparências de evoluído, fui desconsiderado e expulso. Era assim que eu fazia.



Como expressão artística-cultural, Patrícia solicita a criação de uma mensagem, que será psicografada por jovem médium. O grupo elege a redação do Eclésio, que aqui reproduzo. Peço que vocês avaliem:

*“Jovem amigo,*

*Fui no mundo espírita e não sabia nada do real valor do Espiritismo. Amigo, aproveita a oportunidade de hoje! Não precisas mais do tóxico dos vícios, nem dos desequilíbrios das mentes doentias, ligadas ao sexo desregrado. Sei que não és santo, muito menos eu, mas pensa e pensa muito, porque a tristeza de se sentir fracassado e deprimido após o término das loucuras é terrível. Usa muito bem tuas energias e conhecerás cidades espirituais de beleza indescritível.*

*A vida na Terra é tão breve e tão preciosa! Peço-te: aproveita a oportunidade, pois que ela é única e intransferível. Assume todas as tuas responsabilidades. Ninguém irá exercê-las por ti. Se tu fores um discípulo do bem, irás beneficiar a todos que ama, nesta encarnação e na vida espiritual.”*

*Eclésio.*

A pedido de Patrícia, Romildo faz a prece de encerramento.

Como vivência prática, todos vão visitar as enfermarias que acolhem os espíritos que não vivenciaram a mediunidade eticamente.

Felipe não alimentou mais o pessimismo. Entendeu que os espíritos que fracassam merecem misericórdia e amparo. A obra do Cristo segue adiante e os que nela não se integram são dignos de compaixão, porque não poderão desfrutar da vida em uma sociedade superior.

## O INÍCIO DA PROFECIA

Felipe acorda com uma lembrança quase completa da aula. Salta da cama, abre o computador e vai ler sobre a Escala Espírita em **O Livro dos Espíritos**. “Que interessante, nunca teria descoberto o valor dela sem a aula. Será que todos os espíritas entendem isso?” — pensa.

Começa a sentir necessidade de ter uma prática mediúnica em grupo. Tem se preparado conforme as orientações de pai Joaquim e da Codificação. Está ansioso para começar a psicografar. Na verdade, o que gostaria mesmo era de ter um grupo de amigos de estudo e prática do Espiritismo. Fica Feliz ao lembrar de Gabriel e pensa: “Será que vai demorar muito até que nos encontremos? Mal posso esperar!”.

O domingo está ensolarado. Felipe resolve arrumar o quarto e sair para visitar algum amigo. Lembra de Avelino e manda uma mensagem, mas nada de resposta. Liga, mas a ligação cai na caixa postal. Pensa que ele deve estar dormindo. Após terminar a arrumação do quarto, o celular de Felipe toca: é Avelino.

— Quer vir aqui em casa hoje à tarde? — pergunta Avelino.

— Vou sim! O que faremos? — indaga Felipe.

— A gente vê aqui. Tenho uns filmes legais, de ação e de terror, e muitos livros que baixei da internet, que quero lhe mostrar. Alguns falam sobre a vida em outros mundos.

— Que horas?

— Umás duas... Duas e meia tá bom? — propõe Avelino.

— Combinado!

“Que bom! Um amigo para conversar sobre Espiritismo.” — pensa Felipe.

Felipe chega na casa de Avelino. Empolgado, Avelino mostra, na tela do computador, as centenas de livros que baixou da internet.

— O que você acha? — pergunta, empolgado.

— É fantástico! A internet é uma excelente aliada do Espiritismo! — comenta Felipe.

— Será que são todos bons?

— Certamente não. Deve ter também aqueles que dizem muita besteira.

— Mas, por que você diz isso? E como saber o que presta ou não? — pergunta Avelino, confuso.

Felipe se dá conta do quanto é valiosa a Escala Espírita e, com calma, explica:

— Avelino, existe Espírito de todo tipo. Os Espíritos são como as pessoas. Uns são bons e outros maus, alguns são sábios e têm muito a nos ensinar, outros ensinam o que não sabem ou mesmo mentem, descaradamente. Espírito é igual gente.

— Nunca pensei que fosse assim. Achei que quem tivesse morrido sabia das coisas — comenta o amigo.

Felipe vai até a prateleira, pega *O Livro dos Espíritos* e mostra para Felipe as perguntas de 96 a 99:

**96. Os Espíritos são todos iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia?**

**R. São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que tenham chegado.**

**97. Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?**

**R. É ilimitado o número dessas ordens, pois não há entre elas uma linha de demarcação, traçada como barreira, de maneira que se podem multiplicar ou restringir as divisões, à vontade. Não obstante, se considerarmos os caracteres gerais, poderemos reduzi-las a três ordens principais.**

— *Na primeira ordem, podemos colocar os que já chegaram à perfeição; os Espíritos puros.*

— *Na segunda, estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação.*

— *Na terceira, os que estão ainda na base da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o desenvolvimento*

98. *Os Espíritos da segunda ordem só têm o desejo do bem; terão também o poder de o fazer?*

R. *Eles têm esse poder, de acordo com o grau de sua perfeição: uns possuem a ciência; outros a sabedoria e a bondade. Todos, entretanto, ainda têm provas a sofrer.*

99. *Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?*

R. *Não; uns não fazem bem nem mal; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-la. Há ainda Espíritos levianos ou estouvados, mais travessos do que malignos, que se comprazem mais na malícia do que na maldade, encontrando prazer em mistificar e*

***causar pequenas contrariedades,  
das quais se riem.***

Felipe lê e explica para Avelino, que nunca imaginara que existisse explicações tão detalhadas sobre a evolução dos Espíritos, obtidas se conversando com os próprios Espíritos!

— Parece que o menino aprendeu direito com os professores do Colégio Allan Kardec. — comenta Aureliano, ao ver seu protegido sendo esclarecido sobre tão profundas verdades espirituais, da forma correta.

— Eles vão longe! — responde pai Joaquim.

Depois de conversarem por quase uma hora, vão lancha e assistir a um filme.

— Espírita pode ver filme não-espírita? — pergunta Avelino.

— Claro! Espiritismo não é uma religião como as outras. É uma filosofia, que nos ensina a viver e nos dá liberdade de escolha. Terror ou ação? — pergunta Felipe, para encurtar a conversa.

— Assistir a filme de terror não é proibido? — pergunta Avelino.

— Proibido, não. Você é quem tem que avaliar se o filme lhe faz bem ou não. No Espiritismo, as regras exteriores são consideradas de pouca importância. É a moral íntima que importa, assim como a liberdade de escolher. Isso serve também para a alimentação — explica Felipe, ao se lembrar de Swedenborg.

— Legal. Prefiro ação. Veja esse aqui: **Asoka**

— Vamos ver. Não conheço, mas parece bom — fala Felipe.

Felipe chega em sua casa às seis horas da noite. Foi um ótimo dia. Avelino está realmente interessado em conhecer e viver a Doutrina Espírita. Vai tomar banho e se organizar para cumprir seu “programa de preparação espiritual”, como ele mesmo chama.

Adormece pensando em Avelino: “Onde será que ele está? Espero que não esteja em uma região inferior do mundo espiritual, sofrendo tormentos terríveis...” Mal sai do corpo, é abraçado por Aureliano, que diz:

— Amigo, vim apenas para lhe agradecer o que fez hoje por Avelino. Com a compreensão da Escala Espírita, ele poderá me entender melhor.

— Eu é que agradeço por me aproximar de um amigo! — responde Felipe.

Abraçam-se. Aureliano o transporta instantaneamente para a entrada do colégio e desaparece. “Que carona legal” — pensa Felipe, que agora não se assusta tanto com fatos “novos” como aquele.

Entra e, após passear no jardim, sobe até a sala. O mal-estar adquire nova forma. Durante o percurso do terceiro para o quarto andar, Felipe começa a lembrar cenas tristes de sua infância, cenas que preferia esquecer. Faz uma prece e prossegue, pois já aprendeu que, se não fugir, tudo dá certo. Vê cenas que o entristecem, chegando na sala com lágrimas nos olhos. Procura Gabriel e o encontra, em silêncio, em um lugar sem cadeiras vazias próximas. Resolve sentar no fundo da sala e orar. O choro aumenta, então ora com mais fervor e sintoniza com pai Joaquim, que lhe explica:

— Meu filho, não devemos fugir das experiências tristes do passado. Permita-se lembrar e, um dia, essas lembranças não trarão mais tristeza ao seu coração.

— Mas eu prefiro não lembrar... — responde, pelo pensamento.

— Lembrando ou não, elas vão lhe fazer triste. Elas enfraquecem sua vontade e roubam sua paz. Aceitá-las é a única forma de alcançar um equilíbrio superior.

— Mas... dói muito! — diz Felipe.

— Por isso crescer espiritualmente é para os verdadeiramente fortes, meu filho. Confia sempre em Deus.

— E se eu não for forte? — pergunta Felipe, um pouco desesperado.

— Peça a Jesus forças e ele lhe dará, com toda certeza. Ele é forte e generoso, meu filho. Prepare-se para a aula. Faltam quinze minutos.

— Obrigado! — fala Felipe, mais confortado.

“É verdade, Jesus tem coragem suficiente e pode me ajudar” — pensa Felipe, ao se despedir de seu guia.

— É verdade! — responde pai Joaquim.

Após a prece inicial, Patrícia explica:

— Esta é a última aula do nosso curso. Os aprovados poderão estudar sobre o Espiritismo no Colégio Allan Kardec. Como vocês sabem, isso significa muito e é um grande compromisso. Para os que o traíram, o Consolador é o símbolo da recuperação, do renascimento emocional. Para os que atuam no movimento, é a oportunidade de ampliar a compreensão do Espiritismo e o estímulo para a germinação do bem no coração.

Andrew Jackson Davis, como veremos, é o continuador de Emanuel Swedenborg e o médium que anuncia a instituição dos fenômenos mediúnicos como uma prática regular e diária na Nova Era.

Abre-se imensa tela. É uma deslumbrante pintura do encontro de Andrew Jackson Davis com Emanuel Swedenborg e Claudius Galeno. Swedenborg nós já conhecemos; Galeno foi um médico e filósofo do século II. O encontro aconteceu nos Estados Unidos, em 1844, cem anos depois do despertar mediúnico de Swedenborg. Em seguida, vemos outra pintura que retrata o despertar de Jackson Davis, na época com 17 anos, em sua pobre casa no interior dos Estados Unidos. Patrícia prossegue com as explicações:

— Os fenômenos aqui apresentados ocorreram no início da primeira expansão da mediunidade, no mundo pós-cristianismo. A mediunidade foi restrita durante a idade medieval, por conta dos interesses inferiores, como já estudamos. O século XIX é a primeira etapa da democratização da mediunidade no mundo. Inicia-se o cumprimento da promessa do Cristo do envio do Consolador e da espiritualização dos habitantes do planeta. Todos que quiserem espiritualizar-se, sejam jovens ou velhos, cultos ou incultos, ricos ou pobres, terão o amparo dos bons Espíritos. Neste momento, estamos nos preparando para a segunda grande expansão da mediunidade, e isso exigirá muita responsabilidade e devoção dos espírita-cristãos. Deverão todos aprender a lidar diariamente com a mediunidade. Digam-me: o que mais chamou a atenção de vocês nessas cenas?

— A idade de Davis e das meninas Fox... Sempre penso que pode ser perigoso para os jovens serem médiuns, não é? — fala Rivalina.

— O que vocês acham? — pergunta Patrícia para o grupo.

— **O maior perigo da encarnação é ficar longe de Deus e a mediunidade bem conduzida nos aproxima do Criador** — responde telepaticamente Gabriel, do quarto andar, para Patrícia, que fala para o grupo do primeiro andar.

Patrícia continua:

— Não é mais perigoso expor crianças aos valores consumistas? Ensinar-lhes a lógica do desperdício e da destruição da natureza? Somos todos Espíritos imortais, Rivalina, e tudo que nos distancia de Deus e de nosso equilíbrio espiritual é muito perigoso; tudo que nos aproxima de nossa essência e nos ensina a superar o egoísmo e o orgulho é de extrema importância. **Fomos todos criados para nos tornarmos fortes e corajosos. Esse é o único caminho da felicidade.**

Imaginem o espanto dos componentes do grupo — espíritos vaidosos que impuseram suas “normas” — ao ouvirem Patrícia afirmar o quanto eles estavam errados.

Patrícia continua:

— Davis é também um exemplo do quanto a mediunidade pode auxiliar o indivíduo a suportar os desafios da vida. Nasceu em uma família muito pobre, seu pai era alcoólatra e violento e sua mãe uma pessoa que não sabia nem ler nem escrever, além de ser muito supersticiosa. Ele — até a juventude — tinha frequentado a escola apenas por seis meses, pois precisava trabalhar e ajudar em casa, além de viver mudando de cidade por causa das dificuldades criadas por seu pai. Aos onze anos, vivencia um extraordinário fenômeno mediúnico, que é o início de suas vivências mediúnicas ostensivas. Aos dezessete, tem o encontro com Swedenborg e Galeno. Sempre orientado por esses Espíritos, auxiliou muitas pessoas e foi capaz de organizar melhor sua vida. **Auxiliar o indivíduo a compreender melhor a vida material e a saber agir de forma equilibrada em tudo é também uma função da mediunidade. Se Davis tivesse que esperar muitos anos para iniciar sua tarefa mediúnica, possivelmente teria alimentado muitos desequilíbrios.** Por isso, é muito grave quando pessoas arrogantes



se acham no direito de determinar o padrão do desenvolvimento espiritual de outra pessoa.

— Se pensarmos assim, como organizaremos um centro espírita? Deixaremos todo mundo entrar nas reuniões mediúnicas? — indaga Romildo, entre espantado e constrangido.

— Não — responde Patrícia.

— Como agir corretamente?

— Bom senso!

— Como estabelecer isso na prática?

Patrícia olha para ele com atenção e responde:

— Meu amigo, veja o quanto o movimento espírita está distante de Kardec! Faça como ele fez: converse com a pessoa, observe seu interesse, seus conhecimentos, seu real compromisso. Na dúvida, dialogue com os amigos espirituais. É um trabalho de grupo, com o qual tanto encarnados como desencarnados podem contribuir. Cada caso é um caso. **Toda vez que se tenta padronizar a mediunidade, comete-se uma traição aos valores do Cristo e à metodologia de Kardec.** É preciso que os centros espíritas, assim como ensinou Allan Kardec, sejam formados por grupos harmônicos e integrados. Isso não é possível com uma padronização tacanha e limitadora.

Romildo está espantado. Astrobrito pergunta:

— Mas como fazer isso em grandes instituições espíritas?

— Qual a necessidade dos centros serem grandes instituições no aspecto numérico? A quem isso interessa? Ao Cristo, que teve poucos discípulos diretos? A Kardec, que sugeriu centros com vinte pessoas?

— À vaidade, à ilusão de realizar uma grande obra! — fala Romildo.

— Não somos contra nenhuma instituição da Terra que vise fazer o Bem, mas parece-nos que é mais fácil manter-se a harmonia em pequenos grupos do que em grandes grupos. A administração também é mais simples e aqueles que amam a intriga não se sentem tentados a lutar por poder e cargos. Não é preciso poder material para servir ao Cristo, para realizar uma boa obra. Andrew Jackson Davis é mais um exemplo.

No Brasil, temos também inúmeros exemplos: Eurípedes Barsanulfo, Francisco Xavier, Yvonne Pereira, dentre outros. É muito triste ver o tanto de tempo se gasta em brigas e intrigas em certos agrupamentos espíritas. Busca-se tudo, menos servir ao Cristo. A vaidade é o motivo íntimo das ações. **Grandes instituições precisam de muitas normas, muitos “vigias”, muito dinheiro... Instituições espiritualmente grandes precisam de fraternidade, devoção, abnegação; quer dizer, o esquecimento de nós mesmos** —conclui Patrícia.

— Por que Allan Kardec não deixou bem claro as complicações de termos centros espíritas com grandes aglomerações, orientando-nos a instituir pequenos grupos de fraternidade? — indaga Eclésio.

Patrícia olha para ele com tristeza, pega **O Livro dos Médiuns** e lê para todos o item 335:

***335. Já vimos como é importante a uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados. Essa uniformidade é naturalmente mais difícil de se obter quando o número de pessoas é maior. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem melhor, tem-se mais segurança na introdução de elementos novos. O silêncio e a concentração tornam-se mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias não permitem a intimidade pela variedade de elementos de que se compõem; exigem locais especiais, recursos pecuniários e um aparelhamento administrativo que os pequenos grupos dispensam. A divergência de caracteres, de ideias e de opiniões aí se revela melhor, oferecendo aos Espíritos perturbadores mais facilidade para***

***semear a discórdia. Quanto mais numerosa a reunião, mais difícil de se contentar a todos.***

- R.** ***Cada um quereria que os trabalhos fossem dirigidos a seu gosto, que fossem tratados de preferência os assuntos que mais lhe interessam, e alguns julgariam que o título de sócio lhe daria o direito de impor os seus pontos de vista. Daí surgiriam protestos, causas de malestar que levam, cedo ou tarde, à desunião e, depois, à dissolução, sorte de todas as sociedades de qualquer finalidade.***

***Os pequenos grupos não estão sujeitos a essas dificuldades. A queda de uma grande sociedade pareceria um insucesso para a causa espírita e seus inimigos não deixariam de explorá-la. A dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, se um se dispersa, vinte outros se formam a seguir. Ora, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, obterão mais e farão mais para a divulgação do que uma assembleia de trezentas a quatrocentas pessoas.***

— Como questionar uma explicação tão óbvia e tão simples? E como entender que esquecemos disso tão facilmente no atual movimento? **A vaidade não é boa conselheira: nem para a vida, nem para a morte** — conclui Patrícia e questiona: Qual a diferença entre Davis e Swedenborg?

— A superação da crença de que os Espíritos são infalíveis — diz Astrobrito.

— Muito bem, continue! — incentiva Patrícia

— Ele superou essa crença, pois não acreditava que se comunicava com Deus, mas com Espíritos, isto é, com individualidades, assim como ele. Ele ensinava que os Espíritos superiores devem ser nossos mestres e não nossos donos — concluiu Astrobrito.

— Essa compreensão é um avanço histórico imenso. **Compreender que os Espíritos são indivíduos com diferentes graus de evolução e que os Espíritos superiores não se ocupam em impor nem em dominar é fundamental.** Tão importante que leva Kardec a criar a Escala Espírita.

Após uma breve pausa, Patrícia continua:

— Davis era considerado fraco de corpo e de mente. Até os dezessete anos, tinha lido apenas um livro. Sua história é prova incontestável do poder da mediunidade e da imortalidade. Sua mediunidade evidencia-se aos onze anos. Depois de magnetizado, consegue ver os órgãos internos das pessoas e passa a diagnosticar as doenças; desdobra-se, e passa a ver as camadas geológicas da Terra. Aos dezenove anos, publica seu primeiro livro, com mais de 700 páginas: **Filosofia Harmônica**, um tratado filosófico e científico com a linguagem dos estudiosos de sua época. Davis foi examinado por centenas de autoridades científicas e religiosas. Dentre suas previsões, feitas em 1856, constam a invenção do automóvel, da máquina de escrever — que ele descreve como um piano, em que as teclas produzem letras — e do avião. Na astronomia, descreve a descoberta de dois novos planetas: o primeiro, que veio a se chamar Plutão, foi descoberto nove meses depois que ele falou, enquanto que o segundo, que hoje conhecemos como Netuno, foi descoberto trinta anos depois. Ele era jovem e inculto, mas foi além de Swedenborg. O que garantiu o êxito de sua tarefa? — pergunta Patrícia.

— O apoio de Galeno e Swedenborg — responde Eclésio.

— Sim, mas o que garantiu o apoio desses Espíritos foi sua conduta moral! — acrescenta Romildo.

— Exatamente! Jackson Davis era honrado, simples e incorruptível. Além disso, ele era verdadeiramente caridoso,

sempre respeitoso com os que debatiam com ele. Foi acusado injustamente várias vezes, mas agia com muita tolerância, não entrando na sintonia dos acusadores e preservando-se, em paz. **Sua moral foi a sua proteção.** O que liga Davis a Hydesville e às mesas girantes? — indaga Patrícia.

Ante o silêncio de todos, ela mesma responde:

— Davis escreve em seu diário uma nota que traz a data significativa de 31 de março de 1848: “Nesta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, a dizer: “Irmão, um bom trabalho foi começado — olha!”. Surgiu uma demonstração viva. Fiquei pensando no que queria dizer semelhante mensagem”. Foi neste exato dia que Hydesville se tornou um marco da renovação espiritual da Terra. Esse aviso é importante, porque prova a coordenação do mundo espiritual em todo o processo da nova revelação. Foi por intermédio dos estudos das mesas girantes que o Espiritismo — o Consolador prometido pelo Cristo — chega ao mundo. A grande obra de Davis foi possível, mesmo ele sendo pobre e com pouca instrução. Vejamos em **O Livro dos Espíritos**, na introdução e na questão 828-a, o que assegura o amparo dos bons Espíritos:

*Lembra-te de que os Bons Espíritos assistem aos que servem a Deus, com humildade e desinteresse, e repudiam a qualquer que procure, no caminho do céu, um degrau para as coisas da Terra; eles se afastam dos orgulhosos e dos ambiciosos. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer compreender a luz.*

**828-a. Os princípios que professaram nesta vida lhes serão levados em conta na outra?**

**R. Quanto mais inteligência tenha o homem para compreender um princípio, menos escusável será não o aplicar a si mesmo. Na verdade vos digo que o homem simples, mas**

***sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que aparenta o que não é.***

Patrícia propõe a Romildo e a Astrobrito que eles se permitam uma avaliação mais profunda sobre o modelo inconsciente que eles têm de centro espírita. Ambos, embora um tanto constrangidos, aceitam. Sabem que não devem recuar mais uma vez.

Patrícia pede que sentem confortavelmente em duas poltronas, que estão uma em frente à outra. Ela vai realizar uma regressão simultânea. Todos nos concentramos. Ela aplica energias nos dois e, depois de alguns minutos, fala, de forma tranquila:

— Lembrem-se da existência em que estiveram juntos.

Ninguém do grupo sabia disso. Todos pensavam estar reunidos pela primeira vez.

Patrícia continua:

— Descrevam o que veem.

Romildo começa a descrever o que vem em sua mente:

— Vejo uma construção... Ela é belíssima, irei para o céu... Deus ficará muito feliz comigo. Apesar de meus erros, com essa obra grandiosa, alcançarei a salvação... Milhares de peregrinos orarão aqui e eu terei o mérito de tudo... Deus vai me perdoar...

Nesse instante, algo inusitado acontece. Astrobrito começa a dialogar com Romildo! É o diálogo que tiveram, há mais de mil e quinhentos anos.

— Sim, vossa santidade, seus erros são pequenos ante a grandeza desse templo.... Ah, como estou feliz por vossa santidade. Essa obra salvaria o próprio diabo da perdição, se ele a realizasse! — diz Astrobrito, bajulando o poderoso papa. Romildo sorri ao ouvir, mais uma vez, essas palavras ilusórias.

-----

É nesse instante que Patrícia surpreende a todos, pedindo:

— Avancem em suas recordações e lembrem em que condições vocês se encontraram no mundo espiritual.

— Não! — grita Romildo, com voz de pavor.

— Lembre-se! Somente assim você poderá iniciar sua cura emocional — orienta Patrícia.

— Maldito, maldito! — grita Romildo, como se estivesse falando com Astrobrito.

— A culpa é sua, papa-demônio!!! Foi você quem mandou matar! Foi você!!!

— Mas foi você o assassino! Maldito interesseiro! — responde Romildo.

-----

A discussão dura cerca de quinze minutos. A troca de acusações parece interminável, até que Patrícia os acalma e faz com que direcionem suas memórias para o momento em que estão sendo amparados pelos bons Espíritos, em uma cidade espiritual. Ela os induz, em particular, a lembrar o diálogo que tiveram antes de reencarnar, o qual aconteceu em um jardim.

— Não irei mais buscar minha glória. Não quero mais alimentar minha vaidade por meio da religião, nem do poder político — afirma Romildo.

— Sinto-me muito mal por ter sempre elogiado os poderosos para obter vantagens para mim. Tenho esse vício do prestígio; por isso, sempre busco algum tipo de acordo: elogio para ganhar e ser socialmente respeitado...

— No fundo, sempre temos muitos meios e desculpas para nos fazer adorar — conclui Romildo.

-----

Patrícia pede que retornem ao seu estado normal, mantendo a lembrança de tudo que narraram. Depois que ambos despertam, ela indaga:

— Qual a relação entre a experiência que observamos e suas atitudes no movimento espírita?

— Continuei querendo me glorificar com a desculpa de servir a uma causa maior. — explica Romildo.

— Como você se sentia quando encarnado? — pergunta Eclésio.

— Sentia-me bem em ter uma “grande” obra.

— Mas sua consciência não lhe avisava? — indaga mais uma vez Eclésio.

— Sim — diz, baixando a cabeça e silenciando.

Ao se lembrar da necessidade de aprofundar o autoconhecimento para evoluir, ele resolve continuar:

— Além de minha consciência, fui também avisado várias vezes por meu guia espiritual e pelos dirigentes do centro que fundei. Mas continuei... **Minha sede de aparecer e de ser respeitado foi maior do que meu compromisso espiritual.** Claro que sabia que um grande número de frequentadores não garante que estou agindo certo, mas... o movimento espírita não pensa assim e, por causa de minha vaidade e do apoio que sempre recebi, perdi uma preciosa encarnação. Todos admiram mais um presidente de uma grande instituição do que o de uma pequena! Cegos, ainda somos cegos! — conclui, chorando.

— Astrobrito, qual foi o seu engano? — pergunta Patrícia.

— Não construí uma enorme obra material por vaidade, assim como Romildo, mas construí uma enorme obra de vaidade.

Construí minha fama! Formei um grupo de palestrantes e de dirigentes no qual tínhamos uma combinação para nos autopromovermos: elogiávamo-nos uns aos outros, em todos os centros espíritas em que andávamos, com o objetivo de alcançar mais e mais fama! Sei o quanto isso parece ridículo, mas eu agi assim e muitos outros também... É sempre bom ser aplaudido, bajulado... Fazer de conta que se é especial, que se sabe mais do que os outros... Maldito vício! Hoje só tenho a tristeza de ter perdido mais uma preciosa chance.

Patrícia agradece a ambos, pede que voltem a seus lugares e então comenta:

— Não teria sido melhor ter construído como Davis? E se, em vez de templos da vaidade e de fama mentirosa, tivessem vocês investido em uma produção mediúnica séria, em escritos espíritas verdadeiros ou no apoio a médiuns e estudiosos abnegados? **A verdade está sempre dentro de nós. É preciso amá-la para que ela nos guie.**



Patrícia faz a prece final. Todos sentem intensas vibrações: é Eurípedes que, desdobrado, vem dar sua palavra segura. O rosto de Patrícia se transfigura e todos o reconhecem.

— Lhes felicito pela maturidade atingida. Estaremos todos reunidos, daqui um mês, para estudar a chegada do Consolador no mundo! Conto com todos vocês no auxílio aos espíritos atendidos em nosso hospital. É preciso que ajudem e vejam quantas misérias morais ocorrem com os que não honram a mediunidade pois, em breve, vocês deverão alertar todo o movimento espírita. O momento é de renovação! Aguardo vocês em minha residência. Seu amigo, Eurípedes Barsanulfo.

Todos estão extasiados com a mensagem e com o fenômeno. É a notícia da aprovação, desejada por todos! É a forma de o professor nos ensinar a não colocarmos limitações ao poder do Espírito.

O ambiente é de paz e de muita emoção. Nada mais gratificante do que superar as próprias limitações. Todos se abraçam.

-----

O curso prosseguirá. É a promessa de Eurípedes Barsanulfo, diretor espiritual do Colégio Allan Kardec. Podemos sempre confiar na promessa desse amigo.

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 7*

Consolador



## PREFÁCIO

Querido amigo,  
A chegada do Consolador ao mundo foi um dos acontecimentos mais significativos da história do orbe terreno, à semelhança da vinda do Cristo, em que, apenas séculos depois, os céticos passaram a ter “olhos de ver” para reconhecerem a importância inegável da presença do governador do mundo, entre os homens necessitados. Agora, porém, os tempos são outros, não sendo mais necessários séculos para reconhecer o profundo consolo, orientação e amparo que o Cristo nos enviou, por meio de Allan Kardec e dos Espíritos da codificação, aos homens de boa vontade!

Por meio do Espiritismo, o Cristo aponta as angústias da alma, trazendo a compreensão profunda de nós mesmos. Ante o sentimento de solidão, ensina a doação de nós mesmos; ante as angústias das provas materiais, ensina a resignação ativa e operante.

Amigos! A vida se apresenta, lógica e bela, a todos os que, tornando-se pequenos, são capazes de ver, sentir e tocar as realidades poderosas do Espírito e o manancial de amor que o Pai depositou em cada um de seus filhos que, querendo ou não, são partícipes da Criação, de um universo grandioso e infinito.

Que o Consolador toque seus corações e os tornem aptos a viver as grandes revelações do futuro.

Paz,

Ivan de Albuquerque.

## EVANGELHO E CONSOLADOR

**F**elipe dorme com tranquilidade e, fora do corpo, resolve percorrer todos os aposentos de sua casa. “Quem sabe não encontro algum Espírito necessitado, que eu possa ajudar?” — pensa. E é assim que vê um vulto, ao lado da cama de sua mãe, aproximando-se para ver quem é. Que alegria! É o seu avô, Juvenal, que o cumprimenta com um sorriso.

— Vê, você não veio me ver também? — pergunta Felipe, feliz com aquele encontro.

— Soube de seus estudos no Colégio Allan Kardec. Estou muito feliz com isso. Mas, como soube também que sua mãe estava precisando de ajuda, deixei para falar com você depois.

— Mas o que ela tem? Não sabia de nada... — fala Felipe.

— Meu neto... Ela não tem nenhum problema grave, mas precisa de uma companhia que a ajude a suportar a solidão. Desde que seu pai partiu, antes de você nascer, ela mantém muita mágoa dele, e isso a faz se sentir solitária — explica Juvenal.

— Mas... O que eu posso fazer para ajudá-la?

— Continue sendo um filho atencioso, e nunca deixe de fazer o **Evangelho no Lar**. Graças a ele, pudemos afastar Espíritos que tramavam influenciá-la para o suicídio.

— Nossa, eu não sabia disso! — fala Felipe, impressionado com aquela informação.

— É verdade, mas você já sabe de tudo? — pergunta o avô, com bom humor, para então explicar, com carinho: Meu neto, nunca sabemos a extensão do que plantamos. O bem se propaga em todas as direções. Uma prece sincera por alguém pode mudar a vida de uma pessoa e, às vezes, séculos depois, somos ajudados por quem ajudamos, e nem nos lembramos disso. O Evangelho no Lar, realizado com devoção, do jeito que você faz, gera bençãos para milhares de Espíritos, que um dia serão gratos pela ajuda dada.

— Nunca imaginei que isso fosse tão importante!

— Ora, é por isso que Espíritos superiores não gostam de perder tempo. Eles aproveitam todo o tempo possível para plantar o bem! Pensam no futuro — deles e da Humanidade. Cada ato de bondade sincera se multiplica, meu neto.

— Que interessante!

— Agora vá! Eurípedes é sempre pontual.

— Você conhece Eurípedes? — indaga Felipe.

— Quem não o conhece?! — fala o avô, com respeito, e orienta: Estude com ele e aproveite o tempo. Ele é um exemplo elevadíssimo. Sua última encarnação foi acompanhada pelas esferas mais elevadas da Terra. Ele é o modelo da Nova Geração. O mestre de Sacramento não fundou apenas um colégio material; ele instituiu a referência real do verdadeiro médium e intelectual espírita. Sua visão social será a do movimento espírita do futuro. E você está envolvido nisso... — conclui, com descontração.

Abraçam-se e Felipe parte, enquanto o avô “desperta” a mãe de Felipe, com carinho, para poder conversar com ela.

O curso sobre Espiritismo será no primeiro andar e isso, para Rivalina, Eclésio, Astrobrito e Romildo é um grande desafio. Felipe os auxilia a subir. Em seguida, enfrenta o próprio desafio, indo ao quarto andar, onde assistirá o curso, por meio de uma projeção.

Cairbar Schutel, o destemido divulgador do Espiritismo do século XX e amigo de Eurípedes e Bezerra, à época do Cristo, ministrará a primeira das três aulas.

Trinta minutos antes do início, todos, inclusive o professor, estão sentados em silêncio. Depois do silêncio que eleva, após a prece inicial, afirma Cairbar:

— **A distorção da mediunidade é um dos mais graves problemas da história humana. O distanciamento entre o mundo da matéria densa e o da matéria sutil afeta profundamente a ciência, a filosofia, a religião e o psiquismo do ser humano. Na atualidade, dentre as graves consequências do bloqueio da comunicação mediúnica, temos o vazio existencial, o que induz ao consumismo, à vulgaridade e ao suicídio.** Contam-se aos milhões o número de Espíritos, encarnados e desencarnados, que, se tivessem tido contato com a espiritualidade superior, teriam evitado as tragédias infelizes que hoje os obrigam a uma vida

inferior e repleta de angústias. Semanalmente, os espíritos do mundo socorrem milhares desses irmãos desventurados. Contudo, os espíritos encarnados ainda não são capazes de entender que essa atividade de socorro deveria torná-los mais abnegados, honrados, cristãos.

O professor faz silêncio, olha para todos os olhos, e afirma:

— Por isso, este curso é direcionado a vocês, os espíritos fracassados, que tiveram a coragem de assumir novas responsabilidades e sabem que têm, neste momento, sua última chance na Terra.

Aguarda algum comentário e, ante o silêncio de todos, continua:

— A dificuldade de aceitação da Verdade pelos corações orgulhosos é de todos os tempos. O próprio Cristo teve de lidar, quando encarnado, com Espíritos que carregavam esse tipo de revolta íntima. Porém, sempre existiriam aqueles que entenderam e viveram a mensagem da libertação espiritual. João Batista, ao ouvir falar de Jesus, envia-lhe dois discípulos para indagarem-lhe se “Ele é o que havia de vir”, quer dizer, o Cristo, o enviado de Deus. Responde o Mestre aos discípulos de João Batista: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados e é anunciado o evangelho aos pobres. **E bem-aventurado é aquele que se não se escandalizar em mim.**”, conforme registrou o apóstolo Mateus (11:4-6).

Estamos em um momento semelhante na atualidade. Os fenômenos mediúnicos se multiplicam, como anúncio da instituição do Reino de Deus no mundo. Cada um deverá decidir se agirá como João Batista, aceitando sua tarefa e apagando-se, para que o Mestre cresça, ou como Pilatos que, por não querer perder o posto de poder, mesmo sem odiar Jesus, foi responsável por sua crucificação. Desta vez, os novos crucificadores de nosso Mestre não mais permanecerão no mundo, mas amargarão o “choro e o ranger de dentes”, em mundos compatíveis com a dureza de seus corações.

Cairbar prossegue:

— Para auxiliar aqueles que facilmente têm a tendência a se escandalizar com o Cristo e com o Consolador, pautaremos nosso

estudo estritamente nas obras de Allan Kardec publicadas no mundo da matéria densa.

Desejamos que isso auxilie aos duros de coração; que eles reconheçam a própria pequenez ante o Cristo e aceitem, como João Batista, apagarem-se para que a obra do Bem possa florescer — conclui o professor.

A sinceridade e ousadia de nosso professor é sempre um belíssimo espetáculo para os que amam a Verdade. Abre-se imensa tela e assistimos algumas cenas reais da vida de Allan Kardec.

Vê-se o processo de recepção de **O Livro dos Espíritos**, em reuniões em diferentes residências por meio da escrita indireta com a cesta de bico: um lápis, amarrado em uma cesta, escreve as respostas dos Espíritos, sem que elas toquem nele.

Em seguida, é apresentado um dia muito especial para a humanidade: 18 de abril de 1857, em um sábado de primavera, em Paris.

Pela manhã, chega à livraria Dentu, transportada em uma carroça, a primeira edição de **O Livro dos Espíritos**. Para muitos, era apenas mais uma obra, da mesma forma que muitos não se deram conta de quem era o menino Jesus. À noite, uma pequena recepção é organizada pelo casal Rivail, o apartamento é pequeno, de cerca de quarenta metros quadrados, em que caberia vinte pessoas; mas havia mais. As imagens prosseguem.

Assiste-se a colaboração de médiuns de diversas idades. Ermance tem dezesseis anos, vivencia os fenômenos mediúnicos desde os doze, é uma das médiuns por meio das quais o Espírito Verdade (Jesus), guia espiritual de Allan Kardec, se comunicará com ele. Essa jovem irradia uma luz serena e tranquila, que caracteriza os Espíritos que muito já sofreram e, por isso, conquistaram inabalável paz interior. Pudesse Felipe ver o quadro espiritual dessa reunião, em que o próprio Cristo participou, ficaria em êxtase; mas, em tudo, o mérito do esforço próprio.

As imagens cessam. O professor pergunta:

— O que mais chamou a atenção de vocês?

— A idade de Ermance. É difícil aceitar que uma menina tão jovem possa ser médium com tamanha responsabilidade — diz Rivalina.

— Mas isso não deveria ser motivo de surpresa para os espíritas. Nos registros históricos, Joana d'Arc começou suas experiências mediúnicas de forma mais direta aos doze anos; Francisco de Assis e Antônio de Pádua, ainda na adolescência. No Brasil, como modelos de exercício ético da mediunidade — o que significa desinteresse material e moral, com ausência de vantagens para o ego, como a autopromoção e a exibição — temos Yvonne Pereira, que iniciou a vidência e audiência antes dos seis anos e a psicografia aos doze anos. Também temos Francisco Xavier, que mostrou ter vidência e audiência aos quatro anos e realizou uma psicografia, na sala de aula, na frente dos amigos e da professora, aos doze anos. Aqui, em nossa assembleia, temos exemplos de Espíritos que deveriam ter utilizado a mediunidade desde a adolescência para se espiritualizar, mas não iniciaram por não terem tido o apoio dos adultos. E, infelizmente, quando se tornaram mais velhos, foram verdadeiros negadores da mediunidade.

Não negavam a mediunidade na teoria; *negavam-na na prática*. É o caso de Romildo, que vivenciara fenômenos mediúnicos patentes desde os dezoito anos e de Eclésio, desde os doze. **Mediunidade não é sinal de evolução. É sinal de necessidade de espiritualização. Negar acesso a cursos sérios àqueles que desejam se espiritualizarem, independente da idade, é agir como os fariseus que, em nome da ordem, fecham as portas do Reino de Deus aos sedentos de paz.** Um dos graves problemas do movimento espírita dos encarnados é a impossibilidade da educação de médiuns jovens. Muitos Espíritos têm fracassado por falta de um apoio ético e competente, que os direcione para o Cristo. Acha-se normal que jovens sejam levianos em suas relações afetivas, acha-se normal o consumismo, a busca do sucesso a qualquer custo, o desperdício de horas e horas em conversas tolas e fúteis. **Contudo, os mesmos que apoiam ou aceitam a leviandade, escandalizam-se com a possibilidade da participação dos jovens nas práticas de diálogo com nosso plano.** Não defendemos a participação de jovens irresponsáveis nos trabalhos de intercâmbio, bem como não defendemos a participação de adultos desequilibrados. **Avalie-se a maturidade e a moralidade, assim como fez Kardec, e não apenas o exterior, como faziam os fariseus, à época do Cristo.**



— E você, Eclésio, o que lhe chamou mais a atenção? — indaga Cairbar.

— Na verdade, foi o fenômeno da escrita com a cesta. Com isso, ficou provado, de forma incontestável, que os médiuns não moviam a cesta. Elas nem tocavam no lápis! — responde Eclésio.

— Se esse fenômeno é tão interessante, se é mais uma prova da comunicabilidade, porque foi esquecido pelo movimento espírita encarnado? — indaga o professor.

— Porque é um fenômeno do passado... — fala Astrobrito, arriscando uma resposta.

— E quem decretou isso? Fenômeno mediúnico agora tem data de validade? — pergunta o professor, com ênfase e com bom humor.

Com isso, Astrobrito se dá conta do infantil preconceito que ainda traz de sua última encarnação.

— É possível, sim, realizar esse fenômeno! Como todo fenômeno mediúnico, para ser assistido pelos bons Espíritos, ele requer um grupo moralizado e um objetivo sério. Apenas isso! Sem moralidade, vocês vivenciarão, em todos os lugares, os fenômenos mediúnicos inferiores, como o vampirismo sexual e o vampirismo dos tóxicos. Amparados por uma conduta honesta, vocês poderão vivenciar as mais variadas experiências mediúnicas, de forma saudável; inclusive a escrita indireta.

Cairbar olha para Romildo, que pergunta:

— A realização de várias experiências mediúnicas não atrairia aos centros espíritos uma multidão de curiosos e ociosos?

— O Cristo realizou centenas de experiências mediúnicas durante seus anos de missão pública. Quem chamaria o Mestre de leviano? Ele ensinou que, de acordo com o momento e o público, pode-se ter ou não uma manifestação do poder do Espírito sobre a matéria. **O argumento da segurança para ocultar a mediunidade é de origem farisaica.**

**Deve-se ter elevada moral, amparo espiritual e compreensão teórica. Assim, vocês poderão vivenciar todas as experiências possíveis, que ajudem na espiritualização do ser.** Não se deve, como ensinou o Cristo, na Parábola dos Talentos, enterrar os tesouros por medo de perdê-los.

— A ampliação da sensibilidade mediúnica não poderá facilitar o contato dos Espíritos inferiores com os jovens? — pergunta Eclésio.

— Sim e não. O contato com os Espíritos inferiores é o peso que todos os encarnados têm de suportar. A sociedade de Espíritos que envolvem a Terra é predominantemente inferior. Claro, na medida em que o indivíduo se torna mais sensível, irá se dar conta dessa realidade, de forma mais patente. E isso é muito bom! Ter consciência das influências que se recebe, saber evitá-las e, ainda por cima, auxiliar os que mais sofrem é o caminho do verdadeiro cristão. Porém, quanto àqueles que ainda querem viver intensamente sua animalidade, é melhor aguardá-los nas reuniões mediúnicas de socorro, depois das décadas de expiação nas regiões inferiores. Esses poderão ser auxiliados por aqueles que optaram por se espiritualizar. Por isso, é extremamente valioso o trabalho de Allan Kardec, que resgata do cristianismo a compreensão de que existe uma escala espiritual.

— A compreensão da **Escala Espírita**, de que as individualidades possuem diferentes níveis evolutivos, não é uma descoberta de Kardec? Essa compreensão existia na época do Cristo? — pergunta Astrobrito.

— Kardec, de forma genial, entendeu e explicou em detalhes a diferença entre os diferentes níveis de evolução dos Espíritos. Porém, alguns indivíduos, no passado, tinham essa compreensão ou, pelo menos, uma intuição dessa verdade. Ensina o apóstolo João, que se iniciou na prática mediúnica ainda adolescente, que devemos avaliar a condição evolutiva do Espírito comunicante. Vejam o que ele ensina:

*Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo.*

*1 João 4:1*

Na época, a classificação dos Espíritos era menos aprofundada do que a que fez Kardec. Para os Espíritos da terceira ordem, utilizava-se do termo “imundo” ou “impuro”; para os da segunda ordem, chamava-se “santo Espírito” ou “Espírito santo”; já os da primeira ordem eram chamados de “anjos” ou de “querubins”. Diríamos que essa carta que João escreveu aos

coríntios é precursora da importantíssima Escala Espírita. A missão de Allan Kardec, portanto, é o resgate da compreensão do verdadeiro cristianismo. O codificador foi ao mundo liderar a parte material do trabalho de implantação do Reino prometido por Jesus. Ele é o responsável pela chegada do Consolador prometido por Jesus. O Espiritismo é o cumprimento da promessa do Cristo, registrada no Evangelho de João, no capítulo 14, versículos 16 e 26:

*E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*

Romildo indaga:

– Qual a relação entre o Consolador e o Espírito Santo?

– Utilizo-me de um Evangelho publicado no mundo; por isso, é necessário fazer alguns esclarecimentos. Com o tempo, a classificação dos Espíritos comunicantes foi sendo alterada. Por ignorância de uns, por interesses de outros. O termo “santo Espírito” ou “Espírito santo”, que é uma classe de Espíritos, quer dizer que são os Espíritos sãos (saudáveis): são os bons Espíritos. Com o tempo, “Espírito santo” passou a ser entendido como uma individualidade. Uma “individualidade” que é parte de uma trindade, que é também uma individualidade... São as incríveis complicações teológicas. Não é bem mais simples entender a verdade, isto é, que o “Espírito santo” significa um Espírito elevado? – questiona Cairbar.

– Por que Jesus afirma que o Consolador ficará eternamente conosco? – pergunta Rivalina.

– Porque, uma vez compreendida a função sublime da mediunidade e da vivência cristã, nunca mais o ser humano se permitirá ser dominado pela arrogância ou pelo egoísmo. Ele investirá todas as suas forças em sua espiritualização e no auxílio da espiritualização de seus irmãos. É o passo fundamental na caminhada de conquista do infinito, da paz verdadeira, do amor incondicional. Agindo assim, terá sempre a sintonia com os Espíritos elevados e crescerá espiritualmente. O Espiritismo, o cristianismo verdadeiro, estará em seu coração para sempre e, por

isso, estará sempre em contato com o Cristo e com seus representantes.

— Eu não tinha noção da grandeza da missão de Allan Kardec — comenta Romildo.

— Nem você, nem a maioria dos espíritas do mundo. Ele foi escolhido por Deus para estar à frente desse processo; não apenas por sua elevada capacidade intelectual, mas, principalmente, por sua elevadíssima moralidade, por sua capacidade de amar os sofredores. **Poucos espíritas sabem, mas Kardec dedicava-se intensamente ao amparo dos mais infelizes. Muitas vezes, utilizou de seu prestígio e de sua amizade em favor de pais de família, encarcerados injustamente. Ele estava presente nos mais desagradáveis ambientes sociais, para consolar e ajudar os sofredores, além de amparar muitos pobres em sua residência. Nunca ninguém, que lhe bateu à porta, saiu sem receber o consolo e amparo que o Mestre podia doar, o que incluía a doação poderosa de boas energias** — revela o professor.

— Eu não sabia disso... Sempre pensei no codificador apenas como um estudioso! — comenta Astrobrito.

— Os pés de Kardec cruzavam os bairros mais sombrios de Paris para levar socorro a pobres desconhecidos. As mãos que organizaram a Codificação, centenas de vezes, foram estendidas aos mais sofredores, sem temor e sem preconceito — explica o professor, visivelmente emocionado, que conclui desta forma: É pena que os espíritas deem tanta atenção a médiuns e palestrantes exibicionistas. Sabem tantas histórias de falsos profetas, mas não conhecem, de fato, a vida do Codificador. **Kardec é o modelo do verdadeiro cristão.** Ele escondeu, ocultou sua grandeza e suas ações de verdadeira caridade. Apenas um interesse real e honesto poderia facultar a descoberta da real grandeza desse Espírito. É preciso moralizar-se para melhor conhecê-lo e entendê-lo. Mas, para muitos, é mais fácil ouvir histórias pagas.

Astrobrito, Rivalina, Eclésio e Romildo ouvem-no, assustados. Nesse momento, ele orienta todos a relaxarem. Uma doce melodia pode ser ouvida: é um hino, que era cantado pelos mártires cristãos na arena romana. Cairbar envolve a todos com suas energias e os conduz a uma região desconhecida pelos alunos. Patrícia o auxilia.

Do grupo, apenas Patrícia e Cairbar conhecem aquele local. Seria muito difícil descrever a beleza de um ambiente em que as formas, os materiais, as cores e os sons são infinitamente variados e, mesmo assim, transmitem profunda harmonia. Estacionam em uma espécie de parque, que exhibe belíssimas obras de arte. Seguindo a orientação do professor, os alunos aguardam, sob uma belíssima árvore, amparados por Patrícia. Ante o deslumbramento da paisagem, mal notam que o professor caminha em sua direção, conversando animadamente com alguém. Ao aproximarem-se, todos se emocionam ao identificar quem está ao lado de Cairbar: é Allan Kardec!

Ele cumprimenta cordialmente cada um, com um sorriso nos lábios, e diz:

— Sejam bem-vindos, irmãos espíritas! Sentemos na grama.

E, ao ver o espanto de todos quando ele se sentou, Kardec comenta:

— Na Terra, adorava passear pela natureza, ouvir os riachos, colher os frutos, mesmo das árvores altas... E, sorrindo, acrescenta:

— Mas o fruto que realmente quero colher depende também de vocês.

Cairbar, com enorme expressão de felicidade, orienta:

— O codificador, generosamente, está aqui para conversar sobre as dificuldades de vocês em vivenciar o Espiritismo no mundo. Aproveitemos essa preciosa oportunidade. Nosso diálogo deverá ser sincero e fraterno. Quem começa?

Rivalina candidata-se, perguntando:

— Senhor, como posso superar a rejeição que tenho em relação à mediunidade?

O Codificador olha para ela, com carinho, e diz:

— Uma das experiências mais comovedoras que vivi na Terra foi a de possibilitar o encontro de uma mãe com o filho desencarnado. **O que nos dá verdadeira força moral não são as grandes realizações externas, nem as recompensas no sentido material; são as experiências que tocam o coração.** Ao sentir toda a emoção daquele reencontro, comprometi-me, intimamente, a nunca desistir de ensinar a todos como santificar a faculdade mediúnica. Não se pode negar a possibilidade de consolo a quem

sofre perda tão dolorosa, quando o próprio Criador nos oferece os meios de consolação.

Rivalina, emocionada, agradece, dizendo:

— Senhor, eu agora sinto o valor da mediunidade. Falarei com Eurípedes e, se ele permitir, quero ter como missão receber esse tipo de mensagem no mundo.

Kardec sorri, satisfeito.

— Senhor, meu apego ao intelectualismo me fez fracassar tantas vezes! Ajude-me! — diz Astrobrito, suplicante.

— Amigo — responde o codificador — **o saber é sempre importante quando alivia a dor e evita maiores sofrimentos, principalmente dos mais necessitados.** Os melhores médicos que conheci dedicavam-se gratuitamente aos pobres. Assim é em todos os ramos do saber. **As pessoas que devemos buscar para nosso convívio são as que mais sofrem.** Não basta apenas teorizar ou participar de um trabalho social, dedicando-se por duas ou três horas semanais. **A decisão de ajudar os deserdados da sociedade é uma postura a ser vivida a cada minuto.** Busca servir na escolha e no exercício de tua profissão, e, também, antes e depois do trabalho remunerado. Assim, te libertarás do monstro do orgulho, que tantas vezes devora nossa paz.

Astrobrito, pela primeira vez, entendeu que **caridade não é esmola, nem a prática de um “hobby” semanal, em que se é bonzinho por algumas horas.**

Kardec olha Astrobrito nos olhos e conclui:

— Tenho certeza de que, se não tivesse compreendido isso, o Espírito da Verdade não teria me orientado ao longo de toda a existência.

É a vez de Romildo. Ele se sente envergonhado ante a simplicidade de Kardec. Mesmo assim, incentivado pelo olhar de Cairbar, pergunta:

— Como conseguir ser humilde, senhor?

— A humildade é conquista difícil e de muitos e muitos séculos de trabalho. **O mais importante passo é a autenticidade.** Não a autenticidade agressiva, doente e destruidora, mas uma autenticidade tranquila, que gera sofrimento para quem reconhece seus defeitos, e que não agride ninguém. É doloroso

reconhecemos nossas limitações. É uma dor íntima ser autêntico e, às vezes, perde-se em status social; mas se ganha sempre em paz e evolução espiritual. Quando os espíritos não quiserem mais aparentar ser mais do que realmente são, as intrigas acabarão. Muitos brigam para se impor, para serem tratados como autoridades. Se aceitassem sua realidade espiritual, brigariam consigo mesmos, e não com os outros. O fingimento gera muitos conflitos íntimos e muita desarmonia nas sociedades espíritas. Sugiro que você examine, diariamente, seus defeitos e os aceite emocionalmente; assim, superará a necessidade de impor uma falsa aparência aos outros. Quando tiver um impulso de dominação, lembre-se do defeito com o qual você está lidando no momento. Assim, você rapidamente se acalmará — diz Kardec, sorrindo.

— Senhor, como superar os meus impulsos pelas sensações materiais? — indaga Eclésio.

— A predominância da matéria em relação ao Espírito é algo natural e aceitável nas primeiras fases evolutivas. No atual momento evolutivo, não é razoável que isso aconteça. Por isso, devem-se utilizar os poderosos recursos de sublimação, disponíveis na Doutrina Espírita. Infelizmente, o magnetismo ainda é pouco conhecido no movimento espírita encarnado, mas é um excelente meio para se direcionar as energias vitais para fins elevados. Utilize as faculdades medianímicas curadoras, sem interesses materiais ou da vaidade. Nada cobre e nada aceite.

Afaste-se, discretamente, do glamour e dos holofotes. **É muito mais eficaz trabalhar em condições desconfortáveis com o amparo dos bons Espíritos, do que com amplos recursos e sem amparo superior.** Um ambiente de trabalho sério lhe dará condições de educar o pensamento e espiritualizar-se.

Cairbar, delicadamente, olha para os alunos, que entendem que o tempo do encontro acabou. Todos agradecem. Kardec despede-se e diz:

— Agora que nos conhecemos, vocês podem me chamar de amigo. **O Cristo conta com cada um de nós, na última batalha para a implantação da justiça e do amor no mundo. É um trabalho longuíssimo, que está em fase de conclusão. É hora de nos sacrificarmos para extinguirmos a miséria moral e material no**

**mundo.** Convoquem a todos de boa fé, pois este século marca o início da colheita da obra espírita-cristã. A caridade deverá ser a meta de vivência diária de todos.

Com a saída de Kardec, todos partem, emocionados.

Ao chegar à sala, Cairbar pede que cada um escreva suas impressões sobre a personalidade de Kardec e afirma que, no futuro, esse tema será aprofundado. Após a elaboração dos textos, todos vão visitar uma grande penitenciária na Terra. “É importante vivenciar um pouco do que Kardec viveu, em seu tempo” — explica o professor.

Felipe, que tinha em mente a falsa ideia de que o codificador era um homem “sério”, quer dizer, mal-humorado e arrogante, acorda em choque. Um codificador simples, bem-humorado e profundamente caridoso. “Eu conheci Allan Kardec!” — pensa, agradecendo a Deus pelo encontro que acompanhou.

Agora, depois de haver participado do estudo do caso de Atilde e acompanhado a conversa de Allan Kardec com o grupo de recuperação, Felipe conseguiu entender o significado da verdadeira seriedade. Às vezes, demoramos para entender o óbvio. Um Espírito que teve uma das mais difíceis missões da Terra e que foi orientado pelo Cristo não poderia ser um simples intelectual mal-humorado! Não é verdade? É importante entender a grandeza de Kardec. Um dia, Felipe fará um estudo aprofundado sobre esse Espírito sublime. É um compromisso íntimo que ele assumiu, espontaneamente: preparar-se para conhecer Allan Kardec.



## O LIVRO DOS ESPÍRITOS: UMA FORMA DE COMPREENDER A VIDA

**F**elipe adormece, saindo do corpo com facilidade. O cansaço das atividades úteis sempre ajuda no desdobramento. Ele não perde tempo, elevando o pensamento a Deus, rogando proteção, e partindo para visitar Avelino, que está sentado em sua cama, chorando, decepcionado consigo mesmo. Avelino acabou de descobrir que boa parte do tempo de sua juventude foi desperdiçada em pensamentos inferiores, lazeres vazios; isso aconteceu graças a uma regressão espontânea, que fez com que ele lembrasse de toda a sua atual existência.

— Acalme-se — pede Felipe. Afinal, você ainda pode se recuperar.

— Não sei... Perdi muito tempo! Perdi muita paz. Tenho em mim perturbação e medo! — exclama Avelino.

Felipe não sabe o que dizer. Afinal, não pode mentir para o amigo. A perda de tempo é sempre um erro grave. Por outro lado, adiantaria aumentar a angústia de Avelino? Lembra-se do médium Francisco Xavier. “Quem sabe se ele não pode ajudar o Avelino? Ele falou que ajudaria os jovens!” — pensa Felipe.

Felipe convence Avelino a fazerem uma prece juntos e, enquanto oram, ele roga silenciosamente a ajuda do médium amigo. Após a prece, Felipe e Avelino ouvem alguém batendo à porta.

— Entre! — diz Avelino.

E assim entra um senhor simpático, conhecido de Felipe.

— Eu conheço o senhor... — fala Avelino, sem nada entender.

— Então seremos amigos, pois eu também conheço Nosso Senhor. — responde, com bom humor.

Ambos riem. Felipe explica, feliz:

— Avelino, durante a prece eu pedi a ajuda dele. E ele veio!

— Bem, tenho muito que conversar com nosso amigo — fala Francisco, com tranquilidade.

— Tenho que ir — fala Felipe, ao entender a situação. E, olhando para Avelino, diz: Não se preocupe, você está em ótima companhia!

— Já faz um tempo que eu queria conversar com você. Aproveitemos a oportunidade de hoje — explica o médium amigo.

Ao sair, Felipe, que já começa a entender a ação dos bons Espíritos, desconfia que a ideia de chamá-lo talvez não tenha sido só dele...

— Meu filho, apenas um problema na vida não tem solução! — inicia Francisco.

— Qual? — indaga Avelino, aflito.

Francisco sussurra algo engraçado. Ambos riem. Felipe escuta os risos de longe. “Que bom semear alegria!” — pensa.

Logo Felipe chega ao Colégio Allan Kardec. Junta-se a um grupo, que conversa animadamente junto à porta da sala. Lá estão Rivalina, Eclésio e outros.

Trocam suas impressões sobre a postura do codificador ao recebê-los, com tanto carinho e atenção. Rivalina, lembrando da orientação que recebeu, afirma:

— Quero ser médium de mensagens consoladoras para as mães em luto por seus filhos. Alessandra lhe diz:

— Pois comece o mais breve possível! Acabo de fazer o curso de psicografia e descobri que qualidade mediúnica, só com muito treino!

— Mas isso não é apenas depois que eu reencarnar? — indaga Rivalina.

— Claro que não! Você vai apenas lembrar. Improviso com Eurípedes não existe — conclui Alessandra.

— E, falando nisso, é hora de entrarmos! — fala Eclésio.

Todos entram em silêncio e mantêm a concentração. Patrícia fala:

— Sejam bem-vindos! Nosso módulo, como sabem, é direcionado ao desenvolvimento de uma compreensão mais justa da grandeza da codificação em seu aspecto científico, filosófico e, principalmente, moral. Quando o Espírito se moraliza, sua compreensão se amplia e suas limitações não geram discórdias e disputas de poder, como hoje vemos em nosso amado movimento.

Peço, agora, que acompanhem-me na prece, que tem como objetivo auxiliar na utilização da dupla vista. Vamos acompanhar uma reunião que ocorre nesse momento em uma região inferior, próxima à Terra.

*Senhor dos mundos infinitos, perdoa aos que combatem a mediunidade! Eles ignoram que ela é a faculdade por excelência da solidariedade. Não entendem que é por meio dela que podemos conhecer nossos irmãos, que vivem em outras constelações. Não entendem que é por meio dela que podemos estender nossas mãos aos mais sofridos e que podemos receber o auxílio de nossos superiores. Perdoa-os por quererem limitar a fraternidade no mundo em que habitam e no universo, que é a Tua casa. Perdoa-os e inspira-nos a auxiliá-los, antes que a loucura tome conta de seus corações preconceituosos e autoritários.*

Faz-se silêncio.

As energias, emanadas por Patrícia, se expandem em todo o ambiente. Após dez minutos, todos podem ver uma região inferior, envolta de energias espessas, em que se reúne um grupo de Espíritos que se apresentam como magos negros e sacerdotes de diferentes épocas. Discutem um assunto: mediunidade.

— Temos que evitar o cumprimento da profecia! — afirma um Espírito, que está à cabeceira da mesa, com voz firme e sinistra. Até agora dominamos, então não podemos entregar nossos tesouros aos tolos seguidores do Cordeiro! Não! Isso é inadmissível!

— É possível adiá-la ainda mais? — indaga um mago negro, oriundo da antiga Caldeia.

— Claro! — responde o chefe. É o “livre-arbítrio”! — diz, gargalhando

de forma estridente, e conclui: Já fizemos isso uma vez, e faremos novamente!

— Que estratégia utilizaremos? — pergunta, de maneira sagaz, P., que fora imperador romano no período de decadência do império.

— Por muito pouco não conseguimos desnaturar a horrenda doutrina! Por muito pouco! Se tivéssemos introduzido no movimento espírita a nossa “tradução” de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, já teríamos vencido! — exclama um sacerdote, com feições de lobo.

— Uma coisa é certa — diz, retomando a palavra, o chefe da reunião — a profecia não deverá ser cumprida e, se for, deverá ser sabotada, deverá ser completamente distorcida! — conclui, dando um murro na mesa.

O Espírito que está na outra cabeceira da mesa, em silêncio, como verdadeiro líder do grupo, levanta-se e, com uma voz metálica, afirma:

— Escutem! Não podemos mais adiar a realização da profecia. Os meios de comunicação já apresentam a mediunidade a milhões de pessoas em todo o mundo; não conseguimos sabotá-los o suficiente. Nossos esforços devem ser contra aqueles que podem orientar a eclosão mediúnica, que já se iniciou. Não conseguimos sabotá-los com a tradução de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, mas devemos sabotar a possibilidade da vivência mediúnica cristã no mundo! Essa é a minha ordem! Que ela se cumpra e que se aniquile quem quer que a ela contrariar!

As imagens vão sumindo e, pouco a pouco, a sala volta ao normal.

Rivalina está trêmula. Os outros disfarçam melhor, mas também estão apavorados.

Patrícia aproxima-se de Rivalina, lhe aplica um passe e orienta: — Acalme-se.

Em seguida, indaga:

— Todos entenderam do que se tratava a reunião a que assistiram?

— Era uma reunião de líderes das trevas. Mas a que profecia eles se referiam? — fala Astrobrito.

— A profecia de Joel, que foi repetida pelo apóstolo Pedro. A profecia alerta que haverá uma explosão mediúnica no momento mais crítico da transformação da vida na Terra. A profecia nos diz:

“E acontecerá nos últimos dias — diz o Senhor — que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões; e os vossos velhos sonharão; e também sobre os meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.” (Atos 2:17-18)

— Por que eles estão tão preocupados com o cumprimento dessa profecia? — indaga Romildo.

— Porque é o fim do “reinado” que eles pensam possuir no mundo. A mediunidade, bem vivida, é fonte sublime de espiritualização. Ela é estímulo poderoso da espiritualização do ser humano e da reorganização das sociedades, segundo os parâmetros superiores — responde a mestra.

— Qual a relação entre a reforma social e a mediunidade? — indaga Eclésio.

— **A compreensão da vida espiritual não é apenas útil para a realização das reuniões mediúnicas. Quando não houver mais dúvidas sobre a imortalidade, tudo mudará para melhor.** Na área científica, por exemplo, a medicina sofrerá sua mais profunda revolução. Já a filosofia, entendendo o sentido da vida, se tornará preciosa fonte de orientação para a evolução. Os homens, entendendo-se como irmãos e sabendo das consequências de suas ações, acabarão com as injustiças e com a fome e saberão valorizar a educação. A mediunidade estimulará a cristificação do indivíduo e da sociedade — explica Patrícia.

— A que se referiam quando afirmaram que “já haviam adiado uma vez”? — perguntou Astrobrito.

— O desejo dos Espíritos elevados era que, desde o cristianismo primitivo e, mais especificamente, desde o Pentecostes, a expansão da mediunidade fosse acompanhada da espiritualização do ser. A orientação espiritual poderia ter evitado as distorções do Evangelho. Porém, no uso equivocado do livre-arbítrio, os homens, em vez de cultivarem a certeza da imortalidade e evoluírem, optaram pela condenação da mediunidade e pela vivência dos prazeres inferiores — esclarece a professora.

— Então quer dizer que eles podem, mais uma vez, atrapalhar a evolução do mundo? — perguntou Rivalina.

— Não, desta vez não. Aqueles que sintonizarem com esses Espíritos, certamente serão causa de muitos desgostos e problemas, mas não poderão impedir a evolução geral. Eles serão transferidos para mundos inferiores. A ordem do Cristo é definitiva: a Terra deve evoluir!

— Eu não entendi o que eles queiram dizer com a adulteração de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** — fala Romildo.

— O objetivo desses Espíritos era fazer com o Espiritismo o que eles fizeram com o cristianismo primitivo: desenvolver uma interpretação “própria”, que levasse os espíritas encarnados a uma postura de falsa santidade, de hipocrisia. Assim, o Espiritismo não contribuiria para a evolução de ninguém. O Espiritismo é um caminho de evolução a ser vivido. É uma filosofia que orienta a vida, o dia a dia. Se eles o transformassem em apenas uma teoria de aparência de santidade, o trabalho do Cristo seria prejudicado. O Espiritismo é uma proposta de ação e de autoeducação. Ele não se cresce alimentando a falsidade — explica.

— Professora, você poderia explicar melhor esse episódio? — pede Rivalina.

— No ano de 1974, surgiu uma edição adulterada de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, com milhares de exemplares, impressos às escondidas.

— Como era essa adulteração? — pergunta Astrobrito.

— O plano das trevas, como vocês viram, é tirar a força, a autenticidade e a coragem dos adeptos da Doutrina Espírita, estimulando as posturas de “santinhos”, em que todos se tratam aparentemente como irmãos e cultivam a calúnia e a inveja nos bastidores. **Os falsos profetas mudaram os termos do Evangelho Segundo o Espiritismo para induzir a atitude artificial nos espíritas desprevenidos, que trocam a sinceridade cristã pelas palavras adocicadas, pela voz artificial e pelos gestos ensaiados.** Nessa tradução, em vez da expressão evangélica “Amai os vossos inimigos” utilizava-se, por exemplo, “Amai os que não vos amam”. Em lugar da expressão “Espíritos maus”, utilizava-se “Espíritos menos bons”. Farisaísmo puro, além de falta de preparação cultural! Uma coisa é um inimigo, outra é uma pessoa que não nos ama. E muitos, na época, aceitaram ou se calaram ante esse plano

das trevas. Estes já haviam aprendido a serem “santos artificiais”. — conclui.

— E por que as pessoas aceitaram tamanho absurdo? É muito difícil de entender... — pergunta Felipe, telepaticamente.

— Beatismo, filho da falsidade e da ignorância. Muitos amigos do movimento espírita acreditam que o artificialismo é o caminho da evolução. Assim, fogem de enfrentar as próprias imperfeições e traem o Consolador, trazido por Kardec.

— E como se concluiu esse episódio? — indaga Eclésio.

— A primeira edição foi toda vendida. Os inimigos do Cristo amam dinheiro, acima de tudo. Mas, com os esforços heroicos dos poucos cristãos verdadeiros, liderados pelo professor José Herculano Pires, evitou-se que uma segunda edição fosse impressa. Infelizmente, os envolvidos não se arrependeram em público, não tiveram coragem de reconquistar a dignidade perdida com a traição que realizaram a Kardec e ao movimento espírita brasileiro. Hoje, como vimos, a batalha se transfere para a educação mediúnica — esclarece Patrícia.

Felipe se lembra de ter visto um livro do professor Herculano sobre esse episódio. É o **Na Hora do Testemunho**, da editora Paideia. “Vou ler!” — pensa.

— Então, quando eles dizem que vão sabotar a profecia, significa que tentarão deturpar a compreensão da mediunidade pelo movimento espírita? É isso? — pergunta Astrobrito, assustado.

— Exatamente, pois uma eclosão mediúnica geral, sem a orientação segura da Doutrina Espírita, seria um grande festim para as trevas — fala a professora, olhando para cada um nos olhos. Vamos agora estudar as questões 519, 520 e 521 e um trecho do comentário do codificador em **O Livro dos Espíritos** para termos uma pálida noção do quanto a mediunidade, bem conduzida, pode auxiliar no progresso de todas as atividades terrenas:

**519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm os seus Espíritos protetores especiais?**

**R. Sim, porque essas reuniões são de individualidades coletivas que**

*marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.*

*520. Os Espíritos protetores das massas são de natureza mais elevada que a dos que se ligam aos indivíduos?*

*R. Tudo é relativo ao grau de adiantamento, das massas como dos indivíduos.*

*521. Alguns Espíritos podem ajudar o progresso das artes, protegendo os que delas se ocupam?*

*R. Há Espíritos protetores especiais e que assistem aos que os invocam, quando os julgam dignos; mas que quereis que eles façam com os que crêem ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos verem nem os surdos ouvirem.*

*Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas eram personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam pelos nomes de lares e penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm também seus patronos ou protetores, que são os Espíritos superiores, mas sob outros nomes.*



Após a leitura, Patrícia comenta:

— A importância da mediunidade, como se verifica nessas questões, é elevadíssima, principalmente nessa hora em que se implanta na Terra o Reino do Bem, como afirma São Luís, na questão 1019 de **O Livro dos Espíritos**:

**1.019. Poderá o reino do bem um dia realizar-se na Terra?**

**R. O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons superarem os maus. Então eles farão reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das Leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Mas os maus só a deixarão quando o homem tenha banido daqui o orgulho e o egoísmo.**

**A transformação da Humanidade foi predita e chegais a esse momento em que todos os homens progressistas estão se apressando. Ela se realizará pela encarnação de Espíritos melhores, que constituirão sobre a Terra uma Nova Geração. Então os Espíritos dos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentam deter a marcha das coisas serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão**

*trabalhar pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos, ainda mais atrasados. Não vedes, nessa exclusão da Terra transformada, a sublime figura do Paraíso Perdido? E, no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo em si os genes de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original, que se refere à natureza ainda imperfeita do homem, o qual só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas faltas dos seus pais.?*

*Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com zelo e com coragem, na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado. Infelizes os que fecham os olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e de decepções. Infelizes os que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, porque sofrerão mais privações do que os gozos que tenham tido. Infelizes, sobretudo, os egoístas, porque não encontrarão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo das suas misérias.*

*São Luís*

Após a leitura, Patrícia pede aos alunos que meditem por alguns minutos para identificar os fatores emocionais que poderiam vinculá-los aos Espíritos que viram no início da aula e o que deveriam fazer para superar esses fatores.

Foi um momento de reflexão difícil, mas proveitosa.

Forma-se um círculo, e então ela propõe a seguinte pergunta:

— Que reações vocês teriam se **O Evangelho Segundo o Espiritismo** adulterado chegasse a suas mãos como espíritos encarnados?

“Não é uma pergunta fácil...” — pensa Felipe.

— Eu não teria feito nada... — admite Rivalina, corajosamente.

— E por quê? — pergunta a professora.

— Eu sempre tive medo de errar... E se eu estivesse errada, obsediada, sei lá! — responde Rivalina.

— Mas essa atitude é a correta? — insiste. Digo “correta” do ponto de vista do Evangelho de Jesus, e não de acordo com o movimento espírita encarnado.

— Acho que não... — fala Rivalina, baixando a cabeça.

— Coragem, amiga! Estamos aqui para aprender a errar menos, e não para sermos condenados — incentiva Patrícia.

Ela levanta a cabeça e fala:

— Sempre achei que eram os dirigentes e as instituições que deveriam pensar e decidir o que era certo... Sei que esse caso prova que todos temos que assumir a responsabilidade de estudar, entender e viver o Espiritismo e, quando necessário, defendê-lo desses ataques. Tenho aprendido muito aqui e tenho orado todos os dias para que eu me torne uma espírita sincera, autêntica e corajosa.

— Eu sempre fui autoritário com aqueles que não tinham status nem poder. Acho que nunca questionaria uma “autoridade” espírita, fosse ela um palestrante famoso, fosse uma instituição — diz Romildo.

— Nesse caso, você atuaria como aliado das trevas, não acha? — questiona a professora.

— Sim, sim... Eu sei. Para mim, é muito difícil arriscar minha posição de status. Aceitei muita coisa errada para não arriscar, não ser criticado...

Após breve pausa, Romildo continua, pálido:

— Eu só não imaginava que estaria me vinculando a um grupo como o que vimos... — conclui, envergonhado.

— E o que fazer para superar esse medo? — indaga Patrícia.

— Não sei... Talvez não mentir para mim mesmo; saber, de fato, quem eu sou. Aceitar-me como um Espírito imperfeito, em evolução... Às vezes penso que, para mim, seria importante saber de meus erros passados quando estiver reencarnado. Acho que assim não seria tão arrogante...

— É uma boa ideia — comenta a professora.

Eclésio, um tanto tímido, afirma:

— Não me envolveria. Sei que não tinha uma conduta honesta.

— Não é preciso ser santo para sermos espíritas sinceros; mas temos que nos esforçar, no limite de nossas capacidades. O que verificamos em nosso querido movimento é que muitos fingem ser santos e outros se esforçam para serem “demônios”, animalizando-se. É difícil saber quem erra mais! Que tal sermos homens e mulheres de bem? Pessoas que erram e que têm que lidar com impulsos inferiores, mas que são honestas para se admitirem imperfeitas e se esforçam para evoluir? Não seria mais fácil? — conclui Patrícia.

Astrobritto fala de forma honesta.

— Não me envolveria. Nunca me interessei, de verdade, pela Doutrina Espírita. Queria ser admirado, queria status, queria respeito. Não arriscaria a admiração vazia que tinha conquistado junto aos beatos espíritas para defender o Espiritismo. Por isso estou aqui, na situação de um Espírito fracassado! Sinto uma angústia constante... Que tipo de demônio serei eu, que troca os tesouros do céu pela adoração vazia?! — desabafa, entre lágrimas.

— O pior demônio de todos! — explica Patrícia. O demônio que foge de si mesmo e que encontra pessoas vazias o suficiente para a “bajulação espírita”. Agora, meu amigo, cabe a *você* exorcizar o demônio da falsidade e tornar-se um cristão corajoso.

Comece deixando para trás a voz empolada, os gestos calculados e a falsa humildade.

Comece aceitando-se como um aprendiz. Cabe a você recuperar o terreno perdido para a falsidade, vivendo com autenticidade — explica Patrícia, envolvendo-o com energias de ternura.

Astrobritto chora.

É um momento de muita emoção para todos.

A atividade seguinte é muito interessante. Utilizando-se das energias do grupo, cada um forma uma cena em que não agiu com a sinceridade com que deveria. Em seguida, é convidado a alterá-la mentalmente, dando-lhe nova direção.

As cenas têm cores, sons e movimentos. O movimento espírita encarnado ainda vai demorar a entender o quanto a mediunidade é um excelente recurso pedagógico... Mas, pelo menos você, leitor, já sabe disso. E saber, meu amigo, é um bom começo.

Ao final, todos vão visitar algumas regiões inferiores em que muitos espíritas estão momentaneamente domiciliados, devido às suas escolhas. Todos ajudam. Infelizmente, são muitos. Felipe doa-se ao máximo. Os gritos de desespero o emocionam. Ele abraça a todos que pode. Desde o dia do socorro em seu quarto, ele passou a entender que a doação do amor é o melhor amparo e a melhor proteção. Ao término da tarefa, ele resolve visitar Avelino pois, ao menos em espírito, ele já pode compartilhar seu aprendizado com o amigo.

## O MÉTODO CRIATIVO DE ALLAN KARDEC

**A**pós a prece, o professor Ivan começa com as seguintes explicações:

— Boa noite, chamo-me Ivan. É com satisfação que falarei hoje sobre o método de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. Quando forem superados os preconceitos terrenos e for avaliada com imparcialidade a elaboração do método kardequiano, os cientistas ficarão deslumbrados com a genialidade do codificador. O método de investigação do invisível, da vida espiritual, em uma época em que imperava nas ciências o dogma materialista, querendo reduzir tudo aos sentidos físicos, é uma verdadeira revolução. E maior revolução ainda foi a utilização do diálogo questionador, da entrevista etnológica, com os Espíritos de todas as categorias, para que se elaborasse a compreensão ampla da vida espiritual. Não fosse o preconceito acadêmico, Kardec seria reconhecido como um dos nomes centrais das pesquisas científicas, pois antecipa as discussões da relação sujeito objeto na pesquisa, superando as concepções de seu tempo, tanto das ciências físicas como das ciências sociais.

Destacaremos, na aula de hoje, a importância da compreensão do método elaborado por Kardec para as pesquisas e para as atividades espíritas, e não apenas para as reuniões mediúnicas, mas para a organização dos institutos espíritas: centros espíritas, federações e associações especializadas.

Para começar, apresento a seguinte questão: “O que diferencia Allan Kardec dos outros indivíduos que, ao longo da história, investigaram a relação com os Espíritos?”

— A relação que Kardec estabelece com os Espíritos foi científica — fala Astrobrito.

— E o que você entende por “científica”? — indaga Ivan.

— Ele não aceitou tudo que os Espíritos diziam e tratava os Espíritos assim como aos homens, pois sabia que eram os homens

desencarnados e descobriu que existe uma imensa variação evolutiva entre os Espíritos — explica Astrobrito.

— Excelente! E o que possibilitou ao codificador ter essa postura e, consequentemente, elaborar um método novo para se relacionar com os Espíritos? - fala Ivan.

— O desenvolvimento científico de sua época — responde Romildo.

— É verdade. O Espiritismo só poderia aparecer quando a ciência estivesse, pelo menos, no grau de desenvolvimento do século XIX. Contudo, por que apenas Kardec conseguiu elaborar o excelente método de investigação espírita? — questiona Ivan.

Ante o silêncio de todos, explica:

— **Dois características da personalidade do professor Rivail devem ser destacadas em nosso estudo: a lucidez e a criatividade. Não por acaso, ele foi denominado o “bom senso encarnado”. Sua lucidez foi desenvolvida por uma vida ética e bem-humorada.**

Sabemos que ele formou dezenas de turmas, compostas por alunos pobres, que não podiam lhe pagar, para ensinar-lhes ciências naturais, francês e matemática. Além da generosidade, os hábitos simples, o equilíbrio e a coragem caracterizam a personalidade do codificador, conforme registram os biógrafos que foram seus contemporâneos. **Contudo, o que destaca Allan Kardec na história do pensamento mundial é a sua criatividade.** Pouco se conhece dos mecanismos de desenvolvimento da criatividade no movimento espírita encarnado mas, sem a inovação de método, o codificador não teria ultrapassado a obra de Swedenborg; ou seja, **sem criatividade, Allan Kardec seria o fundador de uma nova seita.** Sua criatividade foi desenvolvida pelo desejo profundo de estimular a felicidade humana por meio da educação; por isso, preocupava-se com os métodos de ensino, com a educação intelectual e, principalmente, com a moral. **Essa é uma grande lição para nosso movimento: a criatividade que busca a fama e o sucesso material se degenera, mas a criatividade inspirada no desejo de servir é poderoso meio de realização e de aperfeiçoamento intelectual e social, conforme provou o codificador.** Quem negaria a criatividade que estrutura a criação de Deus? Há criatividade nos arranjos dos corpos materiais e nas constelações que congregam bilhões de sóis. Apenas a limitação

preconceituosa não permite que se reconheça: **Kardec é o modelo de homem lúcido e criativo para a humanidade.** O método de elaboração das perguntas aos Espíritos de diversos graus evolutivos foi desenvolvido por ele sem que houvessem estudos que o orientassem. Elaborar soluções práticas e inovadoras para problemas novos e complexos é prova de extrema criatividade. Eis o que explica Kardec na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de **O Livro dos Espíritos**, em seu item VIII, denominado **Perseverança e Seriedade**:

*O que caracteriza um estudo sério é a continuidade. Devemos admirar-nos de não obter respostas sensatas a perguntas naturalmente sérias, quando as fazemos ao acaso e de maneira brusca, em meio a perguntas ridículas? Uma questão complexa requer, para ser esclarecida, perguntas preliminares ou complementares. Quem quer adquirir uma Ciência deve estudá-la de maneira metódica, começando pelo começo e seguindo o seu encadeamento de ideias. Aquele que propõe a um sábio, ao acaso, uma questão sobre Ciência de que ignora os rudimentos, obterá algum proveito? O próprio sábio poderá, com a maior boa vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória.*

Acontece o mesmo em nossas relações com os Espíritos.

— Observem que o codificador utiliza-se de sua compreensão do processo de aprendizagem para ensinar como dialogar seriamente com os Espíritos. Isso pode parecer muito simples e lógico, mas é revolucionário. Nem Swedenborg, considerado o homem mais culto de seu século, nem nenhum outro sábio elaborou semelhante método! O desenvolvimento de métodos criativos por Allan Kardec tem sempre um objetivo superior. Compreendia toda a extensão da importância da Doutrina Espírita e pedia que aqueles que se dispusessem a estudá-la meditassem sobre sua amplitude e profundidade. Ainda na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de **O Livro dos Espíritos**, em seu item XIII, ensina:



*Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões metafísicas e de ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de espantar que exija tempo, e muito tempo, para a sua realização?*

— Portanto, que ninguém fale ou aja em nome do Espiritismo sem estudar e meditar sobre a codificação, para não ser chamado de leviano. Muitos assim agem criando regras, preceitos e normas não-espíritas em nome do codificador. Para Kardec, como para todos os gênios da humanidade, criatividade é conquista de um trabalho árduo e continuado.

Após breve pausa, Ivan indaga:

— Em que esses exemplos do codificador podem ajudar o movimento espírita encarnado? E em que essa compreensão poderia ter auxiliado em suas atuações como espíritas no mundo da matéria densa? Peço que se lembrem de suas atuações nas instituições espíritas em que colaboraram e identifiquem se vocês foram indivíduos lúcidos e criativos, ou apegaram-se à rotina preconceituosa, bloqueando o desenvolvimento de si mesmos e do Espiritismo.

Formam um pequeno círculo: Romildo, Rivalina, Eclésio, Astrobrito e Ivan.

Após um momento de silenciosa reflexão, Romildo inicia:

— Certa feita um grupo de trabalhadores, éticos e responsáveis, solicitou permissão para realizar uma reunião de pesquisa mediúnica. Iniciariam estudando os efeitos físicos e estudariam outros fenômenos, conforme surgissem as orientações da equipe espiritual.

— A proposta era séria e apoiada pela espiritualidade? — indaga Ivan.

— Sim. Conhecia bem os participantes do grupo e verifiquei, por meio de dois médiuns diferentes, o apoio dos bons Espíritos.

— E, após essa verificação, o que você fez? — pergunta Ivan.

— Autorizei, mas depois proibi... — responde Romildo.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa muito desagradável? — pergunta Eclésio.

— Na verdade, não. O problema é que... Começou a dar certo! Quer dizer, aconteceram muitas experiências interessantes, mas elas não estavam sob o meu total controle! Tive inveja e, ao mesmo tempo, medo da repercussão que poderiam ter... Em nosso movimento, sempre se fala muito sem se conhecer os fatos... E, movido por inveja e por medo de ter meu nome maculado por algo não rotineiro e comum, fiz uma grande confusão e encerrei tudo! Até hoje me dói lembrar o rosto de decepção dos participantes da reunião, que não entendiam porque eu agia daquela forma...

Romildo levanta-se, quer sair correndo. É lamentável vê-lo sentir uma decepção tão grande consigo mesmo.

— Acalme-se amigo, sente. — fala Ivan.

Rivalina está pálida.

— Conte-nos a sua experiência — incentivou Ivan, olhando para ela.

— Eu sempre fui contra qualquer ideia de mudar as aulinhas da evangelização. Não estava tudo pronto e feito pelos nossos superiores? Eles deviam saber o que estavam fazendo, mesmo que as crianças não gostassem. Não era problema meu! Assim, eu transferia a minha responsabilidade sei lá para quem! Combati todas, todas as ideias de inovação que ouvia. Era contra qualquer modificação, independente de ser boa ou não. Era contra e pronto! Assim desencarnei e, quando visitei as escolas daqui, entrei em um estado de choque tão profundo que passei mais de seis meses em uma enfermaria para me recuperar... — Mas o que aconteceu nessa visita? — perguntou Eclésio, curioso.

— Ao visitar uma escola espírita, em nosso plano, vi um Espírito, verdadeiramente iluminado, ensinando as crianças com um método que me foi apresentado na Terra e que eu rejeitei com arrogância, sem sequer estudá-lo!<sup>1</sup> — diz, com voz amargurada.

Ivan, que coordenara a elaboração desse método e o transmitira ao movimento espírita, olha para ela com compaixão.

— Eu também evitei que a luz do Espiritismo alcançasse a muitos... — fala Astrobrito e continua: Elaborei um curso mediúnico em que os participantes não observariam nem vivenciariam o fenômeno mediúnico. Justifiquei essa loucura em nome da seriedade e da segurança. E muitos aceitaram! Imagine

como treinar bombeiros sem ter nenhum contato com o fogo, alegando prudência?!

— E quais foram as consequências? — perguntou Ivan.

— Após muitos anos de teoria e mais teoria, muitos desistiam. Alguns se afastavam do curso, com mais medo da mediunidade do que quando começaram. Se Kardec seguisse meu método, até hoje não teríamos sequer um livro espírita! O mais doloroso é encontrar tantos médiuns fracassados em nosso plano e saber que, pelo menos em parte, eu os ajudei a se vincularem às regiões inferiores. Por isso, trabalho nas caravanas de socorro. É doloroso ser reconhecido pelos que seguiram meu método e não o método do codificador... O *meu* método... O *meu* método... — conclui Astrobrito, que não consegue mais falar.

Ivan olha para ele com carinho e diz:

— É sempre tempo de recomeçar. Anime-se que ainda há muito a fazer!

— Tornei-me o destruidor de um trabalho de cirurgia espiritual no centro que frequentava... — inicia Eclésio e continua: Não estudei o assunto a ponto de entender o que acontecia naquela atividade, mas me incomodava muito a atenção que os participantes tinham angariado no centro... Simplesmente, tudo me incomodava... Inconscientemente, eu queria era ser adorado, ter muitas pessoas comentando o que eu fazia e aquela atividade dividia as atenções... Assim comecei a falar, sutilmente, em comentários aparentemente despretensiosos, sobre o perigo da mistificação e da vaidade dos médiuns envolvidos... Tudo sem nada verificar! Gerei um clima tão hostil que os Espíritos das trevas, que odiavam o trabalho, tiveram facilidade para atuar e, no final, fiquei como o trabalhador prudente, que evitou que um “mal maior” acontecesse! É também por esse motivo que devo trabalhar em uma atividade de cura desde a adolescência e, talvez, sofra o mal que pratiquei, vindo de algum espírita “prudente” e mal-intencionado como fui!

Ivan pede que cada um elabore um texto que expresse o que haviam aprendido ao longo de todo o curso, inclusive a mudança íntima. É o encerramento dos quatro módulos do curso de recuperação, feito por nossos amigos que, corajosamente, lutam pela reconquista de sua dignidade espiritual. Finda-se uma etapa,

inicia-se outra. Felipe sente saudades das aulas conjuntas e reflete: “Será que um dia reencontrará algum deles reencarnado?” Não sabe. O importante foi o aprendizado, pois todos descobriram que só se consegue dignidade agindo dignamente, segundo as Leis de Deus. E saber disso vale muito.

Seguem os textos:

## Rivalina

*Quando aqui cheguei, na vida espiritual, apenas senti o pavor de mim mesma; de alguma forma, queria continuar fugindo, fugindo. Não assumi minhas responsabilidades conscienciais; embora fosse trabalhadora dedicada, não cumpri a tarefa que era meu dever: ser cristã.*

*Compreendo hoje que isso não é apenas executar a atividade espírita semanal, de que se gosta. Isso é tão pouco, principalmente se considerarmos o que Jesus fez por cada um de nós.*

*Hoje entendo que é indispensável enfrentar os próprios medos, superar os preconceitos e renunciar às falsas seguranças para se sentir verdadeiramente segura, porque a única segurança verdadeira é dada por nosso contato íntimo com o Cristo e com Deus. Todas as outras formas de segurança são precárias e vaidosas.*

*Mesmo sem querer pensar no assunto, tive que partir do mundo e, desesperada, perguntava-me: “Em que me agarrar? Em quem confiar?”. É fácil responder que em Deus e nos bons Espíritos; mas, na hora da morte, eu descobri que nunca tinha, de fato, confiado neles e seguido seus conselhos. Não estava emocionalmente sintonizada com eles. Desencarnar assim é uma dor, uma angústia, que só entende quem passa.*

*Depois de haver passado mais de seis anos nas enfermarias espirituais, recebi a visita de meu guia espiritual, que me disse que uma nova oportunidade me seria dada, pois, apesar das minhas fugas, registrava-se a dedicação ao trabalho do Cristo. Emocionei-me ao sentir que nunca o esforço de acertar é em vão e que teria mais uma chance, antes da*

*grande transformação. E foi assim que cheguei a este curso.*

*Realizei, durante o período do curso, o autodescobrimento que deveria ter vivenciado na matéria, se não tivesse pensado que o Espiritismo era apenas uma doutrina de orientação da conduta externa. Não cometam esses enganos, meus amigos! O Espiritismo é doutrina de autoconhecimento, de autorrealização e de ação nobre e destemida! Tudo daria para ter compreendido isso ainda na matéria densa. Em resumo, foi isso que aprendi.*

*Um último comentário, antes de encerrar. Confiem em Deus, confiem em Kardec. Não temam a mediunidade bem orientada e bem vivenciada. Muitos são os desafios da vida no mundo da matéria densa, mas a vida é breve e a mediunidade é faculdade eterna. Não devemos nos envergonhar dela, para que depois não tenhamos que nos envergonhar de nossa covardia em não servir aos propósitos de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus.*

*Sua amiga, Rivalina.*

## Eclésio

**N**ão falarei de meu desastroso desencarne, nem da minha experiência vinculada aos Espíritos inferiores. Resumirei essa etapa de minha vida dizendo que foi graças ao socorro abnegado de Bezerra de Menezes que hoje sou um Espírito em recuperação, que retoma a estrada que leva a Deus e que pretende nunca mais se afastar Dele, independente das dores e espinhos que existam nesse caminho.

*Para mim, o fundamental desse curso foi ver como o excesso de prazeres e a vulgaridade a que me permiti foram e são desastrosos para mim. A sexualidade vivenciada de forma vulgar e animalizada entorpece os poderes espirituais, de que todos somos portadores. Contudo, não me cabe aqui “fazer sermão”, mas apenas mostrar minhas dores e fracassos, na esperança de colaborar com aqueles que querem que suas energias sublimes sejam direcionadas para uma prática mediúnica cristã no dia a dia. Sim, meus amigos, no dia a dia! Todos os dias pode-se e deve-se orar e doar energias para os que precisam. Todos os dias podemos agir generosamente, estender a mão a alguém ou dar um sorriso. Acreditem em mim, isso é doação energética, que equilibra e amplia a mediunidade, evitando as terríveis quedas no vício que eu vivenciei.*

*Para aqueles que, assim como eu pensava, ainda pensam que vão “educar” a mediunidade “do seu jeito”, peço que considerem o que aqui direi. A faculdade mediúnica é integrante da natureza e, como um fenômeno natural, tem suas leis, que precisam ser consideradas. Usar a mediunidade com propósitos*

*inferiores é cultivar a desgraça para si mesmo, na carne e fora dela. Essa é a Lei que aprendi em nosso curso.*

*Para encerrar, direi: nada mais bonito e grandioso do que a mediunidade vivenciada pelos verdadeiros apóstolos! A jovem Ermance Dufaux, que aqui conheci, é um exemplo a ser seguido e que me inspira. Pudesse eu transmitir o espetáculo de energias que gera uma médium educada ao receber mensagens do mais alto! Nesses momentos, todos nós, alunos do curso, sentimos a convicção de que todos os sacrifícios valem a pena para um dia podermos vivenciar fenômenos de tão extraordinária beleza! Não digo que deveis ser santos, não. Mas peço que acreditem que todo sacrifício compensa para nos aproximarmos de Deus. Sigamos Kardec: ele é nosso grande amigo que, inspirado por Jesus, nos aponta o Caminho da Vida.*

*Paz,*

*Eclésio.*



## Romildo

**A** migos, o dono da verdade transformou-se em obediente aluno da escola de Jesus. E isso é muito bom! Abandonar a posição infeliz de mando foi, para mim, a maior vitória. Tenho paz e isso é melhor do que o exercício da falsa autoridade, seja no mundo da matéria densa ou sutil. Tanto manipulei, no passado e no seio do movimento espírita, que hoje vos digo: segui a Jesus e a Kardec. Não aceitem a “sabedoria” daqueles que impressionam pela postura artificial, que falam altivamente, mas que não sabem abraçar o criminoso, não sabem estender a mão ao que pede, não sabem ir, anonimamente, abençoar os enfermos abandonados.

Todos os que não sabem sorrir e serem fraternos, independente da posição social que ocupem, são enfermos da alma, que carecem de compreensão e amparo. Vede Allan Kardec — lúcido, simples e bem-humorado — se quereis um modelo, aí está! Se quereis uma rota, aqui vos dou: a abnegação. Todos os que, assim como eu fazia, se autoproclamam autoridades do movimento do Consolador e não são verdadeiramente abnegados merecem vossa piedade e vossas preces, mas não vos guiar. Jesus é humilde, Kardec é simples; já os fariseus são arrogantes e complicadores. Quanto arrependimento sinto por não ter vivido estas verdades e seguido o caminho silencioso do autossacrifício. Esse é meu testemunho, esse é o meu aviso.

*Romildo.*

## Astrobritto

**S**aber. Pouco vale se somos vítimas de nossa arrogância e de nossa vaidade. Meu saber, que era verdadeiro, tornou-se fonte de inumeráveis desgostos, pois servia para me exibir, e não para viver. A angústia daquele que ama mais a opinião do mundo do que ao Cristo é terrível. Agi para agradar e ser aplaudido. Agi complicando para ser admirado, e nunca entendido. Nunca passou pela minha mente a ideia sincera de servir, de auxiliar, de amar ofertando algo de mim. Ler a codificação, ao desencarnar, foi para mim a mais dolorosa experiência. Tudo escrito de forma objetiva, tudo organizado para que todos pudessem entender os assuntos mais complexos, da melhor forma possível. E eu procurava todos os meios de complicar, de falar e escrever “difícil”, para ser cada vez mais admirado.

*Amigos que amam o saber. Estudem a codificação e a maravilhosa literatura espírita, mas não se esqueçam de santificar o que aprenderam com uma vivência cristã, não percam a oportunidade de servir e não esqueçam, nunca, de que o maior é aquele que mais serve, e não aquele que mais sabe. É com lágrimas de emoção que escrevo essas linhas que, talvez, possam lhes ajudar.*

*Elas são para mim, amigo, o início de um longo aprendizado: aprender a servir. E disso, eu preciso muito!*

*Pensei em falar dos conceitos variados que aprendi sobre a mediunidade, das funções matemáticas que definem os campos magnéticos no momento da comunicação, dos aparelhos que utilizamos nas reuniões mediúnicas. Dei-me conta, contudo, de que se tudo isso é muito importante, uma só coisa é*

*essencial: aprender a servir em nome de Deus. É isso que desejo, de coração, para vocês.*

*Até mais,*

*Astrobrito.*

-----

No momento da prece de conclusão, a alegria suave envolve os corações. Todos concluíram o curso com proveito! José, Cairbar e Patrícia se materializam. Ivan explica:

— Nossos amigos, apesar de estarem em outra tarefa, projetam sua imagem e tornam-se visíveis para transmitirem sua mensagem final. É uma forma de ofertarem uma mensagem para todos.

Sorrindo e irradiando muita emoção, José fala:

**O** *Espírito é o escultor do destino, que atua no tempo — essa necessária ilusão para o desenvolvimento do ser imortal — e é incorruptível e inseparável da felicidade futura, que o aguarda. Desenvolver-se! Desenvolver-se emocional, intelectualmente! Desenvolver-se mediunicamente. Esse é o chamado mais profundo do psiquismo humano; sem atendê-lo, a criatura angustia-se, busca os vícios e os excessos. A voz profunda do inconsciente requer, pede e exclama: “desenvolva-te em direção a Deus”. Sem atender a essa voz, o ser, qualquer que seja a sua posição social, é um pobre coitado, perdido nas selvas das ilusões e da grosseria. Atende ao teu chamado! Não é a sociedade que te impõe, não são as convenções que te conduzem, mas o chamado da tua consciência que diz: “Serve! Serve a Deus e tudo alcançarás! Serve às paixões humanas e às suas convenções e, por mais que alcances, tudo estará perdido”.*

*O Espírito tem no tempo o instrumento de sua perfectibilidade, aproveita-o tu. Supera as condicionalidades animais e sociais, sê cristão, e uma luz poderosa e serena emergirá em ti e te guiará por*

*todo o universo, simplesmente porque aprendeste a amar. Criatura, todas as tuas obras são grandiosas apenas enquanto segues esse chamado: o chamado do Ser, a que chamas Deus, e que é a Inteligência Suprema que habita, também, em teu coração.*

*Paz,*

*José Herculano Pires*

É então que Cairbar, sereno e firme, fala:

**O** Evangelho está sendo pregado e anunciando o Reino. Incrédulos sorriem, pensando serem apenas uma fábula as sagradas promessas do Cristo. Teria nosso Mestre nos iludido ao falar dos tempos de transformação e da eclosão mediúnica? Não, amigos. Jesus não é o pregador da mentira, é o senhor da Verdade no mundo. Acreditem no Cristo e nada mais precisarão. Aos espíritas, digo: “Por que o medo? Por que o desânimo? Não vos advertiu o apóstolo que, no fim dos tempos da iniquidade, a caridade de muitos se esfriaria?” Não crieis pactos de acomodação e tropeço, não irmãos! Peço-vos: avalieis as vossas condutas hoje mesmo! Sois plenamente cristãos? Se a vos fosse dado, ainda hoje, encontrar o Cristo, que marcas de testemunho poderíeis lhe mostrar ante a visão de suas chagas? A quantos consolastes, a quantos perdoastes? O tempo é chegado! Infelizes daqueles que sorriem cinicamente ante os acontecimentos que anunciamos, pensando tratarem-se de velhas histórias requentadas. Todos sentirão o poder do Espírito imortal, mas apenas os que amam e servem estarão em paz. Não falamos mais de séculos futuros, pois nossos prazos contam-se em décadas. O longo amadurecimento do ser atinge seu momento de eclosão e, como uma flor, ele deverá desabrochar em esplendor, espargindo o perfume da purificação; mas aqueles que optaram pela grosseria das vaidades humanas terão de dar espaço para a Civilização do Espírito em que você, eu e o

*Cristo viveremos em harmonia, entoando os cânticos de agradecimento e louvor por termos superado a etapa da materialidade e por prosseguirmos nas conquistas de intermináveis belezas, reservadas aos que se fizeram pequenos para que o Cristo crescesse.*

*Paz,*

*Cairbar de Sousa Schutel*

É chegada a vez de Patrícia falar:

**A** *doçura do Cristo pede a todos os corações, enamorados do amor verdadeiro: cultiva paz em tempo de sacrifício silencioso, para que possas amadurecer teu psiquismo e alcançar, ainda nessa encarnação, os cumes possíveis de tua própria beleza interior. Não te vendas, amigo espírita, por tão pouco: pela vaidade doente, pelo prazer que te apodrece, pela usura que corrompe teu coração. Há em ti um sol, que há milênios está te aguardando, e que almeja te surpreender com a beleza que o Pai te presenteou, no momento de tua criação. Não temas, avança em teu autoconhecimento e, com o amparo do Cristo, faremos nascer a luz que nunca se apaga em teu coração!*

*Paz a todos,*

*Patrícia.*

Cabe a Ivan encerrar a aula:

**A** *miga e amigo de mediunidade, em que depositas teus mais elevados interesses? Em que investes tuas mais preciosas energias? Em que cofre guardas teu tesouro? Em que solo plantas tuas melhores sementes? És parte da Criação, és filho de Deus, és o construtor de tua própria vida. Não penses nunca que estás fora da Obra de amor de nosso Pai; não teimes nunca contra as amorosas Leis de Deus. Amigo! Empolga-nos o coração a possibilidade de, sorrindo, aceitares o trabalho no bem, esquecendo, por instantes que seja, teu egoísmo e tua vaidade, e assim dizeres, de alma enlevada: “Senhor, eis me aqui, que queres que eu faça?” Assim agindo, estaremos juntos e, um dia, na festa celestial prometida por Jesus, haveremos de beber o vinho da alegria pura e entoar as canções de paz indestrutível, que marcarão nosso futuro glorioso!*

*Teu amigo e irmão,*

*Ivan de Albuquerque.*

*Todos se abraçam, o curso encerra-se. É o início da reconquista da dignidade espiritual.*

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 8*

*Renovação Social e  
Imortalidade*



## PREFÁCIO

**M**eus filhos,  
O prefácio luminoso do cristianismo é a ressurreição de Jesus, que inaugura na Terra sofrida a era da imortalidade. Apenas após sua partida e a comprovação prática da vida imortal, os nobres apóstolos tiveram a coragem necessária de “ir e pregar a palavra do Reino da Luz”. Sois hoje habitantes de um mundo envolto em trevas; deveis ser, portanto, trabalhadores abnegados do Bem, para que da sombra saia a luz e que, de vossos equívocos pretéritos, nasça a sabedoria e o amor.

Não estamos mais em meio a um povo ignorante das realidades divinas. Nosso Mestre plantou, com o próprio sacrifício, a boa semente e seus discípulos fiéis a regaram, ao longo dos séculos de provação terrena; agora, porém, é chegada a hora da boa colheita, que carece de trabalhadores de boa vontade.

É a vós, jovens amigos, que dirigimos nosso apelo sincero: amai! Amai como vos amou o Cristo! Amai como apenas o enviado de Deus poderia ensinar e nós, os pequenos servidores, estaremos unidos para, quando o Mestre nos solicitar a prestação de contas, podermos dizer: “Senhor, eis a colheita de Teu amor, que nos permitiste usufruir, pois que o semeaste em nossos corações, e nós não mais o impedimos de florescer!”

De vosso paternal amigo,  
Bezerra de Menezes.



## MUDAR O MUNDO

Felipe chega em casa pensativo. Nunca imaginou que existiria uma longa história por trás das injustiças sociais. Foi um choque para ele descobrir que a miséria é produzida pela própria sociedade. Antes, pensava que a miséria era um “azar”, uma coisa inevitável, mas agora começava a entender que não, que isso não era verdade. A miséria tem suas causas, há forças que a sustentam e ela pode sim ser eliminada. “Que mundo estranho! Por que não se elimina tanto sofrimento e amargura? Há tantas teorias para se explicar a miséria no mundo, tais como o marxismo, o socialismo espiritualista, o positivismo, o capitalismo... Como encontrar uma explicação mais ampla? Qual seria a explicação? E, acima de tudo, o que fazer?!” — pensa.

Em meio a essas reflexões, vem à mente de Felipe a seguinte questão: “O que o Espiritismo explica sobre as desigualdades sociais? E como acabar com a miséria?” **O Livro dos Espíritos** foi a primeira lembrança de Felipe, que já tinha entendido que toda e qualquer pesquisa espírita deve sempre se iniciar pelo “livro amigo”.

Saltando de sua cama, em que estava deitado ainda com roupa do colégio, vai até o computador, abre **O Livro dos Espíritos** e começa sua pesquisa. “Deve haver em algum lugar uma resposta ou ao menos uma pista!” — pensa. Lê atentamente o índice da primeira parte: “As Causas Primeiras, Deus, Elementos Gerais do Universo, Criação e Princípio Vital... Aqui não encontrarei o que quero” — pensa.

Lê a segunda parte: “Mundo Espírita ou dos Espíritos. Hum, talvez”, pensa. Lê então o capítulo I: “Diferentes ordens de Espírito... Hum, quem sabe o que explica a miséria não é o atraso espiritual?!” Vai então direto para a questão 96:

*96. Os Espíritos são todos iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia?*

*— São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que tenham chegado.*

Será que ele havia encontrado a explicação? Ele resolve então continuar. Lê avidamente as questões 97 a 127 do livro. “São interessantíssimas, mas tratam das classes de Espíritos segundo a realidade espiritual. Mas... E a realidade social da Terra? Teria Kardec tratado disso? Pesquisar não é fácil, mas é emocionante!” — pensa Felipe e continua a leitura.

No capítulo IV, ainda da segunda parte, vê “Justiça da encarnação” e pensa: “Hum... Quem sabe? Vou ver!” Felipe fica fascinado com a explicação sobre a justiça da reencarnação e mais ainda com a ideia de que reencarnamos em diferentes mundos. “Um dia vou aprofundar isso... Hum, ainda não achei nada sobre as desigualdades sociais.... Ah, já sei! Vou pesquisar no livro com palavras-chave!” — pensa Felipe. Tenta buscar por “desigualdades sociais” e vai parar diretamente na Terceira Parte, no capítulo IX, cujo item tem este nome. “Claro que tinha que ser na Terceira Parte, é a parte que trata diretamente da sociedade! E uma das Leis Morais é justamente a Lei de igualdade!” — pensa Felipe e ri, pensando em como não se deu conta disso. Ivan, que está ao seu lado, também sorri, dizendo: — Conseguimos!

Felipe resolve ler todo o capítulo IX. Ivan fica feliz, pois é um capítulo importantíssimo para se entender as relações sociais e como superar os preconceitos. Permanece próximo a Felipe, pois quer ajudá-lo a ampliar a compreensão, visto que terão um encontro muito especial, à noite, sobre esse tema. Enquanto isso, Felipe lê:

## Capítulo IX — VIII — Lei de Igualdade

### I — Igualdade Natural

**803. Todos os homens são iguais perante Deus?**

**R. Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos. Dizeis frequentemente: “O sol brilha para todos” e, com isso, dizeis uma verdade maior e mais geral do que pensais.**

Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre.

Deus não concedeu, portanto, superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos são iguais diante d’Ele.

“Se todos são iguais, por que tantas diferenças? E o que significa essa afirmação de que todos se dirigem para um mesmo fim?” — pensa Felipe e resolve continuar em busca da resposta, lendo o próximo item:

### II Desigualdade de Aptidões

**I**nteressante... Como entender as diferenças de inteligência e do jeito de agir de cada um? — pensa e prossegue a leitura:

**804. Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?**

“Gostei dessa pergunta! Grande Kardec!” — pensa e lê a resposta:

**R.** *Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, realizou mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre-arbítrio: daí decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A mistura de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência, nos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro faz, e é assim que cada um tem a sua função útil. Além disso, sendo todos os mundos solidários entre si, é necessário que os habitantes dos mundos superiores, na sua maioria criados antes do vosso, venham habitar aqui para vos dar exemplo.*

**805.** *Passando de um mundo superior para um inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?*

**R.** *Sim, já o dissemos. O Espírito que progrediu não regride mais. Ele pode escolher, no estado de Espírito, um envoltório mais rude ou uma situação mais precária que a anterior, mas sempre para lhe servir de lição e ajudá-lo a progredir.*

Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado como Espírito.

Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir. E também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei de caridade que os deve unir.

Finda a leitura dessa pergunta, Felipe reflete:

“Hum entendi. Uns sabem mais porque viveram ou se esforçaram mais. Mas como isso explica a pobreza no mundo?” Felipe continua a ler e, quando encontra os dois itens seguintes, “Desigualdades Sociais e desigualdades da Riqueza”, seus olhos brilham e ele grita:

— Achei!

— Achamos! — fala Ivan com bom humor, sem ser ouvido por Felipe. E assim Felipe lê o trecho encontrado:

### III — Desigualdades Sociais

#### **806. A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?**

**R. Não; é obra do homem, não de Deus.”**

“Hum. Se não é lei natural, poderá ser modificada...” — Pensa Felipe

#### **806-a. Essa desigualdade desaparecerá um dia?**

**R. Só as leis de Deus são eternas. Não a vêς desaparecer pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando tão somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de sangue mais ou menos puro, pois**

***somente o Espírito é mais puro ou menos puro, e isso não depende da posição social.***

“Que surpreendente! Toda a miséria do mundo é fruto do orgulho e do egoísmo!” — pensa Felipe.

Nesse instante, Felipe sente algo estranho. Cenas desconhecidas e, ao mesmo tempo, familiares vêm a sua mente. É Ivan, que o magnetiza e o faz lembrar de uma encarnação passada, quando ele era um rico e poderoso empresário. Felipe está relaxado e a lembrança vem “espontaneamente”. Ele vê cenas marcantes, que simbolizam seu Egoísmo e Orgulho.

Felipe volta a si, cansado. Aquela lembrança inesperada revela o que ele foi no passado, provavelmente em sua última encarnação.

Seria capaz de reconhecer muitos dos detalhes de sua existência. Lembra que viveu em São Paulo. Recorda seu professor atual condenando, com tanto ódio, os empresários poderosos. “E se ele soubesse que fui um deles?” — pensa. Agora Felipe entende, com clareza, que são os sentimentos que alimentamos que definem nossa realidade íntima e social.

Toda essa reflexão fora inspirada por Ivan.

Felipe decide continuar a leitura. A questão seguinte seria um tanto dolorosa:

***807. Que pensar dos que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir o fraco em seu proveito?***

***R. Esses merecem o anátema; infelizes que são! Serão oprimidos por sua vez e renascerão numa existência em que sofrerão tudo o que fizeram sofrer.***

Felipe fica chocado. Resolve parar um pouco, tomar banho, almoçar e descansar. Aquela experiência o cansou. Ivan fica aguardando sua volta pois desejava, ainda de tarde, ler com Felipe os itens seguintes. Ivan precisa prepará-lo para o encontro, à noite.

Enquanto Felipe se recupera, Ivan toma várias providências para ampliar a harmonia de sua casa.

Após o descanso, Felipe volta a ler o “livro amigo”:

## IV — Desigualdade das Riquezas

**808. *A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades, que dão a uns mais meios de as adquirir do que a outros?***

**R. *Sim e não. Que dizes da astúcia e do roubo?***

“Entendi” — pensa Felipe. Alguns enriquecem por serem talentosos e trabalhadores, outros por serem desonestos...

**808-a. *A riqueza hereditária, entretanto, seria fruto das más paixões?***

**R. *Que sabes disso? Remonta à origem e verás se é sempre pura. Sabes se, no princípio, não foi o fruto de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, sem falar da origem, que pode ser má, crês que a cobiça de bens, mesmo os melhores adquiridos, e os desejos secretamente alimentados, de possuí-los o mais cedo possível, sejam sentimentos louváveis? Isto é o que Deus julga, e te asseguro que o seu julgamento é mais severo que o dos homens.***



**809. *Se uma fortuna foi mal adquirida, os herdeiros serão responsáveis por isso?***

**R. *Sem dúvida eles não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, tanto mais que o podem ignorar, mas fica sabendo que muitas vezes uma fortuna se destina a um homem para lhe dar ocasião de reparar uma injustiça. Feliz dele se o compreender! E se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos, pois esse mesmo quase sempre é quem a provoca.***

“Como a Lei de Deus é rigorosa e justa!” — pensa Felipe.

**810. *Sem fraudar a legalidade, podemos dispor dos nossos bens de maneira mais ou menos equitativa. Quem assim faz é responsável, depois da morte, pelas disposições testamentárias?***

**R. *Toda ação traz os seus frutos; os das boas ações são doces e os das outras são sempre amargas; sempre, entendei bem isso.***

**811. *A igualdade absoluta das riquezas é possível e existiu alguma vez?***

**R. *Não, não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso.***

**811-a. Há homens, entretanto, que creem estar nisso o remédio para os males sociais; que pensais a respeito?**

**R. São sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade seria logo rompida pela própria força das circunstâncias. Combatei o egoísmo, pois essa é a vossa chaga social, e não correí atrás de quimeras.**

“Como são inteligentes os Espíritos, eles sabem que muitos que defendem a igualdade por meios violentos são invejosos, têm inveja dos ricos!” — pensa Felipe.

**812. Se a igualdade das riquezas não é possível, acontece o mesmo com o bem-estar?**

**R. Não; mas o bem-estar é relativo e cada um poderia gozá-lo, se todos se entendessem bem. Porque o verdadeiro bem-estar consiste no emprego do tempo de acordo com a vontade, e não em trabalhos pelos quais não se tem nenhum gosto. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, e é o homem quem o perturba.**

“Nunca tinha pensado nisso, que o bem-estar é fazer coisas saudáveis, que se gosta. Deus dá condições de todos viverem bem sem precisar ter a mesma riqueza. Que legal!” — reflete Felipe.

**812-a. É possível que todos se entendam?**

**R. Os homens se entenderão quando praticarem a lei da justiça.**

**813. Há pessoas que caem nas privações e na miséria por sua própria culpa; a sociedade pode ser responsabilizada por isso?**

**R. Sim, já o dissemos, ela é sempre a causa primeira dessas faltas; pois não lhe cabe velar pela educação moral dos seus membros? É frequentemente a má educação que falseia o critério dessas pessoas, em lugar de asfixiar-lhes as tendências perniciosas.**

“Decifrei o enigma! Quando tivermos uma educação moral verdadeira, uma educação dos sentimentos, que, pelo menos, diminua o egoísmo e o orgulho, teremos um mundo sem miséria! E quando cada um descobrir um trabalho que goste, as pessoas serão felizes!” — reflete Felipe, exultante.

Por fim, Felipe lê o seguinte trecho de **O Livro dos Espíritos**:

## V — Provas da Riqueza e da Miséria

**814. Por que Deus concedeu a uns a riqueza e o poder e a outros a miséria?**

**R. Para provar a cada um de uma maneira diferente. Aliás, vós o sabeis, essas provas são escolhidas pelos próprios Espíritos, que muitas vezes sucumbem ao realizá-las.**

**815. Qual dessas duas provas é a mais perigosa para o homem: a da desgraça ou a da riqueza?**

**R. Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca a lamentação contra a Providência, a riqueza leva a todos os excessos.**

**816. Se o rico sofre mais tentações, não dispõe também de mais meios para fazer o bem?**

**R. É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o bastante para si mesmo.**

A posição elevada no mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e arriscadas quanto a miséria; porque, quanto mais o homem for rico e poderoso, mais obrigações tem a cumprir, maiores são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal.

Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e do seu poder. A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: “Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.”

“Eu fali na prova da riqueza...” — pensa Felipe e começa a chorar ao lembrar sua rica e infeliz vida. Ivan o abraça e diz, sem que ele possa ouvir:

— Coragem amigo, apenas lembro teu passado para que entendas tuas fraquezas e saibas o que deves fazer: reparar teu passado com abnegação e coragem!

Nesse momento, chega Pai Joaquim, que se torna visível para Felipe e pergunta, com voz firme:

— Por que choras? Por acaso você queria ter sido um dos apóstolos do Cristo?!

Ao pensar nessa possibilidade, Felipe sorri, se dando conta de que está chorando por vaidade, e responde, com bom humor:

— A verdade é melhor do que a ilusão e nessa encarnação vou botar pra moer! Moer orgulho com egoísmo, pra ver se vira adubo de humildade!

Pai Joaquim sorri ante o humor de Felipe e o abraça. Nosso amigo sente-se forte. Afinal, tem todas as condições para reparar os erros e crescer espiritualmente. Mal sabe ele o que o aguarda nesta noite.

## QUEM É VOCÊ, CARO SENHOR?

**A** noite, Felipe deita-se. Ora, abre “ao acaso” **O Evangelho Segundo o Espiritismo** no item “A Caridade Material e Moral”. “Caridade é uma prática de educação espiritual, emocional...” — pensa.

Ao sair do corpo, encontra um senhor simpático, baixo, de olhar firme e amoroso, com um bigode à moda antiga. Felipe olha para ele com atenção, pois lhe parece conhecido. Depois de ele o cumprimentar, Felipe indaga:

— Como o senhor se chama?

— Denis. Léon Denis, jovem amigo.

— Felipe se belisca.

— Sim. De certa forma, você está sonhando — diz Denis.

— Mas... O senhor é o continuador de Kardec!

— Somos, jovem amigo. Todos os que amam o Espiritismo e lutam pela transformação da Terra são continuadores de Kardec, que é o emissário do Cristo.

— O que o senhor deseja?... — pergunta Felipe, tentando organizar os pensamentos.

— Vim convidá-lo para um curso que iniciarei no Colégio Allan Kardec: “Socialismo e Espiritismo”. Você já deve ter ouvido falar desse tema — comenta, descontraído.

— Sim, é um dos livros do senhor.

— Não, meu amigo! O livro do “Senhor” é o Evangelho — responde, bem-humorado.

Ambos riem.

— Mas... por que o senhor veio me convidar?

— Estou convidando os jovens de Boa Vontade. Nesse instante, converso com vários de vocês.

Felipe se lembra dos desdobramentos do professor Eurípedes e entende o fenômeno.

— Exatamente. Os poderes do Espírito são quase infinitos — explica Denis que, sorrindo, desaparece.

Felipe volta a si e se dá conta de que não perguntou quando começava o curso, nem o que deveria estudar. Lembra-se de Ivan e de Pai Joaquim e pensa onde andariam os amigos. Concentra-se e liga-se mentalmente a Ivan, conseguindo vê-lo na entrada do Colégio Allan Kardec, conversando com Cirilo e Alessandra. Sente imensa vontade de estar lá. Subitamente, para sua própria surpresa, transporta-se e, quando se dá conta, está ao lado de Ivan que, sorrindo, lhe diz:

— Veja que todos possuímos algum poder espiritual. Basta querer usá-lo.

Felipe, ainda assombrado, olha para Cirilo e Alessandra, que também estão surpreendidos com sua “aparição”.

— Bem, espero que consiga fazer isso de novo... — comenta Felipe.

— Basta saber sentir — explica Ivan.

— Estávamos falando do curso que será dado por Léon Denis. Você vai fazê-lo? — indaga Cirilo.

— Como não?! Conhecer melhor Denis é um dos meus objetivos. Precisamos entender como o Espiritismo vai mudar as condições sociais da Terra, e ninguém melhor do que ele para nos orientar — responde Felipe, empolgado.

— Amigos, vou nessa — fala Ivan.

E, ao ver a expressão de tristeza dos jovens, comenta:

— Estarei com Denis no curso. Teremos três semanas de belíssimas atividades. Lembrem-se de que ele, além de ser o apóstolo espírita da renovação social, é também o da arte, do culto à beleza. Segundo ele, a renovação, para ser completa, deve ser também estética, quer dizer, nas artes e nas formas de viver. Serão momentos felizes. Preparem-se o melhor possível; nada de alimentar sentimentos baixos ou de inveja dos “felizes” do mundo. Denis — como todo Espírito superior — é amante da simplicidade profunda, fruto do amor tranquilo. Quem estiver muito bem, viverá momentos inesquecíveis! — fala Ivan, despedindo-se.

— Em tudo, o mérito do esforço — lembra Alessandra.

— Sim — responde Felipe.

— Vou tratar é de me manter em paz — fala Cirilo.

Todos riem felizes, ante a expectativa do encontro com Denis. Eles ainda não sabiam que o curso seria no quinto andar do colégio, e talvez preferissem nem pensar nesse assunto agora.

— Sei que em duas horas teremos um conjunto de exposições, palestras e vivências sobre como criar hábitos espiritualizantes. Vamos aproveitar para aprender e nos preparar para o curso Socialismo e Espiritismo. O que vocês acham? — fala Alessandra.

— Sim, se não nos prepararmos nem chegaremos lá... — comenta

Cirilo.

— Vamos olhar as exposições! — fala Felipe.

Partem.

— Uau! — fala Alessandra, ao visualizar os temas das vivências:

Técnicas de pacificação emocional;

Alimentação e verdadeira espiritualidade;

Silêncio essênio;

Espiritualização do cotidiano.

Todos olham para o último tema.

— É esse! — diz Felipe.

— Concordo! — fala Alessandra

— Eu também! — responde Cirilo.

E assim eles pegam a programação detalhada do tema escolhido:

Três dias: terça, quarta e quinta

Início: 2h30

Término: 4h40

Pré-requisito: terceiro andar

Todos se sentem aliviados. Olham para o relógio: eles têm duas horas antes do início. Matriculam-se e, enquanto esperam, resolvem andar pelo jardim. Olhar para as estrelas é um hábito estimulado no colégio. É comum se ver grupos de alunos reunirem-se em silêncio para admirar os astros e observar os professores comunicarem-se com amigos de planetas distantes,



pelo pensamento e pelas vibrações, envolvendo-se na paz transmitida pela percepção do Infinito.

Felipe deita-se no jardim e contempla o céu, em profundo silêncio. Alessandra vai consultar a bibliografia do curso. Cirilo vai a procura de Abelardo, que não vê há tempos.

Duas da manhã e já estão no terceiro andar, sentados um ao lado do outro. Harshad, o professor, é um indiano de baixa estatura, olhar penetrante e voz firme, que apresenta-se quando o relógio marca 2h30:

— Sou Harshad. Durante um milênio cultivei a arte da meditação e da transcendência e, ao longo desse período, estive convencido da excelência do ascetismo solitário. Há dois mil anos, conheci o exemplo de Jesus de Nazaré. Ele nos visitou em corpo astral, quando eu vivia em meu retiro. Não precisou apresentar-se, nem anunciar quem era. Suas vestes luminosas e seu olhar faziam brotar, em cada um dos mestres da ciência secreta, recordações e lições que havíamos negligenciado.

Após ligeira pausa, continua:

— Quando se tem um mínimo de espiritualização disciplinada, o encontro com o Cristo gera reflexões inimagináveis, mesmo para os que ainda estão viciados na realidade material. Desde sua visita, descobri que todas as práticas espirituais são importantes, mas o crescimento real só acontece quando somos capazes de aplicar as disciplinas íntimas a serviço da Causa de Deus. Isso Ele nos ensinou.

O professor para, novamente, como a avaliar a compreensão dos alunos, e prossegue, narrando o encontro com Jesus:

“Depois de olhar e abraçar a todos, o Mestre indagou:

— Que fazes do teu tempo enquanto estás no templo da carne?

— Senhor, buscamos o Pai — foi a resposta de nosso mestre. Nós tudo observávamos, com reverência incondicional.

— E O encontraste? — indaga, mais uma vez, o Messias.

— Buscamos, Senhor. Avidamente — respondi.

— Meu Pai é amor que constrói. Nunca encontrarás o mar isolando a gota do oceano. Nunca sentirás o orvalho, isolando-te da benção da chuva — responde Jesus.

O mestre chora. Entende a crítica amorosa. E, humilde, pede ajuda:

— Senhor, nos isolamos do mar porque temos medo de nos afogar, fugimos da chuva por medo de adoecer. O que devemos fazer?

— Se morreres servindo a meu Pai, terás vida eterna; se caíres tentando elevar alguém, meu Pai te Elevará. — responde, compassivo, o Divino Mestre.

Todos choram. A lição é sublime. Fracassar tentando servir é mais agradável a Deus do que se proteger, negligenciando os necessitados.

— A salvação está em se afogar nas vibrações amorosas de Deus, servindo e sofrendo. Quem assim sucumbir, terá vida eterna. Só o amor integra o ser. Ama-se quando se doa o tempo, o coração e a paz, por amor a Deus. — explica o Mestre.

— Que devemos fazer, senhor? — é a indagação de todos, feita ao nosso mestre.

— Abram, hoje, as portas do vosso oásis de paz artificial a todos os sofredores e nosso Pai se alegrará — conclui Jesus.

Desde esse dia, do ano de 37, aprendemos a acolher todos os sofredores do Caminho.”

---

Após ouvirem a história de Harshad, todos estão envolvidos pela atmosfera daquele encontro. Ele então silencia e faz uma prece, como a completar a história de abertura da aula:

— Sóis luminosos, ainda que valham mais de mil vezes nosso pequeno planeta, são tão pequenos em relação a um coração que ama! Se soubéssemos o valor do Amor, que riquezas procuraríamos a não ser servir, servir e servir? Pai, grande e generoso, ajuda-me a Lhe servir, tocando o coração de um jovem em Seu nome, para que ele seja e sinta amor infinito pela extensão dos tempos sem fim. Que seja assim!

Após um silêncio, que expressa a emoção de todos, Harshad continua:

— Entendamos hoje, com o ensino do Messias, que as práticas espirituais mais importantes são aquelas que desenvolvem

nossos sentimentos e pensamentos, em direção a nosso Pai. E que práticas são essas?

Ante o silêncio, responde:

— É a meditação, que visa desenvolver o silêncio interior, para que possamos escutar melhor o outro.

— É a alimentação saudável, que nos faz mais fortes para trabalhar gratuitamente por quem precisa mais do que nós.

— É a prece, que pede a ampliação da mediunidade, com o intuito de socorrer quem padece nas trevas.

— Este é o nosso curso. Perguntas?

— Como meditar? — indaga Cirilo.

— Aprenda, amigo, a conviver com o silêncio. Habitue-se, diariamente, a ter momentos de silêncio. Se onde você vive há poluição sonora, compre tampões de ouvido. O psiquismo necessita de silêncio diário para se refazer. O silêncio é para o psiquismo o que a água é para o corpo. A ausência de um dos dois gera grave desequilíbrio.

— Isso parece muito simples! — comenta um jovem.

— A verdadeira caminhada, o caminho que leva ao Pai, é simples. A complexidade é a fuga de Deus. Após pacificar a mente e o coração, por meio de práticas simples e do serviço ao próximo, o Espírito torna-se apto a compreender as maiores verdades do universo — explica, sorrindo.

— E a alimentação? Deve-se comer carne? — pergunta Alessandra.

— Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, como nos ensina o Cristo — responde Harshad e, em seguida, acrescenta:

— Para a grande maioria, o excesso é o principal inimigo. Curiosamente, elege-se a carne como o ponto central, como se a alimentação carnívora ou vegetariana fosse a solução de tudo. Esse é um falso caminho, indicado por uma falsa questão. Dieta da moda é pior que veneno tradicional. Explico: cada ser tem um histórico espiritual e perispiritual; por isso, possuem necessidades energéticas diversas. É ingênuo acreditar que o padrão alimentar é algo secundário. A dieta ideal é a dieta que se adapta ao histórico alimentar de cada um, considerando-se pelo menos os seus últimos

séculos. Mas não é preciso complicar a questão; quando se quer, se é sábio. Cada um deve assumir a responsabilidade de se estudar e de conhecer a sua realidade alimentar. Para alguns, a alimentação com carne pode ser desastrosa; para outros, a ausência de carne tornará o organismo extremamente fraco. O ideal é comer bem e pouco. Que alimentos devem ter sido minha base alimentar em meu histórico reencarnatório? A quem esta pergunta assuste, faça-se uma mais simples: de que alimentos meu organismo necessita? Mas atenção: é preciso buscar uma resposta individual. Tudo, além disso, é perda de tempo e ilusão. O corpo precisa de alimentos naturais, em quantidades equilibradas, e é só. Obviamente, aos muitos que viciaram seus paladares e estômagos, é necessário um tratamento de desintoxicação e reeducação, como se deve propor aos demais viciados. Não é necessário despendar tempo e recursos absurdos; basta sintonizar com a natureza e manter essa sintonia. Nossa alimentação reflete a relação mais profunda que temos com a natureza do planeta. Afinal, materialmente falando, é preciso nos perguntarmos o seguinte: que elementos da natureza diariamente integro ao meu ser?

— Há algo mais importante, continua o professor. É preciso entender que o silêncio e a alimentação só se justificam ante o Criador quando há um sublime objetivo: servir. O que é servir? Servir é algo maior do que os importantíssimos trabalhos sociais libertadores, que muito diferem dos trabalhos sociais escravizadores. Servir é algo além da indispensável contribuição social que damos, por meio de nossas ações sociais e impostos. Servir ultrapassa os responsáveis posicionamentos político-sociais. Servir é doar-se plenamente. Por isso a mensagem do Mestre é tão fácil de entender e tão difícil de aceitar!

Após breve pausa, prossegue:

— Inicialmente, queremos ser cristãos de “meia-tigela” ou de “meia hora” por dia, e há até alguns de “meia hora” por semana... Isto é, desejamos ser cristãos na hora do culto, nos momentos de atuação social em nossa congregação, ou em cerimônias de vaidade. Isso é exatamente querer servir a Deus... e a Mamom! Mas a mensagem do jovem galileu é radical: ele quer que sirvamos por toda a vida e, em tudo, apenas a Deus! Ele foi crucificado. E este é o ponto central do processo de espiritualização: ser um com

o Pai, o que significa servir sempre. Ser crucificado pela inferioridade e tornar-se livre em Deus.

Por fim, o luminoso Harshad conclui, com palavras fortes, antes de se despedir de todos:

— Tenham uma boa manhã. O sol nasce como há muitos milênios, com sua beleza e energia luminosa. Quando nascerá em vocês o sol imortal da caridade, a caridade que ilumina e serve sem exceções de dias, horários e pessoas? Acordem e perguntem-se: qual será meu objetivo na atual encarnação? Amo a Deus ou a podridão?

Felipe acorda com essa pergunta ecoando em sua alma e chora, emocionado. “Quero servir a Deus!” — é o seu primeiro pensamento.

## UM DIA NORMAL

**D**epois de chegar da escola e almoçar, Felipe resolve tirar a tarde para estudar a Doutrina Espírita. Após pesquisar na internet as obras de Léon Denis, encontra o livro **Socialismo e Espiritismo** e decide lê-lo. Empolgado com sua descoberta, não observa que Ivan e mais de cem jovens estudantes estão ao seu lado. Ivan, seu amigo espiritual, resolveu realizar um estudo coletivo a partir da leitura de Felipe. Este, ao abrir o arquivo do livro, se depara com estas palavras:

“Espiritismo e Socialismo estão unidos por laços estreitos...”

“Socialismo e Espiritismo unidos por laços estreitos?” — pensa Felipe, cujo pensamento é visto por Ivan e pelos estudantes.

— Nunca suspeitei dessa união. — comenta um jovem desencarnado para Ivan.

— É preciso, antes de tudo, que você entenda o que Léon Denis quer dizer por “socialismo”; é algo muito diferente do socialismo marxista ou comunista. Vejamos a definição de Denis — explica Ivan, apontando para o segundo parágrafo do livro que Felipe está lendo:

“Todavia, antes de tudo, importa bem definir os termos que empregamos. Para nós, o Socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios suscetíveis de melhorar a situação material, intelectual e moral da Humanidade. Nessas condições, são numerosas as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, desde o Socialismo Cristão até o Comunismo, e todo homem cuidadoso com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções.”

— Para o continuador de Kardec, socialismo é o estudo do mundo social com o compromisso de melhorar a vida dos seres humanos. Entender isso é essencial! — destaca Ivan.

Felipe continua a leitura e Ivan chama mentalmente a sua atenção para a importância que Denis dá para a educação do povo,

definindo que o problema central das questões sociais é a conduta moral.

“Interessante, o socialismo materialista não fala sobre isso” — pensa Felipe.

— Por isso ele não deu certo! Querer elevar o ser humano definindo-o como um ser material é uma contradição, que trouxe sofrimento a milhões de pessoas — é a reflexão que Ivan projeta na mente de Felipe.

— É... — responde Felipe, sem se dar conta de que conversa com Ivan.

Felipe continua a leitura, chegando a este trecho: “Hoje em dia, são as classes trabalhadoras que, por vezes, desejam alçar-se e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo que vem debaixo não é melhor do que aquele que vem do alto; é talvez pior, pois que mais brutal e mais cego.”

“Ah, Léon Denis é contra o materialismo e também a opressão política!” — pensa Felipe.

— Exatamente! A visão social de Léon Denis defende que todos devem se preocupar com a condição social de todos e que as transformações sociais devem ser conquistadas em clima de respeito e liberdade. Ele não apoia a revolução violenta, nem a exploração desumana. Talvez devêssemos criar outro termo para essa proposta social, porque o termo “socialismo”, hoje em dia, é associado aos regimes desumanos e autoritários, que nada têm a ver com a definição de Denis. Porém, até que algum estudioso do assunto consiga elaborar uma teoria social espírita, pois Denis não pôde se ocupar apenas com esse assunto, manteremos esse termo, explicando seu real significado — comenta Ivan, respondendo ao pensamento de Felipe e esclarecendo o grupo.

Felipe, que capta a explicação de forma inconsciente, pensa: “Será que um dia teremos um missionário que desenvolverá essas reflexões e elaborará propostas de melhoria social, baseadas em uma compreensão mais ampla da vida material e espiritual?”

— Sim, certamente! Missionários já reencarnaram com essa tarefa — fala Ivan para Felipe e para o grupo.

“É um tema tão interessante! Vou perguntar isso para o Ivan”.

O riso é geral: todos os alunos riem ao ouvir os pensamentos de Felipe. Enquanto isso, Felipe prossegue a leitura.

“Denis já explicou o início dessa teoria” — pensa Felipe, ao ler a seguinte passagem:

*O essencial seria, pois, fazer conhecer ao homem, antes de tudo, de onde ele vem e para onde ele vai, isto é, qual a finalidade real da vida e a sua destinação.*

O trecho sobre o trabalho chama a atenção de Felipe:

*O trabalho é um preservativo soberano contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, de paz e de felicidade, desde que realizado com inteligência e obstinação.*

“Nunca pensei que trabalhar fosse tão importante!” — pensa Felipe.

Ivan sorri, feliz, pois não precisa comentar nada. O pensamento de Felipe já é uma lição para os jovens desencarnados.

Prosseguindo a leitura, Felipe lê e relê espantado o seguinte trecho, em que Denis declara que a teoria marxista está errada:

*O que se chama de “luta de classes” não existe senão no papel. Em realidade, não há mais classes desde a Revolução [Industrial]; não há mais, entre elas, limites precisos, pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo, e nele se recruta incessantemente. É de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a Humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses: graças ao seu trabalho ou ao seu talento.*

— Esta descoberta só foi feita muito recentemente pelos teóricos materialistas. Inicialmente, verificamos a limitação dos teóricos do socialismo materialista para entender os reais problemas sociais. Aqueles que vivem iludidos com a vida material, que limitam a vida ao plano físico, não podem entender a parte mais significativa da vida social: as sociedades espirituais. Sem isso, irão elaborar teorias e falsas soluções e nunca conseguirão resolver os verdadeiros problemas que angustiam a



humanidade. São cegos, que nunca poderão apontar nem caminhar em direção às soluções reais — explica Ivan.

— Agora sei que o socialismo de Denis é o oposto do marxismo! — pensa Felipe, sendo acompanhado da interessante observação de Ivan:

— Vejam que nunca poderemos entender adequadamente um simples fenômeno social, nem mesmo como se dá a leitura de um livro, como estamos observando neste momento, sem considerar a realidade espiritual; quanto mais resolver os graves problemas da sociedade terrena. Se Felipe estivesse acompanhado de Espíritos inferiores, suas reflexões seriam muito diferentes...

Felipe fecha o arquivo. Resolve dar uma caminhada em um parque próximo de sua casa: esse é o exercício de que mais gosta. Arruma-se, sai e é acompanhado por Ivan e pelo grupo de estudantes.

Ao chegar ao parque, observa dois pedintes conversando. Ivan e o grupo aproximam-se. “O que será que os levou à miséria?” — pensa Felipe, intuído por Ivan. Passa então próximo a eles e um deles, visivelmente bêbado, lhe estende a mão e pede ajuda. Felipe coloca a mão no bolso, tira duas moedas de um real, dá ao pedinte e, impulsionado por Ivan, indaga:

— Você precisa de alguma coisa a mais?

— Não moço, com a minha cachaça eu fico em paz.

— Ele bebe sempre, eu estou sempre dizendo pra ele não beber tanto... — fala o outro mendigo.

— A vida é um desgosto e bêbado eu me alegro! — diz, falando alto e rindo.

— Ora, ora, algum dia você vai ter que ficar sóbrio! — responde o amigo.

— Bem... Veremos!

Nesse momento, Ivan explica:

— Estamos diante de dramas diferentes. O primeiro mendigo foi um comerciante rico que, após uma desilusão emocional, a traição da esposa que tanto venerava, começou a beber desenfreadamente. É um indivíduo que tenta acabar com a própria vida por meio do álcool. O segundo é um homem equilibrado e honesto que, por conta da traição de um colega de trabalho, passou

a ser visto por todos como um criminoso vulgar, pois acusaram-lhe de ter roubado a empresa em que trabalhava. O desgosto e a mágoa, fruto da humilhação pública e do período em que ficou preso, tiraram-lhe a disposição para buscar uma solução mais saudável. Como a teoria da luta de classes solucionaria essa realidade? Impossível! A origem da mendicância é múltipla, e somente com uma visão mais ampla se pode entender e solucionar os complexos problemas sociais.

— Por que o senhor começou a beber? — indaga Felipe, com simpatia. E, enquanto o mendigo conta sua história, Ivan explica:

— No primeiro caso, a prevenção seria uma compreensão mais ampla da vida, a oração sincera e a busca pela espiritualização; isso poderia não ter evitado a traição, mas certamente ensinaria nosso irmão a lidar com ela de forma mais saudável. No segundo, a perseverança em buscar outro emprego lhe daria nova oportunidade em mostrar seu real valor. Vamos estimulá-lo a encontrar outro trabalho.

— E ao primeiro, não podemos ajudar? — indaga Abelardo, o amigo de Felipe que havia desencarnado há duas semanas.

— Sim, responde Ivan. Vamos convidá-lo a ir ao centro espírita. Lá, ele receberá o auxílio que precisa e, se aceitar, em pouco tempo terá sua vida transformada. Apesar da mendicância em que vive, ele ainda possui alguns bens, de que nem ele mesmo sabe. Sua mãe deixou para ele uma bela e confortável casa, que ele nunca procurou receber, dado seu estado de confusão mental — Ivan comenta e telepaticamente orienta Abelardo a transmitir a Felipe essa orientação.

Abelardo, feliz, aproxima-se de Felipe e abraça-o, matando as saudades do amigo, e sugere que ele convide o homem a visitar o centro espírita em que Felipe frequenta.

— Como você se chama? — indaga Felipe.

— Paulo.

— Senhor Paulo, o senhor não gostaria de visitar um centro espírita? Lá é muito bom.

— Centro Espírita? O que tem lá? É macumba?!

— Seu Paulo, lá o senhor vai encontrar pessoas boas que vão lhe escutar e orar pelo senhor. Quem sabe o senhor não vai se

sentir melhor, mais feliz?... — argumenta Felipe, inspirado por Abelardo.

— Felicidade... — fala Paulo, tentando entender o significado da palavra.

Nesse momento, Ivan faz Paulo lembrar sua infância, o carinho materno, as brincadeiras com os colegas de rua e com os irmãos. E assim Paulo, sem se dar conta, começa a chorar e repete, mecanicamente:

— Felicidade... felicidade...

Felipe fica um pouco assustado. Lembra-se de Ivan. Estaria ele ali?

Fazendo o quê?

Ivan aparece sorrindo a Felipe e diz:

— Abrace-o. Ele é seu irmão tanto quanto Jesus.

Sem pensar, Felipe aproxima-se de Paulo. O cheiro forte de cachaça o incomoda, mas ele prossegue e abraça aquele senhor, de olhar tão sofrido.

Juarez, que observa tudo espantado, benze-se, sentindo que algo espiritual está acontecendo. Paulo emociona-se ao ser abraçado por Felipe e chora, compulsivamente.

— Eu tenho um filho de sua idade... — é o que Paulo consegue dizer, entre lágrimas e soluços.

Ivan, nesse instante, projeta na mente de Paulo uma luz, que parte de seu coração. Paulo olha para Felipe, que também está emocionado, beija-lhe a testa e o abraça novamente.

Juarez não acredita no que está vendo e pensa: “Que força tem aquele menino para emocionar um coração tão revoltado como o do meu amigo?!” Paulo então pede a Felipe que lhe diga onde é o centro espírita. Depois que Felipe explica, ele responde:

— Meu filho, você me lembrou de tantas coisas boas que deixei para trás. Vou ao seu centro pedir ajuda. Quero ter coragem de voltar para minha cidade e recomeçar a vida que abandonei, por revolta.

Após dizer isso, Paulo inesperadamente olha para Juarez e diz:

— Você vai comigo. Vou recomeçar meus trabalhos e precisarei de um bom companheiro. Se ele pode acreditar em

mim — diz, olhando para Felipe — eu também posso acreditar em você.

Juarez, que conhecia a fundo a história de Paulo e seu caráter honesto, abraça-o emocionado.

Felipe despede-se. Faz sua caminhada e volta para casa, ainda tentando entender o que aconteceu. Entra em seu quarto, faz uma prece e consegue captar a explicação de Ivan:

— Assistimos hoje a uma ação da sociologia espírita: entender em profundidade a problemática do ser encarnado; atuar em todos os casos, tendo por base o sentimento de amor e fraternidade e, por fim, amparar a cada um, segundo sua necessidade real. Essa é a lei da ação social espírita. Não somos meros distribuidores de sopas e esmolas; tudo isso é pretexto, é uma forma simpática de nos aproximar. Nos interessa é o auxílio profundo a cada ser, para que ele possa solucionar os próprios problemas.

“Que aula interessante de sociologia espírita eu tive!” — pensa Felipe, ao entender que apenas compreendemos de verdade o Espiritismo quando o transformamos em ação que beneficia outro ser humano, outro filho de Deus.

## UM DIA DIFERENTE

Felipe medita sobre o que viveu, pensando em como uma experiência tão simples pôde tocá-lo tão profundamente. “Se a solução dos mais dramáticos problemas humanos só será real se alcançada com uma postura fraterna e compreensiva, como as teorias que se dizem sérias, por serem ásperas e até cruéis, como a do socialismo materialista, estão longe de nos ajudar a melhorar a vida em nossa sociedade!” — pensa.

— É exatamente isso. — diz Ivan, sorrindo, após aparecer na visão espiritual de Felipe.

— Que bom que você está aqui! Como faço para entender melhor a problemática social? — pergunta Felipe.

— Continue lendo **Socialismo e Espiritismo** de nosso amigo Denis.

— Eu ainda não estou nem na metade. Mas posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim — responde Ivan.

— Por que tanta miséria na Terra, se é tão fácil resolver os problemas? Se o que nos falta é fraternidade e abnegação, por que não acabamos com a miséria de uma vez por todas?

Ivan pensa e explica:

— O problema, Felipe, não é apenas compreender a solução. É preciso vivê-la!

— Mas como alguém pode não querer acabar com tanto sofrimento, como os que vemos na Terra?

— Só há solução real quanto existe crescimento espiritual, e o crescimento espiritual exige que aprendamos a sentir nossas dores. É preciso saber sofrer para se libertar do egoísmo, do orgulho e da vaidade. A maioria prefere criar belas desculpas, em vez de enfrentar os problemas íntimos.

— Não entendi. Por que sofrer para superar o orgulho?

— O orgulhoso, que é maioria no mundo, é um indivíduo que não admite suas limitações. Admitir que possa errar, admitir

que não sabe de tudo, admitir que existem Espíritos encarnados, mais nobres e inteligentes, é para o orgulhoso uma dor. Por não querer enfrentar essa realidade, o orgulhoso se torna incapaz de compreender a realidade da vida maior. É como um animal, que se esconde na caverna e deixa de ver e viver a beleza da floresta, porque não admite encontrar outros animais mais belos do que ele.

— E como isso afeta a realidade social da Terra?

— Bem... O orgulhoso, quando rico, isola-se da maioria, porque quer acreditar que é tão melhor que não deve sequer conviver com os que não são ricos. Quase sempre desencarna em situação infeliz e dolorosa, pedindo para reencarnar como miserável ou pobre para aprender a entender melhor quem sofre. Se continua orgulhoso, sua situação espiritual pouco muda, mas se outros começam a ajudá-lo com fraternidade, suas emoções são transformadas. A ajuda abnegada é a ação mais revolucionária que se pode imaginar. Uma vez aperfeiçoadas as emoções e amenizado o orgulho, o indivíduo começa a entender que os outros sofrem como ele, e passa a agir de tal forma que não gere sofrimento para ninguém. É o começo da regeneração moral. Esse é o momento em que vive a sociedade terrena. Os sofrimentos que serão vividos devem alterar a maioria dos orgulhosos do mundo.

— E os que não melhorarem?

— Estes continuarão a receber a mesma lição em situação mais difícil. Irão habitar mundos primitivos. A dor não será a de uma encarnação, mas, provavelmente, de muitos séculos — explica Ivan.

— Muitas teorias sociais que dizem que irão melhorar o mundo não estarão na verdade o piorando? — pergunta Felipe, pensando nos governos autoritários.

— Sim, sem dúvida. O lobo vestido de cordeiro é muito mais perigoso do que a fera que se apresenta como é.

— Nunca pensei que o ensino do Evangelho fosse útil para avaliar teoria social! — fala Felipe.

— O Evangelho, para quem tem olhos de ver, quer dizer, para quem quer entender em profundidade os ensinamentos do Cristo, é a fonte das verdadeiras teorias de bem-estar para a humanidade.

O que as teorias sociais materialistas fizeram é um trabalho farisaico, quer dizer, usam o Evangelho para mentir e enganar.

— O Evangelho? Felipe não entende.

— Sim. O que eles prometem é a promessa que Jesus trouxe à Terra: fraternidade, justiça, amparo a todos; mas o que eles geram é opressão, desigualdade e violência.

— É mesmo! — fala Felipe, encantado com a lógica simples e elevada de Ivan.

— Os que conhecem o Evangelho não se iludem com os falsos profetas.

— Mas não houve religiosos que adotaram essas teorias?

— Sim, mas quem lhe disse que a formalidade é realidade? Ser de uma ordem religiosa, declarar-se religioso, isso é direito de todos. Mas entender e viver o Evangelho é a conquista dos abnegados.

— Se os professores entendessem isso...

— Os orgulhosos são confundidos, os humildes elevados. Assim ensina o Evangelho!

— A humildade é a porta para o verdadeiro conhecimento. Tantos doutores vivem confusos com suas complexas teorias... e muitos são meus professores.

— Aprenda com eles!

— Aprender?

— Sim. Aprenda como é triste aparentar-se o que, na verdade, não se é.

— É verdade!

Terminada a conversa, Ivan despede-se de Felipe, que lhe agradece pelas lições aprendidas. Após se abraçarem, Ivan parte com o grupo de jovens estudantes.

## UM DIA NUBLADO

Ao terminar suas tarefas escolares, Felipe realiza sua programação de educação espiritual diária. Vai depois tomar banho e deita-se para dormir. Ao abrir aleatoriamente **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no capítulo XIII, item 4,

Infortúnios Ocultos, tenta relacionar, sem conseguir, a leitura com as experiências de seu dia. “Certamente depois entenderei...” — pensa. E assim Felipe adormece, saindo do corpo.

Pai Joaquim, Abelardo, Alessandra e Cirilo estão à sua espera.

— Pensei que não ia lhe ver hoje! — brinca Abelardo.

— Você sumiu! Pensei que tinha desistido — fala Felipe.

— Deus me livre! Eu apenas desencarnei — responde.

— Você morreu?! — fala Felipe, assustado.

— Até onde eu saiba, eu apenas desencarnei. — responde, com bom humor.

Todos riem.

— Sei que você deve estar com mil perguntas. Assim que puder, eu lhe conto tudo. Mas não se preocupe, pois está tudo bem. Afinal, Espiritismo serve para estas coisas, não é? — explica Abelardo.

— Abelardo é uma exceção. A maioria dos jovens espíritas têm uma missão bem mais longa do que a dele. A vocês, jovens espíritas, cabe o estudo e a prática do Espiritismo no centro espírita e na sociedade. Felipe, você desenvolverá estudos sobre sociologia espírita; por isso esse curso é tão importante para você — explica Pai Joaquim, que não queria deixar espaço para medos tolos ou adiamento de compromisso.

— E eu? — pergunta Alessandra.

Pai Joaquim sorri e diz:

— Quem pergunta quer saber. Isso é bom, porque gera mais responsabilidade. Você, minha filha, terá uma tarefa muito bonita no movimento espírita: você ajudará os jovens a descobrirem suas missões no mundo. Você será a luz que os ajudará a lerem o mapa dos compromissos espirituais!

— Que legal! — fala Cirilo.

— E você, menino — diz pai Joaquim, fixando o olhar em Cirilo — precisará ter a coragem de criar uma nova imprensa espírita. Além de organizar reuniões mediúnicas que cuidem dos viciados em drogas, você divulgará suas experiências e as dos outros.

— E vão falar muito mal de vocês... — acrescenta Abelardo.



— Se, ao menos, a gente lembrasse disso quando acordados, já ajudaria muito... — fala Felipe.

— Basta que vocês se preparem. No próximo curso, com o menino Gabriel, ele vai lhes ensinar regressão e lembrança dos sonhos. Vocês dois podem escolher fazer ou não, mas a menina Alessandra não pode perder, né? — diz Pai Joaquim, descontraído.

Nesse momento, chegam Ivan e Eurípedes. Todos se impressionam com a presença do mestre de Sacramento. Notando o espanto geral, ele comenta:

— Passei boa parte de minha encarnação entre os jovens — seja no colégio, seja nas atividades mediúnicas de desobsessão, receituário, cirurgias mediúnicas e outras, bem como na formulação de medicamentos naturais — por isso, não se espantem. Minha tarefa no mundo espiritual está ligada aos jovens, encarnados e desencarnados. Nesse momento de renovação social, inclusive do movimento espírita, conto com vocês, a juventude espírita. Precisamos de avanços com relação as importantes conquistas já realizadas. Caminhamos muito, mas há muito ainda a fazer e não podemos sobrecarregar os atuais tarefeiros espíritas. Novos estudos, novas práticas sociais e novas abordagens comunicativas precisam ser desenvolvidas. É por isso que temos tantos cursos em nossa escola e é por isso que temos tido tantas reencarnações de Espíritos comprometidos com o progresso social e moral no seio do Consolador.

Enquanto Eurípedes fala, Felipe lembra-se de como a trajetória deste mestre está ligada à juventude. Quando adolescente, em sua reencarnação como Marcos, ele foi um fiel seguidor do Cristo. Na encarnação seguinte, ainda na juventude, foi educado por Inácio de Antioquia, discípulo direto de João Evangelista. Como Rufo, ainda no período do cristianismo primitivo, cuidava das crianças e jovens abandonados. Em Sacramento, dedicou-se à educação espírita de jovens e, agora, prepara a ação da Nova Geração no mundo.

— Sim, Felipe — diz Eurípedes. Minha trajetória espiritual foi uma preparação para este momento em que vivemos. Na obra de nosso Pai não há lugar para improvisos, preguiça ou má vontade. Dediquei-me à educação e à saúde com os jovens, porque é pela juventude que a Terra se renovará. A sabedoria dos adultos só é

verdadeira quando não se fecha ao crescimento verdadeiro. Em um mundo como a Terra, apenas aqueles que mantiverem a sintonia com o mais alto desde o início da juventude poderão cumprir as missões de profunda mudança moral, social e cultural em todo o globo. Não fez assim o Cristo, ao chamar mediunicamente os jovens Francisco de Assis e Antônio de Pádua? A sabedoria e a experiência dos mais velhos são sempre importantes, mas o comodismo é um ato contra a Criação, que tem por Lei suprema a evolução guiada pelo amor.

Nesse instante, Eurípedes pede que todos façam uma prece silenciosa. Ele então os conduz a uma região no mundo espiritual em que vivem Espíritos de suicidas e de viciados, encarnados e desencarnados. Ao chegarem, param em uma espécie de rocha. Pai Joaquim passa a aplicar passes em todos, enquanto Eurípedes observa, comovido, os milhares de Espíritos que gemem em intenso sofrimento.

— Mantenham o coração calmo. Observem que, em meio daquela multidão, existe uma pequena e sutil luz — diz Eurípedes, enquanto aponta para uma direção.

Todos olham para a direção apontada, mas nada conseguem ver. Eurípedes então pede que se acalmem e se concentrem. Após trinta minutos de silêncio interior, o grupo passa a perceber uma fraca luz, em meio a um enorme grupo de Espíritos, que gritam pedindo ajuda, desesperados. O professor olha para pai Joaquim que, entendendo seu pensamento, dirige-se àquela frágil luz e retorna com um Espírito, quase desmaiado, em seus braços. Sem explicações, eles partem em direção ao mundo físico e, guiados por Eurípedes, chegam à porta de um grupo espírita, que funciona em uma casa. São reconhecidos pelos Espíritos responsáveis pela segurança, que os cumprimentam, com respeito. Entram, atravessam um jardim, e adentram a sala mediúnica. A reunião está começando. Adolfo faz a prece e se coloca à disposição para os trabalhos espirituais. Pai Joaquim entrega o jovem que carrega nos braços a um dos enfermeiros espirituais daquele grupo, aproximase do médium e saúda a todos:

— Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja nos seus corações! Irmão preto vai falar rápido, porque hoje peço socorro a um jovem que, apesar de tanta loucura, quis ver a luz.

— Que alegria saber de sua presença! Estamos dispostos a trabalhar com Jesus, sempre! — responde o dirigente.

Pai Joaquim sorri ao sentir as vibrações de amor emitidas pelo grupo e explica:

— Este moço foi muito rico, de família poderosa. O coitado achava que a vida é o que temos e o prazer que sentimos. Agora ele tá triste e acabrunhado. Não vou falar como era o lugar em que ele tava, para não assustar alma medrosa, mas um dia vou levar vocês para lá para me ajudar no socorro. No final dos trabalhos, um amigo do preto vai dar uma palavrinha aqui com vocês.

O jovem, semiadormecido, é trazido para perto de um dos médiuns do grupo e começa a falar, confuso:

— Onde estou? Alguém me socorreu?! Graças a Deus, agora estou me sentindo melhor! Pensei que estava louco... Será que foi um sonho?!... Ah! Que dor na cabeça! Minha cabeça tá doendo...

Sílvio, o responsável para dialogar com os Espíritos, levanta-se e diz:

— Acalme-se, meu irmão. Não se preocupe, nós lhe ajudaremos e, em pouco tempo, tudo se esclarecerá.

— Minha cabeça dói muito. O que aconteceu?!

Sílvio pede que Aldenora ajude na aplicação de energias curadoras, para reestabelecer o equilíbrio do jovem. Nesse instante, Eurípedes aproxima-se da médium doadora de fluidos e, utilizando-se das energias dela, induz o Espírito a uma regressão de memória. E, assim, pouco a pouco, o jovem socorrido começa a lembrar o que havia lhe acontecido. Primeiro assiste à cena do próprio enterro; depois, vê a situação de seu desencarne e, por fim, como foi atraído para a região em que estava. Ao ver todas as cenas, solta um grito e diz:

— Não aceito! Eu não morri!

— Meu amigo, você agora faz parte de uma outra realidade. É preciso aceitar. Basta de sofrimento por causa de sua rebeldia!  
— fala Sílvio, com firmeza.

— Eu não aceito, eu não aceito.

— Escute amigo: caso você continue com essa atitude, é possível que volte para onde estava. Estamos aqui para lhe ajudar, mas depende de você aceitar ou não.

O jovem chora convulsivamente ao ver que não poderá voltar à situação de encarnado. Sílvio, observando a reação do socorrido, argumenta:

— Eu entendo, meu amigo. Sei como é difícil nos desligarmos do mundo quando estamos na fase das ilusões, principalmente quando nós, voluntariamente, nos vinculamos aos vícios destruidores do corpo e da alma. A prova da riqueza é terrível. A ilusão do poder é esmagadora para a maioria de nós. Sei o quanto roupas e carros nos transformam em seres tolos e iludidos. Mas, apesar de tudo, continua a existir em nós a centelha divina, que é a essência que todos temos. Aceite o sofrimento da desilusão como elevada lição que Deus lhe envia. Não se revolte mais. Todos somos pobres aos olhos de Deus até o dia em que permitirmos que Seu amor brilhe plenamente em nosso ser.

— Eu... Não consigo mais viver como um verme a se arrastar... Ajude-me, por favor... O que tenho que fazer para ter um pouco de paz? Tudo dói muito...

— Aceite a ajuda que Deus lhe envia. Aceite o amparo e prepare-se para trabalhar no bem, porque nossa vitória espiritual só acontecerá quando estivermos tão ocupados na prática do bem que esqueceremos o nosso egoísmo e o nosso orgulho. Descanse um pouco e trabalhe muito! — fala Sílvio, sorrindo.

— Obrigado! Eu aceito! Agora entendo que sofri por décadas por que me recusei a perder a vida que eu tinha...

Nesse instante, trabalhadores espirituais o levam. Então Eurípedes se aproxima e começa a falar:

— A paz do Cristo em nossos corações! O jovem que agora socorreis é um símbolo e um alerta a todos da Nova Geração. Muitos pediram e obtiveram a permissão para reencarnar em famílias portadoras de imensas reservas de riqueza material; outros, por meio do trabalho honrado, adquirirão considerável fortuna. Seja como for, sabemos que tudo é concessão de Deus. O compromisso de quem possui recursos materiais que ultrapassam as simples necessidades é grave. Em um mundo em que a fome ainda mata e em que a falta de leitos e medicamentos são fontes de extremo sofrimento, possuir muitos bens, apenas acumulando-os, sem ser útil, é prejuízo espiritual para o qual a própria consciência exigirá reparação. A sociedade deve caminhar em

direção a modelos mais fraternos e humanos. Para isso, convocamos os espírita-cristãos ao exemplo social elevado. A prática da fraternidade no ambiente de trabalho, mesmo que isso signifique alguma perda material, é dever intransferível. Não deve o seguidor do Consolador disputar cargos, a custa de sua conduta ética, ferindo e caluniando. Não deve o espírita, em sua profissão, ser conivente ou acolher propostas que desonrem a própria consciência. Isso trará os prejuízos dos ganhos mentirosos. Será valioso amontoar um tanto a mais e perder a alma? Podemos servir a Deus e a Mamom? A revolução social espírita inicia-se na utilização correta dos recursos que já existem. Deus nunca abandonou sociedade alguma ao longo da história. Quando utilizarmos, na medida exata de nossa necessidade, os recursos que possuímos, haverá casas, escolas, hospitais e segurança para todos. Começemos nossa revolução hoje, sendo éticos e fraternos em todas as funções sociais que exercermos. Abandonemos tudo aquilo que seja motivo de escândalo aos olhos de Deus e de seus protetores espirituais. A sociedade terrena atravessa período de renovação. Triste será aquele que ainda acumular mais do que necessita. Triste será aquele que pensa que sua felicidade deve ser construída com base no sacrifício de seus irmãos. Estes estarão em situação muito pior do que nosso irmão socorrido, porque serão considerados traidores da fraternidade universal.

Muitos estavam chocados com uma mensagem tão forte. Pensavam que os bons Espíritos apenas falavam de forma amorosa, nunca crítica. Devem, portanto, preparar-se, pois o movimento espírita entra em uma nova fase, em que a ação social e espiritual estarão interligadas, sob a coordenação do mestre de Sacramento, Eurípedes Barsanulfo.

Após encerrar a comunicação, Eurípedes envolve todos os trabalhadores, dos dois planos, em suas vibrações de paz. Os encarnados sentem profunda paz, enquanto os desencarnados emocionam-se intensamente e agradecem a Deus pela presença do amigo e professor. Eurípedes volta-se para Alessandra, Cirilo, Abelardo e Felipe e orienta:

— Visitem os departamentos deste centro. Conheçam como se entrelaçam as atividades nos dois planos; em breve nós encaminharemos vocês para integrar este centro de atividade.

Queremos transformá-lo em referência para os futuros centros espíritas.

— Nos encontraremos encarnados? — pergunta Felipe, exultante.

— Sim — responde Eurípedes. É o momento de meus alunos se aproximarem e provarem que são capazes de viver em clima de amor e respeito, como ensinei.

Alessandra, com os olhos cheios de emoção, afirma:

— Professor, é aqui que poderei iniciar minha atividade psicográfica?

— Sim. Como afirmei, no centro espírita do futuro, inspirados no modelo do Cristo, jovens e adultos trabalharão juntos, em igualdade, com respeito e cooperação, em todas as atividades. A verdadeira linguagem jovem não é constituída de gírias e palavras fúteis. A linguagem jovem é a da alegria cristã, que todos devem cultivar.

— Os trabalhadores encarnados aceitarão? — indaga Cirilo.

— Devem aceitar. Foram preparados para essa vivência revolucionária do ponto de vista do movimento. Mas, como há sempre o livrearbítrio, caso recusem a colaborar com o Cristo, encaminharemos vocês a outros, que amem o dever e afastem-se das intrigas e das formalidades farisaicas. Contudo, creio que nossos irmãos honrarão o legado da educação que receberam de mãos abnegadas de médiuns exemplares, que aqui laboraram.

Nesse instante, pai Joaquim aproxima-se e avisa que tudo está pronto para a apresentação das atividades do núcleo espírita. Eurípedes se despede e Felipe, Alessandra, Abelardo e Cirilo acompanham pai Joaquim.

Felipe acorda em um dia chuvoso, lembrando a maior parte de seu desdobramento espiritual. “Que seja verdade!” — pensa. O dia está nublado, ao passo que a mente de Felipe está iluminada. Ele começa a descobrir a grandiosidade que é esquecer as ilusões do mundo e aprender a servir ao jovem Jesus de Nazaré. E você? O que tem descoberto de interessante?

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 9*

*Pequena Mestra*



## PEQUENA MESTRA

Uma casa no caminho de Mila lhe chamava a atenção toda vez que ela passava por ali. Era próxima a uma ponte quebrada, logo ao lado de uma imensa figueira, já velha e retorcida. Mila pensava no que teria acontecido com as pessoas que um dia ali viveram. Teriam sido felizes? Teriam sabido amar a vida, ajudar os necessitados? Ou teriam vivido uma vida sem graça, apenas buscando ter mais e mais coisas para mostrar aos outros? “Não sei...” — respondia Mila, para si mesma.

Um dia, porém, viu o que pareceria ser uma bela senhora idosa, à porta da velha casa. Espantou-se. Seria ela um fantasma, um Espírito? Deu-se conta de que não fazia sentido ter medo de Espíritos e resolveu, então, ir olhar a senhora de mais perto. E chega tão perto que a senhora nota sua curiosidade e diz, sorrindo:

— Oi, menina! Aproxime-se...

Mila arregala os olhos, olha bem para o rosto da senhora e pensa: “Mesmo que seja um fantasma, é um fantasma bem simpático. Vai ser legal conversar com ele!”.

Ela então respira fundo, se aproxima e, ao chegar mais perto, nota que se trata sim de uma senhora, chamada Luzete, a qual, embora idosa, estava ainda vivinha, vivinha neste mundo. E, sem querer, Mila fala:

— Pensei que a senhora fosse do outro mundo...

A senhora, ao ouvir o jeito que a menina falou, não pode conter o riso e diz:

— Minha filha, sempre tive contato com o mundo espiritual; mas pode ter certeza, ainda estou neste mundo e só vou deixá-lo depois que cumprir totalmente minha missão!

Mila ficou mais curiosa ainda. Que missão seria essa?

— Filha — diz a simpática senhora — todos viemos de outro mundo. Na verdade, somos habitantes do mundo espiritual e estamos na Terra apenas de passagem...



— Mas eu não me lembro de nada disso! Se eu fosse do outro mundo, do “mundo espiritual”, como a senhora diz, eu me lembraria!

— falou Mila, com convicção.

A senhora sorri e pergunta:

— E você lembra quando estava na barriga de dona Aurora, sua mãe?

Mila arregala os olhos e pensa: “Nunca havia pensado nisso! E como essa senhora sabe o nome da minha mãe?!” Ela então pergunta:

— Mas por que eu não me lembro e ninguém mais se lembra disso?

— Na verdade, muitas pessoas se lembram sim da vida espiritual e das vidas passadas. Outras não lembram porque têm medo, medo de aceitar seus erros e medo de aceitar os erros dos outros. Sua mãe se lembra de uma vida em que fomos irmãs — diz a velhinha, sorridente — mas ela tem medo de falar dessas coisas.

— Você conhece minha mãe? E por que ela nunca me contou isso?

— Somos, hoje, apenas conhecidas; mas ela continua gostando muito de mim e eu dela.

Mila está encantada com tudo o que está aprendendo. E, para não perder tempo, logo diz:

— Eu quero me lembrar de minha vida passada!

A velhinha sorri e responde, calmamente:

— Em breve você vai começar a lembrar de sua vida passada em sonho e, depois, mesmo acordada, vai continuar se lembrando.

A senhora para um pouco, fica em silêncio e faz uma prece. Mila espera, com calma. A senhora então abre os olhos e, olhando para ela, conta:

— Você é a última tarefa de minha missão na Terra. Você foi minha mestra em uma encarnação em que eu estava muito triste e confusa. Seus ensinamentos me ajudaram a encontrar explicação para o meu sofrimento e a aceitá-los. Você me ensinou o caminho da paz. Como gratidão, prometi encontrar você, ainda na infância, e lhe ajudar em sua nova missão no mundo.

Mila, que tem oito anos, sente um profundo amor vindo da senhora que, a esta altura, lhe parece familiar. Mila então abraça-a, com muito carinho, e pede:

— Você pode também ajudar a minha mãe? Sinto que ela perde muita coisa da vida por ter medo, medo de se entregar à vontade de Deus. Ela vive muito ansiosa, sempre com muito medo.

Luzete sorri e diz:

— É bem você mesmo, mestra Euriteia, sempre agindo para ajudar os outros a encontrar a paz. Vamos fazer uma oração juntas e agradecer ao nosso amado Pai por este encontro.

Ambas sentam-se então na posição de lótus, uma em frente à outra, dão-se as mãos e oram.

Enquanto Luzete está para terminar a sua missão, para a pequena e destemida Mila este é apenas o começo.

## PRIMEIRA MISSÃO

Mila chega em casa, leve e tranquila. O encontro com Luzete, longe de apavorá-la, ajuda-a a entender muita coisa estranha que lhe acontecia. Agora ela entende os seus sonhos, que lhe pareciam tão reais. E agora ela sabe porque gosta tanto de imaginar lugares que nunca conheceu. São lembranças do passado!

“Não sou uma criança estranha. Eu apenas conheço muitas coisas de outras vidas, e isso é muito legal! Preocupei-me tanto com isso! E a explicação é tão simples. E a minha mãe, será que vai entender? D. Luzete falou que ela se lembrava de uma vida passada, mas acho que ela mesma vai dizer que é só imaginação!” — pensa Mila.

A mãe de Mila é uma pessoa muito carinhosa e atenciosa, mas parece que não entende nada de reencarnação. Como Mila vai explicar isso para sua mãe, sem assustá-la? Difícil saber. Tem tanta gente com medo das coisas mais bonitas. Vejamos, portanto, o que a pequena mestra vai fazer.

Mila, como que lembrando que a sabedoria ensina que todas as coisas importantes têm de ser ditas na hora certa, controla sua vontade de contar tudo para a sua tão amada mãe. Ela sabe que deve ensinar aos poucos, sem assustar.

Alguns dias depois, aparece a oportunidade de ela iniciar o aprendizado de sua mãe. Ambas estão andando calmamente no parque, olhando para o céu, para as nuvens, para o rio. Mila então inicia a conversa:

— Mãezinha, já pensou em como o mundo é grande e nas muitas coisas boas que nós podemos fazer?

— Como assim, minha filha?

— As nuvens vão para muitos lugares diferentes... Será que Deus gosta tanto de nós quanto das nuvens?

— Ah, minha filha, com certeza! Acredito que até mais.

— Se ele nos ama ainda mais do que as nuvens, quer dizer que nós vamos a mais lugares do que as nuvens ou Ele nos fez para ficar presos a um só lugar?

A mãe de Mila não sabe bem o que responder. A verdade é que esta não é uma pergunta fácil de se responder. D. Aurora pensa muito e age de forma muito inteligente ao dizer que não sabia e perguntar o que a filha achava.

— Mãezinha, eu sei que Deus nos ama muito e, por isso, Ele criou um jeito bonito de nos deixar conhecer vários lugares e várias pessoas. Nós viajamos mais do que as nuvens e conhecemos mais países e paisagens do que o vento, que leva as nuvens.

Dona Aurora fica intrigada com a resposta da filha. Mila entende que deve esperar, pois a mãe precisa de mais tempo para entender o que a filha tanto quer lhe ensinar. E assim elas continuam o passeio, correm e brincam. Mila até come algodão-doce e solta pipa. Não é de hoje que ela adora brincar; isto vem da época em que ela já era uma grande mestra da verdadeira sabedoria

.

## SONHO

O dia a dia de Mila prossegue, como sempre. A menina adora meditar, quer dizer, ficar um bom tempo admirando a natureza, respirando e sentindo como é gostoso o ar entrar e sair levemente do seu corpo. É nesses momentos de tranquilidade que Mila começa a recordar suas vidas passadas e, principalmente, a vida da qual a bondosa Luzete lhe falou. Ela sorri ao ver, em sua mente, tantas cenas interessantes, compreendendo os ensinamentos espirituais e a importância de fazer o bem às pessoas. Como poderia ensinar tudo aquilo a sua mãe ou, pelo menos, ensinar a ela a reencarnação e a comunicação com os Espíritos? Não parece ser fácil explicar para sua mãe as Leis de Deus. Ela resolve então orar e pedir ajuda a Deus e ao seu anjo guardião, esperando que, em sonho, ela obtenha alguma orientação.

Dito e feito! Três dias depois, Mila obtém a resposta. Ao adormecer, ela vai para um grande jardim, acompanhada por dois Espíritos, que lhe transmitem muita paz. Um deles lhe explica a importância das estrelas para o equilíbrio da vida na Terra. O outro, uma mulher de belíssima pele negra, conta como o Cristo conseguiu organizar a vida no mundo, muito antes do ser humano existir. Mila está admirada com a beleza de Deus e, neste instante, pede ajuda para socorrer sua mãe, pois ficava triste ao ver que ela não conseguia entender nem a reencarnação, nem a mediunidade. O guia de Mila sorri e diz:

— Você sempre deseja tirar todos da prisão escura da ignorância.

Isso é muito bonito!

— Você me ajudará? — pergunta a menina, animada.

— Com certeza!

— Então, o que devo fazer?

— A primeira lição para quem vai aprender as Leis divinas é preparar-se. Ajude sua atual mãe a encontrar um pouco de paz. Ensine-lhe a ter dez minutos de meditação por dia e também a orar

sempre que for dormir e sempre que acordar. Se ela fizer isso, nós poderemos ajudá-la.

Mila solta um grito de alegria e diz:

— Que bom! Minha mãezinha vai sair da prisão da ignorância!

— Escute com atenção — diz o outro Espírito — você não deve obrigá-la a nada! É preciso que ela entenda o valor do cultivo da paz a cada dia. Isso é essencial. Só crescemos quando cuidamos de nossas emoções.

— Certo! — responde Mila, animada.

A pequena Mila sabe que só podemos ajudar, de fato, aqueles que querem ser ajudados. Não se deve obrigar ninguém a crescer espiritualmente; na verdade, não se pode obrigar ninguém a se melhorar e os ensinamentos espirituais elevados devem ser dados para quem realmente deseja crescer.

— O que faremos depois que ela começar a meditar e orar? — pergunta novamente a menina.

— Quando ela se harmonizar um pouco, vamos trazê-la para uma escola espiritual e vamos lhe inspirar a contar para ela as suas lembranças. Depois, ela compreenderá como é normal a comunicação com os Espíritos. Mas vamos com calma, pois não queremos matar sua mãezinha de medo, não é mesmo? — diz, sorrindo, seu anjo guardião.

Todos riem.

## PRIMEIRA TAREFA

**M**ila acorda, feliz. Lembra-se de todo o sonho, do estudo sobre as estrelas e sobre a origem da vida na Terra. Tinha a impressão de que já conhecia tudo aquilo; mas, pensa ela, por que ela tinha de estudar o que ela já sabia? A resposta veio rápida: muitas coisas nós esquecemos ao renascer; por isso, é preciso relembrar aquilo que nos ajudará na atual encarnação. “Entendi!”, pensa ela. Ela então se concentra, faz sua oração, levanta-se e vai se arrumar.

Como explicar para sua mãe a importância da meditação? Esse é o novo desafio de Mila. Ela esperará o momento certo para falar sobre o assunto, mas como poderá convencê-la? Como explicar que é fundamental cultivar a paz interior todos os dias?

Dona Aurora é uma pessoa muito atarefada, e certamente dirá que não tem tempo, como diz a maioria das pessoas. Mas a verdade é que ela tem muita dificuldade de parar um pouco, de pensar na vida e, principalmente, de aceitar seus sentimentos. Assim como ela, existem muitas pessoas que vivem correndo para nada sentir.

“Já sei!” — pensa Mila, que elabora o seguinte plano: ela contará para sua mãe uma história do Evangelho, história essa em que Jesus fala da importância de saber ter tempo para as coisas mais importantes da vida. “Vou contar a história de Marta e de Maria para a mãe, e quem sabe ela não entende?” — pensa.

Passaram-se alguns dias até que, certo dia, quando mãe e filha estavam sentadas assistindo televisão, Mila faz uma prece silenciosa e fala para sua mãe que quer lhe contar uma história logo que acabe o programa que sua mãe está assistindo. Dona Aurora fica curiosa, pensando: “Que história será essa?”

— Mila, se for importante, eu posso desligar a televisão, viu minha filha?

— É muito importante sim, mãe; mas isso não impede que você acabe de assistir seu programa. É tão importante que você

deve estar totalmente concentrada para ouvir, pois, se ficar pensando no programa, vai acabar sem entender de verdade.

Dona Aurora sorri com a inteligência da filha. Concorde e, logo que o programa termina, diz:

— Agora você tem toda a minha atenção!

Mila sorri e, levantando-se, pega o Evangelho e lê para sua mãe a história de Marta e de Maria, duas irmãs que receberam Jesus em sua casa.

Segundo a história, Marta vivia muito ocupada, cuidando de tudo em casa; já Maria, quando via Jesus, só queria saber de ficar perto dele para escutar tudo o que ele ensinava. Marta achava que estava certa em viver ocupada, e que Maria perdia muito tempo em ficar ouvindo e meditando sobre o que Jesus ensinava. Marta acreditava tanto que estava certa que pediu a Jesus para brigar com Maria, para que ela também ficasse sempre ocupada. Jesus, porém, que é muito inteligente, responde: “Marta, a verdade é que Maria escolheu a melhor parte. É verdade que temos que cumprir obrigações com o mundo, mas o ensino de Deus é mais importante. Tudo no mundo passa, todos os tesouros materiais serão devolvidos, mas aquele que aprende a vontade de Deus e vive, todos os dias, da maneira certa tem um tesouro eterno”.

Dona Aurora está surpresa com os ensinamentos da história e pergunta a Mila:

— Filhinha, você acha que eu vivo como Marta?

Mila olha nos seus olhos, sorri e diz: GRUPO MARCOS

— Vive sim, mãezinha. Mas, porque a senhora entendeu o ensino de Jesus, poderá mudar ainda hoje!

— Mas minha filha, eu tenho tanto a fazer...

— Eu sei, mãezinha... Como a Marta, não é?

Dona Aurora não contém o riso e responde, alegremente:

— Com você ninguém pode!

E então conclui:

— Já entendi. Então o que você me propõe?

— Mãezinha, queria muito que a gente meditasse e orasse todos os dias!

— Todos os dias, minha filha?



— É, mãezinha, Deus não faz o sol nascer todos os dias? Ele não nos dá alimento, ar e amor todos os dias?

Dona Aurora viu que não tinha como argumentar e resolveu ouvir o que a filha tinha a dizer.

— Mãezinha, podemos todo dia reservar quinze minutos para meditar e agradecer a Deus por tudo que temos. Vamos escolher um horário que não lhe atrapalhe e, assim, vamos ficar todos juntinhos: você, eu, e Deus.

Dona Aurora, ao ver a filha falar com tanta convicção, entende que ela realmente precisava aprender a ficar perto de Deus.

Ela então beija a filha e Mila se levanta, feliz, pegando seu caderno para anotar o horário que elas marcariam para ficar, todos os dias, mais perto de Deus.

Luzete, que dorme nesse momento e que, em Espírito, está ao lado de Mila, mal pode se conter de alegria ao perceber que sua mestra continuava a mesma, no que se referia a ajudar na educação espiritual das pessoas. Lembra-se de uma ocasião, em que um rico senhor visitou sua escola de espiritualização, e disse à mestra — que na época era muito conhecida e respeitada — que ela poderia, com a sua fama, fazer uma verdadeira fortuna, ao que ela rapidamente respondeu que a fortuna a que ele se referia, a “posse de muito dinheiro”, nunca seria verdadeira, porque todos os tesouros materiais são perdidos; ninguém os conserva por muito tempo. E isso é uma Lei de Deus.

Contudo, o senhor tentou convencê-la de que a fortuna seria utilizada para auxiliar muitos necessitados, ao que ela respondeu:

— É verdade que o dinheiro pode ser muito útil, caro senhor, mas entenda que os benefícios do dinheiro são passageiros, quando comparados aos benefícios que se tem ao se despertar espiritualmente. O senhor me entende?

— Na verdade, não entendo...

— Todos sabem dos benefícios que o dinheiro pode trazer. E também sabemos que a grande maioria das pessoas transforma o dinheiro em maldição, ao se tornarem mais egoístas, orgulhosas e servas das más paixões. Não é verdade?

O senhor, apesar do espanto, não podia discordar.

— Mas quantas pessoas o senhor conhece que se tornaram piores ao seguirem as Leis de Deus? Quantas pessoas o senhor conhece que se tornaram infelizes por se conhecerem melhor, por entenderem seus pensamentos e sentimentos e saberem de suas vidas anteriores?

— Nenhuma... — respondeu o rico senhor.

— Conhecemos muitas vítimas da posse, não é verdade?

— Sim... — respondeu, desconfiado.

Sorrindo, a mestra concluiu:

— Quando o ser conhecer o próprio passado, suas virtudes e limitações, e quando não mais duvidar da bondade e da justiça divina, estará preparado não apenas para possuir a riqueza, mas, acima de tudo, para saber servir a Deus em todas as circunstâncias. e assim será sempre feliz. Talvez o senhor concorde que aprender isso é mais urgente do que acumular alimento excessivo para nós mesmos, que faltará na mesa de alguém. Apenas os que se espiritualizam verdadeiramente podem conduzir os homens sem guiá-los ao sofrimento e ao desespero desnecessários.

Ao lembrar-se dessa história, Luzete sorri, imaginando o que a pequena Mila não aprontará para ligar sua mãe às reflexões superiores da vida. Ligar-se a Deus é a única coisa que realmente importava para a pequena mestra.

## INÍCIO

**P**oderia Mila convencer sua mãezinha apenas com palavras? Ela acreditava que não. Poderia, é verdade, pedir a seus amigos invisíveis acontecimentos mediúnicos inegáveis, mas isso poderia assustar, em vez de ajudar.

Mila lembra que as faculdades de cura poderiam ajudar muito a provar a existência da vida espiritual para sua mãe, bem como aliviar a dor de quem está sofrendo. Fica pensando nisso durante o sábado, após voltar do almoço na casa de sua avó. “Vou preparar-me e, quando a ocasião surgir, vou auxiliar o crescimento espiritual de minha mãe!” — pensa.

Certo dia, três meses depois, quando Mila estava em casa, sua mãe surgiu chorando e lhe falando que sua avó estava muito doente e, depois de muitos exames, estava agora em casa, mas “sem esperanças”. Mila abraça a mãe, consolando-a.

— Vamos visitar a vizinha — diz, com determinação.

Arrumam-se e partem. Ao chegar à frente da casa da vó de Mila, D. Aurora tem outra crise de choro e, mais uma vez, Mila a consola, abraçando-a e beijando-a com ternura. Como doía no seu coração infantil ver a mãe demonstrar um sofrimento tão ansioso como aquele. Mila então lhe diz:

— Mãe, a morte não existe. Vovó ficará bem!

Mila segura na sua mão e entra com ela na casa. Ambas vão ao quarto onde a avó descansa, com uma enfermeira ao seu lado. Mila entra cuidadosa e, ao vê-la, a avó sorri. Ela corre e a abraça, alisando seus cabelos. Desde tempos remotos, Mila sabe que, antes de qualquer explicação, o contato emocional é indispensável. Após minutos de carinho, ela senta, chama sua mãe — que assistia a tudo, encostada na porta — e diz, com tranquilidade:

— Vizinha, você quer que eu peça a Deus para a senhora ficar mais tempo conosco?

Apesar de conhecerem Mila, ambas se assustam com a tranquilidade com que ela trata de tão delicado assunto.

— Mas minha neta, se você pedir Ele atende? — indaga D. Esmerilda, sua avó.

— Se for para o nosso bem, Ele com certeza atenderá. Mas a senhora tem que querer, porque eu acho que a sua missão na Terra está acabando... — explica Mila, com ternura.

— Como você sabe disso, minha filha? — pergunta D. Aurora.

— Todos têm uma missão, e sei que minha vó já cumpriu a dela. Digo isso porque ela sente muita paz na consciência e porque vejo que ela tem uma bela luz, em todo o seu corpo espiritual, que está se desligando.

D. Aurora está espantada ao ver como Mila fala, com tanta naturalidade, da morte.

— Minha filha, você entende o que você está falando para mim e para sua avó? — pergunta sua mãe.

— Sim. Eu sei que um dia todos têm que partir e que isso não é ruim. Só é triste quando a pessoa não cumpriu sua missão. Minha avó cumpriu a dela. Por isso, ela já poderá ir ou, se ela quiser, pedir para ficar um pouco mais.

Ambas estão espantadas com as explicações de Mila.

— Você vê luzes em volta das pessoas? — pergunta sua avó.

— Sim, vizinha — responde Mila, feliz por ter com quem conversar.

— Não, não vamos mais falar disso! — diz a mãe da Mila, incomodada.

— Minha filha, eu sempre vi luzes em volta das pessoas, mas nunca

tive quem me explicasse isso, até eu me tornar adulta... — fala D. Esmerilda

D. Aurora mal acredita no que ouve. Estariam sua mãe e sua filha com problemas?

Mila sorri e responde:

— Eu também vejo as encarnações das pessoas, vizinha. Se eu me concentrar, posso ver o que uma pessoa fez no passado. Aprendi isso há pouco tempo.

D. Esmerilda, ao ver que D. Aurora está espantada, faz um sinal para sua neta não falar mais sobre reencarnação e diz:

— Conte-me sobre as luzes!

Mila entende que não deve violentar a compreensão de sua mãe: nem todos aceitam a reencarnação. Como pedido, ela fala então sobre sua vidência:

— Vozinha — diz, aproximando-se. Sempre vi as pessoas envoltas de uma luz. Só quando tinha seis anos descobri que as outras pessoas não viam como eu, porque um dia minha professora perguntou porque eu sempre desenhava as pessoas com luzes de cores diferentes e, quando eu falei que era assim que as via, ela não acreditou e disse que eu não deveria inventar essas coisas...

D. Esmerilda sorri ao ouvir a história da neta e comenta:

— Seu avô também me dizia que era imaginação... Mas a gente sabe que é verdade, né? — fala, piscando o olho para ela. Olha então para D. Aurora e pede:

— Não brigue com sua filha por ela ver mais do que você. Quero que você prometa que vai sempre respeitar o que ela lhe contar. Você promete?

D. Aurora, sem entender o que acontecia e diante da mãe doente, não teve alternativa senão prometer.

— Sim, prometo.

— Promete o quê? — indaga Dona Esmerilda.

— Mãe... Prometo não brigar nem criticar minha filha por causa de suas visões — responde D. Aurora.

Dona Esmerilda sorri e chama as duas para abraçá-la.

— Está na hora de vocês partirem. Amanhã esperarei por vocês aqui novamente. E você — diz ela, apontando para Mila — venha amanhã mais cedo, para conversarmos a sós.

Mila sorri, feliz. “Alguém me entende!” — pensa. E, como o dia seguinte era um sábado, ela poderia chegar cedo à casa da sua avó.

Despedem-se.

No caminho de volta, D. Aurora, impressionada com tudo o que havia ouvido, nada comenta. Precisava pensar um pouco mais. Já Mila queria chegar logo em casa para poder consultar seus guias espirituais sobre o que seria melhor fazer. Ao chegarem, Mila

lembra a mãe de que está na hora da meditação, ao que dona Aurora responde:

— Filha, estou muito cansada, Já tive muita coisa para um dia, não acha?

— Mãezinha, por isso mesmo meditar é mais necessário. Sem acalmar a mente, você não vai entender nada direito!

— Com você ninguém pode! — diz dona Aurora.

Mila sorri, pois sabe que essa é a maneira da sua mãe dizer sim. Senta no sofá confortavelmente e coloca uma música tranquila de fundo, pedindo que a mãe respire profunda e lentamente. Como acontece normalmente durante esse exercício, Mila vê Alezandro, seu Espírito guia. Ela sorri, nada falando para sua mãe, pois sabe que, quando ela sair do corpo, poderá conversar com ele tranquilamente. No momento final da meditação, que dura apenas dez minutos, Mila levanta-se e, guiada por Emiliano, aplica um passe em sua mãe, que se acalma e praticamente adormece.

Ao final, sua mãe lhe diz, sorrindo:

— Ainda bem que você insistiu! Estou me sentindo muito bem e acho que dormirei tranquilamente hoje.

Mila sorri, beijando-lhe com carinho.

Após deitar, Mila sai do corpo e abraça Alezandro, que a acolhe com um sorriso e a leva para a colônia onde eles habitam. O lugar é de surpreendente beleza e, acima de tudo, é um ambiente de paz e de harmonia. O vento é suave, calmante e estimulante. Mila quebra o silêncio, dizendo:

— Não posso ficar triste por minha avó desencarnar. Sei que ela estará muito melhor aqui do que na Terra. Como as pessoas podem querer ficar em um lugar ruim, depois que conquistaram o direito de partir?

— Mas você não precisava mais reencarnar e optou por ir para a Terra, não é mesmo? — argumenta Emiliano.

— É verdade! Mas, na hora certa, voltarei feliz. Temos ainda uma etapa a cumprir na Terra. O Cristo anunciou o fim da maldade no planeta e temos o dever de, nesta última etapa de trabalho, cooperar com nosso Amigo Divino.

Emiliano sorri ao observar que a reencarnação não impediu Mila de se manter lúcida em relação a sua missão na Terra.

— Que faremos em relação a dona Esmerilda? — indaga o guia.

Para que você entenda o motivo desta pergunta, é preciso entender que os Espíritos realmente evoluídos sempre permitem aos seus protegidos aprender a agir. Não são Espíritos autoritários e sim libertários, por já terem se livrado dos medos que aprisionam os seres na inferioridade. Mila responde:

— Hoje perguntei o que ela prefere. Ela ainda não respondeu, mas acho que preferirá voltar para casa.

— Então vamos aguardar até amanhã.

— E hoje, podemos visitá-la?

Emiliano sorri ante a disposição de Mila que, a cada milênio, tornase mais corajosa e ativa.

— Vamos. Mas hoje apenas observaremos, sem interferir. Sua avó tem algum mérito; logo, é preciso esperar que ela decida.

Partem em direção à casa de dona Esmerilda. Ao chegarem, Mila é tomada de surpresa ao ver seu avô, já desencarnado.

— Eu estava aqui durante sua visita — diz ele, bem-humorado.

— Mas eu não o vi... — afirma Mila.

— E desde quando médium vê tudo o que quer? — pergunta, feliz.

— É verdade, avozinho — diz e vai abraçá-lo.

Ambos conversam, matando a saudade de outros tempos, pois não se encontraram na atual encarnação, mas são conhecidos de longa data. Mila indaga:

— Será que ela vai querer partir?

— Espero que sim — diz o avô. Afinal, já cumpriu fielmente sua missão no mundo.

— É... A única coisa que talvez a prenda ainda no mundo é a preocupação com a espiritualização de minha mãe.

— É verdade, Mas tenho um plano — fala, sorrindo, o simpático avô. — Qual?! — pergunta Mila, feliz, pois adora planos de fazer o bem.

— Vamos mostrar a ela que a responsabilidade de educar espiritualmente a sua mãe é sua — diz, sorrindo.

— É verdade, vozinho... Não posso querer que ela fique para cumprir a minha obrigação. Seria muito bom uma cura mediúnica da vovó, pois isso poderia mudar minha mãezinha, mas nunca devemos ajudar uma pessoa sem pensar nas outras... — fala Mila, pensativa.

Após silenciar um pouco, ela pergunta:

— Então como vamos fazer para ajudar a vizinha a ter uma boa desencarnação?

— Sua avó tem muitas faculdades mediúnicas e sempre foi uma médium educada — comenta o avô.

— E por que eu nunca participei das reuniões mediúnicas com a vovó? — pergunta Mila, um tanto chateada.

— Bem, meu anjo. Você sabe que sua mãezinha morre de medo e não queria que ela falasse nada para você, certo? E eu também não acreditava nisso, o que foi um erro grande... Mas Emiliano sempre a orientou em relação a você e dizia que ela não se preocupasse, que na hora certa você despertaria. E, felizmente, deu tudo certo. Não é mesmo?

— É verdade, mas teria adorado participar das reuniões com ela...

— Mas sua missão inicial é com sua mãe! Por isso, foi importante que ela não achasse que sua mediunidade era fruto da educação de sua avó. Entende?

— É verdade. Deus é sempre sábio — fala, feliz, e conclui, dizendo:

— Vamos ao plano. O que faremos?

— Ao encontrar com sua avó, crie um ambiente elevado: leia o Evangelho com ela, converse sobre suas experiências mediúnicas e, quando aparecermos, proponha lhe aplicar um passe. O resto nós faremos — conclui o avô.

Mila está radiante de alegria, pois sabe que uma experiência mediúnica bem conduzida é preciosa fonte de educação, e há milênios que a mediunidade é utilizada por ela para auxiliar as pessoas.

— Vamos entrar no quarto para vê-la? — convida o avô.



Entram. Dona Esmerilda está sentada na cama, ao lado do corpo.

Está tranquila e pensativa.

— Oi, vizinha! — fala Mila, com alegria.

Ela sorri, levanta-se e abraça a neta amada.

Sabendo do pouco tempo que tinha, Mila trata de estimular sua avó a manter-se em paz, por meio de histórias engraçadas, que ela sempre gosta de contar. Então ela aproveita a ocasião para narrar um acontecimento interessante, envolvendo Allan Kardec:

— Foi na reunião de lançamento de **O Livro dos Espíritos**. Kardec e sua esposa prepararam uma pequena recepção em sua casa. Muitos espíritas foram comemorar esse momento especial, e logo a casa ficou pequena para atender a todos. Foi quando um convidado bem-humorado comparou a publicação do livro à vinda de Jesus ao mundo e disse:

“Aqui pelo menos temos o conforto do calor, sem precisar do convívio com animais do estábulo”. Ao outro completou: “Não se engane, meu amigo. Quem dera que os burros de Paris fossem tão mansos!” Todos riram do caráter espirituoso e corajoso da brincadeira, pois sabiam que começaria a perseguição implacável contra o Codificador a partir daquele dia.

Dona Esmerilda mal se continha de tanto rir:

— É verdade! “Quem dera que os burros fossem todos mansos!”

Após elevar o clima espiritual, Mila beija a avó e se despede. Precisava ir estudar e preparar-se para cumprir sua missão. Ela vai então ao Colégio Allan Kardec, pois havia decidido fazer o curso de Antropologia Espírita, ministrado pelo professor José Herculano Pires. Ela já conhecia o conteúdo do curso. O que ela queria mesmo aprender era como ensinar aos atuais encarnados a vivenciar a mediunidade de forma a se espiritualizarem, e não apenas como um fenômeno banal. Grande desafio!

Mila chega ao colégio, com uma hora de antecedência. Aproveita o tempo para admirar o jardim, com suas belas flores e aromas naturais, e para conhecer os participantes dos diversos cursos. Chama-lhe a atenção o jovem Felipe, Espírito em importante fase de aprendizagem, que deve colaborar com o

desenvolvimento espiritual do movimento espírita. Ela sabe que a experiência de Felipe vincula-se a muitos jovens, que devem superar o medo e o preconceito em relação à mediunidade. Felipe passa perto de Mila, cumprimentam-se com um sorriso e ele prossegue. Felipe não a conhece, mas é comum no Colégio as pessoas tratarem-se com simpatia. Mila assiste à primeira aula sobre o início da vida na Terra e acorda se perguntando: “Como explicar tudo isso aos encarnados?” Lembra-se então da sua avó, pedindo a sua mãe para ir visitá-la.

Chegam cedo à casa de Esmerilda. Ao entrar no quarto, a avó sorri. Após conversar um pouco com dona Aurora, ela pede que ela vá fazer umas compras. É a chance para que avó e neta possam conversar.

— Venha cá, minha neta — pede dona Esmerilda.

Mila se aproxima e alisa seus cabelos, aplicando energias. Dona Esmerilda sente uma energia reconfortante. Olha então para ela e diz:

— Lembro-me de sua visita. Você se lembra?

— Sim — responde Mila, sorrindo.

— Depois que você partiu para o Colégio Allan Kardec, minha neta, conversei muito com seu avô e decidimos que é hora de partir. Sei que caberá a você a continuidade da educação espiritual de sua mãe e agora também sei que isso será importante para sua missão na Terra, porque educá-la será uma experiência preparatória para a difícil tarefa que você desempenhará.

Mila sorri. “Como é bom quando alguém nos entende verdadeiramente!” — pensa.

— Vozinha, vou sentir sua falta. Você é a única pessoa com quem eu posso conversar sobre minhas experiências espirituais... Mas eu sei que, no futuro, eu encontrarei outras pessoas com tarefas semelhantes à minha, e que nos ajudaremos uns aos outros.

Após um momento de silêncio, Mila beija-lhe a testa e diz:

— Quando a senhora pretende partir?

Dona Esmerilda, já preparada, responde:

— Muito em breve. Talvez em uma semana. Aliás, gostaria de lhe fazer um pedido...

— Pode pedir qualquer coisa, vozinha.

— Você pode me acompanhar e me ajudar na minha desencarnação? Sei que pode ser difícil para você, mas...

Mila fica em silêncio, pensa e responde:

— O que eu acho mais bonito na natureza é a libertação que cada ser conquista. O filhote aprende a mover-se e encontrar alimentos; as plantas permitem que as sementes viajem para lugares distantes; o vento conta histórias de continentes distantes, por onde passou... Que triste seria a vida do ser humano se ele tivesse que viver sempre preso à mesma rotina.

Mila respira fundo e continua:

— Vozinha, a coisa mais bonita da vida é a libertação. Sei que a libertação dos vícios e dos preconceitos é extremamente difícil, e isto você já conseguiu. Por isso, sua libertação física vai ser um momento feliz...

Neste instante, Mila pega sua cópia de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, que está próxima da cama, e pede permissão para abrir e ler uma mensagem. Sua avó concorda. Mila então faz uma prece com muita fé, pedindo orientação, e abre-o “ao acaso”.

## MISTÉRIOS OCULTOS AOS SÁBIOS E AOS PRUDENTES

**A**pós Mila ler todo o item 7 do capítulo 7 de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, sua avó comenta:

— Eu nunca entendi direito essa passagem, minha neta.

— Nessa passagem, Jesus agradece a Deus por não ter revelado a Lei divina a esse tipo de pessoa.

— Mas os sábios não estão mais preparados para entender?

— Os verdadeiros sábios, sim; os “sabe-tudo”, não! — fala, rindo.

— Ah, agora eu entendi! São os arrogantes, que sempre querem falar difícil para parecerem melhores do que são, os “sabichões”! — fala a avó, alegre.

— E os prudentes? — pergunta, mais uma vez, D. Esmerilda.

— Vozinha, Jesus não fala dos prudentes verdadeiros. Fala dos que têm medo e escondem o medo, dizendo que é cuidado, prudência...

— Ah sim, entendi. Quem se acha melhor do que os outros e quem não tem coragem não entendeu a Lei de Deus — comenta a avó, feliz.

Aproveitando o clima espiritual de alegria, Mila impõe a mão sobre a testa de dona Esmerilda e pede que ela faça uma prece. Depois de um período de silêncio, ambas têm a recordação de uma vida em que Mila foi sua mestra e a iniciou em um processo de libertação espiritual, que estava para se concluir, em poucos dias. Foi uma tarefa que precisou de três milênios de dedicação amorosa. Uma cena, em particular, emociona as duas:

“Mila é idosa quando acolhe uma adolescente — sua atual avó — que busca a mestra para aprender a não mais temer a morte. A afinidade entre as duas é enorme. Ao vê-la, Mila lamenta não ter muitos dias de vida para cumprir aquele pedido. Assim, em silêncio, elas se abraçam e Mila decide aceitar aquele pedido em toda a sua extensão. Pede que ela venha vê-la no dia seguinte. Ao

nascer do sol, a jovem está em frente ao pequeno quarto de Mila, orando. Mila abre a porta, sorri ao ver o interesse daquela adolescente, convida-a para tomarem chá juntas e aproveita o momento para deixar ensinamentos que a guiariam pelos milênios seguintes. Mila então diz, com simplicidade:

— Minha filha do coração. O vício alimenta o medo. Quando o ser torna-se viciado no conforto e no prazer, inicia, em seu íntimo, a angústia. Isso acontece por causa do medo de perder a fonte de sua “alegria”. Quando o ser se torna dependente da opinião dos outros, vem o medo de não ser aceito; quando o ser não quer aceitar o sofrimento como natural, torna-se covarde ante os desafios da vida. O que é o medo? O medo é o sentimento de não aceitação da verdade, é o sentimento que temos quando estamos apegados em demasia, quando estamos agindo contra as Leis da Vida. Temos medo de perder o conforto, porque não aceitamos que todo conforto externo é passageiro. Temos medo de perder a fonte do prazer, porque queremos negar que todo prazer que vem de fora acaba. Temos medo da opinião dos outros, porque nos recusamos a ver que somente Deus tem a opinião perfeita. Quando aceitamos o sofrimento — seja por causa do desconforto material, da solidão ou do enfrentamento de nossos defeitos — nos tornamos fortes e tranquilos, e assim superamos o medo. A mestra então olha para ela e completa:

— Partirei deste corpo em treze dias. Pense no que eu disse e prepare-se. Quero que você acompanhe minha partida. Este é um

momento que quero compartilhar com meus discípulos.”

Ambas, avó e neta, retornam da regressão. Dona Esmerilda diz então para a sua neta:

— Mestra, agora estou pronta. Não temi a solidão, nem o sofrimento, nem a opinião das pessoas.

Nesse instante, aparece o avô, que se torna visível e as abraça, ao mesmo tempo em que uma abraça a outra. É um momento de elevada emoção.

Logo após, Dona Aurora entra no quarto, trazendo o chá. Ao vê-las abraçadas, pergunta, preocupada:

— Está tudo bem?

— Sim, só faltava o chá! — brinca Esmerilda, piscando para a pequena mestra, que sorri, descontraída.

Esse sorriso é a marca da vitória daqueles que venceram a si mesmos e, generosamente, estendem a mão aos necessitados de paz do mundo. É a marca da Nova Geração Espírita, anunciada pelo senhor Allan Kardec, o codificador do Espiritismo no mundo.

Dona Aurora estranha a tranquilidade que paira no ambiente e pergunta:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não mãezinha, só estávamos conversando sobre a vida espiritual — fala Mila.

— Ah, minha filha! Sua avó está doente, não vamos falar disso, não.

Vamos falar de coisas alegres!

— Minha filha, a vida espiritual é tão bela... — fala Esmerilda.

Mila, porém, toca em seu braço, dando a entender que era melhor ela não insistir no assunto.

— Conte-me, mamãe: o que faremos mais tarde? — fala Mila, desviando do assunto.

Dona Aurora fala da novela que não perde por nada, como ela mesma diz. Depois, faz planos para as festas de natal, que acontecerão em três meses, falando dos convidados e do jantar

— Vamos distribuir alegria este ano, não vamos? — pergunta Mila, referindo-se à visita que fizeram, no ano anterior, a um hospital infantil.

— Mas minha filha, essa visita foi muito cansativa! Você quis conversar com todas as crianças e só queria parar quando sentia que elas estavam felizes! — lembra sua mãe.

— Mas isso que é “distribuir alegria”, não é? — comenta a esperta menina.

— Está bem, vamos sim; mas só se sua avó estiver bem!

— Combinado! — respondem avó e neta, felizes.

— Agora vamos, já está na hora da minha novela — fala dona Aurora.

Mila despede-se discretamente de seu avô, beija sua vizinha e diz:

— Vamos orar! Tudo acontecerá segundo a vontade de Deus!

Esmerilda sorri. Sempre lhe alegre ao ver a fé da pequena netinha, que agora já vai completar nove anos.

## A PREPARAÇÃO DE UM NASCIMENTO ESPIRITUAL

Mila levanta-se cedo, organiza seu material escolar, ajuda a mãe com o café da manhã e parte para a escola. Na sua casa moram apenas as duas, Mila faz questão de ajudar a mãe em todas as tarefas da casa. Assim, pensa Mila, elas ficam mais próximas uma da outra.

Na escola, tudo acontece de maneira normal. Mila é discreta, mas sempre atenta em como ajudar os colegas. Destaca-se mais pela bondade do que pela participação em sala, apesar de suas notas estarem sempre entre as melhores. Gosta, durante o recreio, de olhar para os pássaros. Na natureza, tudo lhe agrada e lhe chama a atenção. Às vezes, em sua imaginação, se pergunta quem seria mais livre: os pássaros ou as nuvens. Mal sabe nossa pequena mestra o quanto ela colaborará com a libertação da multidão espírita, ainda arraigada aos conceitos do passado, por medo de evoluir e por medo de ser criticada pelos materialistas.

Na terça-feira, recebe a notícia de que sua avó teve uma recaída. Vai visitá-la com sua mãe mas se mantém tranquila pois, na noite anterior, sonhou com a preparação da desencarnação da avó, que ocorrerá em poucos dias. Apesar da recaída, Esmerilda opta por ficar em casa; ela não quer ir para o hospital pois é muito importante, para ela, que Mila conduza sua desencarnação. É uma conquista milenar, que ambas obtiveram por mérito, e por é por isso que os amigos espirituais já começaram a agir para que Esmerilda apresentasse uma aparente melhora, de forma a evitar uma internação desnecessária.

Em um momento em que elas ficam a sós, Mila aplica passes em sua avó e leem, em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, a prece “Prevendo próxima a morte”. Esmerilda está em paz e Mila está radiante, por ver a conquista de sua avó. Mila compreende que este não seria o momento de expressar sua mediunidade curadora, mas sim da libertação da avó, que não será apenas física. Será sim a sua libertação do medo da morte, o que é uma conquista



superior à cura física. Antes que Dona Aurora volte, Mila diz, alisando os cabelos da avó:

— Passarei o fim de semana com você. A noite será mais tranquila para sua libertação. Não vamos deixar o medo ou o apego atrapalhar este momento tão feliz. Vovô está lhe esperando. E eu vou lhe contar um segredo — diz, baixando a voz — ele vai aparecer muito elegante e carregando um buquê de rosas. Mas eu não vou contar o resto, para não atrapalhar a surpresa que ele quer lhe fazer. Só posso dizer que você vai adorar!

Esmerilda sorri. Sua mestra é mesmo excelente, sempre se preocupando em criar expectativas nobres e positivas. E é por isso que ela alcança tantas vitórias espirituais. Nesse instante, Esmerilda recorda mais um episódio de uma vida passada, em que encontrou a mestra e, desta vez, Esmerilda estava encarnada como um comerciante:

“Certa vez, a mestra foi às compras e um comerciante esperto pensou em enganá-la. Ela tudo observou, sem nada criticar. Pegou as frutas e partiu. Dias depois, o homem a procura, em busca de consolo, pois seu filho mais velho morrera, em um acidente. Ela ouve carinhosamente o homem, envolve-o em energias pacificadoras e lhe diz:

— Senhor, nada do que temos é nosso. Quando achamos que algo nos pertence, as Leis da Vida nos ensinam que estamos enganados. Devemos aceitar a Vontade de Deus, e a Vontade Dele não quer que nos iludamos. Devemos aceitar que temos muito amor em nosso coração, e esta é a obrigação de cada ser consciente. Querer restringir esse amor é contra a Vontade de Deus. Quando acumulamos em excesso, quando prendemos outros seres junto a nós, quando amontoamos coisas, estamos agindo contra essa Vontade, contra as Leis Divinas.

— Eu sofro muito...

— Entendo seu profundo sofrimento, mas será que ele não tem algo a nos ensinar?

O homem, chorando, tira do bolso as moedas que adquiriu enganando a mestra e estende a ela, com a intenção de as devolver.

— Eu já o perdoei pelo que fez e já me desapeguei deste valor. Não é mais meu e, por isso, não sofri. Elas não são mais minhas.

- Por favor, aceite-as.
- Seria desonesto aceitar algo que não é mais meu. O que faria com elas? Aplique-as da melhor forma.
- Como?
- Ajude as pessoas a evitar o sofrimento que você atravessa. Que tal criar um hospital para as crianças doentes?
- É uma ótima opção, mas isso evitaria o sofrimento da perda? Na verdade, não. Não sei o que fazer...
- Ajude então as pessoas a se libertarem do apego excessivo. Em que o dinheiro ajudaria nisso?
- Em nada... E como posso fazer isso?
- Desapegue-se. Depois, ajude os outros a fazerem o mesmo.
- Isso diminuirá a dor da perda de meu filho?
- Isso o aproximará dele. Se você aceitar que ele não é seu, ele estará sempre em contato com você. Virá falar-te em sonho e por outros meios. Pouco adianta lamentar a sua partida, afastando-se dele. Aceite o fato e, por amor, aproxime-se dele.
- O pai despede-se, entristecido. Dias depois, volta ao monastério para contar um sonho que teve com o filho e afirma:
  - Somente quem sofre muito é capaz de entender a ilusão da vida! Foi isso que meu filho veio ao mundo me ensinar. Não posso tornar inútil o sacrifício dele por mim. Não abduco de meus bens: isso seria fácil. Abduco de meu apego e coloco todo o meu ser e tudo o que tenho a serviço da educação espiritual de todos.
- A mestra sorri e, com alegria, responde:
  - Veja como renderam as poucas moedas que lhe doei. Isso lhe dará uma ideia da recompensa espiritual que Deus concede a todos que servem de orientação aos que querem encontrá-Lo.”

---

Enquanto Mila aguarda o “retorno” de Esmerilda, ela conversa animadamente com seu avô, que lhe pede que não conte mais nada a sua avó, pois deseja levar sua amada aos mais belos lugares que já visitaram na Terra, quando encarnados, para, em seguida, pedir que morem juntos por mais duas décadas pois,

depois disso, ele renascerá para trabalhar no movimento espírita. Ao ouvir isso, Mila, em tom sério, lhe pede:

— Vozinho, estude mais sobre mediunidade. Precisaremos de pessoas que ajudem o Cristo e Seu Evangelho, e não dos que negam essa realidade.

— Prometo sim, minha neta! Estou cursando aqui um estudo sobre o Evangelho e a mediunidade. Além do mais, vou reencarnar perto de você; logo, conto com sua ajuda.

— Que bom! — fala Mila, sorrindo. Peça então para vir médium desde criança. Isso facilitará sua educação e assim ficará mais difícil negar, não é mesmo? — diz, piscando com um dos olhos.

O avô sorri e pensa: “Onde estou me metendo!...”

— Vozinho, o senhor está entrando na estrada do cristianismo.

— Ora essa, não me diga que você lê pensamentos?! — indaga, espantado.

— Às vezes, vozinho, é necessário.

Ambos riem.

Esmerilda retorna de suas lembranças. Mila beija-lhe a testa. Dona Aurora chega horas depois e encontra Esmerilda e Mila dormindo, lado a lado. É uma cena encantadora. Ela admira a relação entre as duas e pensa: “O que explicaria tanta afinidade?”. Mila acorda, beija sua avó, parte com a mãe e deixa um lindo bilhete para a discípula tão amada:

“Vozinha, agradeça a Deus o amor que Ele tem nos ensinado a sentir uma pela outra. Sei que você ficará muito bem ao lado do vovô e ao lado de Emiliano, que me disse que irá matriculá-la em um curso sobre a beleza das plantas nos mundos espirituais e sua utilização para estimular a paz e criar harmonia. Ele sabe o quanto você ama as rosas e as orquídeas. Mila.”

Esse foi o sorriso que Mila deixou na forma de palavras. A pequena mestra sempre aponta para o bem e para o belo.

A semana decorreu em clima de normalidade. Mila reserva trinta minutos para preparar-se para a desencarnação de Esmerilda. Após fazer suas preces, lê as mensagens de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, relativas à aproximação da

morte e outras parecidas. Acima de tudo, Mila inicia o seu processo de aceitação íntima pela partida da avó.

Mila sabe que é necessário aceitar a vida de forma profunda, e não apenas com sentimentos superficiais. Ela imagina a partida da vó, permitindo-se chorar pela breve separação. Também sabe que, aos treze anos, sua missão se tornará mais ampla. A libertação de Esmerilda é o sucesso de três milênios de educação e o início do processo educacional que veio realizar no mundo.

Na quinta-feira, ao terminar sua preparação, Emiliano aparece com olhar sereno, mas sério, ao que Mila indagou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Só precisamos conversar sobre o início de sua tarefa no movimento espírita.

— O que preciso aprender nessa etapa?

— Você conhecerá a ingratidão e a incompreensão de companheiros de ideal espírita, que ainda não aceitaram as orientações de Allan Kardec — explica o guia espiritual.

— Os espíritas não são como minha avó?! — indaga Mila, sem entender.

— Não.

— Mas eles não entendem a Lei de reencarnação, da Imortalidade e da Comunicabilidade? — responde Mila, confusa.

— Mila — fala Emiliano, com carinho. Entender com o cérebro, discutir e polemizar teorias variadas será uma expressão de leviandade, se não sentimos devoção e amor à Lei do Criador. Os espíritas, amparados pelo Consolador, polemizam e se estranham; enquanto isso, a Obra do Cristo caminha muito vagarosamente.

— Mas se eles entendem as Leis, será fácil convencê-los, não? — argumenta Mila.

— Os tempos são outros. Na antiguidade, os conhecimentos superiores eram restritos aos iniciados, àqueles que provavam ser dignos dos ensinamentos. Na atualidade, a misericórdia de Jesus nos orientou a apresentar as Grandes Verdades a todos. Contudo, muitos são falsos sacerdotes do passado; outros, doentes por poder e evidência, assumem lideranças que, de fato, não podem exercer.

Mila, percebendo a gravidade daquela revelação, pergunta:

— Como isso pode atrapalhar minha tarefa?

— O resultado mais óbvio será a falta de compreensão das suas experiências espirituais. Eles lhe proibirão de falar de suas lembranças e não acreditarão em suas vivências mediúnicas.

— Será isso possível?! Eles não deveriam avaliar antes de julgar?

— A mediunidade, em muitos centros de atividade espírita, é proibida aos jovens! — explica Emiliano, entristecido.

Mila chora. A solidão invade sua alma, tornando a partida de sua avó mais dramática. Emiliano toca então sua cabeça e lhe diz:

— Jesus sempre criará novos caminhos para que todos que o amam encontrem Seu coração. Não temas! Ainda hoje, conhecerás um centro de atividade espírita que te acolherá com compreensão e carinho. Aviso-te desse triste quadro para que possas entender que tua tarefa é rude, mas executável, desde que ajas sempre com amor e abnegação.

Mila silencia. Induzida por Emiliano, lembra-se do Cristo e do encontro que tiveram quando estavam encarnados na Terra. Lembra-se também do diálogo em que Ele lhe pede que nunca abandone os sofredores e, principalmente, os doentes da alma. Ela sabe que foi por causa desse pedido amoroso que renunciou à vida em mundos superiores e reencarnou na Terra, em um momento tão desafiador como este em que vivemos.

— Abençoado seja todo sofrimento que serve para me ensinar a amar, assim como ama Jesus! — fala Mila.

Emiliano sorri: sua protegida não fugiu ao dever.

Na sexta-feira, Mila está mais tranquila do que nunca. Ela aceitara sua missão, seu sofrimento. E isso dá paz verdadeira.

## DIA ESPECIAL

**N**o sábado, Mila levanta cedo e chama sua mãe, para as duas irem mais cedo visitar a sua avó. Antes de partirem, Mila pega sua mochila com suas roupas. Dona Aurora estranha e diz:

- Para que estas roupas, minha filha?
- É que vamos dormir com a vovó hoje.
- Por quê? — indaga, sem entender.
- Eu quero ficar com a vizinha todo o fim de semana. Mas você pode voltar para casa, se quiser.
- Combinaremos isso quando chegarmos lá, ok?

Ao chegarem, dona Aurora se surpreende com o bom estado de saúde de sua mãe. Esmerilda está alegre e fica radiante ao ver sua mestra, Mila. Todas conversam animadas. O assunto é sobre os planos da festa de natal, que dona Aurora faz questão de discutir para afastar qualquer assunto sobre vida espiritual ou desencarnação. Mestra e discípula, para não assustar dona Aurora, a acompanham sem interromper e expressam alegria, pensando no que aconteceria, em breve.

— Ah, minha filha — diz dona Esmerilda — sinto que o próximo natal será um dos mais felizes de todos os tempos.

— Sim, vizinha. Tenho certeza que a senhora vai distribuir muitos presentes de alegria — comenta Mila.

Dona Aurora não entende o que de fato elas falam. Acostumou-se a pensar apenas nas coisas materiais e imediatas. Na hora do almoço, ela afirma que está na hora de ir embora. Desde que Esmerilda adoeceu, mãe e filha estavam almoçando em casa, para não dar trabalho a ela.

— Mas mãezinha, hoje vou ficar com a vovó e gostaria muito que você também dormisse aqui.

— Para que, minha filha? Amanhã podemos vir aqui de novo.

— Eu quero ficar, mesmo que você vá dormir em casa — fala Mila, com tranquilidade e firmeza.

Dona Aurora pensa e responde:

— Já que você quer pode ficar, amanhã cedo venho e vamos juntas para casa. Certo?

— Certo! Obrigada! — diz Mila, beijando a mãe.

Dona Aurora despede-se e parte.

— Você acha uma boa ideia sua mãe não ficar aqui? — indaga Esmerilda.

— É que eu queria dar pessoalmente a notícia de sua partida para ela — explica Mila.

— Entendo. Você não tem jeito Mila, pensa sempre em todos! Mas não se preocupe, vou falar com a enfermeira que fica aqui durante a noite para que, caso aconteça algo, que ela permita que você dê a notícia à sua mãe. Ela acompanhará você até sua casa.

Mila sorri ante a solução apresentada por sua avó.

— Bem, vizinha. Uma vez resolvidas essas questões, vamos falar de minha partida na encarnação em que nós nos encontramos.

— Sim — diz Esmerilda, feliz. Conte-me os detalhes.

Mila se concentra, faz uma prece e começa a narrar sua experiência de desencarnação. Seu rosto torna-se grave, sua voz se modifica, e então ela começa:

— Desencarnar, vizinha, é um momento muito especial. Lembro que eu estou deitada e feliz, mas as pessoas que me cercam estão tristes, e isso atrapalhou muito. Tive que demorar algumas horas para que vocês, que estavam comigo, pudessem aceitar minha desencarnação. A postura certa, em qualquer momento de partida de alguém que nós amamos, é o de agradecimento. Sair do mundo é um ato sagrado, que deve estar envolto em gratidão: gratidão a Deus e também a todos. Gratidão à natureza, que nos acolheu e nos alimentou; gratidão ao ar, que respiramos no corpo físico; gratidão à água, que milhares de vezes matou nossa sede; gratidão aos que nos ensinaram a amar, quando nos fizeram sofrer com ataques, calúnias e injúrias. Sem isso, nossa passagem pela Terra não seria proveitosa. Quando o coração está

repleto de gratidão, podemos partir e aceitar que os outros partam. O egoísmo gera o medo, e o medo aprisiona todos em sofrimentos que não são educativos; o sofrimento que devemos ter é aquele que nos ensina a servir a quem sofre, que consola o triste e não traz revolta.

Após concluir, Mila vê Emiliano, que sorri para ela e diz:

— A partida de Esmerilda será fácil e harmoniosa. Em três horas, iniciaremos o processo do desligamento físico. Peça a ela que escreva a sua mãe, falando de sua tarefa na Terra, e que aproveite para se despedir de todos que ela desejar. Às seis horas da tarde iniciaremos o desligamento. Assegure-se de que não seremos interrompidos, pois, além da desencarnação de Esmerilda, queremos iniciar você em um processo particular de captação das existências das outras pessoas. Isso será necessário para sua tarefa no movimento espírita. —conclui Emiliano e parte, em seguida.

Mila abre os olhos, beija Esmerilda e explica-lhe carinhosamente a mensagem de seu guia, com bom humor:

— Vozinha, vamos logo, se não a gente se atrasa! E que vergonha seria se atrasar para seu encontro com o vizinho, né?

Esmerilda sorri, ante a vivacidade de sua neta e mestra.

Às quinze para as seis da tarde, Esmerilda chama a enfermeira e diz que orará com a neta e que não deve ser interrompida.

Aos dez minutos para as seis, Mila está concentrada, em oração. Esmerilda termina sua última carta. Escreveu uma bela carta para dona Aurora e algumas outras para as amigas.

Às seis horas, Mila faz uma prece, em tom solene:

— Pai, Senhor do Universo. Hoje nos encontramos na Terra e esta, minha avó e minha discípula, deixará o corpo físico, em clima de paz e alegria. Obrigada! Três milênios de aprendizado e, eis que aqui estamos para honrar-Te as Leis, que aprendemos a amar! Tão pouco sabemos, mas imenso é o Teu amor; por isso, somos felizes, temos o coração em paz. Ajuda-nos, para que essa bela prova de transição seja cumprida como Tu desejas: com o coração entregue às Tuas perfeitas leis.



Nesse instante, Emiliano, o esposo de dona Esmerilda e mais de doze familiares desencarnados aparecem ante a visão espiritual de Mila. O guia de Mila então ordena, mentalmente:

— Aplica-lhe passes.

Mila levanta-se e beija a testa da avó, mas nada falam. É um momento sublime, de três mil anos de aprendizado a serem avaliados. Mila aplica energias no chacra solar de sua avó e ela adormece. Emiliano então direciona Mila para que aplique o sopro magnético. Ela o faz, dispersando todas as energias que poderiam embarçar o desligamento. Em seguida, inicia-se o desligamento. Mila age guiada por seu guia espiritual, de forma que suas mãos percorrem todo o corpo da avó, mobilizando energias para um bom desligamento do corpo espiritual. Em seguida, Mila para, concentra-se e, nesse instante, sabe que o coração físico de Esmerilda deve parar de bater. Ela então segura a mão da avó. Nenhuma energia é mais tranquilizadora do que a do amor maduro. O coração de Esmerilda ainda bate, suavemente. Esmerilda sorri e uma lágrima de gratidão escorre em seu rosto. Seus olhos se fecham.

Neste momento, um enfermeiro espiritual aproxima-se, cortando os últimos fios fluídicos, que ligam Esmerilda ao corpo físico. E assim, Esmerilda, desencarnada e adormecida, é posta em uma maca. Acompanhada por seu marido e amigos, ela é levada a uma enfermaria espiritual. Emiliano então sorri e fala para Mila:

— Quando se tem a preparação adequada, a operação mais delicada transcorre em clima de paz. Agora, quero que você se concentre. Vamos visitar sua mãe, em Espírito.

Mila então deita-se no sofá, próxima do corpo da avó, e parte em direção a sua casa. Lá, encontra dona Aurora assistindo sua novela favorita. Sentam-se ao seu lado e conversam, telepaticamente:

— Vou ensinar-lhe a observar as encarnações anteriores dos encarnados. No entanto, é preciso ter alta responsabilidade, pois muitos ainda são espiritualmente infantis e não podem compreender, com naturalidade, a realidade das vidas passadas.

Nesse momento, Emiliano impõe as mãos sobre Mila, que sente como se um alfinete penetrasse seu cérebro, mas mantém-se concentrada. Após este instante, rápido e intenso, ele orienta Mila

a se concentrar em sua mãe, observando as “informações” que ela carrega em si, de forma que seu olhar se concentra entre os olhos dela. Assim, Mila vê desenrolarem-se as múltiplas vidas de Dona Aurora, em uma velocidade e em uma riqueza de detalhes incríveis, sem que nenhuma informação fosse perdida.

— Observe o histórico de medo em relação às relações mediúnicas que sua mãe possui — fala Emiliano.

— Mas ela usou a mediunidade em muitas existências... — comenta Mila.

— Sim, mas utilizou de forma muito equivocada, e por isso teve uma colheita dolorosa. Isso gerou o trauma que bloqueia não apenas a mediunidade, mas também sua espiritualização. Ela associou, inadvertidamente, a mediunidade ao sofrimento; antes tivesse associado o mau uso da mediunidade às consequências negativas.

— Entendi!

— Essa informação é valiosa para que você possa ajudá-la. Não é a mediunidade que ela teme. O problema é o “peso de consciência”, é o complexo de culpa, que não ajuda ninguém a crescer espiritualmente.

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Acima de tudo, para ajudar alguém, é preciso entender. Este é motivo de você desenvolver a faculdade de observar a história espiritual das pessoas. Você deve entender melhor, para servir com mais qualidade.

— Vou poder, em estado de consciência no corpo, observar a história espiritual de quem eu quiser?

— Quando você se concentrar e pedir, nós lhe ajudaremos e você verá. Outras vezes, isso acontecerá mesmo sem você pedir, desde que achemos isso importante. Lembre-se: submissão à Vontade de Deus é sabedoria verdadeira. Submissão à vontade dos homens é covardia disfarçada de prudência — explica Emiliano, de forma grave, pois sabe o quanto Mila sofrerá por não agradar à opinião dos espíritos, aos quais ela deve educar.

— Entendo!

— Agora despeça-se de sua mãe.

Mila olha para Dona Aurora com muito carinho, beijando-a.

Depois de trinta minutos, eles voltam para o quarto de Esmerilda. Mila acorda calmamente e olha para o corpo que pertenceu a sua avó, alisando os cabelos brancos que foram dela. Faz então uma prece e vai chamar a enfermeira:

— Senhora Margarida, vou lhe contar algo. Mas não se assuste, por favor!

— O que aconteceu? Sua avó está bem?

— Sim, ela está muito bem. Mas escute com calma o que eu vou lhe dizer — fala Mila, preparando a enfermeira para dar a notícia.

— O que houve?

— Minha avó está bem e feliz. Voltou para casa. E isso é bom, então você não deve se assustar.

Ao ouvir Mila, a enfermeira dirige-se ao quarto de Esmerilda e, um tanto assustada, constata a sua desencarnação. Enquanto isso, neste exato momento, Esmerilda dorme tranquilamente nos braços de seu amado, em uma enfermaria espiritual.

## VELÓRIO

O velório de dona Esmerilda trará uma bela surpresa para Mila. Ao entrar na sala em que está o corpo da sua avó, Mila encontra Luzete. “Que alegria!” — pensa ela, sorrindo, animadamente, para a amiga do passado. Aproxima-se então de Luzete e, logo que tem uma oportunidade, convida-a para conversar.

Ambas caminham pelo cemitério, entre os túmulos.

— Este lugar nos faz refletir na vida, mestra — fala Luzete.

— A vida é tão frágil e rápida... Por que as pessoas se apegam tanto às coisas? — comenta Mila.

Luzete resolve mudar de assunto. Na verdade, sente que aquele é o momento ideal para comunicar-lhe a última tarefa que lhe falta cumprir para partir em paz.

— Mila, eu sou dirigente de uma pequena instituição espírita, que funciona em minha casa. Sei que não poderei permanecer na Terra até o momento em que você estará madura o suficiente para dirigi-la. Foi com muito esforço que criamos um ambiente de paz e tolerância. Lá, você poderá exercer suas obrigações mediúnicas, sem ser barrada pelo preconceito e pelo medo, disfarçados de regras honestas. Quero muito que você venha nos visitar!

— Irei sim, com certeza — diz Mila, beijando Luzete, com alegria.

— Lá, você poderá estudar e conhecer a realidade do intercâmbio mediúnico em grupo. Em nossa última reunião, recebemos a visita de alguns jovens e Eurípedes Barsanulfo nos orientou recebê-los. Desejo que você tenha amigos que entenderão suas faculdades mediúnicas e que possam a ajudar em sua missão.

Ao ouvir estas palavras de Luzete, Mila abraça-a e beija sua testa. Ela se sente muito feliz nesse momento. Com a partida de sua avó, ela pensava que nunca mais teria alguém com que

compartilhar suas experiências espirituais. Após um momento de silêncio, fala:

— Luzete, se esta é sua última obrigação, quer dizer então que você partirá em breve?

— Não. Pedi para ficar um pouco mais. Ainda estarei no centro espírita por uns dois anos. Depois, dedicarei meu tempo à psicografia. Receberei livros que não estavam em meu planejamento reencarnatório mas, como o número de médiuns desistindo da psicografia é tão grande, resolvi ajudar um pouco — comenta Luzete.

— É verdade! Emiliano me disse que existem mais de três mil livros que deveriam estar na Terra!

— Vamos fazer uma prece por Esmerilda? — pergunta Luzete, para evitar um assunto tão triste como o do fracasso de tantos médiuns.

— Vamos! — responde Mila.

Concentram-se e oram. Nesse instante, Emiliano aproxima-se de Luzete e, por meio da psicofonia, conversa com Mila:

— Paz em seu coração! — fala o amigo espiritual.

— Que alegria me comunicar com você assim! — diz Mila.

— Somente os orgulhosos pensam em estabelecer limites às manifestações do Amor de Deus.

Após uma pausa, continua:

— Ouça! Sua tarefa deve iniciar-se com Luzete, mas não se limitará a uma casa espírita. É preciso que você se prepare para espargir luz e compreensão. Afeíçoe-se aos modernos meios de comunicação: eles são instrumentos que Deus permitiu existirem no mundo, por amor aos seus filhos. Não despreze nunca os recursos depositados no mundo pelo amor do Pai. Escrever, falar, viver e transmitir o amor, por todos os meios possíveis, é obrigação de quem ama. Paulo, o apóstolo, usou os meios de comunicação mais avançados de sua época — as cartas —, apesar de serem caras e difíceis de enviar. Nenhum cristão verdadeiro pode ignorar essa realidade.

— Entendi! E omo está Esmerilda?

— Você terá notícias dela ainda hoje. Não se preocupe! — conclui Emiliano e parte.

Luzete volta a si e Mila lhe conta o que aconteceu, pois ela é médium inconsciente. Mila então lhe pergunta:

— Como terei notícias dela? Será que irei visitá-la?

— Não sei... — responde Luzete.

Ambas voltam então para a sala do velório. O clima é de desarmonia. Alguns choram desesperados, outros estão visivelmente impacientes e emanam vibrações de irritação.

“Ainda bem que minha vizinha está longe!” — pensa Mila.

Após o enterro, Mila e Dona Aurora voltam para casa.

Mila está com o coração em paz. Dona Aurora, no entanto, parece não aceitar a partida da mãe. A vida espiritual, para ela, é apenas uma ideia. Há uma diferença radical entre Mila e sua mãe.

O telefone toca. Mila atende:

— Alô! Alô?

Do outro lado da linha, Mila não ouve nada. Ela espera um instante, e então ouve:

— Minha neta.... amada... sua avó, Es..me..ril..da... Muito feliz!

Venci... o medo da morte. Muito feliz!

A ligação cai.

Mila entende a mensagem e sorri, emocionada, chorando discretamente. Sua mãe pergunta quem era.

— Era uma amiga, mas a ligação caiu... — responde Mila.

Mila beija a mãe e a abraça, com muito carinho. Entende seu sofrimento. Já ajudara muitos a superar essa relação de medo com a morte. “Quem sabe um dia a vitória não será também de minha mãezinha?” — pensa a incansável mestra. O que lhe dá sempre alegria é a possibilidade de ajudar, sempre colaborar para um mundo sem medo.

E você, o que tem feito por um mundo melhor?

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 10*

*Aventuras de um morto*



## PREFÁCIO

**A** migos, é com muita alegria que apresento este livro da série “Se a Mediunidade Falasse”. Ele tem o poder de explicar, de forma séria e rápida, muitas verdades espirituais. O Espiritismo tem servido a muitos como consolo, e isso é bom. Porém, o Consolador deve também preparar todos para uma vida mais justa e bela, levando-os a refletir sobre as possibilidades de crescimento espiritual e induzindo cada um a compreender que é indispensável assumir esse compromisso.

Um Espírito, por pior que tenham sido seus erros, sempre será capaz de superar-se, de conquistar verdadeira paz, de crescer em direção a Deus.

Esta é a verdadeira história de Trismundo, um Espírito que nunca soube o que é amor, até passar pelas amargas dores de desencarnado e, em seguida, resolver conquistar a si mesmo e seguir em direção a Deus.

É a aventura de um irmão que estava morto e que decidiu acender, em si, a chama da vida, por intermédio de muitas encarnações luminosas.

Do amigo espiritual de sempre.

Fortaleza, 05 de maio de 2018



## O INÍCIO

**M**orre Trismundo. Pobre miserável que, apesar de rico, apesar de exaltado por tantos... Pobre Trismundo!

— Como teria sido diferente se ele tivesse acreditado no que ensinou Jesus! — lamenta Anastácio, seu anjo da guarda, que está a seu lado. Ele acaba de morrer e está péssimo! Não que a morte nos faça mal... Mal faz — e muito — a vida mal vivida!

Trismundo desespera-se. Grita, chora, pede ajuda. E repete sem cessar:

— Enlouqueci! Ninguém vê que preciso de ajuda!? Ninguém entende!

— Estou aqui, filho infeliz. Ora e poderás me ver! — responde Anastácio, que há uma década vê aquela cena se repetir, com poucas modificações.

Trismundo, desta vez, parece ouvir a voz de Anastácio. Cai de joelhos e, pela primeira vez, ora com fé e humildade:

— Senhor, preciso de Ti! Te suplico, ajuda-me!

Anastácio aparece a Trismundo, sorrindo, e diz:

— Filho, começa hoje tua reeducação! Esqueça a loucura do poder e do dinheiro, e poderás conquistar paz e felicidade!

Trismundo olha para ele e, sentindo-se aliviado, desmaia. Acorda já em um hospital. Acha então que tudo foi um sonho, um pesadelo. Levanta-se rapidamente e começa a dar ordens, como fazia na Terra, sendo acalmado por um enfermeiro que, com energia, lhe diz:

— Fique calmo, ou será transferido para outra enfermaria!

Quem seria aquele empregado tão ousado? Não sabia com quem estava falando? Como se atrevia a não lhe obedecer? Confuso e sentindo-se fraco, Trismundo silencia e resolve esperar que chegue alguém conhecido para visitá-lo. A espera foi longa. Apenas no dia seguinte recebe uma visita: Anastácio. Ao vê-lo, Trismundo quase desmaia.

— Não foi um pesadelo? — pergunta, assustado.

— Sim, um horrível pesadelo. Um pesadelo que durou décadas de erros e desmandos, meu filho — responde Anastácio.

— Então... — balbucia Trismundo.

— Então você desencarnou. Desencarnou ou morreu, se preferir, há mais de dez anos. Está na hora de aceitar, não acha?

Trismundo fica pálido.

— Não passe mal novamente. Use sua coragem para crescer — incentiva seu guia.

— É... É verdade que a morte não existe?! — pergunta, tentando organizar as ideias.

— Sim, acho que sim... Afinal, estamos aqui, não é? — responde Anastácio, com bom humor, e conclui:

— Descanse! Amanhã iniciaremos teu aprendizado sobre a vida espiritual. Trarei um livro especial, que explicará tudo. Há muitas coisas novas a aprender.

Essa explicação acalma Trismundo, que consegue descansar melhor com a esperança de, no dia seguinte, começar a entender tudo o que aconteceu com ele. Acha melhor não falar como foi tratado pelo enfermeiro. “Melhor não causar confusão...” — pensa.

No dia seguinte, Anastácio traz um belo livro. Ao vê-lo, Trismundo empolga-se. Cumprimenta Anastácio e logo abre o tal livro que, segundo seu guia, explicaria tudo o que havia lhe acontecido.

Trismundo olha para o livro avidamente e lê, na bela e luminosa capa, em letras destacadas: **O Livro dos Médiuns — Guia dos médiuns e dos evocadores**. Surpreende-se, e diz:

— Este livro é de 1861?!

— Essa é a data da publicação dele no mundo. Você anda um tanto desatualizado, não é? — responde seu guia e acrescenta, um tanto mais sério: É um livro extremamente atual e, em pouco tempo, vai ser *descoberto* por muitos cientistas. Para você, é o roteiro que deveria ter seguido na Terra. Muitas vezes tentei lhe inspirar a buscar os conhecimentos espirituais, mas você viveu décadas aflito para ter sempre mais, para conquistar mais. E tudo isso pra conquistar poeira, que agora não lhe ajuda em nada. Mas

agora você tem mais uma chance de aprender e viver as Leis de Deus.

— O que posso fazer? — indaga Trismundo.

— Uma opção é não estudar **O Livro dos Médiuns** e reencarnar em breve, para sua última chance.

— Última chance?

— A Terra modifica-se; logo, nem todos terão a permissão de continuar nela. Sem se preparar, com muita seriedade, será quase impossível você vencer as tentações materiais. Com mais um fracasso, você passará a habitar em um mundo pouco evoluído, primitivo. Será um recomeço difícil.

Trismundo assusta-se. Sente a seriedade nas palavras de Anastácio.

— Sei que, no mundo, como você, muitos pensam possuir verdadeiro poder. São crianças que se iludem, mas que terão de arcar com as consequências de seus atos. Pense! Em dois dias volto para traçar os planos, conforme sua decisão — conclui Anastácio.

Trismundo tem muito a refletir. Deixara muita riqueza. Não tinha saudades de ninguém. Viveu para sua grandeza: encontros importantes, decisões econômicas e políticas. Tudo mais parecia perda de tempo. Conhecia-se: com muita facilidade voltaria àquela vida. Precisaria de algo forte, inteligente e comprovado, que o amparasse durante a vida material, para não cair mais uma vez. Talvez, por isso, Anastácio lhe tenha dado aquele livro. Somente provas inegáveis o convenceriam que existe algo mais valioso do que riqueza e poder materiais. Tudo conquistou; porém, sente o vazio que tudo deixou em seu ser. Dois dias depois, teria que decidir seu futuro espiritual e sua reencarnação. “Em que investir?” — pensa o antigo financista.

Observa, com atenção, o índice de **O Livro dos Médiuns**. Ri ao ler o Capítulo I da Primeira parte, intitulado: “Existem Espíritos?” e pensa: “Talvez eu não precise mais me convencer disso”. Já o Capítulo II, “O maravilhoso e o sobrenatural”, o ajuda a entender que a existência de Espíritos e da vida espiritual é tão natural quanto a existência do sol, das árvores e da chuva. Apenas a ignorância atribui, ao que não entende, o nome de sobrenatural. Trismundo começa a gostar do livro. Já o Capítulo III, “O Método”, o faz pensar em quanto sua vida teria sido diferente se,

como ensina Kardec, ele tivesse compreendido que é Espírito, e não apenas corpo.

No último capítulo da primeira parte, Kardec, com ousadia, analisa todos os sistemas de explicação para a manifestação dos Espíritos, provando que, em muitos casos, a única explicação inteligente para os fenômenos mediúnicos é a admissão da existência de seres inteligentes, que não possuem um corpo físico. Trismundo está tão empolgado que esquece que já desencarnou e começa a pensar nas providências materiais para divulgar aquelas verdades para milhares de pessoas. Levanta-se da cama para chamar sua secretária, mas, ao olhar para o lado, se dá conta de que está em outro mundo. Ele não é mais o “poderoso milionário”. Sente-se triste, abatido, e pensa: “O que fiz com a fortuna que possuía?”. Olha para os lados, sentindo-se impotente e reflete: “O que posso fazer agora?”. Lembra-se que renascerá, e isso o consola. Volta então à leitura da obra.

Ao ler o título da Segunda Parte, “Das manifestações espíritas”, assim como os títulos dos trinta e dois capítulos que compõem essa parte, empolga-se novamente. São dezenas de maneiras que os Espíritos possuem para se comunicar. É um mundo de possibilidades de comunicação. “Não existe apenas um jeito de se comunicar com os Espíritos, Deus deu a todos dezenas de formas de comunicação! Quero ler tudo, quero entender cada tipo de comunicação e, como fiz em tudo em minha vida, quero praticar!” — pensa, desafiando-se. Os olhos de Trismundo brilham, enquanto ele reflete: “Que mundo fabuloso o da mediunidade! Nunca trocaria um encontro com nenhuma autoridade da Terra pela possibilidade de ter uma experiência mediúnica!” Ele folheia então a Segunda Parte em que encontra explicações sobre os efeitos físicos, voz direta, vidência e cura. “Quero entender tudo!” — pensa. Respira fundo e resolve iniciar a leitura a partir do Capítulo I, intitulado “Ação dos Espíritos sobre a Matéria”, em que Kardec mostra como as manifestações espíritas estão presentes em todos os povos. Ao ler isso, Trismundo reflete, em voz alta:

— Que descoberta fenomenal: nunca existiu um povo que não houvesse experimentado, vivenciado o contato com os

Espíritos! Mas por que, neste momento, historiadores e antropólogos não mostram essa verdade comprovada?

A resposta veio, de forma automática, em sua mente: ele se lembra de quantas vezes ele mesmo manipulou informações econômicas e políticas, em benefício próprio.

— É isso! — responde para si mesmo — eles também distorcem informações para satisfazerem os seus interesses! Talvez não seja o interesse financeiro, mas o interesse da vaidade. Até quando seremos vítimas de nossa pequenez? — pergunta-se, novamente em voz alta.

— Até aprendermos a agir em busca de Deus, em vez de satisfazermos nossa pequenez. Nossa inferioridade só existe porque a alimentamos todos os dias — responde telepaticamente Anastácio, enquanto se aproxima, em silêncio.

Trismundo espanta-se.

— Calma, não vá morrer de susto! — fala Anastácio, brincando.

Ambos riem.

— Anastácio — fala Trismundo — se, no mundo, as pessoas entendessem que são Espíritos, que não morrem, que mantêm a sua personalidade — isso com base nas inúmeras provas da imortalidade — tudo mudaria na economia, na política, nas fábricas e no lazer. Essa compreensão é verdadeiramente revolucionária! — conclui, eufórico.

— É verdade, Trismundo! A compreensão destas verdades tão básicas alteraria toda a vida na Terra. Essa é a missão que eu lhe proponho — conclui Anastácio.

— Eu?! Como assim?

— Você conhece os bastidores da política e da economia da Terra. Você sabe lidar com pessoas apegadas ao poder. O que lhe proponho, como opção, é um estudo aprofundado de **O Livro dos Médiuns**, com o compromisso de, na próxima encarnação, você utilizar seus talentos sociais e seus conhecimentos mediúnicos para divulgar mundialmente essas verdades.

— Eu? Divulgar pelo mundo?

— Não tema! Sabemos que você é um Espírito ainda necessitado, mas a ordem do Cristo é que a todos, segundo suas

aptidões, seja dada uma chance de servir. Você vivenciará a mediunidade, mas sua tarefa principal será administrar, organizar grupos de pesquisa de alto nível científico e providenciar os meios de apresentar essas pesquisas a todas as pessoas, pelos modernos meios de comunicação. Entende?

— Sim! — diz, sorrindo. Isso eu posso fazer! Repararei meus erros, usando meus talentos para o bem. Como a Lei de Deus é inteligente! — responde, emocionado.

— Então aceita? — indaga Anastácio.

— Sim, comecemos já! Nunca um empreendimento me empolgou tanto. Quero me preparar da melhor forma possível!

Anastácio sorri, feliz. Seu protegido, apesar dos grandes erros, tem uma virtude essencial para quem quer evoluir: coragem.

Anastácio convida-o para um passeio. Ainda fragilizado, Trismundo caminha, amparado por Anastácio. Vão a um jardim. Anastácio fala para sentarem em um banco no centro do jardim, de onde podem ver a cidade, pois o jardim localiza-se no 12º andar do Hospital Esperança. Trismundo surpreende-se com a beleza da cidade espiritual. Anastácio explica:

— Estamos em um complexo hospitalar-educacional, dirigido pelo Espírito Eurípedes Barsanulfo, que é também um dirigente do Movimento Espírita brasileiro, junto com Bezerra de Menezes. Você e eu estamos ligados a esse Espírito por laços milenares. Ele foi fiel seguidor do Cristo, desde o início do cristianismo no mundo. Na verdade, desde antes. Aqui você poderá estudar a história espiritual de Eurípedes, para melhor entender nosso compromisso com o cristianismo primitivo e com o Consolador. Em breve, realizaremos seu planejamento reencarnatório. Acredito que dez anos de intensa preparação serão suficientes. O que você acha?

— Não é pouco? Sinto-me tão debilitado e há tanto a aprender...

— É verdade que o ideal seriam trinta anos, mas não temos tanto tempo... Você sempre dormiu pouco e foi muito disciplinado. Teremos que fazer em 10 anos a tarefa preparatória de trinta. É o máximo de tempo que possuímos. Você aceita?

— Tenho opção? — pergunta Trismundo.

— Tem, mas não é das melhores...

— Reencarnar-me sem preparo, provavelmente falir e ir para um mundo inferior?

— Sim. Você já perdeu muitas chances... — fala Anastácio.

Trismundo respira fundo, olha a movimentação dos grupos de trabalhadores, levanta-se e responde.

— Começemos agora!

— Ótimo! Estudaremos em profundidade **O Livro dos Médiuns** e, paralelamente, faremos sua programação reencarnatória. Analisaremos obstáculos internos e externos e buscaremos suas conquistas íntimas, para permitir que você as coloque a serviço do Cristo e da causa do Bem, Buscaremos também o melhor contexto social para que você se reedue. — explica Anastácio.

— Conquistarei fortuna novamente? — indaga Trismundo, ainda iludido com o poder do dinheiro.

— Não, meu filho. Isso atrapalharia muito sua missão. O excesso de dinheiro transforma-se facilmente em excesso de lazer ou em escassez de tempo para o que, de fato, importa. Não acha?

— É verdade... — concorda o amigo aprendiz que, em seguida, indaga:

— E como poderei divulgar novas ideias sem recursos materiais?

— Do mesmo modo que Chico Xavier?

— Mas ele não tinha dinheiro? — pergunta Trismundo, que não conhecia muito bem a vida do médium mineiro.

— Não, meu amigo, não tinha. Na verdade, sempre foi pobre. Atualmente, é muito mais fácil divulgar as ideias espíritas pelos meios de comunicação. O que você precisará, na verdade, é de qualidade.

— Qualidade?

— Sim. Qualidade em seu mundo íntimo, para poder receber ideias elevadas e para sintonizar com Espíritos que tenham um vínculo sério com o Consolador.

— Farei o que for preciso — responde Trismundo, ainda sem entender bem como isso aconteceria.

— Teremos tempo para lhe explicar tudo. Por hoje, quero que leia este livro. — fala Anastácio, tirando do bolso um livro belamente encapado e o entregando a Trismundo.

— Meu amigo Eurípedes Barsanulfo... — lê Trismundo.

— É o primeiro relato que você deve ler sobre nosso orientador. Não estranhe o título conter a palavra “amigo”, pois é assim que ele quer ser conhecido por todos. Afinal, somos todos filhos de Deus. e irmãos devem ser amigos, você não acha? — pergunta Anastácio, bemhumorado.

— É verdade. Ainda mais agora, que tenho me beneficiado do hospital Esperança. É melhor ser amigo, se não a conta pode ser muito grande! — brinca Trismundo.

Ambos riem.

Anastácio se despede:

— Você já pode voltar sozinho. Vá se acostumando a ser independente; guia espiritual não é babá!

Abraçam-se.

Trismundo fica apreciando a beleza das construções e das estrelas.

Ao voltar para seu leito, senta-se e, mesmo cansado, inicia a leitura de seu novo livro. Adormece com o livro nas mãos. Um enfermeiro, ao vê-lo dormir, acomoda-o melhor na cama, mas deixa o livro em suas mãos.

Trismundo sonha. Vê-se em um campo verdejante, onde o céu é límpido, e ouve uma voz suave, que lhe chama. Vai em direção da voz, encontrando sua mãe.

— Meu filho, há quanto tempo! — diz ela, abraçando-o.

— Mãe! Mãe! — exclama, chorando. Há quanto tempo, mãezinha!...

Sua mãe havia morrido há mais de três décadas, e era a única pessoa que ele realmente amava na Terra.

— Como estou feliz em lhe ver melhor, meu filho! E como estou feliz em ver que você aceitou um compromisso tão importante!

— Mas... Você já sabe?

— Sim. Eu orei muito por essa chance. Não quero que você vá viver em outro planeta! — explica Eleonora.



— Por que você nunca apareceu? — pergunta Trismundo.

— Meu filho, sempre estive com você. Quanto chorei por seus sucessos, que não eram fruto do trabalho honesto! Quanto me entristeci, ao ver que você nunca se preocupava com os necessitados que cruzavam o seu caminho...

— Entendo, minha mãe. — fala Trismundo, constrangido.

— Mas agora é hora de alegria. Falemos do futuro! Tenho um grande sonho: gostaria que você pudesse ficar algum tempo comigo, em minha casa, na cidade em que habito.

— Irei, ainda hoje! — fala Trismundo, que ainda não sabia da Lei do Merecimento, que organiza a vida espiritual.

— Meu filho... Hoje, você não pode sequer me visitar. Por isso, vim vê-lo. Se cumprir com abnegação sua próxima missão, você poderá ficar um tempo comigo.

— Quer dizer então que não irei mais te ver?

— Iremos nos encontrar muitas vezes, e pedirei permissão para participar de seu planejamento reencarnatório. Se você for fiel aos seus compromissos, poderei lhe orientar na próxima encarnação, por meio da vidência e da psicografia, além dos sonhos.

— Aceito e agradeço a Deus! Sei que muito errei, e quero aprender a viver segundo a vontade de Deus. De nada adiantou meu poder no mundo... Tudo se transformou em desvantagem aqui. Quero, a partir de agora, aprender a agir segundo a Lei de Deus! — fala Trismundo, revelando uma humildade impensável quando estava no mundo.

Sua mãe sorri, beijando o filho querido.

Trismundo abre os olhos, cheios de lágrimas, e vê que sua mãe está ao seu lado.

— Não sonhei? Você está mesmo aqui?!

— Estou aqui sim, meu filho. Conversei com você enquanto dormia para que nosso primeiro contato não alterasse muito seu estado delicado. Nós conversamos telepaticamente.

— E as cenas que vi? — indaga Trismundo.

— Eu criei esse cenário. Além do mais, foi nosso primeiro treino. Não podemos perder tempo: essa é a orientação de Anastácio. — explica sua mãe.

Trismundo entende a resposta e sorri, pensando: “Aqui eles são mais eficientes do que as melhores empresas da Terra!”

— Esse é o padrão de Eurípedes Barsanulfo: equilíbrio, abnegação e serviço eficiente. — explica a mãe de Trismundo que, ante o assombro do filho, completa: E também lemos pensamentos! Mas agora tenho de partir, e você deve estudar... — fala Eleonora.

— Ah mãe, mas eu queria conversar mais... — fala Trismundo.

— Eu também, meu filho, mas agora você precisa estudar. A reflexão sobre temas elevados é uma das terapias mais eficazes. — conclui sua mãe.

Eleonora então o convida para uma prece de agradecimento pela nova chance que Trismundo recebeu, e depois se despede do filho.

Trismundo termina de ler o livro sobre Eurípedes. Impressiona-se com a capacidade do mestre de Sacramento em sair do corpo de forma consciente, materializar-se para auxiliar as pessoas e voltar completamente consciente do que aconteceu.

O dia amanhece. Trismundo reflete sobre a atuação social de Eurípedes Barsanulfo: “Educação intelectual, moral e espiritual de ótima qualidade, além de acesso a tratamento de saúde gratuito. Se os espíritos entendessem isso, o mundo ou, pelo menos, o Brasil não teria mais miséria. Seria essa a proposta social espírita?”

— Sim! — responde Anastácio, que aparece ao lado de Trismundo. — Não percebi você entrar... — Eu sei — responde seu guia.

— Educação e saúde para todos, com excelente qualidade. É essa a proposta social espírita?

— Sim. É um de seus elementos centrais — responde o amigo espiritual, feliz por Trismundo haver compreendido a mensagem de Eurípedes.

— Como implantar isso na Terra?

— Primeiro, os espíritos precisam entender que isso significa “Caridade”. É preciso tornar isso uma prioridade social, debatendo-se e provando-se que isso é indispensável para construirmos a “Pátria do Evangelho”. Quando os brasileiros

entenderem que educação intelectual e moral são o fundamento indispensável da nação, estaremos a caminho do cumprimento da missão do Brasil.

— Como convencer os espíritos de que isso é a prioridade?

— Primeiro, eles precisam conhecer a Doutrina Espírita, através do estudo da codificação. Segundo, precisam conhecer as vidas de Allan Kardec, que foi educador; de Bezerra de Menezes, que foi político e médico; e de Eurípedes Barsanulfo, que foi educador, político e médico homeopata — explica o guia espiritual e conclui: Está na hora de irmos.

Hoje iniciamos seu planejamento reencarnatório.

— Já? Mas eu não vou ficar aqui dez anos?

— Sim, mas isso não é tanto tempo para organizar um bom planejamento. Planejamento reencarnatório não é apenas um plano formal; implica a preparação intelectual e emocional. Vamos? Em trinta minutos, teremos sua primeira entrevista com Eurípedes. Você estará com ele três vezes para discutir sua preparação. Uma hoje, a segunda quando concluir o planejamento e a última antes do renascimento. Aproveite o tempo com esse amigo! — explica Anastácio.

Ao ouvir isso, Trismundo alegre-se. Acostumado com a lógica do mundo, em que as pessoas importantes não são acessíveis, nunca imaginou que poderia conversar com Eurípedes Barsanulfo. A verdadeira lógica cristã é algo muito novo para Trismundo.

Você tem certeza da imortalidade? Você vive como Espírito imortal ou como “não sei o que sou”?

## ENCONTRO COM EURÍPEDES

**D**irigem-se à casa de Eurípedes, que os recebe com alegria e cordialidade. Eurípedes convida-os a entrar em sua sala de trabalho, onde sentam-se e conversam:

— Aceitaste a tarefa de divulgar as verdades do Consolador? — indaga Eurípedes.

— Sim — responde Trismundo, um tanto constrangido.

— Pretendes recordar a tua programação anterior?

— A da última reencarnação? — pergunta Trismundo, um tanto confuso.

— Sim — afirma Eurípedes.

— Não sei... O que o senhor acha?

— Penso que seria de grande valor. Tens apenas de te preparar para não fugir por meio da autocondenação. Caso estejas disposto a aceitar teus erros com humildade, é sempre um excelente auxílio saber como e porque erramos — conclui Eurípedes.

— Irei me preparar — responde Trismundo.

Esse era o principal assunto que Eurípedes desejava tratar. Aceitar os próprios erros é passo essencial para o verdadeiro crescimento espiritual. Eurípedes sorri ante a resposta de seu amigo do passado. É uma situação interessante, em que Eurípedes se lembra do encontro de ambos, à época do Cristo, enquanto Trismundo apenas sente uma ligação com ele, sem fazer a menor ideia do motivo.

— Algo mais em que possa lhe ajudar? — pergunta, amigavelmente, o mestre de Sacramento.

— Não. Por enquanto sei que devo trabalhar muito para entender melhor minha situação e elaborar um caminho para minha recuperação.

— É verdade! — concorda Eurípedes. Devemos sempre pedir, mas também fazer por merecer. Quero lhe dar um presente

— diz Eurípedes, lhe estendendo a mão com um pequeno pergaminho.

Trismundo pega-o e, ao abri-lo, lê a seguinte mensagem: Trabalho — no céu e na Terra —, com honestidade e fraternidade, é o caminho que leva ao Criador dos mundos.

— Obrigado! — diz Trismundo, pensativo.

Despedem-se. No caminho da volta, Trismundo comenta com Anastácio:

— Interessante! Nunca ouvi essa frase, mas parece que já a conheço há um longo tempo.

— Talvez você a conheça... — responde Anastácio.

— Mas o amor não é a lei maior? — indaga Trismundo.

— Sim, é verdade. Mas até chegarmos à plenitude do amor, que é a síntese de todas as virtudes, precisamos avançar em várias virtudes.

— Pensei que o meu maior problema fosse o apego aos bens terrenos e ao poder... — comenta Trismundo.

— É verdade. Por isso, o antídoto: trabalho com honestidade e fraternidade.

— Entendi. A honestidade previne-me de possuir indevidamente e a fraternidade evita que eu tenha mais do que preciso! Não tinha feito essa relação. — conclui Trismundo.

— Eurípedes é mais sábio do que imaginamos! — explica Anastácio, sorrindo.

— E sobre a lembrança de meu último planejamento reencarnatório, como faremos?

— Primeiro, é preciso que você se recupere um pouco mais. Em seguida, iniciaremos o planejamento atual e, ao mesmo tempo, você recordará suas escolhas anteriores para avaliar melhor as escolhas atuais.

— Excelente! Adoro realizações bem-feitas. Serei, desta vez, um excelente aluno. Comprometo-me com isso! — fala Trismundo, empolgado. É a primeira vez, desde que desencarnou, que ele se sente alegre.

Anastácio fica feliz em ver como o encontro com Eurípedes foi estimulante. Eurípedes sempre usa técnicas energéticas e psíquicas diferentes para cada Espírito que auxilia e, assim,, já

auxiliou milhões de Espíritos, de forma discreta e profundamente eficiente. A orientação que deu, se seguida por Trismundo, o ajudará muito, inclusive quando já estiver reencarnado.

Chegam à enfermaria. Anastácio orienta:

— Descanse hoje e amanhã. Em seguida, virei aqui para buscá-lo, bem cedo. Informe-se sobre as bibliotecas às quais você pode ter acesso. Depois, lhe mostrarei as aulas, os filmes e documentários que você poderá assistir, além das apresentações artísticas. Descanse o máximo possível pois, a partir de quinta-feira, sua preparação ocupará pelos menos doze horas por dia! — conclui Anastácio, sorrindo.

— Que bom, assim sobram dez horas pois, em pouco tempo, precisarei de apenas duas horas de sono! — conclui Trismundo, com o otimismo que o caracterizava na Terra.

Anastácio despede-se, feliz. Trismundo vai dormir. Ele dorme muito e muito bem, sem ter sonhos — isto é, não se recorda deles. Além disso, tem um sono profundamente reparador.

Eurípedes visita Trismundo durante o sono e aplica-lhe energias regeneradoras, que somente um Espírito superior sabe manipular.

Nosso amigo acorda, sentindo-se recuperado, e levanta-se feliz. Cumprimenta a todos com educação e sai à procura da primeira biblioteca que possa achar, se deparando com a **Biblioteca Felipe, o apóstolo**.

“Nome estranho!” — pensa. Ele então entra na biblioteca e se informa da possibilidade de consultar os livros. Uma simpática atendente lhe explica:

— Estamos sempre abertos. Além de estudar, você poderá conhecer a vida dos essênios, por meio de vídeos reais, e entrar em contato com estudiosos que aqui vêm realizar pesquisas e sempre nos oferecem palestras sobre os temas que estudam. Aprender e compartilhar são tarefas simultâneas para os frequentadores desta biblioteca.

Trismundo alegra-se, mas se pergunta se ele, ele, um Espírito em recuperação, poderia entrar. A simpática atendente lhe diz, após captar o seu pensamento:

— Aqui ninguém precisa relatar sua situação espiritual. Tudo identificamos pela vibração que cada um emite. Seja bem-vindo!

Para Trismundo, foi um grande alívio. Poderia entrar e não precisara relatar sua dolorosa situação.

— Muito obrigado! — responde, feliz, e entra, sem perda de tempo.

A maior surpresa, para ele, foi observar os diferentes livros e pessoas que faziam consultas, em inúmeras seções.

“Preciso aproveitar bem o tempo!” — pensa.

Ao encontrar uma seção com o título **Planejamento Reencarnatório**, não teve dúvidas: dedicaria seu dia para consultar esses escritos. Passando a vista pelos títulos, encontra os mais diversos: “*Lepra: um caminho para o Cristo*”, “*Uma encarnação como deficiente visual*”, dentre outros. Folheou alguns livros e viu que a maioria tinha a seguinte estrutura: planejamento com referências a encarnações anteriores, reencarnação com descrição das provas a serem enfrentadas, a vivência do Espírito reencarnado e a análise do próprio Espírito e de seu guia espiritual, após o desencarne. “Que literatura fascinante!” — pensa Trismundo. E é assim que, por estar tão focado na consulta dos livros, ele não percebe que um Espírito se aproxima dele, toca em seu ombro e lhe diz:

— Você, por aqui?

Trismundo se vira e quase “morre” de susto!

— Eufrásio?! Você...

— Calma, eu não morri não! Só vim aqui estudar... Tô vivinho — quer dizer — estou “morto na carne”, reencarnado.

Trismundo sorri, ante a surpresa do encontro e do novo conceito que aprendeu: “morto na carne”. Então levanta-se e abraça o amigo de infância e juventude.

— Quanto tempo! — diz Trismundo.

— É verdade! Soube de seu desencarne pelos jornais... — comenta Eufrásio.

— Ah, meu amigo! O quanto perdi por me dedicar a conquistar um enorme monte de nada! — lamenta Trismundo.

— Agora só lhe resta trabalhar, e isso você faz bem, meu amigo! — diz, sorrindo. E, consolando-o, prossegue: Se você

conseguir direcionar seu potencial de trabalho com sinceridade e fraternidade, realizará uma boa obra!

— Sinceridade e fraternidade?

— Sim, amigo. Não devemos fingir amor profundo à Humanidade, como os fariseus. Ainda não temos condição de sermos como Eurípedes ou João Evangelista; por isso, é melhor termos uma meta real: sinceridade e fraternidade, no lugar de fingirmos uma grandeza que não temos. Devemos amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos; e, para chegar a essa meta antes, é necessário sermos honestos e fraternos, não acha? — indaga Eufrásio.

— Concordo! Interessante você dizer isso, porque essa foi a frase que Eurípedes me passou ontem... — fala Trismundo e, ao mesmo tempo, pega do bolso o pequeno pergaminho, mostrando-o a Eufrásio.

— Como é bonito! Eurípedes confiará a você uma bela missão — comenta Eufrásio.

— É?! — pergunta Trismundo.

— Sim. E ela exigirá muita honestidade íntima e fraternidade com todos, assim como renúncia — explica Eufrásio e conclui: Como você é uma pessoa corajosa, estou certo de que isso não lhe intimidará!

— Pelo contrário! Sei que errei muito e, se agora Eurípedes confia a mim uma tarefa importante, serei agradecido por meio de minha dedicação sem limites — responde, emocionado.

Eufrásio olha para ele, feliz. Já Trismundo lamenta-se por ter se distanciado do amigo de infância. Ele escolhera outro caminho, o do crescimento espiritual. Trismundo indaga:

— Você é espírita?

— Sim, há vinte anos. Sempre me lembrei de você. Conversei algumas vezes com meu guia espiritual sobre uma maneira de lhe auxiliar, mas você estava tão envolvido com suas preocupações, que não conseguimos muito.

— Obrigado por ter tentado, amigo! Isso significa muito para mim. A solidão do sucesso na Terra é destruidora...



— Mas nada é perdido! Talvez você tenha aprendido a lidar com a solidão e, quem sabe, na próxima encarnação conseguirá enfrentar a solidão dos que servem ao Cristo?

— Nunca pensei nisso... Talvez minha encarnação não tenha sido toda em vão!

— Claro que não, meu amigo! Use seus talentos para o Cristo: ele paga melhor! — diz Eufrásio, sorrindo.

— Obrigado! Posso lhe fazer mais uma pergunta?

— Sim, ainda tenho alguns minutos — responde Eufrásio.

— Quem foi Felipe?

— Felipe foi seguidor de João Batista e depois de Jesus. Ele foi um dos apóstolos. Há um pequeno livro que resume a vida desse abnegado Espírito na entrada da biblioteca. É muito interessante!

Trismundo agradece e, ao se despedir, indaga:

— Ainda nos encontraremos?

— Certamente. Logo que possível, lhe visitarei. Somos agora mais amigos do que antes! Mas agora devo ir, tenho que acordar. Afinal, por um tempo ainda tenho as coisas do mundo. — conclui, com bom humor.

— Você se lembrará de nosso encontro?

— Com certeza! Aprendi com Eurípedes, em um curso aqui, a recordar as experiências fora do corpo.

— Quanto estiver no mundo, quero também poder lembrar...

— Você vai, sim. Eurípedes está lhe confiando importante tarefa! — conclui Eufrásio.

— Até breve! — despede-se Trismundo.

Abraçam-se.

— Até uma noite destas! — despede-se Eufrásio, brincando.

Ambos choram, discretamente. “Encontrar um amigo é uma experiência especial!” — pensa Trismundo, que, há muito tempo, não pensava nos pouquíssimos amigos que deixara na Terra.

Se você descobrisse que tem um sério compromisso espiritual em sua atual encarnação, o que mudaria

## A PREPARAÇÃO

**A**o se aproximar da cama de Trismundo, Anastácio o encontra deitado, de olhos fechados. Toca-lhe então o ombro, ao que Trismundo abre os olhos e levanta-se. Já está pronto.

— Você não achou que iria me encontrar dormindo, não é?  
— diz, sorrindo.

— É muito bom ver que você entendeu o que significa trabalho! — responde Anastácio.

— Vamos? — pergunta Trismundo.

Saem conversando.

— Para onde iremos? — pergunta Trismundo.

— Logo que chegar, você saberá — diz Anastácio, também com bom-humor, e continua: Vamos preparar seus horários de atividades. Não é possível realizar um planejamento reencarnatório como o seu sem que, paralelamente, você tenha uma preparação emocional intensa. Não esqueça: foi você quem decidiu trabalhar, abnegadamente, com o Consolador. A quem muito é dado, muito é cobrado!

— Ótimo! Adoro desafios! — responde Trismundo, com sinceridade.

— É muito importante ter sempre coragem e disposição: só os corajosos crescem — comenta Anastácio.

— Serei excelente aluno. Eu prometo!

— Sei que sim. Contamos com isso.

Chegam à entrada de um alto edifício. Trismundo admira-o e comenta:

— Nunca vi nada tão belo!

— E a vista lá de cima é belíssima!

— Poderemos vê-la depois?

— Depois, não. Iremos para o último andar agora! — responde Anastácio.

Trismundo sorri, feliz. Entram, atravessam a recepção, recebem as boas vindas de simpáticos trabalhadores do edifício, e sobem.

— Você imagina o motivo de irmos ao último andar? — indaga Anastácio.

— Não. Na Terra, o último andar normalmente é reservado aos mandões... Estamos indo encontrar algum diretor? — pergunta Trismundo.

— Bem, o diretor de todo este complexo hospitalar-educacional é Eurípedes. Vou lhe dar mais uma chance.

— Não tenho nenhuma ideia... Quem sabe vamos a um elegante restaurante? — brinca Trismundo.

Quando chegam ao último andar, Anastácio revela, em tom de brincadeira:

— Seja bem-vindo ao seu passado!

— Passado?!

— Esta é a seção responsável pelas regressões de memória para o planejamento reencarnatório. É um tipo de regressão muito específica e muito importante para o sucesso da encarnação. Eurípedes localizou esta sala no último andar para simbolizar sua relevância e, também, para mostrar que a ascensão amplia sempre a visão do Espírito, inclusive em relação a seu passado espiritual. Ascender requer uma melhor compreensão de si mesmo. O autoconhecimento é o necessário estimulador do crescimento espiritual. Para avançar e ter ampla compreensão, precisamos “voltar” para compreender os nossos erros, revivendo-os emocionalmente para que não precisemos revivê-los fisicamente no mundo.

— Isso é genial! Superar o conflito emocional que geraria a transgressão da Lei de Deus por meio do autoconhecimento!

— Que bom que você entendeu. E não apenas você será beneficiado por esse processo, mas você também será responsável, quando encarnado, por auxiliar na implantação disso no mundo, ao menos entre os espíritas.

— Mas os espíritas do mundo já não conhecem tudo isso? — indaga Trismundo, sem entender.

— Amigo, lembre-se: uma coisa é saber, outra é viver... — Até no movimento espírita tem esse tipo de problema?

— Tem. E terá ainda por alguns anos. Você deve ajudar a alterar esse estado de coisas.

— Eu?

— Sim, você! Você ajudará a difundir essas ideias; depois, Espíritos evoluídos serão responsáveis pela implantação.

— Ah, sim. Isso posso fazer! Minha parte eu garanto! — responde Trismundo, empolgado.

Nosso amigo em recuperação sempre foi um grande empreendedor.

Enquanto conversam, se aproxima Dr.<sup>a</sup> Paula, que cumprimenta Anastácio e Trismundo. E, dirigindo-se a Trismundo, ela explica:

— Em seu caso, Trismundo, além do procedimento preparatório, irei lhe explicar detalhadamente o processo de regressão e as implicações para o reencarnante.

Ela para, um instante, para observá-lo melhor, e continua:

— Estou ciente de sua tarefa próxima. Eurípedes Barsanulfo e Bezerra de Menezes escolheram você como iniciador do movimento de renovação. Entendo os motivos: querem que você se torne um símbolo de regeneração para milhares de Espíritos, que também faliram. Além disso, sabem de seus talentos em relação às lides do mundo. É importante que você tenha consciência de suas responsabilidades. Deseja perguntar alguma coisa?

Trismundo apenas conseguiu pensar: “Onde me meti!”

— Você terá que vivenciar uma verdadeira transformação interior e, ao mesmo tempo, manter uma constante ação externa. Disciplina, equilíbrio e abnegação serão totalmente indispensáveis! — responde Paula.

Ante o rosto de espanto de Trismundo. Paula explica:

— Sim Trismundo, eu capto pensamentos. Na verdade capto, inclusive, neste momento, muitas de suas existências anteriores. Nosso trabalho é torná-las conscientes para você e auxiliar no seu amadurecimento emocional. Além disso, queremos ensiná-lo a vivenciar uma regressão e a realizar regressões em

outras pessoas, para que possa fazer isso quando estiver reencarnado. Você deverá vivenciar todas as ideias que tem, por obrigação, difundir no meio espírita encarnado.

Você concorda com isso? — pergunta, com seriedade.

— Claro. Só não pensei que tudo seria tão profundo...

— Este é o padrão de Eurípedes, vá se acostumando — responde, com voz amena, e pergunta: Vamos começar?

— Agora? O que faço? — responde Trismundo.

Paula olha para Anastácio. Ambos sorriem.

— Fico feliz com sua disposição. Praticamente não trabalho com espíritos encarnados e recém-desencarnados. Eles têm medo de ver quem são.

— Comigo, não. Sei que sou inferior. O que tenho a perder? Meu atraso espiritual! Começemos! — responde, com alegria.

— Deite-se. Respire fundo e relaxe. Respire, respire... Lembre-se de sua última existência — orienta Paula.

— Vejo-me em uma reunião em meu escritório... — fala Trismundo.

— Descreva o ambiente, os sentimentos...

— É luxuoso, confortável. Sinto-me triste. Enquanto o embaixador fala, penso: “será que há algo mais interessante na vida do que esses encontros?”

— Em que momento sua vida desviou-se, entrou no caminho que gerou esse tédio? — indaga Paula. — Estranho...

— Você pode falar o que vier na sua mente... — incentiva Paula.

— Vejo-me em um dos momentos mais eufóricos de minha vida... Como pode tudo ter começado ali?

— Conte-me!

Silêncio de alguns minutos.

— Entendi! Estou eufórico por ter conseguido a promoção no banco. Tornei-me diretor, e em poucos anos terei milhões! Mas isso não é o que realmente gosto de fazer...

— A euforia da ilusão lhe levou à glória do tédio... É isso?

— Sim, é isso... — responde, com tristeza.

— Por quê? — indaga Paula, que tem como principal objetivo ajudar Trismundo a tornar-se consciente dos desvios vividos na última existência.

— É doloroso falar nisso...

— Lembre-se! Assim você se liberta da dor!

— Aconteceu algo, muito tempo antes...

— Conte-nos...

— Era jovem, adolescente... Apaixonei-me por uma moça três anos mais velha... Ela não me quis: acabou tendo um namorado mais velho...

— Como isso o impulsionou a se desviar da **Rota da Vida**? — indaga Paula.

— Não sei... Sim, sei... Eu concluí que ela não namorava comigo porque eu não tinha carro...E o namorado dela tinha... — E como isso afetou o seu futuro?

— Decidi que não iria mais passar por aquele tipo de experiência.

Iria ser rico! Custasse o que custasse!

— Custasse o que custasse? — repete Paula. Silêncio.

— Sim...

— Custasse o que custasse? — repete, mais uma vez, Paula.

— Custou muito... Passei a tratar todos como se apenas gostassem de mim pelo que tinha... Agora vejo que ela não namorou comigo porque não tinha afinidade, e não por causa de dinheiro.

— Por que você fez esse julgamento?

Essa é a pergunta crucial do encontro. Paula aguarda.

— Não sei...

— Lembre-se de tudo o que gerou esse sentimento de relacionar afeto e riqueza... — insiste Paula.

Após uma longa pausa. Trismundo começa a tremer e fala, rapidamente:

— Eu? Faraó?

— Continue.

— Que faço com estas pesadas armaduras?

— Você recorda muitos trechos de várias existências. Busque entender o que esse conjunto significa — orienta Paula.

— Dinheiro. Dinheiro. Relações de interesse. Poder. Ausência de amor. Solidão. Tristeza. — fala Trismundo, que chora convulsivamente.

Paula e Anastácio observam-no, felizes. Sabem que, apenas reconhecendo os erros do passado, Trismundo poderá espiritualizar-se e ser vitorioso em sua próxima encarnação. Ambos sabem o quanto é difícil permitir que recordações desagradáveis tornem-se conscientes. Trismundo está vencendo a si mesmo. Isso os deixa felizes. Paula aproxima-se, estende suas mãos, das quais jorram luzes intensas a iluminar Trismundo, auxiliando-o a aprofundar a busca por suas memórias.

— Tudo é escuro! — afirma Trismundo.

— Tudo? Não existe luz em teu ser? Busque a luz, que sempre te acompanhou.

— Vejo-me abusando do poder e das riquezas...

— Trismundo, o que ficou destas experiências? — fala Paula, iniciando a conclusão da regressão. — Vazio...Vazio...

— Que tal encher esse vazio com luz?

— Como? É possível? Como?

— Veja que você tem uma luz intensa em seu centro emocional...Observe-a!

— Sim, sim...Eu vejo...Ela sempre esteve aqui?

— Claro! Agora permita que ela cresça, que se expanda.

— Sim! Sinto-me melhor...

— Permita-se sentir em paz. Permita-se sentir amor.

Trismundo fica com a respiração lenta.

— Sinto-me em paz!

— Agora, pouco a pouco, acorde. Abra os olhos, mas mantenha os sentimentos e as informações em seu consciente. Eles são importantes para sua vitória espiritual — conclui Paula.

Trismundo abre os olhos e vê Paula e Anastácio. Ainda chora; mas, dando um sorriso, diz:

— Se estivesse no mundo, trocaria todas as minhas conquistas materiais, sem pensar, pela paz que agora sinto!

— Você conseguiu! Hoje demos um passo importante! — fala seu guia.

— Amanhã discutiremos seu caso. Normalmente, fazemos isso após a sessão, mas quero que você se recupere melhor pois, além de tratá-lo, iremos formá-lo — conclui Paula.

— Muito obrigado! — diz Trismundo.

— Não agradeça ainda. Espero que seu trabalho no mundo abra a mente dos espíritos para a importância da terapia regressiva e da recordação espiritual. Esse é o agradecimento que desejo — conclui Paula.

— Conte comigo, doutora. Palavra de Espírito em regeneração! — responde, com bom humor, Trismundo.

— Confio mais nos criminosos arrependidos do que nos santos de fachada — responde Paula, alegremente.

Todos riem.

Esta foi a primeira prova de Trismundo. Ele se saiu muito bem. Como na maioria das provas do mundo, acima de tudo, precisamos da fé verdadeira, que dá a coragem de agir e enfrentar os problemas.

Mesmo Espíritos em recuperação podem nos ensinar muito.

Se você tivesse uma regressão de memória, o que você acha que lembraria?



## O DIA SEGUINTE

**A**pós a sessão, Anastácio leva Trismundo para um passeio pelos museus da colônia. À noite, vão ao **Observatório Eurípedes Barsanulfo** observar a beleza dos astros distantes, na vastidão do universo.

— Minha tarefa estará ligada à astronomia? — indaga Trismundo.

— Não, amigo. Você ajudará nos primeiros passos; depois, haverá o aprofundamento. Espíritos ligados ao estudo astronômico desempenharão tarefa revolucionária, desenvolvendo meios de comunicação com outros povos, mas isso é para depois. Os espíritas precisam primeiro deixar de temer a mediunidade e a reencarnação.

— É bom saber que, em décadas, o mundo mudará para melhor, em todos os setores — comenta Trismundo e conclui: Apenas o amor de Deus explica eu poder participar dessa hora feliz da Terra!

— Deus é misericórdia. Apenas os revoltosos e viciosos não ficarão na Terra, para o bem deles e dos habitantes que se reeducarem — conclui Anastácio.

Após as observações acerca das inúmeras moradas da casa de Deus, o universo, Trismundo e Anastácio caminham, silenciosos. À frente da casa de Anastácio, Trismundo se despede.

— Não lhe disse? — fala Anastácio.

— O quê? — pergunta Trismundo.

— Você teve alta! A não ser, é claro, que queira continuar no hospital...

— E onde mais ficarei? — pergunta Trismundo, confuso.

— A praça tem bancos confortáveis... — brinca Anastácio e continua: Mas tenho aqui um quarto preparado para você!

Trismundo nunca imaginaria esse gesto de amizade. Abraça-o, feliz. Sente-se amparado, amado. Amigos sempre fazem-nos sentir amparados.

Se você pudesse retribuir ao seu anjo guardião a ajuda que ele te dá hoje, e que já te deu por muitos milênios, como você faria?

## UM DIÁLOGO IMPORTANTE

**T**rismundo levanta-se cedo. Na sala, encontra Anastácio, que lê o relatório detalhado da Dra. Paula sobre a sessão do dia anterior. Trismundo não resiste à curiosidade e olha para ele, discretamente.

— Sede paciente! — brinca Anastácio.

— Posso ver?

— Ainda não. Você não o entenderia completamente. Após as explicações de hoje, ele será todo seu — responde Anastácio e continua:

Temos a manhã livre. O que você gostaria de fazer?

— Não tinha pensado em nada... Na verdade, gostaria de dormir!

— Sugiro que façamos outra coisa. Não é uma boa ideia se acostumar a dormir demais. Afinal, não sabemos se você vai ter tanto tempo para dormir no futuro...

— Certo! Talvez a biblioteca... Bom, o que eu queria mesmo era ter algum contato com alguém da Terra, quer dizer, alguém encarnado. É

estranho, mais sinto falta de ter algum contato...

— Tenho uma proposta: que tal irmos à Terra visitar um dirigente espírita? Assim você mata sua saudade do mundo e vai se acostumando com a realidade que viverá.

— Excelente! Podemos ir agora?

— Sim! — responde Anastácio, que se alegra em ver a disposição de seu educando.

Partem para a casa de Arlindo, um experiente trabalhador da seara espírita.

É domingo. Arlindo está encerrando, junto com outros trabalhadores, as atividades de um trabalho social do qual participa. Ao chegarem, Arlindo percebe a presença de Anastácio que, há muitos anos, orienta sua atividade mediúnica. Ele sorri, discretamente. Após a prece de encerramento, despede-se do

todos e se recolhe na sala destinada ao intercâmbio mediúnic. Concentra-se e ora. Pouco a pouco, consegue ver Anastácio e Trismundo.

— Paz! — diz Anastácio, sorrindo.

— Sejam bem-vindos! — responde Arlindo.

— Nosso amigo Trismundo está se preparando para encarnar e exercer importante atividade no movimento espírita. Porém, nunca participou das atividades espíritas. Por isso, precisa conhecer melhor a realidade em que vai atuar, em breve.

— Entendo. Pode contar comigo para o que puder lhe ser útil — responde Arlindo.

Sentindo-se encorajado pelo acolhimento fraterno de Arlindo, Trismundo indaga:

— Qual a maior dificuldade que você enfrenta atualmente?

— Acredito, meu amigo, que as maiores dificuldades estão sempre em nossos corações. Não digo isso porque pode soar bonito, mas por que é a verdade.

— Você poderia me dar um exemplo desse fato? — indaga Trismundo, que não entende o que o dirigente quer dizer.

— Muitos pensam que a grande dificuldade do trabalho espírita é a falta de recursos materiais. Isso é uma grande ilusão! Claro que os recursos são importantes, mas sempre temos, segundo a medida da necessidade real. Se tivermos excesso de recursos materiais, facilmente esqueceremos dos recursos espirituais, que são os mais importantes. Muitas vezes, não tínhamos o recurso para dar remédio a todos e isso nos preocupou, por muito tempo. Certo dia, enquanto eu orava por mais recursos materiais, Anastácio me mostrou a cena de Jesus curando um parálítico, que se tornou um homem produtivo, empregando apenas sua saliva e lodo. No início, eu não entendi; porém, meditando sobre essa visão, passei a entender a lição: Deus nos dá sempre recursos abundantes, só precisamos saber usá-los.

— Mas como isso resolveu o problema da falta de remédio? — pergunta Trismundo, sempre prático e objetivo, buscando a solução real.

— É claro que não passamos a dar saliva e lodo como remédio! — brinca Arlindo e continua: Comecei a pensar: que

recursos temos ou podemos adquirir para ajudar aos doentes? A resposta veio em minha mente, enquanto meditava: água fluidificada, passe, cirurgia espiritual e fitoterapia. E, acima de tudo, fé em Deus! Assim, instituímos um grupo de trabalho que atende centenas de pessoas todas as semanas, a um custo baixíssimo, de forma simples e efetiva.

Trismundo fica impressionado. Certamente, seu primeiro impulso seria buscar uma solução muito mais complexa: campanhas, doações, etc. Para entender melhor, indaga sobre a dificuldade em organizar o trabalho em grupo, recebendo a seguinte resposta de Arlindo:

— É sempre uma dificuldade de nosso coração o que impede a melhor estruturação do trabalho. Quando entendemos que o trabalho não é nosso, e que apenas desempenhamos uma parte da tarefa, superamos posturas improdutivas, como querer impor atividades a outras pessoas e exigir mais do que as pessoas estão dispostas a doar. A tarefa é para a redenção de cada um. Não cabe a ninguém impor ou obrigar. O importante é cada um servir ao Cristo, conforme orienta a sua própria consciência. Se alguém não quer mais colaborar, nos cabe continuar amigos e não julgarmos. Se alguém muda de comportamento, nos cabe reconhecer o direito que todos temos de mudar. Se somos poucos trabalhadores, ajustemos o trabalho para o número real de tarefeiros. **O problema é quando queremos nos promover vaidosamente com a obra do Cristo, quando não aceitamos a vontade do Mestre e desrespeitamos os outros. Nossa meta deve ser sempre cumprir nossas obrigações e permanecer em paz.**

— Entendo, mas sei que não é fácil lidar com pessoas que nos magoam, caluniam e torcem para que caiamos — comenta Trismundo.

— É verdade! Por isso, se entendemos que o trabalho não é nosso, mas temos a nossa parte, direcionamos nossas energias de forma construtiva.

— Ainda assim, não é fácil — enfatiza Trismundo.

— Meu amigo, ser discípulo de Jesus é o maior desafio que este mundo pode oferecer. Mas vale muito a pena! — conclui, com ênfase.

Anastácio sorri, bate no ombro de Trismundo, e pergunta:

— Você entendeu, meu amigo?

— Sim — responde Trismundo.

— É tudo tão breve, meu amigo... Em poucos anos, partirei e tudo o que fará diferença terá sido, simplesmente, minha conduta e minhas emoções. Quem pensar seriamente sobre isso, vai ter uma compreensão segura sobre o que realmente compensa fazer nesse mundo — comenta Arlindo e pergunta: Você, por acaso, é o famoso “Trismundo”?

— Sim... — responde, constrangido.

— Fico feliz em lhe ver disposto a trabalhar na seara espírita! Precisamos de pessoas dinâmicas e corajosas como você — comenta Arlindo.

— Sei que preciso muito aprender a servir...

— Servir é uma arte divina — mas, se cultivada diariamente, pode ser aprendida por todos!

— Como faço para cultivá-la? — indaga o sempre prático Trismundo.

— Torne-se passista, e vá atender aos dirigentes desencarnados do hospital Esperança, diariamente. Você descobrirá o quão desastroso é não aproveitar a chance de servir ao próximo, em nome do Consolador. São infinitos os recursos para quem se dispõe a trabalhar e imensa a responsabilidade para quem enterra os talentos.

— Entendo. Começarei hoje, se me for permitido.

— Hoje não será possível! — responde Anastácio e continua: Mas, a partir de amanhã, com certeza — conclui, alegremente.

Todos riem.

Anastácio agradece pela atenção de Arlindo. Despedem-se. Quinze minutos depois do início da conversa, Arlindo dirige-se a sua casa, pensando: “Parece que finalmente a reencarnação de trabalhadores ativos e corajosos acontecerá. Além dos Espíritos superiores, existirão também os novos adeptos, a elevar o padrão de dinamismo do movimento. Obrigado, meu Deus!”

---

No início da tarde, Anastácio e Trismundo dirigem-se ao consultório de Paula. Ao entrarem em sua sala, são recepcionados

por ela com um acolhedor sorriso. Trismundo, ansioso por uma avaliação, já pergunta:

— Saí-me bem na regressão?

— Trismundo, isso não é um teste escolar! Mas, já que você coloca desta maneira, lhe digo apenas que não se sai bem quem tem medo excessivo, quem se recusa a reconhecer que é imperfeito. **Negar as imperfeições é a pior maneira de lidar com elas. Na verdade, é uma das características centrais dos Espíritos mais atrasados: todos negam suas falhas e fraquezas** — responde Paula.

— Esse problema eu não tenho. Sei que sou atrasado, e isso é uma questão óbvia e de simples lógica. Como poderia ser evoluído tendo passado tanto tempo em regiões inferiores e, mesmo agora, não possuindo nenhuma luz que se compare com a de vocês?

— Será que você vai ter essa lucidez quando reencarnar? — indaga Anastácio.

Trismundo silencia, pensa e pergunta:

— Paula, você pode me ajudar a lembrar de tudo isso depois de minha reencarnação?

— Isso seria desagradável... — responde Paula.

— Mas é possível? Você poderia fazer isso por mim? — insiste.

— Você tem certeza?

— Claro! É melhor sofrer lá e agir com lucidez do que me iludir e sofrer uma grande decepção. Você garante que me ajudará a me lembrar, por mais desagradável que seja?

— Você tem certeza mesmo?

— Sim, negócio fechado e sem volta! — fala Trismundo e estende a mão, como fazia na Terra.

Paula estende a mão, apertando a mão de Trismundo. Anastácio sorri. Ambos pensam: “Trismundo, sem ser evoluído, vai ensinar algo muito importante a muitos: coragem!”

— Agora vamos sentar para estudar o seu caso. É importante, além de recordar os acontecimentos e as emoções, que eles se transformem em amadurecimento emocional e intelectual. Recordar o passado não é viajar no tempo, por mera diversão.

Vamos rever sua sessão — diz Paula, apontando para uma tela, que está à frente de todos.

Trismundo assiste a sua regressão e, de certa maneira, revive novamente aquelas fortes emoções. Ao término, Paula orienta Trismundo para que relaxe e responda às questões da forma mais direta possível, começando com a seguinte pergunta:

— O que você identifica como seu maior desafio?

— O poder.

— Por que você procura tanto o poder?

— Para não sofrer... Talvez o poder me livre da solidão e do sofrimento.

— Isso foi verdade em suas inúmeras existências?

— Não! — responde Trismundo e, espantando-se com a resposta, silencia, para depois continuar: Meu Deus, estive todos esses séculos em busca de poder para evitar sofrer... E o que mais ganhei foi um terrível sofrimento! Como pode isso?

— O que você acha? — indaga Paula.

— Não sei, não entendo. Explique-me, por favor!

— Aquele que quiser salvar sua vida, irá perdê-la; aquele que perdê-la por amor ao Evangelho, irá salvá-la — fala Paula, lembrando o evangelho.

— O que isso tem a ver com minha busca incansável pelo poder?

— Pense! — diz Paula.

— “Salvar a vida” quer dizer não querer sofrer, conservá-la no conforto e na abundância. “Perdê-la” quer dizer renunciar aos ganhos do mundo e ao conforto, para ser coerente com a Lei de Deus, com o amor. É isso?! — fala Trismundo.

— Sim! — confirma Paula.

— Meu Deus! É tão claro, como não entendi isso antes! — fala, um tanto nervoso, e continua: Como pude perder tanto tempo?!

— Trismundo, tudo começa a ficar claro para você agora, porque você está se dispondo a ver. Essa é a regra central da percepção do Espírito: batei, e a porta se abrirá; buscai e achareis; pedi e obterei.



Quem não bate, não busca e não pede, cultivando a cegueira do coração — explica Paula.

— Entendo! — diz, um tanto triste.

— Hoje, encerramos. Em uma semana, quero que você volte para iniciar seu planejamento reencarnatório. A partir de hoje, dedique, pelo menos, uma hora à meditação, ore algumas vezes durante o dia e busque estudar uma matéria que melhore sua sintonia. Em sua preparação, ensinaremos você a sintonizar com seu anjo guardião e com o seu Cristo interior. O grande desafio da encarnação é dar um passo na integração do ser com o Criador. Allan Kardec chama isso de a “voz da consciência”, que ouvimos muito bem quando cultivamos a captação da “Grande Voz do Silêncio”.

— Mais alguma coisa que eu deva fazer? — indaga Trismundo, atento.

— Sim. Mantenha-se corajoso e otimista. Todos erramos, e ter momentos de tristeza é algo saudável, mas não devemos usar a tristeza como desculpa para não cumprirmos nossos deveres! Combinado?

— Sim, senhora! — diz Trismundo, batendo continência para dar um toque de alegria.

— Ótimo!

Despedem-se.

Você pediria ao seu guia espiritual para lembrar de seus erros do passado?

## UMA PARTIDA INESPERADA

**T**rismundo dorme pouco, normalmente duas horas. Anastácio não precisa dormir, então ele aproveita a noite para seus estudos e atividades ligadas às sociedades terrenas e às sociedades espirituais diretamente vinculadas à Terra. Anastácio estuda a relação social entre os grupos de encarnados e desencarnados. É um estudioso da Sociologia Espírita, que pretende inspirar o desenvolvimento dessa ciência quando a Nova Geração estiver reencarnada. Essa área de estudo envolve desde as migrações espirituais entre as sociedades da Terra, as migrações interplanetárias e a formação de grupos específicos, que influenciam a sociedade, tais como os grupos de desencarnados fomentadores da guerra e difusores de comportamentos viciosos, bem como os trabalhos dos grupos superiores, que atuam na moralização dos povos. Um campo imenso de estudo, que beneficiará toda a Humanidade.

Ao acordar, Trismundo encontra Anastácio observando, por meio de um aparelho que ele desconhece, cenas de uma sociedade distante.

— O que é isso? — indaga Trismundo.

— Essa sociedade passou, há três mil anos, pelo mesmo processo que a Terra está atravessando — responde Anastácio.

— É possível existir uma sociedade assim?

— Claro! Ou você acha que apenas na Terra existe vida? Mas não se preocupe: ainda hoje você iniciará o estudo da Codificação — explica Anastácio.

— Mas por que estudar uma sociedade tão diferente?

— Quero entender como foi o processo de transformação de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração e mundo feliz. Cada sociedade tem seus erros e acertos; estudando-os, talvez eu possa contribuir de uma forma mais consciente para a melhoria da Terra.

— Inteligente! — comenta Trismundo. Eu poderia estudar também esse processo?

— Sim, claro. Porém, antes disso, você deverá entender melhor a Codificação. Após compreender a Codificação, você poderá ser um estimulador da sociologia espírita — conclui Anastácio.

— Sabe, apesar da tristeza que tenho, ao reconhecer meu atraso espiritual, é muito emocionante ser um trabalhador do Cristo! — fala Trismundo, com empolgação.

— Reconhecer a própria realidade espiritual é quase sempre doloroso, mas indispensável aos trabalhos de educação espiritual! — responde Anastácio.

Após breve silêncio, indaga:

— Pronto para sua primeira aula sobre Espiritismo?

— Há séculos espero por isso! — brinca Trismundo, embora falando um pouco de verdade.

Partem. Dirigem-se ao Centro Espírita Léon Denis, localizado na cidade de Eurípedes. Ao chegarem à entrada, Trismundo pergunta, confuso:

— Mas aqui tem centro espírita?!

— Você não sabe que Eurípedes é espírita? — responde Anastácio, com bom humor.

— Sei... O que eu quero dizer é que, se estamos desencarnados, para que centro espírita?... Anastácio sorri e diz:

— Trismundo, centro espírita não é apenas um lugar de receber Espírito desencarnado na Terra. Se o centro espírita-cristão se limitasse a isso, como renovaria o mundo?

Trismundo não compreende o alcance da colocação de seu amigo espiritual, mas resolve avaliar primeiro, para depois voltar ao assunto.

— Hoje, você terá sua primeira aula, intitulada: “O Centro Espírita segundo Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo”.

— Que interessante! E quem dará a aula? Eurípedes?

— Não. Será o professor José, Espírita atuante no mundo, que auxiliou a ampliar a compreensão dos espíritas sobre a grandeza do Espiritismo e sobre a função do centro espírita. Contudo, suas ideias serão melhor aceitas e compreendidas pela Nova Geração.

— Nova Geração?

— Sim. Mas isso é outro assunto. Por ora, basta você saber que Espíritos evoluídos estão reencarnados, e que eles renovarão completamente o movimento espírita.

— E qual o sentido de minha encarnação, se Espíritos evoluídos estarão à frente do movimento espírita?

— Bem, o arquiteto não dispensa o pedreiro, e o capitão nada faz sem o soldado.

— Entendi. Serei trabalhador braçal! — responde, brincando.

— Em certo sentido, sim. Você atuará na esfera organizacional, estimulará a difusão de ideias arejadas e apoiará os jovens dessa geração. Você possui muito mais compreensão da vida na Terra do que muitos Espíritos evoluídos, que não reencarnam há muitos séculos. Você será como o nativo da floresta, que ajuda aos cientistas a atravessarem a mata cerrada, sem se perderem.

— De pedreiro virei nativo da floresta?!

Ambos riem.

— Exatamente. Você aceita?

— Como não! Com a promessa de pagamento que tenho, ensino a atravessar a mata e até canto e danço — conclui Trismundo, brincando.

Entram e se sentam. Orientado por Anastácio, mantêm o silêncio. Essa é a orientação de Eurípedes, como preparação para todas as atividades importantes: o silêncio como método de preparação psíquica.

Trismundo tem alguma dificuldade, mas devota-se a aprender a arte do silêncio interior.

José chega e diz:

— Boa noite!

“Noite? Estamos de dia...” — pensa Trismundo.

— Para os que estão dormindo na Ásia e na Europa. E bom dia aos habitantes da cidade de Eurípedes. A todos, minha alegria em poder conversar com vocês sobre um tema tão relevante para o mundo: o centro espírita. Como pudemos comprovar aqui, os indivíduos podem estar juntos, unidos e integrados e, mesmo assim, estarem vivendo experiências diferentes — diz, sorrindo.

“Que lição fabulosa! É curioso imaginar que alguns dos que estão nessa sala têm um corpo físico adormecido e estão estudando!...” – pensa Trismundo.

– O centro espírita tem que reconhecer essa realidade. Quando padronizamos cursos, palestras, modelos de organização e atividades com infância e juventude, estamos fadados ao fracasso. Não nos interessa a crítica destrutiva e desestimuladora. Vamos, em nosso curso, apontar caminhos, sugerir o aperfeiçoamento do modelo vigente, além de inspirar melhorias pedagógicas e organizacionais. Porém, antes de mais nada, é preciso entender que não existe um modelo certo, fechado e definitivo de centro espírita. Temos que saber separar, como ensina o codificador, o que é Lei de Deus – que é sempre eterna e imutável – do que é modelo social, que deve sim sofrer alterações, ao longo da evolução. Para que não restem dúvidas, vejamos este trecho de **O Livro dos Espíritos**, nosso “livro-amigo”:

**616. Deus teria prescrito aos homens, numa época, aquilo que lhes proibiria em outra?**

**R. Deus não se engana; os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, que são imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade.**

A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

– Não; é obra do homem, e não de Deus.

**806-a. Essa desigualdade desaparecerá um dia?**

**R. Só as leis de Deus são eternas. Não a vês desaparecer pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá juntamente com a**

***predominância do orgulho e do egoísmo, restando tão somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de sangue mais ou menos puro, pois somente o Espírito é mais puro ou menos puro, e isso não depende da posição social.***

Após a leitura, José comenta:

— Será que já atingimos um modelo social perfeito? Claramente, não. Por isso, devemos refletir, amadurecer, vivenciar diferentes modelos sociais e organizacionais para reelaborar nossa concepção do que deve ser um centro espírita que impulsiona o aperfeiçoamento social. Em meus estudos, em diferentes colônias espirituais, tenho desenvolvido reflexões e princípios que podem auxiliar os encarnados a ampliar sua compreensão sobre o funcionamento de um centro espírita.

Após uma pausa, o professor continua:

— Antes de adentrarmos no caminho da estrutura da organização, falaremos sobre o objetivo central de uma instituição espírita: estimular poderosamente a renovação do ser. **Esse é o ponto central.** Se tudo tivermos em um grupo espírita, mas não houver estímulo ao crescimento intelectual e emocional, nada teremos. A árvore se conhece pelos frutos, e o fruto do agrupamento espírita é crescimento espiritual. É a partir desse ponto que começamos.

Um senhor, que está ao lado de Anastácio, levanta e mão e indaga:

— O que dizer das atividades assistenciais?

— Devem também colaborar com essa finalidade. Entrega-se a sopa, mas se pensa como estimular quem recebe a crescer? Pode-se contar uma história alegre e elevada, pode-se dar um abraço sincero, pode-se conversar e trocar energias, emoções que elevam. **É preciso entender que a sopa, a aula, a reunião mediúnica, o atendimento fraterno são meios para um único objetivo — nos**

**estimular a nos aproximarmos de Deus.** Qualquer atividade que não contribua claramente para isso, deve ser revisada. A questão central não é a atividade em si, mas o significado e os frutos espirituais e sociais da atividade.

Mais alguma dúvida?

Ante o silêncio, José prossegue:

— Ambiente espiritual elevado, conhecimento doutrinário, assistência emocional e material e amparo espiritual de diversas maneiras são características que devem definir um centro espírita, sempre se considerando as características dos indivíduos que o compõe.

— Mas, para organizar atividades que cuidem da evolução emocional de cada indivíduo, teremos que manter o centro espírita sempre pequeno. Não é possível ter um trabalho individualizado quando se lida com uma massa de integrantes... — comenta Trismundo.

— É verdade! E é por isso que Allan Kardec defende a ideia de que é melhor ter muitos grupos espíritas pequenos, do que um ou alguns grandes. Quando as contas financeiras e a vazia vaidade da grandeza tornam-se predominantes, as atividades de crescimento espiritual tornam-se secundárias. Observemos o modelo de educação do grupo de Jesus. Quantos apóstolos diretos teve o Mestre?

— Doze — responde um senhor de meia idade.

— É verdade, embora pudéssemos contar mais alguns. Importa saber é que o próprio Cristo escolhe trabalhar diretamente com poucos. Por quê? Porque educação é tarefa que se desenvolve entre amigos. Não se educa uma multidão. O processo é sempre individual. Observem o imenso crescimento do processo de difusão cristã: Jesus, com seu trabalho estruturado, em um pequeno grupo, beneficia a Humanidade. Como? Primeiro, prima pela qualidade do ensino. A pedagogia crística é uma pedagogia prática, quer dizer, ensina a servir, servindo; a mediunidade, vivenciando; o perdão, perdando. Todo o ensino está vinculado à prática, e assim deveria ser nos centros de educação espírita. Observem que, nesse modelo, não há um curso de mediunidade isolado da ação social, nem um estudo teórico que não se transforme em prática.

— Como fazer isso no mundo, considerando o pouco tempo dos trabalhadores espíritos? — indaga um dirigente espírita encarnado.

— O grupo mediúnico pode, por exemplo, a cada semestre, visitar um hospital e direcionar uma ou duas reuniões mediúnicas ao hospital a ser visitado. Na visita, aplicar passes, conversar, distribuir água fluidificada e, além disso, estudar textos doutrinários sérios, que mostrem a dimensão espiritual dos hospitais. Assim, integramos estudo doutrinário, prática mediúnica e ação social. Infelizmente, ainda estamos vinculados aos critérios de César e distantes dos critérios do Mestre de Nazaré. César preocupa-se com números, quantidades, evidência social; Jesus, com qualidade: a qualidade das emoções desenvolvidas durante a visita, a ampliação da compreensão espiritual do grupo, a capacidade de amenizar o sofrimento dos outros. É preciso aprendermos a avaliar as atividades espíritas com critérios cristãos objetivos.

— O senhor é contrário à especialização das atividades espíritas?

— Não, de forma nenhuma. O que exponho é o seguinte: todas as atividades do centro espírita devem ser inteiras, no sentido de auxiliar o próximo, ampliar a compreensão intelectual e educar os sentimentos. A especialização é uma forma de aprofundar a eficiência, desde que se mantenha o desenvolvimento dessas dimensões. Podemos, por exemplo, realizar reuniões mediúnicas que se direcionam ao socorro de suicidas, ao amparo dos que têm problemas com vícios ou a indivíduos com problemas familiares. Tudo isso é válido, pois permite o aperfeiçoamento das equipes encarnadas e desencarnadas. O problema é quando padronizamos, de forma reducionista. Assim, eliminamos a possibilidade de crescimento espiritual do trabalho.

— Quanto à idade, não é necessário padronizar? — pergunta outro participante.

— Depende. A que situação você se refere? — indaga José.

— Sobre a participação de jovens em grupos mediúnicos, ou em grupos de estudo de adultos.

José sorri e afirma:



— Jesus e Kardec acolheram jovens em seus grupos mais próximos de trabalho. Seremos nós mais prudentes do que eles, quando nos negamos a receber jovens? O critério a ser utilizado é muito simples: condição moral e intelectual.

— Como fazer isso em um centro espírita com centenas de frequentadores?

— Não é possível. Educar espiritualmente é tarefa delicada, que exige atenção, conversa, convívio e observação. Não é possível educação espírita feita “aos montes”.

— Como então o movimento espírita crescerá? — pergunta, mais uma vez, o dirigente espírita encarnado.

— Da mesma forma que o cristianismo. Os grupos pequenos e seriamente espiritualizados possuem um poder de irradiação imenso, e estimularão outras pessoas a formarem outros grupos pequenos e de qualidade espiritual. Assim, nos multiplicaremos, mantendo a qualidade espiritual. Esse é o plano do codificador. Sinceramente, não há outra forma de realizar isso, do que através de pequenos grupos, que se apoiam e realizam, quando necessário, ações sociais integradas.

— Como pensar em pequenos grupos quando precisamos, por exemplo, editar e publicar livros? — pergunta Alfredo, Espírito que se preparava para a tarefa de divulgação do livro espírita.

— Alfredo, como você sabe, atuei intensamente na área do livro espírita. E como foi difícil! Mas, agora, como isso se tornou fácil! Temos tantos meios tecnológicos à disposição de muitos! Atualmente, pode-se publicar um livro em pequenas tiragens, pode-se primeiro vender e, em poucos dias, entregá-lo impresso. Dá até vontade de reencarnar de novo... — brinca e continua: Nada, do ponto de vista moral e espiritual, justifica que criemos grandes editoras para a difusão espírita. A partir da Nova Geração, os livros estarão gratuitos na internet e com baixíssimo preço para os exemplares impressos. Não tenha dúvida sobre quais meios preferirão os Espíritos superiores. O que você acha? É melhor publicar livros com um preço que impedirá milhares ou milhões de pessoas de ter acesso ou disponibilizá-los gratuitamente para todos?

José, após olhar para todos no pequeno auditório, comenta:

— Observe que aqui somos poucos, totalizamos poucas dezenas. Porém, mais de um milhão de estudantes terão acesso a este encontro. Na Terra, já é possível fazer isso. Por que não se faz? É a questão que deixo para vocês responderem. Por ora, voltemos ao nosso tema central: o centro espírita. Como estruturar um grupo espírita que nos ajude a superar o orgulho, em vez de o estimular?

O professor retira do bolso um pequeno livro — **Obras Póstumas** — e comenta:

— Sem a abnegação Amélie Gabrielle Boudet, a nobre esposa de Kardec, não teríamos este livro. Ele simboliza o sacrifício silencioso de uma seguidora do Cristo, em prol do marido e de sua missão no mundo. Oportunamente, falaremos mais desse abnegado Espírito.

José abre o livro que, ao mesmo tempo, é projetado em uma tela. O tópico é “O Egoísmo e o Orgulho”.

— Antes de iniciarmos, um aviso: não existe organização social neutra; ou a organização estimula a verdadeira humildade e a espiritualização, ou estimula o orgulho e a vaidade. Neutro só sabão, e olhe lá. — conclui, com bom humor.

“Como José consegue expor reflexões profundas sobre a sociologia e as relações de poder com tanta simplicidade e leveza?” — pensa Trismundo.

Se você descobrisse que possui egoísmo e orgulho, como cuidaria dessa doença?

Fim.

# *Se a Mediunidade Falasse – Livro 11*

*Conversas com José*



## PREFÁCIO

O livro que agora te entregamos é um exemplo de como um Espírito inferior pode — e deve — tornar-se verdadeiro servidor de Jesus. Não por causa de elevação súbita — o que não existe —, mas por conta de disposição acentuada pela devoção à própria regeneração, por meio do verdadeiro serviço ao próximo.

Estamos no mundo — a imensa falange do Consolador — para unirmo-nos a todos dos diversos graus evolutivos e das diversas opiniões religiosas para, em nome do Cristo, construirmos a Civilização do Espírito, que nunca será a civilização de seita religiosa alguma! É a civilização da devoção à necessidade do próximo, pela certeza íntima de que o Criador cuida de cada um em particular.

Eis aqui o mistério da superação do egoísmo desvendado: ter a convicção do amor de Deus, que atua na objetividade do mundo, move os corpos celestes e as criaturas minúsculas, as quais garantem a saúde material do ser, e que estrutura o íntimo do Espírito e cria universos inimagináveis pela mente do ser encarnado. É este Amor que atuará em tua proteção, em teu amparo, sempre.

Não fui Espírito de escol mas, se me permitem a brincadeira, fui Espírito de escola: a extraordinária escola de Allan Kardec, que prossegue formando Espíritos para atuarem no mundo. O Espiritismo, em nosso plano, reveste-se de uma grandeza indescritível, pois alia-se à capacidade do educando de perceber as realidades profundas, apresentadas pelo codificador. Sim, o codificador — aquele que reorganiza o saber espiritual da Terra, com vista à construção do Bem no mundo — permanece como nosso educador, sábio e generoso.

Trismundo é o símbolo do Espírito ativo, em busca de si mesmo, com o amparo do Cristo. Eurípedes, esse fiel discípulo da primeira hora, nunca abandonou ninguém em sua luminosa trajetória espiritual, que se caracteriza pela assunção de

responsabilidades extraordinárias, para proporcionar amparo profundo a milhares de seres que cruzaram seu caminho. Eurípedes soma à sua existência de devoção em Sacramento milênios incontáveis de serviço abnegado aos que mais sofrem. Não poderia ser outro o perfil do líder da Nova Geração.

Irmãos, amigos. Despeço-me emocionado com a possibilidade do contato com os que amo: os estudantes da verdade. Se a Terra, por vezes, vos parece esse terrível campo de batalha emocional, asseguro a vós, os vitoriosos das lutas pelo bem, a verdadeira felicidade

José Herculano Pires.

## EGOÍSMO E ORGULHO

**T**rismundo observa, com atenção, o jovem Paulo, que se levanta para ler. Espanta-se. “Como alguém tão moço pode colaborar com um mestre tão sábio?” — pensa Trismundo, que ainda está viciado com uma grave doença da Terra: valorizar a aparência mais do que a essência. E é isso o que exclui os jovens de atividades consideradas mais importantes, pois eles não aparentam, externamente, estar preparados. José olha para ele e comenta:

—Meu amigo, se você soubesse como era a aparência de Jesus, quando encarnado, nunca pensaria desta forma.

—Eu... Eu... — balbucia, assombrado, e conclui: Me desculpe!

—Importante é que você, meu amigo, comece a entender que, na vida verdadeira, para os que amam a verdade, a única aparência que importa é a do coração, as vibrações que partem do ser; e não como ele está, externamente.

— Obrigado! — agradece, constrangido.

Após a conversa, Paulo inicia a leitura do capítulo 19 de **Obras Póstumas** de Allan Kardec:

O Orgulho e o Egoísmo

Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.

*É evidente que a maioria das misérias humanas têm a sua fonte no egoísmo dos homens.*

— Estamos convencidos desse fato? Ou ainda queremos culpar o outro — seja ele o governo, o pai, a mãe, o companheiro ou a companheira — por nossa infelicidade? — comenta José e, em seguida, pede para Paulo prosseguir:

*Desde que cada um pensa sempre primeiro em si mesmo e quer a sua própria satisfação acima de tudo e a qualquer preço, consequentemente sacrifica, sem escrúpulo, os outros, tanto nas menores como nas maiores coisas. Tanto nas questões materiais como nas questões emocionais. Disso nascem todas as disputas sociais, todas as lutas, todos os conflitos, porque cada um quer ter mais do que o outro.*

— Compreendido isso, vamos à questão central: o que gera o egoísmo, que faz nascer todas as misérias do mundo? — comenta o professor José.

Trismundo está muito atento. Afinal, descobrir a origem dos males sociais é a busca de todos os homens que, ao longo dos séculos, estudaram e comandaram as sociedades. Por isso, ele foca no professor, com toda a sua atenção. A leitura prossegue:

O egoísmo tem a sua fonte no orgulho.

O professor para. Silencia. Deseja que todos entendam esta afirmativa tão simples, mas tão importante.

— O egoísmo tem a sua fonte no orgulho — repete José. Paulo continua:

*A supervalorização da personalidade leva o homem a se considerar melhor do que os outros e, por isso, com mais direitos, aborrecendo-se com tudo o que seja uma limitação ao que julga merecer. A importância que ele, por orgulho, pensa ter, tem a consequência de o tornar egoísta.*

— Rousseau — comenta José — nos ensina que tudo sai perfeito das mãos do Criador dos mundos. Concordamos com o filósofo educador e indagamos: de onde nasce o orgulho? O que é o orgulho? Vejamos a resposta do codificador, que foi aluno de Pestalozzi, que era seguidor de Rousseau. A leitura continua:

*O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm uma razão de existir e têm uma função útil e importante, porque Deus não faz nada inútil. Deus não criou o mal; é o homem que produz o mal, quando abusa do que Deus lhe dá, usando*

*erradamente seu livre arbítrio. Esse sentimento, o orgulho, dentro de limites equilibrados, é algo bom em si; é o exagero que o torna mau e nocivo; é a mesma coisa com todas as paixões que o homem, frequentemente, desvia de seu objetivo natural. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso; criou o homem simples e ignorante; foi o homem que se tornou egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe deu para a sua conservação.*

— Entendamos isso com o intelecto e com o coração, e saberemos conduzir melhor nossas vidas e instituições espíritas. Primeiro: nada que existe é mal em si. Nada! Se entendermos isso, não seremos como os atuais espíritas puritanos, que fogem do mundo por medo de contaminação, que elaboram dezenas de regras mediúnicas, fundadas em seus medos, com a ilusão de garantir um fenômeno puro. Tudo o que existe é essencialmente bom. Apenas o excesso, a distorção, torna o bom sentimento algo prejudicial.

Trismundo está chocado! Sempre associou a religião verdadeira a algo puro, imaculado. Sempre dividiu o mundo entre pureza e imundície; e agora aquele Espírito, simples e iluminado, lhe fala algo tão diferente...

— Tudo o que existe é bom. É o excesso, o abuso, que transforma o bom em mau — conclui José.

— Podemos classificar o desejo de poder como algo bom? — é a pergunta que Trismundo queria fazer, feita por outra pessoa.

— Sim — responde José, olhando para o participante que perguntou e, depois, para Trismundo. O desejo de poder nasce de nossa origem divina. Queremos, desejamos ter a capacidade de realizar, de nos sentirmos seguros, de ajudar. Não foi isso que fez o Cristo no mundo? **O problema nasce quando nosso desejo de poder torna-se um desejo de poder excessivamente egoísta!**

A resposta caiu como uma bomba na mente de Trismundo. “Esse conceito é muito transformador! Tenho jeito!” — pensa Trismundo que, desde que foi ajudado por Anastácio, não sabia como lidar com a autculpa.

— Exatamente! O desejo de poder, como todos os desejos, tem origem divina. Não somos seres perdidos ou perversos;



precisamos apenas saber guiar nossos desejos, desligá-los do excesso de egoísmo.

— Mas falar que Jesus tem desejo de poder não é uma blasfêmia? — pergunta um ex-dirigente espírita que, após desencarnar, voltou a assumir seu psiquismo mais profundo, o de um vigário católico.

— Não está no Evangelho de Lucas, no capítulo 13, versículo 34, que Jesus lamentou por Jerusalém e afirmou que queria poder protegê-la como uma galinha protege seus pintinhos?. Não é isso um desejo, que fica limitado? Eis aí a diferença! O Cristo restringe seu desejo — que não é egoísta — para respeitar nosso livre-arbítrio. Fosse o desejo do Cristo egoísta, ele imporá sua proteção a todos, de forma a não nos permitir errar — responde José.

A cabeça de Trismundo está a mil. Nunca imaginara encontrar com alguém tão culto, simples e verdadeiro. No mundo, conhecera muitas pessoas, mas não com aquelas qualidades. O desejo de poder, de fazer a própria vontade, é sim saudável — desde que não seja egoísta.

— Como entenderíamos isso em relação aos desejos sexuais? — pergunta Stênia, uma freira verdadeiramente espiritualizada.

“Como pode uma freira ser tão mais iluminada, quando comparada a um ex-dirigente espírita, sem nenhuma luz? — pensa Trismundo e resolve deixar para perguntar isso para Anastácio, mais tarde.

— O desejo sexual é o desejo de criação. Quando utilizado para aproximar pessoas que se amam e se respeitam, quando direcionado para a construção da beleza, na poesia, nas esculturas, na literatura — pois toda criação envolve energia sexual — temos a boa utilização do desejo sexual. Infelizmente, muitos usam o sexo como fonte de prazer destrutivo, como meio de fugir do mundo e de si mesmo, como energia destruidora das emoções superiores, mas a fonte do desejo é e será sempre sublime. Quem polui o rio, deverá, por séculos, beber água impura; mas a fonte generosa é sempre pura, e todos podem alcançá-la quando quiserem. Ainda aqui, temos a mesma distinção: energias sexuais utilizadas de forma correta e energias sexuais utilizadas de forma excessivamente egoísta! Mais alguma dúvida?

Ante o silêncio, José continua:

— Voltemos à questão central de nosso encontro: como organizar um centro espírita que não estimule o egoísmo, que é filho do orgulho? Primeiro, entendendo que a origem do orgulho não é má; na verdade, é divina — segundo Allan Kardec, é o instinto de conservação. Essa é nossa primeira pista para desvendarmos o enigma. Precisamos agora entender quando e como o instinto de conservação passa a ser orgulho, que gera o egoísmo e os verdadeiros males da humanidade.

Trismundo, que sempre foi exigente em relação as pessoas, se belisca e pensa: “O que eu estou vivendo é verdade? Pode alguém compreender tão profundamente os problemas sociais e chegar a orientações reais e práticas? Sempre ouvi muitos intelectuais, que têm apenas muitas teorias!”

O jovem continua a leitura:

*Os homens não podem ser felizes, porque não vivem em paz; isso significa que eles não vivem segundo um sentimento de bondade, de compaixão e de compreensão mútua; resumindo, os homens não podem ser felizes, enquanto buscam se esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; mas exigem, para existir, a abnegação; ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; portanto, existindo estes vícios, não existe verdadeira fraternidade; conseqüentemente, não existe igualdade e liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso querem tudo para eles.*

*Serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto eles reinarem, os sistemas sociais mais generosos, mais inteligentemente organizados, falirão sob os seus golpes. É bonito, sem dúvida, anunciar o reino da fraternidade, mas para que ele serve se existe uma causa destruidora? É como construir em areia movediça, ou como declarar que deve existir saúde para uma região infectada de doença. Numa região como essa, se quisermos garantir o bem dos habitantes, não basta enviar médicos, porque eles morrerão como os outros; é necessário*

*destruir as causas que geraram as doenças. Se quereis que vivam os homens como irmãos sobre a Terra, não basta lhes dar lições de moral; é necessário destruir a origem do mal: o orgulho e o egoísmo.*

*Aí está a doença que merece toda a atenção daqueles que querem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto esses obstáculos existirem, os que desejam seriamente o bem da Humanidade verão seus esforços paralisados, não só por uma resistência do comodismo, mas por uma força ativa que trabalhará, sem cessar, para destruir a obra do Bem, porque toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.*

— Eis uma pista verdadeira e importante — a abnegação é a base da fraternidade e da caridade. Portanto, devemos fazer essa pergunta: **nossas atividades estimulam a abnegação?** O que realmente nos estimula a participar das atividades espíritas? Sentir alívio de nossas dores e apenas beneficiar os que amamos? Utilizar os nomes dos bons Espíritos para nos sentirmos importantes? Participar de uma instituição que é mais famosa ou maior que as outras? Uma instituição que alimente esses sentimentos é contrária aos ensinamentos de Cristo e de Kardec.

Após breve silêncio, continua:

— Abnegação. O que significa? Começamos com o que não é abnegação: desejo de aparecer, de artificialmente se sentir melhor do que os outros, o mais importante, o mais famoso. Seja como trabalhador, seja por estar perto de quem é famoso: isso não é abnegação! Abnegação é não desejar ser o melhor, é não querer ser o mais famoso, ou o mais respeitado. Abnegação é trabalhar mais e aparecer menos. Assim deve ser a conduta individual e institucional. Voltarei a este ponto. Como sei que todos lerão, após nosso encontro, este magnífico texto, peço que Paulo compartilhe conosco uma síntese sua das orientações seguintes do texto de Kardec.

— Bem — responde Paulo, organizando suas ideias — Allan Kardec ensina-nos a combater o orgulho. Se fosse impossível acabar com o orgulho, o mundo não teria jeito. Felizmente, os fatos provam que o ser humano progride! Aponta o codificador

que existem seres desprovidos de orgulho, nos quais o sentimento de abnegação, amor e verdadeira humildade são tão naturais que não se duvida que a pessoa nasceu dessa forma. Eles são minoria, mas, pelo simples fato de existirem, provam que é possível existir seres humanos generosos e fraternos, em todas as ocasiões da vida. O desafio central, portanto, é: como tornar a minoria em maioria? Como aniquilar as causas que alimentam o mal? A primeira ideia, a ideia principal que estimula os excessos do orgulho e do egoísmo, é a ideia mentirosa de que tudo termina com a vida material, é a ignorância do ser sobre seu passado e sobre seu futuro. E essa ignorância, seja como dúvida do futuro, ou como convicção materialista, faz o ser voltar todas as suas energias e desejos para o presente, para a satisfação dos desejos inferiores, sem nenhum limite e equilíbrio. Assim, a verdadeira fraternidade torna-se impossível, porque a fraternidade sempre exige algum tipo de sacrifício que o ser, amesquinhado por sua ignorância, se recusa a fazer — conclui Paulo.

— Chegamos aqui ao ponto central. Agora podemos responder à questão de nosso encontro: como fazer com que homens e mulheres ajam abnegadamente? Ensinando e provando ao indivíduo que ele tem um passado, um presente e um futuro. Kardec ensina que, enquanto se ignora de onde se veio e para onde se vai, a consequência é óbvia: o ser humano liga-se ao imediatismo do mundo.

— Como fazer isso? — indaga, intrigado, o ex-espírita.

— Reencarnação, lembrança entre encarnações, e contato com os desencarnados.

— Sim, mas isso já é ensinado desde que surgiu o Espiritismo... — comenta o ex-espírita.

— A verdade é que não é ensinado: é apenas pregado; e, entre ensinar e falar, existe um oceano de diferenças.

— Como assim? — questiona novamente.

— Amigo, uma das diferenças entre o Espiritismo e as outras nobres denominações religiosas é que Espiritismo é ciência, e só se aprende ciência com a prática. Não há outra forma. Os centros espíritas que se negarem a educar seus frequentadores e prepará-los para que vivenciem as experiências espíritas ficarão na infância do Espiritismo. Na verdade, se tivermos como modelo a

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eles não deverão sequer usar o nome “espírita”; serão instituições de divulgação, no máximo. O que precisamos hoje é de instituições de pesquisa e vivência espírita. Os que estão familiarizados com a história do Cristo entendem que o Mestre nunca apoiou a mera divulgação teórica. Quando enviou os apóstolos para anunciar a Boa Nova, ele definiu bem o que isso significava, dizendo: “Ressuscitai os mortos, expulsai os demônios, curai os enfermos e anunciai o Reino de Deus”. Para o Cristo, não há ensino real sem vivência. Não acredito que o modelo do palavreado espírita, com a adulação de palestrantes e médiuns, seja o modelo certo. Desculpe-me, mas quando um orador espírita dedica-se mais a pregar do que a praticar, há algo de errado...

— Então você é contra as palestras espíritas? — indaga o ex-espírita, mostrando-se abalado.

— Sou contra o modelo atual, sim. Vemos uma verdadeira indústria de promoção de indivíduos. Paulo de Tarso foi o grande orador cristão e nunca, em sua vida, deixou de amparar enfermos e auxiliar nas igrejas nascentes, para simplesmente falar. A pregação tem o valor da vibração espiritual de quem fala, e que valor têm aqueles que mais pregam do que fazem? Na atualidade, todos falam de todos os assuntos, e isso é infantil. Há duas exigências para que se fale de um assunto, com um mínimo de propriedade: a primeira, é o conhecimento aprofundado — estudo e reflexão; a segunda, é a vivência. Não basta repetir o que se ouve de alguém famoso — e ser famoso não é o mesmo que ser evoluído, diga-se de passagem — assim, não teremos Paulos e sim papagaios, e papagaios muito mal treinados! — conclui, com firmeza e bom humor.

Muitos riem. Após um instante, José prossegue:

— Sim, já está na hora das instituições espíritas mais ligadas a Kardec e ao Cristo instituírem programas que preparem todos que queiram aprofundar seus conhecimentos espirituais de forma prática. Assim fez Jesus de Nazaré. Preparação séria. Diálogos, estudos, processo educativo de superação do medo e muita vivência. Os fariseus não poderão parar esse programa, pois ele nasce da necessidade de espiritualização dos habitantes da Terra e a Nova Geração irá implantá-lo no mundo, queiram ou não

queiram aqueles que pensam mandar no movimento do Consolador! — conclui. Paulo continua:

— Kardec, como educador, fala algo extraordinário sobre o que é a educação espírita. Diz o codificador que, quando o homem se identificar com sua vida futura, mudará completamente. Ora, identificar-se não quer dizer simplesmente saber que existem Espíritos e que ninguém morre. É algo mais profundo. Quais as consequências desta identificação? O ser que entende que é imortal, não se ilude; ele sabe que por pouco tempo ficará na Terra, que ela é uma péssima habitação, e que ele pode ir para uma excelente morada ao morrer. A vida terrena, sendo curta, triste e efêmera, perde seu interesse em relação à vida infinita, bela e eterna; por isso, ele sacrifica seu bem restar material para conquistar uma felicidade superior. Ele passa a entender que tudo, no mundo, nada mais é do que um acessório a ser utilizado por ele, para conquistar uma condição feliz no futuro. Ele não tem mais interesse em enganar ninguém, nem em tomar o que não lhe pertence. Sabe que existem tesouros infinitamente mais valiosos e dedica-se a eles. Acrescenta José:

— É isso o que queremos — **a identificação do ser com a vida futura!** — o que é isso? Um conceito vago e confuso? Não! É uma realidade emocional, existencial. Não podemos estacionar nas importantíssimas descrições da vida espiritual; é preciso auxiliar o indivíduo a entender, a sentir-se Espírito imortal. É neste momento que começa a profunda revolução espiritual. É a vivência associada ao sentimento.

Paulo prossegue:

— Uma vez explicada a mudança em relação aos bens materiais, Kardec explica a mudança em relação ao orgulho. Afirma que a causa do orgulho está na ideia de superioridade individual. O incrédulo não tem motivo para combater o orgulho, e tudo o que lhe acontece é, para ele, apenas mérito seu ou fruto da sua boa ou má sorte. Somente a reencarnação, segundo Kardec, pode mudar em profundidade essa ideia ilusória. Entendendo que muito já errou, que imensa foi a atuação da Providência em seu favor, o orgulhoso se transforma. Saber que já foi mais atrasado do aqueles a quem julga inferiores é um golpe terrível, mas muito educativo para o orgulhoso. E ainda mais terrível, ao orgulhoso, é

saber que aquele a quem ele despreza pode alcançar, no futuro, uma posição espiritual superior à dele. Isso o fere dolorosamente, mas o transforma ao fazê-lo sentir que a igualdade é uma lei universal — fala Paulo e conclui com a leitura de mais um trecho do mesmo texto do início da aula:

*No campo imenso do infinito que o Espiritismo lhe faz entrever, sua importância pessoal se anula; compreende que sozinho não é nada e nada pode; que todos têm a necessidade uns dos outros; duplo revés para o seu orgulho e o seu egoísmo.*

— Usando a palavra sábia de Kardec, repito: é preciso provar!  
— comenta José.

— Mas o codificador não proibiu experiências com regressão de memória, de lembrança de vidas passadas? — pergunta o ex-espírita, mais uma vez.

— Não, amigo, isso não é verdade, como você pode constatar em **O Livro dos Espíritos**, nas questões 395, 396 e 397:

**395. Podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências anteriores?**

**R. Nem sempre. Muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram; se lhes fosse permitido dizê-la abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.**

**396. Algumas pessoas crêem ter a vaga lembrança de um passado desconhecido, vislumbrado como a imagem fugitiva de um sonho que em vão se procura deter. Essa idéia não seria uma ilusão?**

**R. Algumas vezes é real; mas quase sempre é também uma ilusão contra a qual se deve precaver, pois**

***pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.***

***397. Nas existências corpóreas de natureza mais elevada que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?***

***R. Sim, à medida que o corpo é menos material, recorda-se melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.***

— Os Espíritos fazem questão de destacar a compreensão de que todos, no futuro, vamos saber de nosso passado. Se isso fosse contrário à Lei de Deus, isso não ocorreria nos mundos superiores. Na Revista Espírita, Allan Kardec comenta claramente sobre a lembrança de vidas passadas e confirma as informações com seus guias espirituais — comenta José.

— Mas os Espíritos não dizem que o esquecimento é uma benção?! — indaga o ex-espírita.

— Sim, certamente. Para lembrar de todas as existências, é preciso estar muito preparado. Temos dificuldade de perdoar e de nos perdoar; por isso, o esquecimento é um ato de misericórdia. O diferente está em preparar-se para lembrar de episódios importantes ou de algumas existências anteriores, para termos a prova, e não apenas o conceito da reencarnação. Quem não consiga lembrar ou não queira, que estude, que entreviste os amigos do centro sobre suas lembranças. Isso é mais real e edificante do que apenas ouvir sobre o assunto.

Paulo, continue por favor!

Paulo retoma a explicação do texto de Kardec:

— Essa transformação — ou melhor — a contínua destruição do egoísmo e do orgulho apenas pode se dar com o fundamento da fé. Ensina o codificador que, sem a fé, o Espírito está condenado a viver a **rotina do presente**. Porém, a fé que Kardec afirma ser poderosa o suficiente para esta cruel batalha é a fé fundamentada, lúcida e corajosa, constituída de raciocínio e de



provas objetivas da imortalidade da alma. Após um breve silêncio, Paulo continua:

*“Depois de iniciado este processo, o egoísmo e o orgulho pouco a pouco desaparecem, porque perdem o sentido. Nada justifica sua existência, nada o estimula. O ser aprende, emocionalmente, a reconhecer o que tem valor real. As relações se modificam, os valores se transformam. O ser adquire o que chamo de bom gosto espiritual. As vibrações de disputa e calúnia o desagradam, as emanções de alegria fraterna o estimulam e dão prazer. Alerta Allan Kardec, em nome do Espiritismo: nada na natureza ocorre de forma brusca, mágica. O ser condicionado, embruteado pelas paixões inferiores, não pode se tornar abnegado instantaneamente. Precisa de tempo, muito tempo, para assimilar ideias elevadas, que muitas vezes o confundem. Devemos, portanto, entender o Espiritismo como um formador de novos seres, em vez de um transformador instantâneo de pessoas e instituições. E, acima de tudo, entender que aceitar as verdades espíritas é apenas o primeiro e mais básico passo para a transformação íntima. Ninguém torna-se evoluído por conhecer toda a codificação, mas sim por aplicar as verdades da codificação na própria vida”*

— *conclui Paulo.*

José agradece a Paulo por sua síntese e fala:

— Eis aqui o que propomos: instituições que não apenas pregam, mas vivenciam; espíritas que não apenas digam, mas provem; atenção no que é espiritual, e não material — fala José.

José silencia, fecha os olhos por um instante e, ao reabri-los, deles jorram luzes. O professor então continua:

— Estamos aqui, amados amigos e amigas, por um nobre motivo: a Nova Geração encontra-se no mundo. Quem a ela quiser se vincular, para evoluir e transformar a Terra, prepare-se.

Após uma pausa, prossegue.

— Apresentamos o modelo geral da nova instituição espírita que, na verdade, é a simples e natural continuação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Quem investigar as práticas de Kardec na Revista Espírita, vai constatar que nunca o mestre foi contrário a lembranças de outras existências, nem à recepção de informações sobre planos reencarnatórios. Muitos dirão que isso gerará orgulho. Respondo-lhes, segundo Allan Kardec, que a maior causa de orgulho e egoísmo é a ignorância espiritual. Doemos o pão da imortalidade à próxima geração espírita, e ela mudará a Terra. Muita paz! Muito obrigado!

Trismundo está emocionado. Na verdade, está banhado em lágrimas. Ele e a tão sofrida sociedade terrena têm solução. Não é algo mágico, nem instantâneo, mas há uma solução: espiritualizar-se, conhecendo e vivendo as verdades espirituais! “Como tudo teria sido diferente se eu tivesse tido acesso a experiências que me educassem na última encarnação...” — pensa.

— Não se lamente — afirma Anastácio — na próxima você terá muitas oportunidades. O futuro é glorioso para todos os trabalhadores de boa vontade. Vamos, quero lhe apresentar ao José.

— O professor? — pergunta Trismundo, mal acreditando.

Anastácio sorri.

— Sim, amigo. No mundo cristão, o que conta é a luz que carregamos e a real boa vontade. Você, por coragem, assumirá muitas responsabilidades; logo, queremos que esteja muito bem preparado.

— Assim enfrento até um trem! — responde, empolgado.

E enfrentará! Não se engane. Como ensina Kardec: **toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais**; consequentemente, há quem não goste delas.

— Se não houvesse dificuldades, meu salário seria pequeno, não é verdade? — comenta Trismundo.

— Verdade! — responde Anastácio.

Ambos riem. Anastácio leva-o para apresentá-lo a José que, ao vê-lo, o cumprimenta e diz:

— Contamos muito com você! Saiba que você poderá ser um auxiliar importante na obra dos bons Espíritos.

— Mas, por que eu? — indaga Trismundo.

— Bem, meu amigo. A resposta é simples: você tem coragem, e isso é importante. Muitos espíritas, dedicados e sinceros, ante o desafio de discordar dos mandões do movimento, se calam, emudecem; outros ainda dizem que essa atitude é “caridade”. E veja onde chegamos: proíbe-se a mediunidade para os jovens, e estimula-se a tal da “fama” entre médiuns e palestrantes... O Chico, que se tornou famoso pela sua obra, nunca saiu fazendo autopromoção, e sempre foi contra cobrar para vê-lo falar. Ele até dizia que não iria a lugares em que as pessoas tivessem que pagar para vê-lo. Tudo mudou... Mas por pouco tempo. Você não precisará brigar com ninguém, apenas apresentar o pensamento de Kardec, de forma clara e objetiva. A Nova Geração nasce com critérios mais lúcidos e, na dúvida, consultarão a Codificação, a Revista Espírita e quem merece, de fato, ser modelo. É compreensível que, em um primeiro momento, muitos espíritas estejam condicionados pelos padrões dos religiosos formais. Mas agora tudo vai começar a mudar.

Sabe por quê?

— Não... — responde Trismundo.

— Por que, ao chegar aqui, eles se decepcionam! Achavam que bastava ser amigo de médium famoso, bajular palestrantes e dirigentes — como, no passado, em outras religiões — para garantir a salvação. Que nada! Às vezes, o bajulado está bem pior do que o bajulador...

— É verdade? — indaga Trismundo, que precisará de tempo para assimilar tudo.

— Sim. O lado bom da história é que, após profundas decepções, reencarnam “vacinados” contra o vírus da bajulação e, em vez de bajular, vão trabalhar! Assim, pouco a pouco, o mundo muda.

— E a Nova Geração? — indaga Trismundo.

— Esse é o melhor assunto, mas ficará para outro momento. Venha me visitar e conversaremos sobre ele. É uma bela e longa história, que apenas se inicia.

Despedem-se. Anastácio, grande amigo de Herculano, abraça-o e agradece por tudo.

## A ROTINA DO PRESENTE

**D**ois dias depois, Anastácio e Trismundo encontram-se para conversar. Apesar de morarem na mesma casa, devido às tarefas de resgate espiritual, seu guia estava na crosta da Terra.

— Vamos caminhar no bosque das oliveiras? — convida Anastácio.

— Sim. É mais um belo lugar pra eu conhecer!

— Como sabe que é belo? — indaga o guia.

— Até agora nada vi de feio por aqui, e acabo de ler sobre a vida de Eurípedes. Sei que simplicidade, elevação e beleza andam juntos no coração do amigo de Sacramento.

— Que leste de tão interessante sobre Eurípedes?

— É um livro intitulado **Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo**. Você conhece? — pergunta Trismundo, brincando, visto que foi Anastácio quem lhe deu o livro, como vimos no livro anterior.

Ambos riem.

— Sim, ouvi falar. Conte-me o que mais lhe interessou na vida de nosso benfeitor.

— Este livro me levou a outro, **A Grande Espera**, escrito pelo próprio Eurípedes. A leitura dos dois me deu uma ideia da grandeza desse Espírito.

— Conte-me — fala Anastácio, interessado em conhecer a opinião de Trismundo.

— Imagine só... Há dois mil anos, Eurípedes já era um Espírito lúcido e profundamente equilibrado; há cem anos, deu um testemunho inegável do poder do Espírito sobre a matéria e deixou clara a função da mediunidade na educação da juventude. O que realizou, em público, com milhares de testemunhas que acompanharam sua vida na pequena cidade de Sacramento, deveria ter sido suficiente para que todo o movimento espírita o reconhecesse, no mínimo, como um modelo a inspirar as práticas espíritas. O que pergunto é por que o movimento mal o conhece

e como não consideram seu exemplo? Além do mais, foi sempre amparado por Bezerra de Menezes. Como podem os espíritas não valorizarem esses exemplos?

— Pensei que iríamos conversar amenidades... — comenta Anastácio, brincando.

— Isso me intriga muito. Sei que dediquei minha última existência a lutar por conquistas materiais e poder, mas eu não sabia... Será que quando me tornar espírita no mundo irei também fugir destes exemplos? Isso me preocupa, de fato.

— Essa é a questão central, meu amigo. Por que tantos preferem ignorar os exemplos verdadeiros, os modelos de ação dos Espíritos superiores, e seguir modelos materializadores? Por que tanta fama de quem não tem evolução e tanto esquecimento dos verdadeiramente grandes? É fuga inconsciente. É melhor “aceitar” como modelo o que é mais cômodo, o que não impulsiona a transformação verdadeira, que é sempre um tanto dolorosa... Por isso, pouco se fala dele e quase nunca se adota o modelo de trabalho que ele exemplificou.

— Você pode me dar exemplos? — pede Trismundo.

— Sim, um em cada área. Na educação, proibem-se os jovens de participarem de cursos mediúnicos sem nenhum critério espírita, sem conversa, sem avaliação de cada caso. Proíbe-se e pronto.

— Por quê?

— Porque é mais fácil proibir do que assumir a responsabilidade de educar. Eurípedes, porém, deu um exemplo diferente. Conversar, ser amigo, aprender a avaliar e orientar a evolução de cada um, dando-lhe a oportunidade de crescimento individualizado. Na área dos estudos, vemos palestras e mais palestras, mas quantos debates são feitos fundamentados no conhecimento de Kardec e de autores como Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozano, entre outros? O sujeito sobe na tribuna, fala, fala e pronto. Não fundamenta seu discurso, e poucos apresentam pesquisas sérias. No colégio Allan Kardec não era assim: Eurípedes estimulava mais o crescimento de seus jovens alunos do que nossos encontros espíritas, que se apresentam como “científicos”.

— Não seria possível adotar o modelo de Eurípedes?

— Claro que sim. E, verdade seja dita, este é o modelo de Eurípedes, mas também é o de Kardec. Isso é possível, mas daria muito trabalho. Seria necessário se conhecer os autores citados e as atuais pesquisas.

— Então como fazer isso, na prática?

— É necessário criar uma nova cultura. Isso não acontece do dia para noite, mas é preciso começar. Solicitar trabalhos a serem avaliados e serem apresentados em congressos é um começo viável. No aspecto social, é a mesma coisa. Eurípedes fundou um colégio e uma farmácia. Tentaram matá-lo por fornecer educação e saúde gratuita aos pobres e ricos que o procuravam. Hoje, como estão nossas obras sociais?

— Sopa! Sempre associei o trabalho social espírita a sopa — diz Trismundo.

— A distribuição de alimentos, agasalhos e remédios é importante. Por que não fazer isso em bases mais sólidas? Por que não criar restaurantes populares, por que não criar farmácias homeopáticas e fitoterápicas?

— É que isso dá muito trabalho!

— Exatamente, Trismundo. O espírita encarnado ainda não entendeu que evoluir praticando a Caridade exige sacrifício. Muitos dirão: “minha vida já é tão atribulada...”. Mas não seria parte da solução uma dedicação mais intensa à obra do Cristo? Outros vão ao centro espírita em busca de forças para viverem suas fantasias, que acabarão, como sempre acabam, em sofrimento e dor. Essencialmente, o difícil é o Espírito encarnado entender que seus reais interesses não estão no mundo da matéria densa. Mudar isso é a batalha do Cristo há muito mais de dois milênios.

Anastácio silencia.

Trismundo, observando a linda paisagem que leva ao Bosque das Oliveiras, caminha pensativo.

Chegam.

— Vamos sentar lá em cima —fala Anastácio, apontando para um monte.

Ao atingirem o alto, Trismundo comenta:

— É belíssimo.

— O bem sempre surpreende em paz e beleza. Essa é uma lição que aprendi com Eurípedes. A generosidade de Deus é infinita! Por isso, lamentamos por todos que fogem da felicidade. Observe aquela estrela longínqua!

— Sim, eu a vejo.

— Estive lá, há alguns anos. Ela é cercada por planetas que são mundos superiores. Lá pude visitar três mundos, três planetas. São tão belos quanto diferentes. A beleza, a ordem e a harmonia têm expressões tão diversas e cativantes! — comenta Anastácio, empolgado.

Trismundo, que nunca imaginara que Anastácio tivesse tido essas experiências, pede que ele fale mais sobre esses mundos.

— Falarei sim. Isso faz parte de sua preparação. Os encarnados precisam conhecer modelos de sociedades superiores, para entenderem que o sacrifício de se educar compensa mil vezes o esforço despendido.

Anastácio respira fundo, como que contendo a emoção, e fala:

— Nesses mundos, não há trabalhos rotineiros, nem monótonos. Na verdade, do ponto de vista de seus habitantes, as rotinas seriam degradantes. Eles descobriram a beleza extrema da harmonia dinâmica, em tudo o que fazem. Os desafios nunca apresentam angústias e medos; as conquistas nunca representam a diminuição de ninguém; as descobertas são sempre transformadas em benefícios para os outros. Alegam-se em ajudar; em criar em todas as áreas do saber. Há muito não sabem o que é violência, miséria, disputa de poder. A morte é suave e o contato com os que amam nunca é interrompido. Acompanhei uma desencarnação em um destes mundos: mais parecia uma cerimônia de conclusão de curso da Terra; menos de uma hora depois da desencarnação, presenciei uma linda cena. O desencarnado apresentou-se iluminado aos olhos dos familiares e plasmou, em uma tela, uma pintura que mostrava os rostos dos seres amados expressando — por forma, cor e brilho — características da relação emocional que construíram. Uma lembrança de gratidão. Nunca imaginei — continua Anastácio, emocionado — que a morte pudesse se revestir de tanta paz e de tanta beleza.

— Se os momentos difíceis são vividos assim, como seriam os encontros mais felizes? — pergunta Trismundo.

Anastácio, após alguns minutos de silêncio, em que observa a estrela, comenta:

— Amigo, ainda estamos tão longe de compreender a completa felicidade, que é viver em comunhão verdadeira, que precisamos nos preparar para um dia descobri-la. A vida na Terra é tão curta e podemos alcançar tanta paz em uma encarnação bem vivida... Como os espíritas não veem isso?

— Eu que me perguntei isso! — diz Trismundo, brincando.

— É verdade. Quando encarnados, quase todos fugimos da felicidade. Trocamos o tesouro da alegria verdadeira por meia dúzia de satisfações grosseiras e efêmeras — comenta Anastácio e conclui: O problema todo se resume ao orgulho, ao interesse próprio, míope e burro.

— E o que fazer para nos libertar desse vício emocional?

— Quebrar com a rotina do presente, fazendo o ser encarnado identificar-se com a vida espiritual — responde Anastácio.

Trismundo se deu conta de que já havia ouvido muito. Precisava de algum tempo para melhor entender. Ficaram então em silêncio por algumas horas, admirando a beleza da cidade de Eurípedes e a beleza do universo, visto de um plano superior.



## CAFÉ COM JOSÉ

Trismundo passa uma semana avaliando suas novas responsabilidades, bem como os erros que cometeu e o que faria para evitá-los na próxima encarnação. Sabe que discutirá essas questões com Paula, mais uma vez com Eurípedes, e constantemente com Anastácio. Quantas questões surgem em seu íntimo! Seu passado espiritual, a situação de quantos deixou na Terra, e, acima de tudo, como se preparar para vencer. Queria ter uma encarnação vitoriosa. Cansava-lhe a angústia do fracassado, doíam-lhe as chances desperdiçadas. Às vezes, pensava: “Quem poderia acreditar, vendo-me agora, que eu era um fracassado, e não o “milionário” Trismundo! Como são passageiras as riquezas da Terra, e como exercem tão poderosa ilusão na grande maioria dos homens... Estou decidido: vou fazer tudo o que for possível para evitar cair, mais uma vez, nas garras da ilusão do mundo” — pensa.

Durante as manhãs, Trismundo frequenta a biblioteca Felipe, o Apóstolo. As tardes são reservadas para as caminhadas refazentes nos bosques da cidade e para meditar. À noite, aguarda ansioso Anastácio, quando ele não está em missão na Terra, para conversar, tirar dúvidas e sentir-se amparado.

Um dia, ao chegar de uma difícil missão na Terra, cumprida apenas parcialmente, por causa da limitação de um centro espírita que seria o apoio. Anastácio pergunta a Trismundo:

— Você já se deu conta da dificuldade dos centros espíritas em aceitar a evolução de suas atividades, a partir das metodologias que aqui desenvolvemos?

— Ainda não, mas penso que será mais fácil do que implantar a melhoria em empresas — afirma Trismundo, que conhecia a dificuldade que os funcionários de suas empresas tinham em adotar uma nova tecnologia ou mudar algum método de trabalho.

— Claro que não, Trismundo. No mundo, para muitos, a atividade espírita é mera atividade secundária, que não precisa ser aperfeiçoada com estudo e inteligência. É por isso que precisamos

de sua ajuda, meu amigo. Sabemos como você foi capaz de renovar as atividades de suas inúmeras empresas. Só que, agora, você deverá fazer isso sem interesse econômico — explica Anastácio.

— Entendo... Mas, para saber como inovar, como aperfeiçoar da forma correta, precisarei conhecer o Espiritismo a fundo. Acredito que a aplicação dos princípios espíritas na estruturação das casas espíritas deverá ter um impacto imenso no mundo, pois, se tanto conseguimos com as teorias e pesquisas da administração, o que não podemos fazer com uma teoria que é a expressão da própria Lei de Deus? — fala Trismundo, empolgado.

Anastácio sorri feliz e diz:

— É verdade. É essa a exata compreensão que precisamos desenvolver. Eurípedes, por exemplo, aplicando os princípios espíritas, criou uma farmácia e um colégio de excelência. E obteve extraordinários resultados em ambos.

— E por que os espíritas não fazem o mesmo? — indaga Trismundo.

— Isso você sabe, não é? — responde Anastácio.

— Sei sim. A grande maioria se acomoda. Não quer ter problemas, mesmo que a empresa esteja indo à falência ou, no nosso caso, algo ainda mais grave: mesmo que o trabalho do Cristo não esteja sendo adequadamente executado.

— Acho que você poderia passar uma noite sem dormir... — fala Anastácio.

— O que você tem em mente?

— Surpresa! Vamos sair em trinta minutos. Prepare-se!

Saem, caminhando tranquilamente. A cidade tem sempre uma atmosfera de paz. Depois de quase uma hora de caminhada e reflexões silenciosas, Anastácio para diante de um portão. Na varanda, encontram José. Trismundo sorri, feliz, pois não imaginava que aquele encontro acontecesse tão cedo. Sabe das inúmeras tarefas do professor no esclarecimento do movimento espírita sobre o valor da Codificação, na orientação de muitos médiuns e, acima de tudo, sua atuação na literatura espírita.

— Sentem-se — diz José, que se levanta, entra na casa e vai pegar um bule de café esfumaçando. José serve então Anastácio e Trismundo, pegando um pouco de café para si mesmo.

— Mas vocês ainda tomam café? — pergunta Trismundo, impressionado.

— Na verdade, não, Trismundo — responde Anastácio. Mas, carinhosamente, José, sabendo que isso lhe seria agradável, preparou para você algo parecido com um bom café da Terra.

Trismundo fica feliz com tanta delicadeza, vinda de um Espírito tão mais elevado do que ele, e sorri, emocionado.

— Delicioso! — comenta.

— Mas é claro! Afinal, isso eu ainda sei fazer! — comenta José, rindo.

— Trismundo, combinei esse encontro com nosso amigo com o objetivo de te auxiliar a melhor entender o movimento espírita. Você precisará compreender duas questões para a sua próxima encarnação. Uma é o Espiritismo, e a outra é o movimento espírita. Como é compreensível, nem sempre o movimento é coerente com o Espiritismo. Por isso, é fundamental sempre consultar a Doutrina Espírita, quer dizer, as Leis de Deus, para estar adequadamente orientado no aperfeiçoamento da própria conduta e da conduta das instituições — explica Anastácio.

— Professor, primeiro eu quero agradecer pelo seu carinho e sua atenção por mim!

— Você é bem-vindo, Trismundo! No trabalho cristão, aprendemos que nunca podemos desprezar ninguém. Se o Cristo foi ao mundo, conviveu com homens rudes, com doentes de péssimo aspecto e teve que suportar, inclusive, a ignorância de alguns apóstolos, como nós poderemos nos esconder e negar o auxílio mútuo, de que todos necessitamos? Nunca podemos recusar ajuda a ninguém, se quisermos ser realmente cristãos. Mas ajudamos, é claro, na medida do possível. Só que esse “na medida do possível” tem de ser sincero. Além do mais, adoro conversar! — conclui, sorrindo.

Sentindo-se à vontade, Trismundo pergunta:

— Como o senhor avalia a literatura espírita?

— Bem, se você quer a opinião de Deus, é melhor indagá-Lo por meio de uma prece, não é? — responde, descontraído.

— Digo... “você” — fala Trismundo.

— Aí sim é comigo. Não tem nada de errado chamar alguém de “senhor”, mas, em nosso movimento, estamos indo além disso, estamos “santificando”... Mas voltemos à literatura espírita.

José respira fundo, como a coordenar as ideias, e fala com franqueza:

— A má notícia é que a literatura espírita está uma lástima, meu amigo; e a boa é que terá todas as condições de melhorar.

— Você pode explicar melhor? — pede Trismundo.

— Em nosso movimento atual, temos um empobrecimento lamentável. Se, por um lado, isso é compreensível, por conta da expansão da Doutrina Espírita, por outro, a acomodação dos espíritas esclarecidos é crime cultural lastimável. Entenda que isso não é uma questão de preciosismo academicista. Não! Não se trata de querer que todos leiam apenas os escritores representantes da alta literatura humana. Não é isso. O problema é que romances e histórias sem substância espiritual verdadeira são impotentes para *resgatar o homem da matéria*, segundo a expressão de Lázaro em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Essa expressão é muito importante. **A literatura espírita, seja de cunho científico, filosófico ou literário, propriamente falando, tem apenas uma finalidade: elevar o ser!** Ou seja: ampliar sua compreensão, torná-lo mais forte, mais robusto espiritualmente e impulsioná-lo, ainda na carne, a entender e sentir a grandeza de Deus e de Suas Leis; ensiná-lo a dar o valor justo às coisas do mundo, e não se afundar em prazeres doentes e conquistas desequilibrantes. Você entende?

— Entendo. Mas o que caracteriza uma literatura que resgata o ser da matéria?

— Veja Kardec e Denis, por exemplo. Existem histórias de indivíduos, romances, estudos científicos, filosóficos, históricos, contos e muito mais. Tudo tem uma característica em comum: eleva o ser. Todos estes textos induzem ao mergulho em nós mesmos. São vozes de diversas tonalidades que afirmam: és imortal, vede a comprovação, observa as consequências de entender a imortalidade, admira quão grande é vosso Criador. Essa é a marca da literatura espírita: ela é ampla, sem moralismos caducos; ela é generosa e, ao mesmo tempo, é forte. Não há regras formais e sistemáticas. Não há estética rígida. Há uma direção. Quem produz essa literatura vive, em si, a mensagem do

Consolador; por isso, oferta alimento real, e não alimento artificial, com toneladas de sabores falsos...

— Mas como lidar, na prática, com isso? — indaga o sempre prático Trismundo.

— Ah, como eu queria você como auxiliar no mundo, meu amigo! — comenta, descontraído. Você tem razão. Precisamos, como ensina Kardec, tornar as grandes ideias em práticas. Primeiro, é preciso que aqueles que desejam contribuir, de fato, com a literatura espírita, tenham seriedade em seu propósito. Não se pode mais aceitar que o Consolador seja tratado com tanto descaso. Não se faz obra séria com improvisações infantis. Seja na psicografia, seja na escrita de encarnados. O mais sério problema é a ilusão, fruto da ignorância e da preguiça. Querem acreditar que basta algumas horas de boa vontade para se tornar escritor ou médium psicógrafo. É preciso dizer claramente: não é assim. Está claro em **O Livro dos Espíritos**, na questão 521, em que os Espíritos da codificação afirmam: não podemos fazer os cegos verem! Ora, até onde eu saiba, nem Deus transforma um Espírito ignorante em sábio ou filósofo com um passe de mágica; mas muitos, no movimento, acham que é só escrever algum artigo, psicografar algumas linhas e sair fazendo palestras e pronto: já pode brincar de ser mártir cristão. Não é e não pode ser assim! Portanto, é preciso esclarecer os iludidos que Espiritismo é cristianismo primitivo, o que significa que apenas com vivência abnegada produziremos bons resultados. Você acha que Léon Denis teria escrito o belíssimo **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** se não tivesse uma vida profundamente abnegada? Impossível! E, curiosamente, ele explica neste livro, com todas as letras, que grandes obras nascem da alma de quem viveu o sacrifício. Sacrifício de tempo para dedicar-se, sacrifício para ser coerente com as Leis de Deus, sacrifício no aprendizado das regras de cada atividade, sacrifício da vaidade e do orgulho.

— Mas o problema não é que as pessoas fazem muito pouco e são muito aplaudidas pelo público espírita?

— Sim e não. Observe que cabe aos dirigentes ajudar os iniciantes a entender o que lhe falei. É compreensível que a população, de arraigada tradição católica, confunda inicialmente palestrante com padre e médium com santo, e isso é

compreensível. Consequentemente, assim como não se questiona padre em missa, não se analisa fenômeno mediúnico de “santo”... É o velho medo do inferno... — explica José, sorrindo e, em seguida, mais sério, afirma: O problema está nos dirigentes. É deles a responsabilidade de, amigavelmente, apresentar a responsabilidade do trabalho e a necessidade de aperfeiçoamento, como fez Paulo com Marcos, ao viajarem para pregar o Evangelho; mas muitos dizem que é “caridade” não avisar... Não concordo. Principalmente depois de ver a situação dos sabichões do Espiritismo ao chegarem aqui, no Hospital Esperança.

— Como traçar um programa de ação? — pergunta Trismundo, que persiste em encontrar ações práticas.

José sorri e explica:

— Entendidos os desafios, começemos com a ação. A proposta é estudar Allan Kardec e desenvolver formas didáticas de apresentá-lo ao grande público. Não precisamos de palavras difíceis, conceitos vazios e confusos. É simples: estude-se, entenda-se e desenvolva-se meios de divulgar Allan Kardec e, em seguida, de divulgar Léon Denis, Gabriel Delanne e Aksakof. Se fizermos um trabalho bem-feito em relação a Kardec, ganhamos metade de batalha.

— Com que meios? — pergunta Trismundo.

— Todos! — diz, abrindo um sorriso. Ora, no mundo você não utilizava televisão, rádios e computação para alcançar sucesso? Por que não usar isso para a mensagem do Cristo?! Claro, cada um usa os meios ao seu alcance. Hoje, pode-se, com relativa facilidade, se divulgar palestras, peças teatrais, textos, etc. O que falta é a consciência de que os interessados devem se preparar e produzir materiais com qualidade doutrinária e estética; na verdade, a orientação do Espírito Verdade a Kardec ainda é plenamente válida: materiais que cativem o público e que sejam instrutivos; materiais que interessem aos estudiosos sérios. Antes que você me pergunte o que precisamos para fazer isso, já lhe digo: dedicação! Apenas isso: dedicação.

— Nunca vi nada tão grandioso, tão fácil de entender e com tanta dificuldade para se implantar — comenta Trismundo, ao se dar conta do quanto poderia ser feito e do quanto não se faz.

— É isso, meu amigo. E agora, queres saber a boa notícia?

— Sim, claro. Até tinha me esquecido que tinha a boa notícia!

— A literatura espírita passará por uma renovação, um renascimento, da mesma forma que aconteceu com as ideias gregas e com o cristianismo primitivo.

— Não entendi.

— Não aconteceu, por volta do século XIV, o resgate, a revivência das ideias greco-romanas em plena idade média, por muitos chamada de Idade das Trevas? Que Espírito encarnado, em meio a tanto atraso, poderia imaginar que o mundo daria um salto cultural tão importante?! Depois, temos o Renascimento do cristianismo, no século XIX, com Allan Kardec. O processo é o mesmo; o diferencial é que tudo ocorre de forma mais rápida. Existem grandes períodos de renovação, que ocorrem com velocidades variadas. Vejamos o movimento espírita. Primeiro, ele se inicia em Paris que, na época, era a capital intelectual do mundo. Kardec lança as bases, Denis o divulga. Mas o Espírito europeu, apesar de sua grande cultura, não soube valorizar a chegada do Consolador; assim como os fariseus, à época de Jesus, eles não queriam ver para crer. Quando viam, ficavam furiosos, desprezavam, distorciam. Pois bem, a ordem do Cristo foi transportar o Consolador para o Brasil.

— Mas essa decisão não havia sido tomada antes mesmo da chegada do Espiritismo no mundo? — indaga Trismundo.

— Pelo que vejo, você andou estudando... — comenta Herculano.

— Sim, a Biblioteca Felipe é excelente!

— É verdade, mas a França e a Europa poderiam ter mantido a luz espírita em sua cultura e, em conjunto com o Brasil, espalhá-la pelo mundo. No planejamento espiritual, o esforço e a abnegação são sempre premiados. Não cabe ao Brasil ser a única nação espírita e, se contasse desde o início com a ajuda de outros povos, tudo seria bem melhor. Como dizia, com a transferência do centro de atividades do Espiritismo para o Brasil, reencarnam centenas de Espíritos com a tarefa de impulsionar a espiritualização do país. A lista é numerosa, mas podemos destacar Bezerra de Menezes, Olímpio Teles, Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, entre outros. Depois deles, os aprendizes nem sempre foram atentos e fiéis. Um grande número de Espíritos

profundamente comprometidos com os erros do passado rogaram ao Cristo uma chance, uma oportunidade. Naturalmente, para esses irmãos, tão comprometidos com o orgulho, o Espiritismo poderia ser o remédio amargo, mas salutar.

— Amargo?

— Sim, amigo: amargo. Conhecer-se a si mesmo, saber-se ainda atrasado e necessitado de transformação por meio do trabalho, do perdão e da caridade, em todos os setores da vida, é remédio amargo para quem militou séculos e milênios disputando cargos, honrarias e poder. Não acha?

— Sim, eu entendo. E como eles se saíram?

— Temos casos belíssimos de superação, aprendizado e crescimento espiritual: são histórias que você deve procurar conhecer.

— Sim, irei estudá-las — responde Trismundo, que entende a sutileza da colocação.

— No entanto, a maioria não mudou. Esse é o quadro do atual movimento encarnado. As escaramuças psicológicas mascaram as disputas de poder, as vaidades e a conduta direcionada pelo orgulho e o amor-próprio... Mas não aos olhos de Deus, é claro.

— Como identificar essas condutas, para que eu não as copie quando encarnar?

— Amigo, quando transformamos caridade em atividade de fim de semana, há algo errado! Devemos, sim, colaborar com essas elevadas atividades; porém, isso não é suficiente! Como resolver traumas e impulsos infelizes, que carregamos há séculos, alimentando-os durante a semana e fazendo de conta que somos cristãos por algumas horas, no fim de semana? É preciso servir mais! Quem serve pouco tem tempo para alimentar impulsos infelizes. Tem tempo para falar da vida dos outros, tem tempo para disputas inúteis, tem tempo para polêmicas estereis.

— Então a regra é doar-se verdadeiramente à caridade?

— Sim, mas, antes disso, é preciso entender o que é caridade! Caridade é a sopa e o pão, mas também é o pão espiritual, a compreensão, a oração sincera, a ajuda mediúnica, a atenção carinhosa a conhecidos e desconhecidos.



— O que é pão espiritual?

— Pão espiritual pode ser também café — diz, rindo, em referência ao encontro que estão tendo.

Trismundo entende a brincadeira e também sorri.

Herculano continua:

— Estamos aqui ajudando-nos uns aos outros. Isso é a verdadeira caridade! Não existe uma relação saudável em que alguém perca, meu amigo. Além disso, temos os livros! Agora vamos falar da literatura espírita.

Os olhos de Herculano estão iluminados. Eles expressam a beleza de profunda sabedoria com uma empolgação juvenil.

— Muitos amigos já estão no mundo, Trismundo. Depois do Renascimento Cristão, no século XIX, tivemos uma pequena idade das trevas no movimento, com a reencarnação dos mesmos religiosos medievais. Agora é o período dos novos Petrarcas e Galileus, dos novos servidores abnegados que, na verdade, são os mesmos. Você entende? As estações culturais da Terra alteram-se com a reencarnação de agrupamentos de Espíritos elevados e Espíritos pouco elevados; os primeiros ensinam, exemplificam, mostram; os outros tentam e aprendem ou não, segundo o seu livre-arbítrio. É a alternância das gerações que gera a ascensão e decadência das civilizações. É o ensino e a prática, segundo a pedagogia divina.

Trismundo está assombrado com a grandeza da criação divina, do processo evolutivo que sempre une superiores e inferiores. Olha então para Herculano e indaga:

— Isso quer dizer que uns vem, mostram, ensinam e, depois, é como se saíssem de cena para deixarem os aprendizes praticarem. É isso?

— Sim. Sem exageros, é exatamente isso! O mundo nunca fica abandonado aos aprendizes, mas eles têm certa liberdade de ação.

— Isso é fascinante!

— O mais fascinante vou lhe dizer agora. Esse processo muda de patamar, quer dizer, não ficaremos sempre alternando entre trevas e luzes, entre períodos de brilho, seguidos por etapas de atraso emocional e cultural. A transformação da Terra em mundo

de regeneração significa que essa alternância extrema acabará; haverá sempre diferentes estações e momentos, mas a Terra, após a conquista desse patamar, não mais verá guerras sanguinolentas, nem miséria moral e material. O parâmetro será outro, seus habitantes não aceitarão mais isso.

— Entendo. E como chegaremos lá?

— A etapa, que já se iniciou, será decisiva, meu amigo. O Espiritismo deve enraizar-se no coração dos homens. Feito isso, a vitória do bem estará assegurada. Uma vez desperto espiritualmente, mesmo quando erra, o ser não se torna mais animalizado, como está hoje, lutando em sua busca de poder e mando. O coração cristão não aceita o sacrifício do outro em benefício pessoal. Prefere, ao contrário, o testemunho em prol da Humanidade. Você entende?

— Sim, mas como colaborar com esse grandioso plano? — responde Trismundo que, de alguma forma, quer fazer parte da grandeza dos planos do Consolador.

— Não faltam oportunidades, meu amigo. Espíritos reencarnados revolucionarão a compreensão do Espiritismo. Eles não mudarão a Doutrina Espírita, mas auxiliarão os seres a entenderem a mensagem poderosa do Consolador.

— De forma prática, como isso se dará?

— Vou lhe dar um exemplo. Eles revolucionarão a mediunidade, instituindo parâmetros legitimamente espíritas. Eles não temerão o fenômeno mediúnico, como muitos hoje temem. Serão capazes de recepcionar elevadíssimas obras mediúnicas, realizarão experimentos que comprovarão, em laboratório, a imortalidade do Espírito, realizarão curas físicas e espirituais. Aplicarão os conceitos de regressão, reencarnação e lembranças do mundo espiritual para curar medos e traumas, e também implantarão os conceitos da caridade bem compreendida nas atividades sociais. Há tanto a fazer... e eles farão! São muitos e são abnegados, competentes e infatigáveis. O mundo, assim como na época do cristianismo primitivo, viverá uma experiência de ouro. Queira Deus que os corações endurecidos se convertam, pois chegamos ao período das definições espirituais graves.

— Sinto minha pequenez ante tudo isso.

— Esse é o seu desafio, amigo! Muitos, sentindo-se pequenos, em vez de tornarem-se humildes, buscam compensar esse sentimento incômodo com cargos, palestras exibicionistas e polêmicas inúteis; você, para se redimir, deve orar e pedir a Deus coragem para aceitar a própria pequenez, em vez de tentar negá-la com fugas de vaidade — explica José.

— Vou fazer isso! Vou aprender a aceitar minhas falhas e a não fugir delas. Sei que isso é o que gera o medo de olhar para o passado e para si mesmo, isso é o que gera o medo de conviver com os mais novos, e é isso que gera o medo de ser um verdadeiro cristão. Curiosamente, aceitar meu atraso espiritual é o início indispensável para minha evolução!

— Excelente! Você entendeu a primeira e mais importante lição. Você deve, simplesmente, “ser gente”! — conclui, com bom humor e felicidade.

Todos riem.

“Como é bom ser cristão!” — pensa Trismundo. Nunca, em nenhuma reunião política ou de negócios, ele foi capaz de se sentir tão bem, tão leve, tão feliz.

Conversam, conversam e conversam. Aquele encontro, simples e informal, na verdade, é uma valiosa oportunidade de aprendizado para Trismundo, e também uma reunião de trabalho em prol da Humanidade, ainda tão confusa e perdida. O diálogo amigável e simples entre José, Anastácio e Trismundo delineia um grandioso plano de ação, que seria, em breve, apresentado ao diretor espiritual da cidade, responsável por guiar a Nova Geração: Eurípedes Barsanulfo. Trismundo tudo ouve, encantado. A competência, a criatividade e a simplicidade daqueles amigos e trabalhadores o surpreendia e o educava, por meio de cada palavra alegre que ouvia. “Um dia serei assim!” — pensa Trismundo, alimentando esperanças de que sua futura encarnação seja o início de sua redenção...

## Entrevista com Ivan de Albuquerque

*Questão — Bem vindo, irmão! Obrigada por estar aqui. Tudo bem?*

**I**van — É uma alegria participar com vocês desse momento de reflexão, em que devemos, acima de tudo, exercitar as nossas mentes e corações, para aprender a grandeza da obra de Allan Kardec, que na verdade, é a síntese mais elevada do saber espiritual, que este mundo possui. A nossa forma de agradecer o sacrifício desse espírito maravilhoso é estudar sua obra, compreendê-la e vivê-la. E este é também o objetivo maior da série Se a mediunidade falasse.

*Questão — Quando nós dormimos, nós podemos ir estudar. E, ao acordar, se nós conseguimos lembrar isso.*

**I**van — Há 2 aspectos importantes nessa questão. O primeiro, com certeza, o espírito jamais deve ficar inativo. Enquanto o corpo está no estado de repouso, deve o indivíduo, o ser humano, que é espírito, envolver-se, engajar-se em atividades nobres e elevadas, para que ao retornar para o corpo, seja portador de maior conhecimento e bem-estar, estando, portanto, mais preparado para os desafios da vida terrena.

No segundo aspecto, sobre a lembrança. É possível preparar-se e, pouco a pouco, conquistar a lembrança das experiências espirituais. A criatura na Terra, em geral, apegada ao comodismo, limita-se em sua esfera de ação. Mas a lei divina nos ensina a evolução por meio do trabalho sério e dedicado. Aqueles, portanto, que desejem preservar as memórias de suas vivências espirituais poderão e deverão alcançá-lo pelo esforço e pela dedicação. Embora não esteja na pergunta, poderei, podemos adiantar que uma das variadas formas de se desenvolver a capacidade de lembrança das experiências espirituais, as experiências fora do corpo, é por meio de um exercício simples: ao acordar, escrevam o que se sonhou. Pouco a pouco, esse

exercício irá capacitando o cérebro material a buscar as informações que estão localizadas no espírito. Basta esse exercício para que se possa dar alguns passos importantes em termos de lembranças. Em outra ocasião, poderemos aprofundar esse tema se for interesse dos amigos e das amigas que nos ouvem.

***Questão — Oi, Ivan! Quando sonhamos com uma pessoa querida, esteja ela nesse plano ou não, estamos, realmente, encontrando com ela em espírito.***

**I**van — O mundo dos sonhos, como podemos dizer, ainda é repleto de possibilidades de descobertas fantásticas. O sonho poderá ser a expressão do desejo profundo. O sonho poderá ser a realização do desejo profundo. Bem como, o sonho poderá ser, a lembrança do sonho, a síntese de ensinamentos superiores, que precisamos receber para ter uma vida melhor. Cabe, portanto, dedicação a esse tema, tão querido a Eurípedes Barsanulfo, que, diariamente, junto com sua nobre secretária, analisava seus sonhos, bem como os sonhos dela, de dona Amália.

É uma prática que sugerimos, que incentivamos que seja desenvolvida por todos. A partir de uma reflexão séria, a partir da prática de uma vida equilibrada, o indivíduo deverá saber distinguir, não apenas diferenciar um tipo de sonho do outro, mas entender que o mesmo sonho poderá comportar essas 3 dimensões.

Darei um exemplo, buscando ser didático. O indivíduo deseja, profundamente, encontrar alguém. Poderá, inicialmente, imaginar esta pessoa. O seu desejo poderá ser muito forte. Esse desejo poderá atrair essa pessoa. Dialogam. E essa pessoa, no nosso exemplo, é um espírito sábio, que irá transmitir um profundo conhecimento para ele, sobre uma questão que ele irá enfrentar. Mas as informações são tão numerosas, que ele sabe que, ao despertar, o cérebro físico não será capaz de coordená-las todas. Esse espírito, portanto, ele sintetiza isso em uma imagem, em um símbolo, em um aviso. E aí, o indivíduo, ao despertar, teve os 3 tipos de sonhos. Portanto, é o mundo a ser desvendado pelos corações que buscam a verdadeira evolução.

Poderemos, caso seja um tema caro ao coração de nossos amigos e amigas que ouvem, desenvolver também, aprofundando esses aspectos.

*Questão — Como podemos saber se, ao acordar, e não nos sentirmos muito bem, se fomos para locais ruins, quando dormimos.*

Ivan de Albuquerque — O indivíduo precisa conhecer o seu corpo. O corpo é uma excepcional fonte de orientação para a vida. Numa linguagem atual, diríamos que é preciso ouvir o corpo, entender as mensagens que ele quer dizer. O homem, curiosamente, investiga vários sinais da natureza, e quase sempre descarta os sinais mais básicos do seu veículo físico. O homem, facilmente, detecta o defeito do seu transporte, do seu carro, pelo barulho, às vezes, pelo cheiro, da forma como está sendo feita a combustão. Mas, quase sempre, ignora os sinais mais básicos e essenciais do seu próprio corpo. Conhecer os sinais do corpo irá ajudar a entender.

Ao acordar, que se observe: que tipo de mal-estar eu tenho? Porque é infantil achar que todo mal-estar é fruto de uma experiência negativa. Não é. Muitas vezes, se o indivíduo está fora do corpo, auxiliando espíritos muito necessitados, ele poderá acordar, relativamente, cansado. Se ele acorda sugado e exaurido, aí sim, é um sinal de preocupação. Observar-se, ao acordar: Como eu estou me sentindo? Um pouco cansado. Que tipo de cansaço? Às vezes, o indivíduo acorda um pouco cansado e diz: é como se eu tivesse passado a noite estudando. Isso é bom! Porque esse cansaço irá desaparecer com o hábito e com a persistência. Outros dirão: não, parece que eu apanhei. Aí é motivo de preocupação. Parece que eu estou sentindo os efeitos de ter consumido alguma substância infeliz. Aí é motivo de preocupação. Acordo deprimido, exaurido. Aí é motivo de preocupação. Portanto, não podemos ficar na dicotomia simplória: Estou me sentindo bem ou não? Que tipo de bem-estar é esse e que tipo de mal-estar é esse? A partir disso, o indivíduo poderá ir, porque, sempre que buscar, poderá ter, pelo menos, recordações específicas do que sonhou. Acordei com mal-estar e sinto que estive num ambiente infeliz, comungando com os espíritos infelizes. Motivo de reflexão mais profunda. O que me leva a esse tipo de fuga? Do que eu estou

fugindo? Sonhei que estava num ambiente difícil, mas socorri espíritos dementados, num ato de nobreza. Avaliação específica que poderá, pouco a pouco, facultar ao indivíduo conhecer-se melhor e conhecer por onde passou durante o período do repouso do corpo físico.

***Questão — Como fazer para não acumularmos energias pesadas e podermos ir para locais bons, quando dormimos, tipo o colégio Allan Kardec?***

**I**van — A prática honesta do bem. Porque o falso bem, o bem dos fariseus, da aparência, irá deixar o indivíduo repleto de energias grosseiras e infelizes. Uma vida equilibrada, um cuidado equilibrado do corpo, um cuidado atencioso da mente, leituras e educação dos sentimentos. Esconder os maus sentimentos é uma forma de se manter no plano inferior. Autoconhecimento. Podemos dizer que esse conjunto tendo, por base, os bons hábitos, a prece sincera e comovida, a leitura reflexiva e atenta do evangelho. É o ponto inicial para que, ao sair do corpo, você esteja em condições de frequentar os ambientes superiores de aprendizado do bem.

***Questão — Quando a pessoa sente o peso nas costas, só de uma outra pessoa olhar, o que pode ser? No caso, ele falou que é a presença de uma pessoa faz o corpo se sentir como se estivesse carregando um peso.***

**I**van— Sintonia entre pessoas que estão alimentando energias negativas. Sintonia. Se você se aproxima, próximo do Cristo, com más energias, Ele não irá sentir nada. Sintonia. São pessoas que alimentam sentimentos inferiores, uma em relação a outra possivelmente. Ou alguém, profundamente, invigilante, sendo envolto por alguém que possui energias grosseiras. Mas a invigilância é também responsabilidade do indivíduo. E a invigilância pode gerar sintonia. Porque a sintonia não é apenas você retribuir com o ódio, é você permitir que o ódio entre em seu coração. Portanto, que cada um pense, que se está sendo atingido por energias inferiores, deve olhar para

o próprio coração, se questionando por onde essas energias estão passando. Que sentimento permite que elas me atinjam? E assim, buscar melhorar-se.

*Questão — Por que foi necessário mostrar um espelho para o espírito? Por acaso, ele não podia ver o corpo dele, baixando a cabeça? Quando a pessoa mostra o espelho para esse espírito, o espírito consegue ver como está o corpo dele. Ele não já podia ver o corpo dele?*

Ivan — Entramos na temática do socorro espiritual. O socorro espiritual exige daqueles que o coordenam um profundo conhecimento da psicologia humana. O espelho é uma das formas de fazer que o indivíduo se conheça melhor. Porque a criatura atrasada, no corpo ou fora dele, ela opta por não ver quem ela é. Ela esconde de si mesmo as suas deficiências, ela esconde de si mesma as suas deformidades emocionais e, muitas vezes, físicas. Ela esconde de si mesmo as próprias limitações. E aí ela se torna um indivíduo, como afirma Allan Kardec, que facilmente sofre o arrastamento do mal, por não se conhecer. À medida em que, o indivíduo esconde de si mesmo quem ele é, ele se torna uma pessoa, facilmente, induzida para qualquer coisa.

O espelho é, ao mesmo tempo, uma técnica objetiva e uma revelação simbólica. Quando se mostra, do aspecto terapêutico, de socorro espiritual, o espelho a alguém, algo que faça o indivíduo olhar para si, é um convite muito sério. Porque o indivíduo insiste em dizer que está bem, mesmo estando muito mal e mesmo praticando muito o mal. Mas esse comportamento é típico da criatura da Terra, encarnada. Por isso ele é típico da criatura desencarnada.

Essa psicologia da fuga é uma psicologia predominante na sociedade atual, por isso é uma psicologia predominante nos espíritos desencarnados. Como o corpo espiritual mostra a realidade psíquica e emocional, apresentar o corpo espiritual significa revelar a realidade psíquica e emocional. No mundo, o corpo físico cobre, esconde a realidade emocional. No mundo espiritual, não.



No mundo espiritual, o corpo físico revela inequivocamente a realidade emocional do indivíduo. Portanto, ao mostrar a situação do corpo espiritual para alguém, você estará mostrando a realidade emocional dentro. Porque, no mundo, podeis ter indivíduos de excelente padrão emocional, maturidade, compreensão, ternura, perdão, num corpo desagradável, no aspecto visual e estético. Não no mundo espiritual. No mundo espiritual, esse indivíduo equilibrado terá um corpo belo e luminoso. Mas aquele que muitas vezes tem um corpo belo na Terra é um doente emocional. E, no mundo espiritual, seu corpo irá revelar isso. Portanto, o perispírito é o grande revelador da vida íntima de cada um. Consequentemente, a sua realidade íntima é vista por quem é capaz de observar o seu corpo espiritual, encarnado ou desencarnado.

Por que o Cristo identificava tão facilmente as pessoas? Por sua visão espiritual. Ele via o corpo espiritual de cada um, as energias que o envolviam. E, quando uma pessoa se dirigia a ele, ele sabia: esse está tentando me enganar; esse está querendo me atacar! O corpo espiritual é o revelador da realidade emocional de todos os espíritos. Portanto, essa técnica tem uma fundamentação na codificação espírita. Quando o Kardec nos ensina que o indivíduo se revela pelo seu corpo espiritual, por suas vibrações, que estão ao redor dele. É uma técnica de autoconhecimento, de estímulo ao autoconhecimento.

***Questão — No livro, Se a mediunidade falasse, no capítulo 2, a mediunidade fala que, durante uma época, só podia se comunicar pelo oráculo. Que oráculo é esse?***

**I**Van — O livro refere-se aos oráculos das iniciações antigas. Por muito tempo, as verdades espirituais foram veladas, distanciadas das massas, que não poderiam compreender na época. Se justificava, em muitos períodos da história.

Em seguida, por ordem do Cristo, as revelações espirituais são colocadas à disposição de todos. Como se poderia esperar, muitos exultam e utilizam o saber elevado para tornarem-se seres melhores. Outros, viciados no clima do mando e da manipulação, incomodam-se com isso. Os verdadeiros iniciados, ao saberem, ao

receberem do Cristo a ordem de difusão da verdade, elevaram seus pensamentos e corações, agradecendo ao Pai e ao Mestre a oportunidade. Mas todos aqueles, arbitrários negadores do bem e da verdade, incomodam-se até hoje.

Nas regiões inferiores, são esses espíritos que manipulam as consciências frágeis e covardes dos encarnados e desencarnados, estimulando-os o medo à mediunidade. Porque, se o corpo espiritual revela a realidade individual, a mediunidade é um dos meios de revelar também essa verdade aos encarnados. E todos aqueles que temem a verdade, que não amam o Cristo, não amam a mediunidade espírita. Tá aí essa reflexão do livro, para que o jovem compreenda, que, por ordem do Cristo, está decretado o fim dos mistérios e que todos aqueles que, com o coração devotado, buscarem o Seu amparo e auxílio estarão protegidos. Exercendo a mediunidade em seus lares, exercendo a mediunidade em seu dia a dia, como ensinou Jesus a seus apóstolos e, como, por ordem dele, Kardec ensina a todos nós.

*Questão — Na palestra inicial de apresentação dos cursos, menciona-se que existe uma relação espiritual entre Kardec e Eurípedes. Qual a relação entre esses dois grandes espíritos?*

**I**van — Eurípedes Barsanulfo e Allan Kardec são da conta dos espíritos vinculados ao Mestre de Nazaré de forma direta. Estão eles acompanhando a evolução deste planeta há milênios incontáveis. Portanto, podemos dizer que são companheiros de uma longa jornada, dispostos, utilizando-se de seu livre arbítrio, a trabalhar na Terra, socorrendo os espíritos infelizes desse mundo, batalhando e sacrificando-se, milhares de vezes, para que haja a redenção espiritual de todos os homens e mulheres de boa vontade.

Um dia, sabereis, aprofundadamente, a grandeza espiritual desses dois indivíduos, que nunca colocaram-se acima da obra do Mestre. Que por milênios e milênios, trabalharam, discretamente, e só apenas quando convocados pelo próprio Cristo, inspirado por Deus, para difundir a verdade, tornando-se conhecidos, aceitaram suas missões com a mesma dignidade e humildade que aceitaram as suas centenas de missões obscuras neste mundo. Obscuras, no

aspecto social e histórico, grandiosas, no aspecto espiritual. Uma das belezas que podemos alcançar com o esforço no mundo é nos tornarmos minimamente preparados para em nosso plano conhecerem em profundidade a história de individualidades poderosas como essas, que já superaram de muito as ilusões e as vaidades humanas e que renunciam, com convicção, às alegrias das esferas mais elevadas, para, com dignidade, compartilhar a marcha ascensional desse planeta, induzindo-nos, a todos nós, com seu psiquismo ativo e forte, a ascender em direção a Deus.

*Questão — Queremos agradecer pela sua participação, Ivan, pela sua atenção e carinho por todos nós. Obrigada!*

**I**van — Desejamos a todos uma reflexão pessoal e profunda sobre a sua relação com Allan Kardec, com Eurípedes Barsanulfo e com Jesus de Nazaré. O espiritismo nos convoca a uma batalha imensa. A batalha pelo nosso amadurecimento intelecto-moral, a batalha para a transformação de uma humanidade, ainda doente e sofredora, ao lado desses espíritos, que estão muito acima de nossa compreensão. Mas que, por meio das vibrações do amor, se tornam tão próximas de nossos corações, e por meio da sua devoção nos inspiram sempre.

Desejamos a cada um coragem e reflexão. Porque o Cristo nos convoca a todos. É hora de que cada um de nós assumamos a nossa missão individual e ajamos com coragem, sabendo que Deus é uma meta alcançável, se seguirmos o caminho da verdade, da vida, o luminoso jovem de Nazaré.

Muita paz,  
Ivan de Albuquerque.

## Sobre a Série

**A**migo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciara o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequentemente, cada aula ou exposição da série Se a Mediunidade Falasse possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos — pois nomes conhecidos podem causar incômodo — decidimos apresentá-los com seus nomes

verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série Se a Mediunidade Falasse será recebida por diversos médiuns.

## Como foi recebido o livro

**V**ou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica” ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos!

Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura!

É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

### *Conheça o GRUPO MARCOS*

**G**rupe Marcos é um grupo de amigos: encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes, que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome Marcos — o nome-símbolo do grupo — é em homenagem a uma encarnação de Eurípedes Barsanulfo, nosso dirigente espiritual, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio que se tornou verdadeiro cristão. Essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, da Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).



## *Nossos Princípios*

1. Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição gratuitamente em nosso site [www.grupomarcos.com.br](http://www.grupomarcos.com.br), sendo previamente autorizado imprimir, copiar e divulgar;
2. As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;
3. Para colaborar conosco ou caso você queira nossa ajuda, basta nos contatar; Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec;
4. Dentre elas, a Codificação e a *Revista Espírita* são as principais obras que norteiam o nosso trabalho;
5. Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

## Coordenador do GRUPO MARCOS

**I**van Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.



Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

## Breve Nota

**O**s trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

## Contato

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

## Visite nosso site

[www.grupomarcos.com.br](http://www.grupomarcos.com.br)

## Conheça os livros do Grupo Marcos

- **Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo** — Grupo Marcos
- **Conhecendo as Profundezas de Jesus Cristo** — Jeanne Guyon
- **A Imagem da Luz: A Presença do Cristo nas Três Revelações** — Grupo Marcos
- **Depoimentos — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos — Livros 1 a 3** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Depoimentos 1 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Depoimentos 2 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Depoimentos 3 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Mãos Invisíveis — Coletânea de histórias** — pelo Espírito Marta
- **Reflexões Educacionais — Série — Livros de 1 a 3** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Reflexões Educacionais — Livro 1 — Diálogos com Ivan de Albuquerque** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Reflexões Educacionais — Livro 2 — Criatividade e Espiritismo** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Reflexões Educacionais — Livro 3 — Didática Espírita** — Ivan de Albuquerque (org)
- **Doutrina Secreta Volume 1 — Série — Livros de 1 a 4**
- **Doutrina Secreta Volume 2 — Série — Livros de 5 a 11**
- **Doutrina Secreta — Livro 1 — Educação Espírita: Um Convite à Juventude**
- **Doutrina Secreta — Livro 2 — Deus para a Doutrina Secreta**
- **Doutrina Secreta — Livro 3 — Entregar-se a Deus**
- **Doutrina Secreta — Livro 4 — Sete Atitudes Essenciais em Nossa Relação com Deus**
- **Doutrina Secreta — Livro 5 — Caridade: Sentido Profundo**
- **Doutrina Secreta — Livro 6 — Imortalidade**
- **Doutrina Secreta — Livro 7 — Evangelho e Simbolismo Egípcio**
- **Doutrina Secreta — Livro 8 — Ísis e Osíris, Morte e Reencarnação**

- **Doutrina Secreta — Livro 9 — Reflexões sobre: A Origem do Saber Hindu**
- **Doutrina Secreta — Livro 10 — Reflexões sobre: A Origem da Psicologia Ocidental**
- **Doutrina Secreta — Livro 11 — Reflexões sobre: A Compreensão Hindu de Deus e de Seus Atributos**
- **Se a Mediunidade Falasse Volume 1 — Série — Livros de 1 a 5 — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Volume 2 — Série — Livros de 6 a 11 — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 1 — Iniciação — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 2 — Vampirização — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 3 — Despertar — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 4 — Medo e Mediunidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 5 — Cristianismo e Mediunidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 6 — Antes do Consolador — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 7 — Consolador — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 8 — Renovação Social e Imortalidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 9 — Pequena Mestra — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
- **Se a Mediunidade Falasse Livro 10 — Aventuras de um Morto — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**
  - **Se a Mediunidade Falasse Livro 11 — Conversas com José — pelo Espírito Ivan de Albuquerque**

| LINKS GERAIS - GRUPO MARCOS 2025        |                        |
|-----------------------------------------|------------------------|
| <i>Nova Geração Livro dos Espíritos</i> | <a href="#">Castos</a> |
| Curso A Imagem da Luz                   | <a href="#">Castos</a> |

| LIVROS                         |                        |                              |
|--------------------------------|------------------------|------------------------------|
| Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Áudio livro MAEB               | <a href="#">Castos</a> |                              |
| Vivência Mediúnica Primitiva   | <a href="#">Amazon</a> |                              |

| SÉRIE SE A MEDIUNIDADE FALASSE (SMF) |                        |                              |                        |
|--------------------------------------|------------------------|------------------------------|------------------------|
| 1 Iniciação                          | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 2 Vampirização                       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 3 Despertar                          | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 4 Medo e Mediunidade                 | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 5 Cristianismo e Mediunidade         | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 6 Antes do Consolador                | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 7 Consolador                         | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 8 Renovação Social e Imortalidade    | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 9 Pequena Mestra                     | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 10 Aventuras de um Morto             | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 11 Conversas com José                | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |

| SÉRIE – DEPOIMENTOS |                        |                              |
|---------------------|------------------------|------------------------------|
| Depoimentos 1       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |
| Depoimentos 2       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |
| Depoimentos 3       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |

| DOCTRINA SECRETA                                           |                        |                              |
|------------------------------------------------------------|------------------------|------------------------------|
| A Origem no Egito Antigo — 1                               | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Deus para a Doutrina Secreta — 2                           | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Entregar-se a Deus — 3                                     | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Sete atitudes essenciais em nossa relação com Deus— 4      | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Seven essential attitudes in our relationship with God – 4 | <a href="#">Amazon</a> |                              |
| Caridade: Sentido profundo — 5                             | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Imortalidade — 6                                           | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |

| SÉRIE –REFLEXÕES EDUCACIONAIS                               |                              |                              |
|-------------------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Diálogos com Ivan de Albuquerque (Reflexões educacionais 1) | <a href="#">Amazon</a>       | <a href="#">Google books</a> |
| (Reflexões educacionais 2)                                  | <a href="#">Amazon</a>       |                              |
| (Reflexões educacionais 3)                                  | <a href="#">Google books</a> |                              |
| Nova geração Livro dos Espíritos, Livro 1: Causas Primárias | <a href="#">Amazon</a>       |                              |

| CURSOS                                                                        |                              |  |
|-------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--|
| <p><b>Livro A Imagem da Luz: a Presença do Cristo nas Três Revelações</b></p> |                              |  |
| <a href="#">Amazon</a>                                                        | <a href="#">Google books</a> |  |
| A Figura do Cristo                                                            | <a href="#">Castos</a>       |  |

|                                                                                                       |                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| Anjo Guardião                                                                                         | <a href="#">Castos</a>       |
| <b>SÉRIE NOVA GERAÇÃO</b>                                                                             |                              |
| Apocalipse                                                                                            | <a href="#">Castos</a>       |
| A Grande Espera (Os essênios e o Cristo                                                               | <a href="#">Castos</a>       |
| Socialismo e Espiritismo                                                                              | <a href="#">Castos</a>       |
| Sonhos segundo o Espiritismo                                                                          | <a href="#">Castos</a>       |
| Prevenção a Autodestruição                                                                            | <a href="#">Castos</a>       |
| Deus um Amigo Especial                                                                                | <a href="#">Castos</a>       |
| Reflexões Educacionais                                                                                | <a href="#">Castos</a>       |
| Para acessar e baixar todos os nossos materiais gratuitamente, segue link para nossas pastas do drive |                              |
| <a href="#">One Drive</a>                                                                             | <a href="#">Google drive</a> |



Se gostou do livro,  
agradeça, divulgando-o.

Contamos com você!



*Tipografias – Playfair Display 9, Montserrat Médium 16/12; e Fondamento 48, 36 e 28 e Beskerville Old 12*